# HISTORIA
DA
FUNDAÇAÕ
DO REAL CONVENTO,
E SEMINARIO
DE
VARATOJO.

---

*TOMO I.*

---

*Vende-se na mesma Officina na rua de S. Miguel nas casas N. 260; e na rua das Flores na loja de Livros á esquina da travessa do Ferraz.*

*Vende-se na mesma Officina na rua de S. Miguel nas casas N. 260; e na rua das Flores na loja de Livros á esquina da travessa do Ferraz.*

em Caza de Fr.co M.el no fim da Rua do Passeio

fe.

# HISTORIA
DA
# FUNDAÇAÕ
# DO REAL CONVENTO,
E SEMINARIO
DE
# VARATOJO,
COM A COMPENDIOSA NOTICIA
DA
VIDA DO VENERAVEL PADRE
Fr. ANTONIO DAS CHAGAS;
E DE
ALGUNS VAROENS ILLUSTRES,
Filhos do mesmo Convento, e Seminario, &c.

DEDICADA
AO SERENISSIMO SENHOR
# D. JOAÕ,
*PRINCIPE REGENTE*;

POR
Fr. MANOEL DE MARIA SANTISSIMA;
*Missionario Apostolico, e indigno filho do dito Seminario.*

PORTO:
NA OF. DE ANTONIO ALVAREZ RIBEIRO,
ANNO M. DCC. XCIX.
*Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.*

*Multi labuntur errorē propter ignorantiam Hiſtoriæ.*

Cahem muitos no erro pela ignorancia da Hiſtoria.

*S. Jer. L. dos Comment. ao cap. 2. de S. Matth.*

*Non te offendat authoritas ſcribendi, utrum parvæ, vel magnæ litteraturæ fuerit, ſed amor puræ veritatis te trahat ad legendum.*

Naõ te embaraces (na leitura) com ſaber ſe he de pouca, ou de muita ſciencia aquelle que eſcreve; porque ſó o amor da pura verdade he que deve levar-te a lêr, o que lêres.

*Do Author do L. Imit. de Chriſt. L. 1. c. 5.*

A SUA ALTEZA REAL

O SENHOR

# D. JOAÕ,

PRINCIPE REGENTE.

*A Primeira vez, SERENISSIMO SENHOR, que chego aos pés de V. ALTEZA REAL, he pedindo, e juntamente offerecendo. Por este modo os Filhos de Varatojo protestamos em V. ALTEZA REAL abaixo de Deos, a Soberania de Senhor, e em nós a felicidade de humildes vassallos, e servos. Naõ poderei eu achar outros testemunhos mais significativos do meu agradecimento para com V. ALTEZA REAL, do que saber, que tem despacho favoravel a minha petiçaõ, e que he acceita a minha offerta. A petiçaõ he, para que V. ALTEZA REAL se digne tomar debaixo da Sua Regia Protecçaõ esta pequena Obra.*

*bra. He petiçaõ feita a hum PRINCIPE taõ Pio, taõ Generoſo, e taõ Magnifico como V. ALTEZA REAL. A offerta he de hum vaſſallo taõ pobre, como eu ſou. He a Hiſtoria de Varatojo: he eſta a pobre, e limitada offerta, que offereço a V. ALTEZA REAL. Ella contém noticias relativas ao Convento, e Seminario de Varatojo, fundado pela Generoſa, e Real Piedade dos Auguſtos Progenitores de V. ALTEZA REAL; e conſervado ſempre, deſde a ſua fundaçaõ até agora, nos auſpicios favoraveis, e braços da Real Protecçaõ. Vai tecida eſta Hiſtoria com repetidas demonſtraçoens de affecto dos Reaes Padroei-*

*droeiros ao Convento , e Seminario. Vai tambem ornada com factos singulares , obrados por alguns Filhos do Convento , e Seminario , tanto dentro do claustro , como fóra delle , quando com suas virtudes , letras , e fadigas Apostolicas das Missoens illustrárão em grande utilidade da Igreja , e do Estado , naõ só o Reino de Portugal , e dos Algarves , mas á muitas Colonias , e Terras Ultramarinas.*

*He verdade ,* SERENISSIMO SENHOR , *que se naõ encontraõ nesta Historia heroicas proezas , e grandes tentativas de animosos vassallos , que descobríraõ climas desconhecidos ,*

*e*

*e máres nunca navegados ; de ſoldados valentes , que vencêraõ batalhas , e desbaratáraõ Exercitos ; de combatentes Guerreiros , e victorioſos , que conquiſtáraõ Provincias , e Reinos ; de Portuguezes intrépidos , que ſahíraõ de ſeus lares , ou zeloſos para pelejar pela Patria no ſerviço do ſeu Rei , ou ambicioſos de honra , e cabedaes , para ſe ennobrecerem , e enriquecerem a ſi , e a patria. Naõ he eſte o objecto , e empenho da minha penna na preſente Hiſtoria , mas ſim referir nella factos memoraveis , proezas , e trabalhos Evangelicos , que obráraõ , e paſſáraõ Varoens illuſtres do Seminario de Varatojo nas fadigas*

gas

*gas Apostolicas de suas fervorosas Missoens, e na perfeição de espirito, em que vivêraõ no claustro, onde professáraõ.*

*He este Seminario huma escóla de bons costumes, e campo fertil, onde se tem produzido, e criado, e ainda se criaõ egregios Varoens, que orando, e prégando, tem feito, e fazem grandes, e visiveis serviços, naõ só á Igreja, mas tambem ao Estado, e á Patria, como constará desta breve Historia, que tracta dos Varoens memoraveis, e Missionarios Apostolicos deste Seminario. Elles se naõ conquistáraõ Provincias, e Reinos, conquistáraõ, e convertêraõ almas a*

*Deos,*

*Deos, que cada huma vale mais, que muitos Reinos. Se naõ vencêraõ Exercitos, vencêraõ-se a si mesmos, que ainda he mais; e como Soldados de Christo, alistados na sua Milicia, armados com a espada da Divina Palavra, com o escudo da Fé, e com o arnez da Caridade, triunfáraõ do forte armado, do homem inimigo, e do Principe das trévas. Se naõ sahíraõ no serviço do Principe a pelejar contra os inimigos visiveis da Patria, sahíraõ no serviço de Deos, e Senhor dos Exercitos, a fazer guerra por meio das Missoens Apostolicas ao Mundo, e aos vicios inimigos da alma, da Igreja, e do Estado.*

El-

*Elles, e outros Professores de diversos sagrados Institutos, pródigos, e desprezadores de suas vidas, atravessando, e cruzando arriscados máres, passárao voando nas azas do seu zêlo Apostolico até chegarem ás Conquistas mais remotas de Portugal, ao Oriente, á China, onde plantárao a Fé, dilatárao a verdadeira Religiao, derrubárao ídolos, e arrancárao a superstiçao, e idolatrîa. Elles intimando com a maior efficacia aos póvos a inteira observancia das Leis Divina, e Humana, e a rendida obediencia, e sujeiçao, que todos devem ter a seus Superiores, e Monarchas, combatêrao com todas as for-*

*forças do ſeu eſpirito a corrupçaõ dos coſtumes, os vicios, e abuſos, que aſſolaõ os Eſtados, e a Religiaõ, os Altares, e os Thronos. Muitos deſtes fieis, e zeloſos Obreiros Evangelicos perdêraõ finalmente a vida, achando-ſe fóra do Seminario, e combatendo contra os vicios no exercicio Apoſtolico da Santa Miſſaõ.*

*Eis-aqui,* SERENISSIMO SENHOR, *os grandes ſerviços, que fazem eſtes vaſſallos ao Eſtado, e como elles, e ſuas Caſas, bem longe de ſerem inuteis, ſaõ de grande proveito. Neſta conſideraçaõ ſe fazem no Seminario de Varatojo inceſſantes ſuffragios, e Oraçoens com Miſſa diaria*

ria

*ria pela Casa Real. Se bem que esta cadêa de súpplicas, que sem interrupçaõ se conserva em Varatojo pela Real Familia, corresponde á cadêa de beneficios, que Varatojo tem recebido, e recebe dos seus Reaes Padroeiros. E sendo assim que as boninas, e flores do jardim devem mais sua frescura, e belleza a quem dá o sitio para se plantarem, do que ás maõs, que as dispoem, e cultivaõ; naõ há dúvida que aos Senhores Predecessores de V. ALTEZA REAL somos devedôres de todos os grandes fructos, que Varatojo tem dado de doutrina, letras, prégaçoens, reforma de costumes, augmento de virtudes,*

*des, e até mesmo os illustres Varoens, que tem produzido, e a sua santidade. Todas estas razoens estimulaõ, e despertaõ mais, e mais a nossa gratidaõ.*

*Bem conheço,* SERENISSIMO SENHOR, *que a offerta da Obra, que consagro a V.* ALTEZA REAL *he taõ imperfeita, como minha. Mas por isso mesmo ella necessita da Protecçaõ de V.* ALTEZA REAL. *Eu me resolvi fazer esta offerta a V.* ALTEZA REAL *por ter a ventura de morar em Convento da Protecçaõ Real, e por entender, que o agrado, e benevolencia dos Grandes Principes naõ os concilia tanto o valor, e me-*

*re-*

*recimento da offerta, como o affecto de quem a faz. Conhecerá V. ALTEZA REAL o meu diante de Deos. Por ora baste dizer, que a petiçaõ, e offerta he de hum Missionario do Seminario de S. Antonio de Varatojo, de hum filho de S. Francisco, de hum vassallo pobre por Profissaõ, e Instituto, e de hum Capellaõ de V. ALTEZA REAL por exercicio de Sacrificios, e Oraçoens, nas quaes elle com todos os Religiosos deste Seminario de V. ALTEZA REAL incessantemente roga na presença de Deos, que nos guarde o Nosso AMAVEL PRINCIPE, e SENHOR, e que derrame copiosas bençaõs Celestiaes sobre*

*bre tudo o que reſpeita á Caſá Real de Portugal, de cuja Corôa, e Throno temos venturoſamente a V. ALTEZA REAL por Fiador, Herdeiro, e Regente.*

*De V. ALTEZA REAL*

*Vaſſallo pobre, e Capellaõ,*

Fr. Manoel de Maria Santiſſima.

# PREFAÇAÕ
## AO LEITOR.

NAõ ſei, amado Leitor, que temor, ou reſpeito me fez tremer o eſpirito, e vacillar o animo, quando tentei eſcrever a Hiſtoria do meu Seminario, e as vidas de alguns benemeritos Filhos ſeus, que o illuſtráraõ, e a patria com ſuas virtudes, e doutrina, e por iſſo merecedores de ſe pôrem, como exemplares da imitaçaõ, diante dos olhos dos vindouros. Ha perto de hum Seculo, que o público deſeja com ancia vêr a Hiſtoria de Varatojo. Ella por ſeu nobre aſſumpto era merecedora de ſer eſcripta por penna mais bem aparada, que a minha, e por Sujeito mais habil, e ornado de maiores talentos, que os meus. Pois naõ deixo de conhecer por huma par-

te a ſublimidade, e excellencia da materia, e pela outra a inſufficiencia, e poucos cabedaes, que tenho para eſte genero de eſcriptura, além dos embaraços quaſi aſſiduos, que me cercaõ, aſſim do Pulpito, e Confeſſionario, como de outros relativos todos á minha Profiſſaõ, e Inſtituto. Ora tentando eu ordenar Obra deſta natureza com taes embaraços, e com taõ pouco repouſo, como poderá ella deixar de ſahir defeituoſa, e imperfeita? Eu aſſim o penſo, e tambem penſo, que ſempre houve, e ainda ha no meu Seminario Sujeitos muito capazes, e muito mais habeis, do que eu, para eſcreverem com mais perfeiçaõ, e com mais depurada, e judicioſa crítica eſta taõ deſejada Hiſtoria. Permittindo porém a Divina Providencia em tudo admiravel, que nenhum até agora emprehendeſſe eſte aſſumpto, nem me conſte, que elle de preſente ande em outras maõs, me ſacrifiquei ao trabalho

de

de ordenar ao menos hum Compendio desta Historia, sem ser movido do vil interesse da lisonja, mas persuadido, que ella ainda succinta, e imperfeita me poderia servir de utilidade, doutrina, e instrucçaõ.

Com effeito tracei o plano, preparei materiaes, e entrei a organizar a obra. Ainda com tudo depois de começar a escrever, estive quasi para desistir do intento pelas difficuldades, que se representáraõ insuperaveis ás minhas poucas forças. Animado porém com o voto de Pessoas, que pensava illuminadas, e algumas da primeira distincçaõ, e tambem lembrado, de que este meu trabalho poderia de algum modo ser interessante, naõ só a mim, e ao meu Seminario, mas proficuo ao público, e de gloria a Deos, que sempre foi, e será louvado em seus fieis servos, me resolvi continuar a obra nas vacancias, e intervallos do meu sagrado Ministerio. Deos, por cuja

 cau-

caufa tenho efcripto, efcrevo, e efcreverei, dirija fempre a minha penna, para que fielmente efcreva a Hiftoria da Cafa, onde Elle he louvado de dia, e de noite, e as virtudes de feus fieis fervos, que nella cheios de efpirito, e zêlo Apoftolico florecêraõ em beneficio da Igreja, e do Eftado. O mefmo Senhor abençôe efte meu trabalho, para que delle lhe refulte gloria, e muita utilidade ás almas. *Affim feja.*

Ex.mo,

Ex.^mo , e R.^mo Senhor

# NUNCIO APOSTOLICO.

POr Commiſſaõ de V. Ex.cia lî as duas Partes da Hiſtoria da fundaçaõ do Real Convento de Varatojo, com a copioſa noticia da vida do V. P. Fr. Antonio das Chagas, e de outros Varoens illuſtres, Filhos do meſmo Convento, e Seminario, compoſta pelo M. R. P. Fr. Manoel de Maria Santiſſima, Filho benemerito do meſmo Seminario. Em toda a dita obra naõ lî couſa alguma, que ſeja oppoſta á verdadeira Fé, ou bons coſtumes: antes me perſuado, que por eſta Obra ſe faz o ſeu Author digno de relevantes louvores, porque nella dá a lêr huns exemplares das mais heroicas virtudes, de que os Juſtos ſe pódem ſervir para com mais fervor continuarem na obſervancia dos bons coſtumes, e os peccadores ſe pódem aproveitar para deteſtarem a cegueira dos vicios, ſe huns, e outros imitarem na perfeiçaõ Religioſa aquelles exemplares da virtude, e ſantidade, que no Religioſiſſimo Seminario de Varatojo tem flo-

re-

recido desde a sua fundaçaõ. Isto, Ex.mo Senhor, he o que achei nesta importante Obra; este he o conceito, que della faço para informar a V. Ex.cia, e como me persuado, que a liçaõ da mesma Obra será muito interessante para a reforma dos vicios, e augmento das virtudes, julgo, que se deve fazer pública por beneficio do prélo. V. Ex.cia mandará o que for servido. Real Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa 27 de Fevereiro de 1797.

*Fr. Antonio de S. Francisco de Paula Cartaxo.*

D.

D. BARTHOLOMEU PACCA
CORDOVA MALASPINA,
DOS MARQUEZES DE MATRICE.

*Por mercê de Deos, e da Santa Sé Apostolica Arcebispo de Damiata, Prelado Domestico de Sua Santidade, assistente ao Solio Pontificio, e nestes Reinos de Portugal, Algarve, e seus Dominios, com podêres de* Legado a Látere, *Nuncio Apostolico, &c. &c. &c.*

VIsta a approvaçaõ annexa, e a informaçaõ, que houvemos do R. P. Guardiaõ actual do Seminario de Varatojo, concedemos licença, na parte que nos cumpre, para que esta Obra, em que se mostraõ exemplos das Christãs virtudes muito proprios para estimular os Leitores a as imitarem, e por isso proveitosos a todos os fieis, seja publicada para maior Gloria de Deos, e augmento da Santa Igreja Catholica. Lisboa aos 27 de Fevereiro de 1797.

*B. Arcebispo de Damiata N. Ap.*

L. S. *Gratis.*

*D. Carlos Budardi Secrerario.*

# INDEX

DOS

## CAPITULOS, QUE SE CONTEM neste Primeiro Tomo.



CAP.

CAP.

Cap.

Cap.

HIS-

# HISTORIA
## DA
## FUNDAÇAÕ
## DO REAL CONVENTO, E SEMINARIO DE VARATOJO.

### CAPITULO I.

*Situaçaõ de Varatojo.*

1 VARATOJO, em outro tempo lugarejo de pouca consideraçaõ, he presentemente Aldêa de sessenta fógos, ou pouco menos. Ella em respeito do Seminario proximo he já bem nomeada, naõ só em todo o Portugal, mas ainda nos Paizes, e Reinos estranhos. Conferindo-se o rol da desobriga do

preceito annual da confiſſaõ, e Sagrada Communhaõ do anno de 1794 com o do anno de 1732, ſe achou, que tinha de exceſſo mais de ſeſſenta peſſoas na dita Aldêa. Deve-ſe eſte augmento á viſinhança do Seminario, que com as vozes do ſeu conceito tem chamado de perto, e de longe familias para eſte retiro, naõ para nelle ſe entregarem á criminoſa ocioſidade, mas para mais facilmente acharem inſtrucçoens de eſpirito, vivendo do ſuór de ſeu roſto, occupadas no decente, intereſſante, e honeſto trabalho de ſuas maõs. Donde ſe vê, e admira eſte monte, em outro tempo deſerto, e inculto, agora mudado, e reduzido pelos braços da induſtria, e actividade em colonia fertil, e fructífera.

2 Contribue grandemente, para que eſtes vaſſallos, evitando a ocioſidade, ſe appliquem ſolícitos ao honeſto, e intereſſante trabalho, o exemplo, que elles vêm naõ ſó nos ſerventes ſeculares familiares do Seminario proximo, mas nos meſmos Religioſos, que cuidando ſolícitos na cultura da ſua cerca, com os proprios braços a fazem maravilhoſamente produzir grande abundancia de hortaliças, e fructas,

ctas, que servem para a Communidade, e para se repartirem pelas maõs da caridade na portaria do Seminario ás pessoas necessitadas, que frequentemente alli apparecem. Eis-aqui huma prova bem clara, e evidente de quaõ uteis sejaõ ainda ao Estado as Corporaçoens regulares, e os seus professores. Elles com palavras, e exemplos ensinaõ aos vassallos, que trabalhem, que cultivem bem as suas terras, e que abominem a ociosidade.

3 Fica Varatojo na encosta de hum monte pouco elevado, e nada escabroso, lavado do Norte, assás sadio, vestido por toda a parte, onde naõ he cultivado, de tojo verde, rasteiro, e ramoso, que por estar quasi sempre ornado de flores amarellas, fazem parecer aquelle monte dourado, formoso, aprasivel, e agradavel á vista. A respeito da etymologia do nome *Varatojo* se tem dito, e escripto, que se creavaõ na ladeira deste monte em outro tempo troncos de tojo taõ altos, e taõ grossos, que podiaõ servir de vigas para lagares, e que fazendo-se delles huma vara de lagar, daqui se derivára o nome a Varatojo. Porém se eu hei de dizer, e escrever neste particular o que sinto, com li-

cença dos que se cançáraõ a indagar ſimilhante etymologia a Varatojo, dizendo que procede da grande viga, e vara de lagar, que se tirára de hum tojo, naõ duvido affirmar, que iſto he huma mera patranha, e quimera fantaſtica. Quem jámais vio, que de arbuſto taõ humilde, e raſteiro, como he o tojo, pudeſſe ſahir viga, e vara taõ grande, como do robuſto carvalho, e do ſoberbo, e elevado pinheiro? Certamente naõ he o tojo capaz de crear tronco de tal groſſura, e de tanto comprimento, que poſſa ſervir para varas de lagar. A experiencia, que tenho de vêr os maiores tojaes deſte Reino, me ſerve de concludente prova para o que acabo de dizer. Jámais vi tojo, que tiveſſe a groſſura da perna de hum homem. Nem na mata de Varatojo, onde ſe conſervaõ as arvores ſem ſe cortar ha muitos ſeculos, apparece tojo, nem ainda da groſſura de hum braço de qualquer homem ordinario *.

Diſta

---

* O Author deſta Hiſtoria, poſto que impugnaſſe a nimia credulidade dos que eſcrevêraõ, e tentáraõ que o nome, e etymologia de *Varatojo* lhe viera de hum tojo taõ groſ-

4 Diſta Varatojo de Lisboa, Capital de Portugal, ſete legoas; das Caldas ſeis; de Alemquér quatro; de Peniche cinco; de Mafra tres; do mar duas; de Torres Vedras, menos de meia. He Torres Vedras Villa antiga, nobre, e notavel, com Caſtello, cabe-

---

groſſo, que ſervíra para vara de hum lagar; tendo com tudo elle depois reflectido, de que a Natureza naõ deixa algumas vezes de ſahir com ſeus abortos, e raridades; e que tambem nos meſmos arbuſtos pódem apparecer fenómenos; movido deſta lembrança, e conſideraçaõ, declara neſta nota, que a pezar do que eſcrevèra contrario á etymologia de *Varatojo*, naõ a tem todavia por incrivel; como tambem declara que naõ julga por impoſſivel, que eſte memoravel tronco de tojo, reputado na Hiſtoria como monſtro dos arbuſtos, como gigante, principe, e morgado dos tojos, ſe creaſſe em Varatojo. Mas ſempre vive perſuadido o meſmo Author, que ſe taõ grande, e célebre arbuſto exiſtio algum dia em Varatojo, foi taõ só, taõ ſingular, e taõ infecundo, que tanto em Varatojo, como em ſeu recinto naõ deixou tojos decendentes, nem irmaõs capazes em ſua maior groſſura de ſervirem naõ ſó para fueiros de carros, mas nem ainda para pequenas varas de que ſe valem, e ſervem os meninos pegureiros, quando apaſcentaõ, e guardaõ o ſeu gado. Iſto he verdade.

beça de Comarca, a maior povoaçaõ das visinhanças de Varatojo. Tem dentro em si quatro Igrejas Parochiaes, todas Collegiadas, além da Santa Casa da Misericordia, com Capellaens á similhança de Collegiada. Tem oitocentos fógos com mais de duas mil almas. Tem dentro de si hum Convento dos Religiosos Eremitas do grande Padre da Igreja S. Agostinho; e em distancia de meia legoa se acha no sitio do Barro outro Convento da santa Provincia da Arrabida.

5 Nesta Villa se fizeraõ Côrtes no tempo de El-Rei D. Joaõ III. Della sahe huma vistosa rua para a ponte de El-Rei toda cercada, e copada de arvoredos; e outra igualmente vistosa, e formosiada de ambos os lados com arvores, sahe da mesma Villa para o Templo, ou Sanctuario da Senhora do Amial, que se avista da Villa. Sem exaggeraçaõ se póde dizer, que nestas duas entradas, e sahidas de Torres Vedras excede muito esta Villa a todas, e ainda a grandes Cidades do Reino. Sahe tambem da dita Villa outra rua, que cruzando ricas, e ferteis vargens passa a ponte do pequeno ribeiro Alpalháo, e se mete na calçada de Varatojo, que mandou fazer El-

Rei

Rei D. Joaõ V. o Grande. Por esta calçada se sóbe naõ só a pé, mas tambem a cavallo, e ainda de carruagem até Varatojo. Facilíta, e suaviza muito a custosa subida desta calçada o naõ encontrar em toda ella a vista com medonhas penhas, nem arbustos, e matas silvestres, mas sempre de hum, e outro lado se vaõ descobrindo, e avistando terras ferteis cultivadas, bellas vinhas, e oliveiras até quasi a eminencia do monte de Varatojo, junto a hum nicho de S. Antonio, termo da subida da calçada.

6 Em se chegando ao alto deste monte, elle faz vivamente lembrar aquelle, de que fallando David, lhe chama em seus Psalmos *monte pingue, e fertil*; e S. Hilario *monte sagrado*, porque he o Céo *. Aqui em hum momento se recompensa a fadiga, e cançaço da calçada, achando o corpo refrigerio com a grata, e fresca viraçaõ do Zephyro, que neste sitio sópra frequentemente. Aqui tem os sentidos, ainda que opprimidos, e o espirito, posto que fatigado, motivos bastantes para santamente se divertirem, e recrearem com a vista de novos, diversos,

* *Psalm. 67.*

ſos, e innocentes objectos. Pois com hum ſó golpe de viſta ſe deſcobrem dilatadas campinas, quintas, e pomáres delicioſos, montes altos cultivados, grandes, e ferteis vargens eſtendidas até o mar por eſpaço de duas legoas, ou pouco menos, que córta, e banha o rio Sizandro, que vai morrer no mar junto ao pequeno porto do lugarejo da Aſſenta.

7 Do alto do nicho de S. Antonio vai continuando a calçada até hum cruzeiro de pedra, donde ſe começa a deſcer aviſtando-ſe já o Seminario, e a Aldêa de Varatojo, em cuja entrada para a parte do Norte ſe encontraõ humas caſas grandes, e antigas com viſos, de que foraõ Paço em outro tempo. Tem eſtas quintal ſufficiente, páteo grande, e pedra d'Armas ſobre a porta principal na entrada do meſmo páteo, que facêa com a eſtrada; e para a parte do Norte em pouca diſtancia das caſas ſe acha huma Ermida com a invocaçaõ de Santa Margarida. Saõ eſtas caſas com ſeu prazo, e outros alguns fóros dos Excellentiſſimos Marquezes do Louriçal. Termina a calçada em huma viſtoſa alamêda ornada de altas faias, frondoſos freixos, copádos cedros, e ou-

tras

tras arvores que ſe achaõ entre a Aldêa, e o Seminario. No fim deſta alamêda junto á eſcada da portaria do Seminario ſe acha hum tanque público de agua. E já dentro do alpendre do meſmo Seminario defronte da porta principal da Igreja eſtá ſituada a linda Capella, ou Sanctuario da Senhora do Sobreiro. Dentro do meſmo alpendre ao lado direito da entrada da Igreja eſtá hum Preſepio maravilhoſo pela diverſidade das primoroſas figuras, que ſe achaõ nelle, que mandou fazer o pai do Excellentiſſimo D. Fr. Joaõ do Naſcimento, Biſpo do Funchal, e filho do Seminario, como ſe dirá adiante. Junto á meſma Aldêa da parte do Sul ſe achaõ humas caſas arruinadas a que chamaõ Paço, que pertencem aos Excellentiſſimos Duques de Cadaval.

## CAPITULO II.

*Fundaçaõ do Real Convento de Varatojo; belleza de ſeu ſitio, e cerca; e diviſa do Monarcha fundador El-Rei D. Affonſo V.*

8 NAda certamente inflamma tanto o eſpirito devoto nos ſentimentos da Religiaõ, como a consideraçaõ dos beneficios recebidos. Os triunfos, com que venturoſamente ſe coroou em Africa El-Rei D. AFFONSO V., as victorias, que elle alli alcançou contra os inimigos da Fé, e a felicidade da Monarchia Portugueza, confeſſava o meſmo devoto Monarcha, que em grande parte eraõ effeitos das oraçoens dos filhos de S. Franciſco, e muito principalmente do efficaz patrocinio do thaumaturgo Portuguez Santo Antonio, a quem o Monarcha profeſſava a mais cordial, e terna devoçaõ, encommendando-ſe ſempre a elle. Em teſtemunho, e demonſtraçaõ do ſeu agradecimento determinou o meſmo generoſo, e piiſſimo Monarcha fundar hum Convento á Ordem de S. Franciſco, de que foſſe Titular o meſmo Santo Antonio. Ef-

9 Effeituou ſeus pios deſejos com Real liberalidade, e magnificencia. Naõ havia neſſe tempo caſa de S. Franciſco no termo da Villa de Torres Vedras. Deliberou-ſe o generoſo Monarcha fundar Convento junto deſta Villa em beneficio dos ſeus moradores, e do ſeu termo. Fez eleiçaõ para eſta fundaçaõ de huma quinta proxima ao lugarejo de Varatojo, a qual junta com as caſas que tinha, comprou por trinta e cinco mil reis a Luís Gonçalves, Eſcudeiro d'El-Rei de Aragaõ, diſtante menos de meia legoa da nobre, notavel, antiga, e devota Villa de Torres Vedras, ſituada a dita quinta em huma encoſta do monte, e lugarejo de Varatojo. Naõ deve cauſar admiraçaõ o pouco preço, que o Monarcha fundador deo por eſta nobre quinta, porque no principio do meſmo ſeculo tinha El-Rei D. JOAÕ I. comprado outra fazenda, ou quinta no ſitio da Carnota para alli fundar hum Convento por dous mil e duzentos e oitenta reis, a qual naõ era muito inferior á de Varatojo. Começou-ſe a povoar eſte Convento da Carnota no anno de 1408. por Fr. Diogo Arias, Religioſo Leigo Aſturiano, que com outros obſervantes tinha ſido chamado

por

por El-Rei de Portugal D. JOAÕ I. para introduzir a obſervancia no Convento de Alemquér. * Ainda que os Principes compradores das fazendas ſempre em Portugal generoſos, coſtumaõ dar por ellas preço muito mais ſubido, do que valem as fazendas compradas, ellas todavia naquelle tempo ſe vendiaõ por preço muito mais diminuto do que em noſſos dias.

10 Feita a compra da quinta para nella ſe fundar o Convento, veio o meſmo Rei fundador a Varatojo acompanhado de ſeus Camariſtas, precedendo povo, Clero, Nobreza, e Miniſtros de Torres Vedras em prociſſaõ ſolemne no mez de Fevereiro de 1470., e tanto que chegáraõ ao ſitio deſignado para a Igreja do Convento, logo alli fez huma eloquente Oraçaõ tendente á fundaçaõ Fr. Joaõ Vieira célebre Orador Evangelico daquelle tempo, da familia dos Obſervantes de Alemquér. Naõ lhe faltava materia para o diſcurſo, pondo os olhos naõ ſó nas maravilhas do Santo Titular do Convento, como na generoſa, e Real piedade do Monarcha fundador, que ſe achava preſente; o qual, abertos os

* *Hiſt. Ser. 3. p. n. 512.*

os alicerſes da Igreja, lançou nelles a primeira pedra com ſuas proprias maõs.

11 Com eſta ſolemnidade, e devoto eſtrondo ſe deo principio á fundaçaõ da Igreja de Varatojo. Cuja obra, e tambem a do Convento, e de ſuas officinas entregou o Rei fundador ao cuidado, e inſpecçaõ de Diogo Gonçalves Lobo, que fôra Veador da Rainha Mãi do meſmo Monarcha, ao qual ordenou, que puſeſſe toda a efficacia, e actividade em adiantar, e concluir a obra com a poſſivel brevidade, ſahindo do Real Erario todas as deſpeſas da meſma. Para effeito de ſe podêr concluir a obra mais depreſſa, e com mais ſuavidade, e tambem para que os lavradores mais facilmente, e mais goſtoſos concorreſſem para ella com ſeus carros, lhes fez o Rei ſempre generoſo a grande mercê de allivia-los em grande parte do oneroſo tributo, que pagavaõ chamado *Jugada*, em quanto duraſſe a obra. Conſiſtia eſte tributo por coſtume inveterado em dar cada hum dos lavradores deſta Villa, e ſeu termo, que tinha hum jugo de bois, hum moyo de trigo, e quem tinha dous jugos de bois, dava dous moyos, e aſſim ſe hia multiplicando eſte penoſo tributo. Donde

de parecendo isto aos lavradores pensaõ intoleravel, querendo elles diminui-la, ainda que fosse com perda propria, tinhaõ menos bois, do que lhes eraõ necessarios para suas lavouras. Daqui procedia tambem a falta de carros, que havïaõ de servir nas obras do Convento, e Igreja.

12 Pelo que moderando a piedade do Rei o rigor desta pensaõ, deo licença, e liberdade aos lavradores para terem todos os bois que quizessem, ficando sómente com a pensaõ de vinte alqueires, que haviaõ de pagar, os que lavrassem casaes; e os que fizessem seáras em terras alhêas, só pagassem seis alqueires. Tudo isto confirmou seu filho El-Rei D. Joaõ II., e ratificou El-Rei D. Manoel nos novos foraes, que estabeleceo. Desta sorte beneficiando o Real fundador do Convento de Varatojo aos póvos, e vassallos em contemplaçaõ do novo Convento, fez assim adiantar as obras do mesmo. Fica o Convento de Varatojo situado na ladeira de hum monte contiguo ao mencionado lugar de Varatojo. He sadío, e lavado do Norte, tem bons ares, Céo benigno, terreno fresco, e fertil, aguas salutiferas, ainda que algum tanto salitrozas; as quaes posto que mais

di-

diminutas depois do memoravel terremoto de 1755, todavia dispensadas por varios aqueductos, registos, e fontes daõ agrado aos olhos, prazer ao sentido, e encaminhadas para os tanques regaõ hortas, alimentaõ, e fecundaõ arvores, e pomares, criaõ flores, mataõ a sêde ás aves, as quaes como em agradecimento estaõ frequentemente provando suas vozes nos bosques, e arvoredos da mata proxima, recreando assim os ouvidos de quem as ouve. Diremos adiante alguma cousa das bellezas da cerca de Varatojo.

13 Tanto o corpo da Igreja, e dormitorio grande, que fica para a parte do Norte, como a maior parte do Convento, ainda he o mesmo, que mandou fazer o Rei fundador: como tambem as portas das cellas do dito dormitorio maior. A pezar de ter passado mais de tres seculos, que se fundou o Convento de Varatojo, ainda nelle se conservaõ, e admiraõ vestigios, e monumentos da veneravel antiguidade. Naõ se achaõ, nem se encontraõ em Varatojo, depois que passou para Seminario, dentro de seus claustros grandes, e excessivas opulencias, ricas alfaias preciosos, e custosos trastes, por se oppôrem a maior perfeiçaõ da pobre-

za

za Evangelica, que ſe profeſſa, e pratíca neſte Seminario. Porém nelle ſe vêm, e admiraõ lindos, e aſſeados paramentos, raras pinturas, e precioſas Imagens. De hum dos lados da porta principal da Igreja ſe vêm em marmore as Armas Reaes ſuſtentadas por dous Anjos; e do outro eſtá hum rodizio tambem em marmore cercado com o cordaõ de S. Franciſco. Eſte rodizio, que o Monarcha fundador tomou por timbre, ſe vê ainda nas pinturas do forro do clauſtro a pezar de haver mais de tres ſeculos, que foi pintado. As cellas dos Religioſos tem pouco mais de dez palmos de comprimento, e quaſi outro tanto de largo, e nenhuma tem chave, excepto a do Guardiaõ.

14 A tribuna, que o Rei fundador mandou fazer junto ao côro a fim de rezar nelle com os Religioſos, e para della ouvir Miſſa, tem trinta palmos de comprimento, e doze de largura com huma porta para o côro, e huma janella para a parte de fóra, da qual fallava ao povo, e repartia eſmolas. Ainda ſe conſerva na meſma tribuna huma cadeira, em que ſe aſſentava o Monarcha fundador. Poſto que eſte recommendou, que ſe fizeſſem todas as officinas do Convento, como tam-

tambem tudo, o que pertencia á fabrica da Igreja com toda a perfeiçaõ sem faltar cousa alguma no seu edificio, passados todavia alguns annos se accrescentou, ou reformou na Igreja, e Convento alguma cousa pelo zêlo dos Reaes Padroeiros do mesmo Convento. Pois em consideraçaõ de crescerem os Religiosos até ao número de quarenta, lhes mandou El-Rei D. JOAÕ III. accrescentar o dormitorio, e a Rainha D. CATHARINA mandou, que se reformasse, e fizesse de novo a Capella Mór mais magestosa. Adiante fallaremos em Capitulos separados das preciosas Imagens, que se veneraõ em Varatojo, e tambem das pessoas illustres, que nos claustros deste Real Convento elegêraõ sepultura.

15 Em quanto se edificava o Convento de Varatojo, passou o seu Real fundador segunda vez á Africa impellido do zêlo da Fé, e do nome Portuguez, sempre cheio de valor, e de espiritos guerreiros, em Agosto de 1471. Entaõ foi que suas armas victoriosas conquistáraõ Arsilha, onde o valoroso Monarcha á imitaçaõ dos animosos Machabêos pelejava com o braço, e com o coraçaõ, orava a Deos Senhor dos Exercitos, pedindo-lhe o

auxiliasse, e as suas tropas por intercessaõ de S. Francisco, e S. Antonio. Foraõ suas oraçoens ouvidas no desbarate, e destroço, que fez nas armas, e Exercitos dos Sarracênos inimigos do Nome de Christo, que a pezar da sua grande multidaõ ficáraõ vergonhosamente vencidos.

16 A cerca de Varatojo he bella, grande, e bastantemente dilatada. Ella naõ está situada em valle sombrîo, baixo, e pantanoso, nem em serra desabrida, árida, e medonha, mas na encosta, e fraldas de hum monte fertil, ameno, e pouco escarpado. Ella ainda que naõ tem alegretes, taboleiros, e jardins ornados pela arte, e industria, todavia ahi encontraõ-se excellentes hortaliças, vistosos, e deliciosos pomares de espinho, muitas, e diversas arvores, que produzem saborosas, e gratas fructas, bellos, e sasonados pomos, que em grande parte do anno fornecem as necessidades da Communidade, e se repartem tambem pelas de fóra do Seminario. Nos pomares de Varatojo se criaõ limas excellentes sem pevîde. E já se víraõ alli limoens de tres palmos em roda. Naõ pareça exaggeraçaõ, que eu mesmo em Britelo de Basto, que naõ he

ter-

terreno taõ fertil, como o de Varatojo, tive em minhas maõs hum limaõ de dous palmos de circumferencia. A solícita, e industriosa cultura, que se faz ao terreno de Varatojo, ajuda muito para a sua producçaõ, e fertilidade.

17 Junto á horta da cerca está hum tanque de trinta palmos de largura, e alguns mais de comprimento, que serve para regar naõ só a horta, mas tambem os pomares de espinho. Vem a agua encanada para este tanque por huma mina, que tem seu nascente, e deposito com claraboya em pouca distancia da cerca. A esta mesma agua se lhe ajuntou outra, ainda que em pouca porçaõ, que vem por huma mina do alto da serra, ou monte visinho ao Convento. Hum resto desta mesma agua, que se encaminha para a cozinha, fórma defronte da horta huma fonte com sua taça, e torneira coberta por cima, onde se lê em hum marmore a inscripçaõ seguinte: *Esta fonte mandou fazer o Excellentissimo, e Reverendissimo D. Fr. Joaõ do Nascimento, Bispo do Funchal, e filho deste Seminario* 1742.

18 O Rei fundador mandou fazer outro tanque, ou lago com cem palmos de comprimento, e cincoenta de

largura junto ao fim da cerca, que servia, segundo a tradiçaõ, naõ só para regar o resto da mesma cerca da parte do Norte, mas para tambem nelle se tomarem banhos no tempo do veraõ. Tambem se diz, que neste grande tanque se conservava hum barquinho para honesta diversaõ dos Religiosos, e do Monarcha fundador, quando estava com elles em Varatojo. Faltandolhe com tudo as aguas inteiramente, o mandou desfazer no anno de 1786. o Guardiaõ do Seminario, e o converteo em hum bello laranjal em beneficio da Communidade. Foi este Guardiaõ Fr. Manoel de Maria Santissima.

19 Tambem se acha outro tanque com sua fonte no páteo fronteiro á porta do carro, cuja agua, que vem por huma mina, e canos subterraneos, tem seu nascente no lugar de Varatojo. Este tanque, e a mina que vem para elle, como tambem a outra grande, que vem do monte para se ajuntar com a agua, que já havia na fonte da horta, mandou fazer o insigne, e distincto bemfeitor do Seminario Joaõ Luís de Carvalho, Beneficiado na Collegiada da Villa da Arruda, natural da Villa de Óbidos, no mesmo tempo que seu parente Fr. Francisco de Jesus Maria,

era

era ſegunda vez Guardiaõ benemerito do Seminario, tendo-ſe aberto as minas, quando Fr. Joſé d'Aſſumpçaõ era Guardiaõ do meſmo Seminario, havendo precedido votos da Communidade para ſe dar principio a eſta intereſſante obra. Tambem mandou fazer o meſmo inſigne bemfeitor Joaõ Luís de Carvalho a primoroſa Capella da Senhora do Sobreiro, de que ſe fallará adiante. A agua que, corre do tanque do páteo, ſe encaminha para outro, que mandou fazer Fr. Joſé de S. Paulo, ſendo ſegunda vez Guardiaõ do Seminario, e ſerve para regar hum taboleiro de cebollas, que ſe criaõ em Varatojo com tal grandeza, que ſe tem viſto algumas de dous palmos de circumferencia.

20 Naõ ſó ſe cultiva a cerca, hortas, e pomares do Seminario com braços de homens ſeculares familiares, e ſerventes do Seminario, mas tambem pelos Irmaõs Donatos, e Religioſos Leigos do meſmo Seminario, e ainda Sacerdotes, que lembrados, do que enſinava, e praticava o Patriarcha dos humildes S. Franciſco, jámais elles ſem extinguirem o eſpirito da oraçaõ querem nem por hum momento vêr o roſto á ocioſidade. Sou teſtemunha ocu-

lar,

lar, que vi com goſto mais de huma vez a Religioſos Sacerdotes, e Miſſionarios conduzir lenha ás coſtas, apanhar, colher, e trazer ceſtos de fructa da cerca, enxertar arvores nella, e ainda ſem ſerem mandados com a enchada na maõ cavando fervoroſos com eſpirito de humildade, e devoçaõ. Ó que edificantes exemplos! Ó ſe ſempre ſe continuaſſem! Ó ſe nunca delles ſe eſqueceſſem os filhos do Patriarcha dos pobres, e humildes S. Franciſco!

21 A Sacriſtia do Seminario he eſpaçoſa ſufficientemente, e com baſtante claridade, e ſe acha adornada de precioſas, e devotas pinturas em quadros; tem altar em que ſe diz Miſſa, e duas primoroſas meſas, que ſervem de repoſitorio para os calices, de marmore preto fino maravilhoſamente lavradas, que parecem cryſtallinos eſpelhos. Foraõ trabalhadas eſtas pedras, como tambem os dous tocheiros da meſma pedra marmore, que eſtaõ no presbyterio da Capella Mór pelas maõs do memoravel Irmaõ Rodrigo de Jeſus, Donato do Seminario, e inſigne Meſtre canteiro, que com edificaçaõ ſervio o meſmo Seminario perto de ſeſſenta annos; o qual, quando naõ

an-

andava nos peditorios, ou naõ trabalhava no ſeu officio, tinha a occupaçaõ de hortolaõ, e de trabalhar na cerca, e pomares. Elle ſem jámais ſe eſquecer de Deos, era taõ zeloſo deſtes humildes exercicios, que ſe eſcandaliſava, quando lhe conſtava, que algum Irmaõ Donato ſe deſcuidava nelles, ou tinha repugnancia em exercita-los. Contarei aqui hum lance, que paſſou entre certo Guardiaõ do Seminario, e eſte Irmaõ. Tinha mandado o Guardiaõ a outros Irmaõs Donatos cavar na horta, e laranjal, os quaes por eſtarem pouco coſtumados a eſte exercicio, ſe lhes feríraõ as maõs. Encontrando-ſe o Guardiaõ com o Irmaõ Rodrigo, lhe perguntou, ſe ſabía elle algum remedio para ſararem as maõs dos outros Irmaõs feridas de cavar com a enxada? Reſpondeo elle com ſal de graça dizendo: o remedio he continuar no exercicio de cavar na horta, e cerca, como eu faço.

22 A mata da cerca de Varatojo tem hum admiravel boſque formado pela natureza, de muitas, e diverſas arvores, e arbuſtos. Nella ſe conſerva carvalho, cujo tronco tem mais de vinte e quatro palmos de groſſura. Nella ſe vê, e admira aquelle grande, e ro-

robusto sobreiro com grossura de vinte palmos. Aquelle mesmo sobreiro, que em sua grande concavidade, e seio conservou pelo espaço de muitos seculos escondido, e occulto o sagrado deposito da Soberana Virgem Mãi de Deos intitulada Senhora do Sobreiro, por ter apparecido nesta arvore, onde a escondeo a piedade dos Fieis, segundo a constante tradiçaõ, para que a Senhora escapasse ás ímpias, e sacrílegas maõs dos Sarracênos na invasaõ das Hespanhas, até que o braço, e valor Portuguez lançou estes barbaros para fóra do Reino.

23 Ignora-se o anno, em que a Senhora appareceo naquelle sobreiro, e se collocou em huma Capellinha, que se lhe fez proxima á mesma arvore. Junto desta Ermidinha, e sobreiro se vê huma grande lage com similhança de sepultura, que tem inscripçaõ de hum epitaphio, porém com letras desfeitas, gastas, e quasi apagadas, que se naõ entendem senaõ as seguintes: *Izabel de Mello falleceo a 7 de Abril de* 1536. Nesta Ermidinha da mata de Varatojo se conservou a Senhora do Sobreiro até o anno de 1777., em que a votos da Communidade, sendo Guardiaõ do Seminario Fr. José d'Assum-

pçaõ,

pçaõ, ſe trasladou para huma Capella decente, nobre, e magnifica dentro dos limites da pobreza Evangelica, que profeſſa o Seminario de Varatojo, que na entrada do alpendre do meſmo Seminario mandou fazer hum bemfeitor, como ſe dirá adiante.

24 Do alto da mata do Seminario, onde ſe acha huma Ermida de S. Franciſco, ſe aviſta o mar, e huma cadêa de vargens fertiliſſimas de hum, e outro lado do rio Sizandro que as banha até ſe perder no mar, que diſta do Seminario pouco mais de legoa e meia. A eſpeſſura dos denſos boſques da mata taõ povoada de altos troncos de carvalhos, ſobreiros, medronheiros, e loureiros, que por conſervarem ſempre a verdura de ſuas folhas triunfando ainda dos mais rigoroſos Invernos, faz que a mata, e boſque pareçaõ bellos, e agradaveis jardins ſilveſtres, com cuja viſta innocente ſe liſonjeaõ grandemente os ſentidos.

25 A variedade dos arbuſtos, que ſe encontraõ na meſma mata, e cerca, a diverſidade de plantas, de hervas medicinaes, e aromaticas, de roſeiras, alecrins, jaſmins, e boninas, com que em grande parte ſe vê alcatifada a mata, e cerca de Varatojo, a viração

çaõ ſuave do ar benéfico, o murmurinho, e ſuſurro das cryſtallinas aguas, que diſpenſadas por regiſtos correm das fontes, e caſcátas, como poderaõ deixar de fazer ſubir a Deos o eſpirito devoto? Os doces, e engraçados gorgeios das aves, e principalmente os ſuaves, harmonioſos, e alternados concertos dos rouxinoes, que os Religioſos das meſmas cellas ouvem cantar, naõ em gaiolas artificiaes, mas dos ramos das arvores da cerca, e mata proxima, fazem vivamente lembrar as muſicas dos Anjos na Jeruſalem celeſte. Todas eſtas couſas, como linguas do Céo, fallaõ vivamente ao coraçaõ neſta ſoledade; todas ſuaviſaõ a cruz das mortificaçoens; todas conſilíaõ devoçaõ; todas docemente encantaõ, e namoraõ o eſpirito tocado da graça. Donde podemos concluir com hum grave Eſcriptor, o qual diz que tudo o que ha na ſoledade de Varatojo, moſtra huma imagem, e effigie ſaudoſa do Paraiſo terreal *.

26 O Rei fundador deſte Convento D. AFFONSO V. tomou por empreza hum rodizio, ou roda de moinho com a letra *Jamais*. Quando eſte Monar-

* *Hiſt. Seraf.* 3. *p. n.* 515.

narcha entrou em Caſtella, já levava eſta empreza. Porém quando voltou daquelle Reino, e bem pouco ſatisfeito, accreſcentou á ſua empreza a letra *E*, e o número 7. Aſſim o mandou pintar no ſeu confeſſionario, que tinha em Varatojo. Donde a letra *E* vinha a ſer a alma da empreza, e o rodizio, que era o corpo da empreza junto com a letra *E* vem a formar as palavras ſeguintes: E rodizio com admiravel documento de dizer, e naõ encobrir os erros, ou peccados na confiſſaõ. E do confeſſionario paſſou eſta diviſa para outros lugares *. Donde o *E*, com *R*, duplicado val o meſmo, que Erro-dizio. Uſou pois deſta empreza o Monarcha D. Affonso V., porque era taõ comedido, e de taõ delicada conſciencia, que queria ſer advertido dos erros para ſe emendar delles * *.

27 Na entrada da Igreja, como ſe diſſe acima, ſe vê da parte direita em marmore o rodizio, ou roda de moînho, como tambem ſe vê pintado nos fórros da madeira do clauſtro. E em outro tempo eſtava pintado eſte rodizio,

---

* *Hiſt. Gen. da Caſa R. t. 3. p. 75. Hiſt. Seraf. t. 3. p. 520.*

** *Blot. letra R.*

zio, ou roda nas vidraças, paredes, e tecto da Igreja, antes que se renovassem. Tambem mandou o mesmo Monarcha pintar na estante pequena do côro o rodizio com a letra *Jamais*; a qual declara o enigma da figura, e vem a ser que arrependido, e pezaroso o Rei das muitas despesas, e trabalhos, que lhe custára a pertençaõ da Corôa de Hespanha, ainda que taõ justificada, propoz de jamais emprender difficuldade alguma, da qual naõ pudesse sahir glorioso, e dar de maõ a todas quaesquer que a fortuna lhe offerecesse pelo tempo futuro. No sello do Convento em contemplaçaõ do Rei seu fundador se debuxou a mesma figura do rodizio, e no remate o Santissimo Nome de Jesus, brazaõ admiravel da Ordem Seraphica. Tambem podemos entender sem violencia pela letra *E*, que o Monarcha mandou ajuntar á sua divisa, que se figurava a eternidade, em que elle começou a considerar com mais attençaõ, depois que voltou de Hespanha, e de França desgostoso: e pelo número 7 bem se pódem entender os sete peccados capitaes, origem de todos os males, e desgraças, que succedem na terra.

CA-

## CAPITULO III.

*Em que tempo ſe começou a povoar o Convento de Varatojo, e porque Religioſos.*

28 COſtuma o bom agricultor, que deſeja florecente o ſeu novo, e eſtimado jardim, buſcar ſolícito as melhores, e mais eſcolhidas plantas para as tranſplantar nelle, ainda que com grande cuſto, e deſpeſas lhe ſeja neceſſario mandar vir eſtas novas plantas de paizes remotos. He proprio do Monarcha zeloſo do bem, e felicidade de ſeus vaſſallos buſcar-lhes para ſeu enſino Meſtres habeis, e illuminados, criados em eſcolas da doutrina mais pura, e sã. Tudo iſto conſiderava, e conhecia o piedoſiſſimo, e generoſiſſimo Rei D. AFFONSO V. fundador do Convento de Varatojo. Elle ſabía muito bem as grandes vantagens de varoens de eſpirito, e zêlo Apoſtolico, que entre outros Conventos ſe achavaõ no de Alemquér, e que eſte Convento deſde ſeu principio ſempre fôra eſcola de bons coſtumes, aula de perfeiçoens de eſpirito, e caſa de oraçaõ.

Quiz,

Quiz, que deste jardim de virtudes se escolhessem as primeiras plantas para o novo vergél de Varatajo, e que desta escola sahissem os primeiros varoens Apostolicos, e Mestres de espirito, que vindo povoar Varatojo illuminassem suas visinhanças com a luz da doutrina, e exemplo de vida Apostolica.

29 Daremos aqui alguma noticia, ainda que breve, do Convento de Alemquér, e do seu primeiro fundador. Fallando de huma, e outra cousa o Illustrissimo e V. D. Fr. Marcos de Lisboa, Bispo do Porto, diz assim: « Foi o Mosteiro de Alemquér funda» do em grande pobreza, e santida» de por virtude, e santos exemplos » daquelles Discipulos do Glorioso P. » S. Francisco, que o edificáraõ, e » principalmente do S. Fr. Zacharias, » principal entre elles em virtude, e » santidade. Este santo Padre servindo » ao Senhor em santas obras, vigi» lias, e oraçoens, miudamente vinha » fazer oraçaõ a huma Imagem de » Crucifixo, e daquella Imagem lhe » fallava Jesu Christo, e o informava » em muitas cousas da sua salvaçaõ, » e dos proximos *. » Affirma o mes» mo

* *Part.* 1. *l.* 6. *c.* 28.

mo Illuſtre, e V. Eſcriptor, que achando-ſe a Communidade, e hoſpedes deſte Convento unicamente com dous pães no Refeitorio, mandára o ſanto Prelado, que ſe aſſentaſſem todos á meſa, e que depois de fazer oraçaõ logo apparecêra hum Anjo na Portaria em figura de mancebo com tantos pães, quantos eraõ os Frades, e hoſpedes *.

30 He a fundaçaõ do Convento de Alemquér das mais antigas, que teve a Ordem Seráphica em Portugal. Mandou o Seráphico Patriarcha Miſſionarios a Portugal, e hum deſtes foi o S. Fr. Zacharias, que fundou eſte Convento no anno de 1217, vivendo ainda o Seráphico Patriarcha. Nelle foi primeiro Guardiaõ o meſmo S. Fr. Zacharias. E com eſpecialidade foi eſte Convento muito eſtimado do Seráphico P. S. Franciſco, por ter ſervido de Hoſpicio aos cinco Guerreiros Evangelicos, glorioſas primicias da ſua Ordem, que em teſtemunho, e triumpho da Fé foraõ laureados com a corôa do martyrio em Marrócos. O meſmo S. Patriarcha Franciſco lançou a ſua bençaõ a eſta caſa, dizendo « Nun-

» ca

* *Ibi.*

„ ca jámais em ti deixe de haver
„ Frades, que devotiſſimamente guar-
„ dem o Santo Evangelho de Noſſo
„ Senhor Jeſu Chriſto. Amen. „ Sen-
do eſte Convento de Alemquér dos
ultimos, onde chegáraõ as laxidoens,
e permiſſoens dos Frades Clauſtraes,
elle foi o primeiro, que acceitou a
refórma da obſervancia em 1399, á
inſtancia de El-Rei D. JOAÕ I. Eſte-
ve eſte Convento ſujeito á Provincia
de Portugal, a qual começou neſte
Reino a ſer da Obſervancia em 1417.
Achava-ſe neſta Provincia já da Obſer-
vancia Vigario Provincial o V. P. Fr.
Joaõ da Póvoa, de quem adiante ſe
fará mençaõ, no anno de 1474, quan-
do a 4 de Outubro do meſmo anno
lhe mandou o Monarcha fundador en-
tregar o novo Convento de Varatojo.

31 Veio de Alemquér o meſmo V.
Provincial P. Fr. Joaõ da Póvoa, acom-
panhado de quatorze Religioſos todos
eſcolhidos, como varoens Apoſtoli-
cos cheios de eſpirito, para entrarem
de poſſe do novo Convento de Vara-
tojo. Deo-lhes poſſe no mencionado
dia 4 de Outubro de 1474 Diogo
Gonſalves Lobo, Procurador do Rei
fundador, o qual naõ pôde aſſiſtir
peſſoalmente á poſſe por ſe achar en-

taõ

taõ na campanha. Veio de Torres Vedras numeroſo povo, Clero, Nobreza, e Miniſtros em prociſſaõ, para aſſiſtirem á primeira feſta, que entaõ ſe celebrou em Varatojo. A qual ſe ſolemnizou com Miſſa nova, que cantou o V. P. Fr. Joaõ Pacifico, natural de Viſeu, e com Sermaõ, que prégou o doutiſſimo, e exemplariſſimo P. Fr. Gonçalo de Lisboa, que tinha ſido duas vezes Provincial, a quem pelo grande eſpirito, e perfeita obſervancia da pobreza Evangelica, e Seráphica, que practicava, chamavaõ o *Pobre.* Ficou logo primeiro Guardiaõ do Convento de Varatojo o V. P. Fr. Alvaro de Alemquér, com treze ſubditos. Augmentou-ſe depois o número dos Religioſos até quarenta. E ſegundo hum Inventario, que eu li, quando nos annos ſeguintes Varatojo era caſa de noviciado, e de eſtudos, chegou o número de Religioſos moradores neſte Convento a cincoenta, e quatro. Foi neſte Convento, onde naõ ſó com admiraçaõ de Portugal, mas tambem das naçoens eſtranhas, defendeo Concluſoens de Sagrada Theologîa, Filoſophîa, e letras humanas, a illuſtre Heroína, e inſigne Portugueza D. Izabel de Caſtro, mulher que foi de

D. Fernando de Menezes, Senhor do Louriçal, a qual morreo ſantamente no Senhor, como tinha vivido, no anno de 1595 *.

32 Conſervou-ſe o Real Convento de Varatojo, deſde a ſua primeira fundaçaõ, ſujeito á ſanta Provincia de Portugal até os annos de 1532 para 1533. Entaõ dividindo-ſe a Provincia á inſtancia de El-Rei D. JOAÕ III. ficou eſte Convento na ſujeiçaõ da Provincia dos Algarves, entaõ criada de novo, e deſmembrada da ſanta Provincia de Portugal. Neſta ſanta Provincia dos Algarves ſe conſervou Varatojo até o anno de 1680, em que por conceſſaõ do Reverendiſſimo Padre Geral da Ordem Fr. Jozé Ximenes, por Breve Pontificio do Santiſſimo Padre INNOCENCIO XI., por inſinuaçaõ, e beneplacito Regio do Senhor Rei D. PEDRO II., foi ſeparado eſte Convento da dita ſanta Provincia dos Algarves, com total independencia della, e criado de novo Seminario, Caſa, ou Collegio para Miſſionarios Apoſtolicos na immediata ſujeiçaõ, e obediencia ao Reverendiſſimo Padre Geral da Ordem dos Menores,

co-

* *Theat. her. t. 1. p. 492.*

como adiante ſe dirá. Impetrou o Monarcha fundador D. Affonso V. Bulla do Santo Padre Xisto IV., para ſe entregar o uſo deſte Convento aos Religioſos Obſervantes de S. Franciſco, reſervando para ſi, e para ſeus ſucceſſores na Corôa, o dominio do Convento, como Padroeiros delle. Foi paſſada eſta Bulla em Roma no anno de 1472, em tempo que ſe andava fazendo o Convento de Varatojo.

33 Do que temos dito ſe convence, que fallou deſtituido de luzes, e verdadeiros fundamentos, o Author citado pelo illuſtre Chroniſta o R. P. Fr. Fernando da Soledade, quando eſcreveo, que o Rei fundador do Convento de Varatojo mandára paſſar os Religioſos do Convento de Torres Vedras para o de Varatojo. Pois nem na Bulla Pontificia, nem em memoria, papel, ou monumento algum dos muitos, que ſe conſervaõ em Varatojo, ſe faz mençaõ, nem diz palavra do ſuppoſto Convento da Villa de Torres Vedras. He bem verdade, que o meſmo mencionado inſigne Chroniſta o P. Fr. Fernando da Soledade, falla em ſua Chronica n'hum Convento, que ſegundo a tradiçaõ, diz elle, houvera antigamente em Torres Vedras com

o nome de Convento de S. Francisco, situado, onde se conserva huma terra chamada *terra de S. Francisco*, e que fallando as Chronicas antigas de hum admiravel caso de grande piedade de Deos, diziaõ, que succedêra no Mosteiro pequeno de Torres Vedras.

34 Mas esta mencionada terra, onde se diz estivera Convento, achando-se, como se acha em sitio inteiramente pantanoso, e alagadiço de cheias, nos dá motivo para duvidar, que alli se fundasse Convento, ou que, se no primeiro seculo da Ordem esta terra servio de berço a algum pequeno Convento, ou Hospicio, lhe servio ella tambem logo de tumulo, em quanto as injurias irreparaveis do tempo ajudadas, naõ da falta de piedade daquella devota Villa, mas do máo sitio do supposto pequeno Convento, ou Ermitorio, déraõ com elle na sepultura, retirando-se seus poucos moradores talvez para o Convento de Lisboa, ou de Alemquér, ficando depois a terra, que se poderia talvez dar para o supposto pequeno Convento, conservando o nome de terra de S. Francisco. Tendo eu passado muitas vezes pelo caminho proximo a esta terra, e olhado para ella com reflexaõ, naõ tenho des-

descoberto nella o minimo vestigio, nem o mais leve signal, ou apparencia, de que alli pudesse estar Convento. Donde parece, que se antigamente por algum tempo houve em Torres Vedras este pequeno Convento, ou Hospicio, sería dentro da Villa, e naõ na terra chamada *de S. Francisco*, a qual deixaria alguma pessoa devota para Religiosos de S. Francisco no tempo da Conventualidade, antes de entrar a Observancia neste Reino. Mas ainda que houvesse este supposto pequeno Convento, e ainda que nelle morassem Religiosos, do que muito duvído pelos fundamentos mencionados, sempre fica evidenciado, que de Alemquér, e naõ de Torres Vedras, vieraõ os primeiros Religiosos povoadores de Varatojo.

CA-

## CAPITULO IV.

*Vendo El-Rei D. Affonso V. frustradas de todo as pertençoens á Corôa de Castella, intenta renunciar o Reino em seu filho, e viver em Varatojo. Caracter, e virtudes deste grande Monarcha.*

35 NAda certamente nesta vida, abaixo de Deos, he sempre permanente, e perduravel. Só o Eterno está livre de mudanças, e alternaçoens. Agora o veremos, no que succedeo ao Monarcha fundador do Convento de Varatojo. Segunda vez voltou com espada victoriosa, coroado de triunfos, coberto, e cheio de despojos, de Africa a Portugal El-Rei D. AFFONSO V., chamado por seu valor, e conquistas, o Africano, e o Monarcha guerreiro, deixando abatido, e humilhado o orgulho, e podêr Mahometano, respeitado, e temido o nome Portuguez; consagradas Mesquitas de Mafoma em Templos do Deos vivo, e Senhor dos Exercitos; habitados por Christaõs paizes, conquistados a barbaros, e infieis, e dilatada venturosamente entre es-

eſtes a Religiaõ, e a Fé da Santa Madre Igreja Catholica Romana. Naõ acompanhou todavia dentro da Europa a gloria de ficar ſempre vencedor eſte Monarcha belligerante, e guerreiro. A Providencia Divina em tudo admiravel permittio, que elle tambem tiveſſe depois ſeus contratempos, e experimentaſſe varios revezes da fortuna. Seus Exercitos tambem foraõ derrotados, ſuas bandeiras em parte rendidas, e elle meſmo, que por ſeus triunfos fóra da Europa merecêra o nome de Africano, e vencedor, ſe naõ foi finalmente de todo derrotado, e vencido, na batalha fatal de Toro dentro de Caſtella, naõ ficou inteiramente vencedor, e com a victoria.

36 Empunhava por eſte tempo o Sceptro de Caſtella Henrique IV. Monarcha de huma incomprehenſivel inconſtancia. Eſte meſmo Monarcha, e a Rainha ſua Mulher notada de eſpirito leve, e de mais vicios, que virtudes, foraõ ambos ſem dúvida origem fecunda das perturbaçoens de Caſtella, e de que ſua benemerita Filha a Princeza D. Joanna em lugar de ficar com a Corôa, Rainha, e herdeira do Reino, ſó herdaſſe trabalhos, e deſgoſtos, e ficaſſe unicamente apenas com

o titulo eſtéril, e nome ſó de excellente Senhora, e nada mais, como agora veremos naõ ſem aſſombro, e admiraçaõ. Mais de huma vez fôra eſta infeliz Princeza declarada herdeira do Reino; e tambem outra vez julgada por incapaz daquella Corôa com o eſpecioſo, e apparente pretexto, de que a Rainha naõ tivera eſta Princeza do Rei ſeu Marido. Por conſentimento deſte foi a Rainha accuſada de adultera com eſcandalo na verdade viſto poucas vezes neſta claſſe de peſſoas. Mas em fim o meſmo Rei declarou em ſeu teſtamento, e por ultima vontade, á ſua Filha a Princeza D. JOANNA herdeira do Reino, ordenando que a fizeſſem logo caſar por effeito de ſua ultima vontade com D. AFFONSO V. Rei de Portugal, que ſe achava viuvo. Mandáraõ ſem demora os Teſtamenteiros do defunto Rei de Caſtella o teſtamento a El-Rei de Portugal, certificando-o, que em defenſa da ſua validade eſtavaõ reſolutos a ſacrificar os proprios bens, e vidas, e que eſperavaõ naõ os deſamparaſſem n'huma occaſiaõ, em que ſe tractava da honra da Rainha ſua Irmã, e fortuna de ſua Sobrinha a Princeza. Que doze principaes Cidades de Caſtella eſtavaõ na meſ-

mesma resolução, assim como outros muitos principaes senhores daquelle Reino.

37 Havia pouco tempo, que D. IZABEL, Irmã do Rei defunto D. HENRIQUE IV. casára com D. FERNANDO Rei de Aragaõ com o titulo de Princeza herdeira da Corôa de Castella em prejuizo de D. JOANNA Princeza, que El-Rei HENRIQUE ora confessava, ora negava ser sua Filha. Porém pouco antes, que elle expirasse perguntando-lhe seu Confessor, a quem pertencia a Corôa? Respondeo o Rei: pertence á Princeza D. JOANNA minha Filha, e logo deo o ultimo suspiro. Ora bem se vê, que naõ obstante contribuir muito o genio irregular da Rainha, para que houvessem sua Filha por illegitima, naõ era isto motivo sufficiente para a defraudar de huma Corôa que lhe pertencia, mórmente depois de a terem reconhecido por herdeira, e a Rainha viver com o Rei seu Marido, naõ se provando impotencia deste, nem o supposto adulterio daquella.

38 Achava-se nesse tempo El-Rei D. AFFONSO V. em Portugal no regaço da paz á sombra dos triunfos, que alcançára em Africa. Tanto porém que elle recebeo o testamento do defunto

Rei

Rei de Castella, consultou o que devia obrar em negocio de tanto pêso. Resolvêraõ os do seu conselho, que era gloria, e tambem obrigaçaõ do Rei de Portugal acceitar o casamento, que se lhe offerecia, e ainda pegar das armas, quando fosse necessario para sustentar os direitos de sua Sobrinha, e futura Esposa. Foraõ com tudo de voto contrario dous sujeitos reputados por homens mais asisados, e prudentes do seu tempo. Taes se consideravaõ, e taes eraõ o Duque de Bragança, e o Arcebispo de Lisboa, que ponderando as grandes difficuldades desta empreza pertendêraõ dissuadir della ao Monarcha. Este porém seguindo o parecer, que se accommodava com o seu genio, e inclinaçaõ, se resolveo entrar em Castella para disputar com as armas na maõ o direito daquella Monarchîa.

39 D. IZABEL, Mulher de D. FERNANDO Rei de Aragaõ, Irmã do defunto Rei de Castella, ainda que naõ tinha outro direito a esta Corôa, que a grande ambiçaõ de reinar, preoccupada com esta paixaõ dominante, e apoiada com o parecer de lisonjeiros, de que sempre se acha cercado o Throno, querendo disputar o direito da

Prin-

Princeza D. JOANNA, proteſtava ſacrificar tudo para conſegui-lo. Ella arguia ao Rei ſeu Marido da pouca actividade, que lhe moſtrava para alcançar a Corôa de Caſtella. Ella meſma, cheia de eſpiritos bellicos, ſahia ás praças a animar os Soldados, premiando liberal a huns com dádivas, animando intrépida a outros, e acariciando benigna a todos, a fim de engroſſar mais, e mais o ſeu partido. Impaciente ao meſmo tempo D. AFFONSO V. Rei de Portugal para diſputar o incontraſtavel direito, que por parte de ſua Sobrinha, e futura Eſpoſa a Princeza D. JOANNA lhe pertencia, com effeito entra com ſuas tropas, e com as armas na maõ por Caſtella dentro. Vai diante de ſi por toda a parte eſpalhando terrores. Elle ſem muito cuſto conquiſta varias Cidades, e outras ſe lhe rendem livremente ſem reſiſtencia.

40 Deſpoſa-ſe El-Rei D. AFFONSO V. com ſua Sobrinha a Princeza D. JOANNA na Cidade de Placencia no anno de 1475. Alli, e em outras muitas Cidades, e povoaçoens, he D. AFFONSO acclamado, e jurado Rei de Caſtella. Os Exercitos Caſtelhanos do partido de IZABEL no centro meſmo de Caſtella ſaõ vencidos, e derrotados por

El-

El-Rei D. AFFONSO com gloria do valor, e nome Portuguez. Porém começando-se a diminuir o Exercito de Portugal, e a engrossar-se mais, e mais o de Castella, que seguia a voz de IZABEL, foraõ as cousas mudando de face, e alcançando algumas vantagens os do partido de IZABEL. Achava-se El-Rei D. AFFONSO com o seu Exercito, ainda naõ bem formado, acampado na Cidade de Toro apenas com vinte mil combatentes. Foi provocado a pelejar por D. FERNANDO, e por D. IZABEL, que traziaõ na frente quarenta mil homens belligerantes. Naõ duvidou dar batalha D. AFFONSO. Nella sim pelejou o mesmo Rei D. AFFONSO como Soldado animoso, ainda mais que como Capitaõ; nella se víraõ, e admiráraõ prodigios do valor Portuguez; della fugio vergonhosamente El-Rei D. FERNANDO: nella persistio valoroso o Principe de Portugal D. JOAÕ, sem se retirar do campo: nella esteve indecisa a victoria por muito tempo. Mas em fim ficou esta a favor de D. FERNANDO, e de D. IZABEL. Cedeo o valor Portuguez á superioridade do número, e á vantagem do sitio, em que se achava o Exercito Castelhano.

Ven-

41 Vendo El-Rei D. AFFONSO, que os Soldados Portuguezes eſtavaõ deſcontentes, e deſconſolados por ſe acharem fóra de ſeus lares; que as meſmas Cidades de Caſtella, que em outro tempo lhes abríraõ as portas, agora lhas fechavaõ; que muitos Caſtelhanos que ſeguíraõ a voz, e partido de Portugal, inconſtantes, e ingratos, ſe paſſáraõ para o partido contrario de FERNANDO, e IZABEL; que quanto mais creſcia a favor deſta o partido Caſtelhano, tanto mais ſe diminuia o de Portugal; que os Portuguezes ſeus vaſſallos, ainda que ſempre fieis, e leaes a ſeu Monarcha, duvidavaõ já dar contribuiçoens para recuperar hum Reino eſtranho com prejuizo do proprio, deo em fim El-Rei D. AFFONSO, movido deſtas razoens, permiſſaõ a ſeus vaſſallos para voltarem ás ſuas patrias, e elle meſmo tambem ſe reſolveo ſahir de Caſtella com ſua Sobrinha, e futura Eſpoſa a Princeza D. JOANNA. Chegando El-Rei D. AFFONSO a Portugal, ainda ſem perder a eſperança á Corôa de Caſtella, tentou logo, poſto que com pouca conſideraçaõ, e ſem conſelho, paſſar em peſſoa á Côrte de El-Rei Chriſtianiſſimo a pedir-lhe ſoccorro, que pelo meſmo Monarcha lhe eſta-

eſtava promettido, e ſe lhe tinha demorado. Neſta jornada inconſiderada, e empreza intempeſtiva naõ foi taõ bem ſuccedido, como eſperava. Pois ſupposto, que elle peſſoalmente arguio a El-Rei de França Luis XI. de lhe ter faltado á palavra, e promeſſa, que lhe fizera de auxilia-lo contra FERNANDO Rei de Aragaõ, de nada aproveitou eſta falla; porque o Monarcha Francez mais politico, que verdadeiro, depois de ter com manha entretido a El-Rei de Portugal, ſe eſcuſou em fim de auxilia-lo, allegando, e pretextando doloſo a ſua eſcuſa debaixo de apparentes razoens de Eſtado, dizendo, que em attençaõ a ellas naõ lhe podia naquella occaſiaõ preſtar ſoccorro.

42 Volta El-Rei D. AFFONSO a Portugal muito mal ſatisfeito de vêr fruſtrada, e ſem effeito jornada taõ cuſtoſa, que inconſiderado fizera fóra do ſeu Reino, mas ainda na reſoluçaõ de tornar com as armas a Caſtella a combater os que lhe quizeſſem diſputar o incontraſtavel direito, que por parte de ſua Eſpoſa tinha áquella Monarchîa. Mudou todavia de parecer; deixou-ſe deſta difficil empreza; deſiſtio de ſua juſta pertençaõ, e direito, que tinha á Corôa de Caſtella. E porque? Pelas

ra-

razoens, e motivos ſeguintes. Lembrou-ſe, que ſe achava deſtituido de meios para nova campanha; que as rendas do Erario Regio eſtavaõ exhauridas com as expediçoens da Africa, e guerras paſſadas; que os Portuguezes poſto que acoſtumados a vencer tinhaõ ainda os braços cançados dos combates da Africa, e Caſtella; que havendo de ſe continuar a campanha, feriaõ neceſſarias novas contribuiçoens aſſás oneroſas ao Eſtado; que ſuppoſta a fruſtrada jornada a França, e repulſa do ſeu Monarcha, haviaõ fundamentos naõ equívocos para recear, que eſta Potencia auxiliaria de acordo a FERNANDO Rei de Aragaõ contra Portugal. Que com a ſua auſencia de Caſtella, e com a demóra da diſpenſa do Papa para ſolemniſar o Matrimonio com a Princeza ſua Sobrinha ſe tinha engroſſado o partido de ſeus contrarios Caſtelhanos. Que lembrados eſtes das hoſtilidades, que dentro de ſeus proprios lares, e na ſua patria meſmo tinhaõ recebido dos Portuguezes, eſtavaõ agora prevenidos, e de maõ alçada para ſe vingarem delles, ſe voltaſſem a Caſtella. Que naõ era juſto exhaurir, e arruinar hum Reino hereditario para conquiſtar outro, cujo

jo direito, ainda que certo, era disputado por partido muito mais superior em forças, e nas vantagens do sitio para os combates. Que para o Monarcha ter verdadeiro caracter de Pai de seus vassallos lhes deve promover, e buscar a paz, ainda com algum prejuizo do mesmo Monarcha. Que finalmente este grande, e apreciavel bem da paz nas presentes, e críticas circumstancias só se poderia effeituar com firmeza entre as duas Potencias belligerantes, cedendo elle Rei de Portugal inteiramente da pertençaõ, e direito á Corôa de Castella.

43 Assim o pensou o piedoso Monarcha Portuguez, e assim se effeituou. Fez-se em fim a paz entre Portugal, e Castella. Foi hum dos capitulos desta paz, que a Princeza D. JOANNA entrasse em Religiaõ no Reino de Portugal, e que dalli por diante naõ se chamasse Princeza, nem fosse nomeada com outro appellido, senaõ com o de Excellente Senhora. Entrou com effeito para o Convento em Portugal a Princeza D. JOANNA, herdeira da Corôa de Castella. El-Rei D. AFFONSO, tanto que vio, que a Princeza sua Sobrinha, e Esposa, se achava enclausurada, privada injustamente da Corôa,

que

que lhe pertencia, e que elle de todas as custosas diligencias, e esforços, que fizera dentro, e fóra de Castella pela investidura daquella Corôa, só tirára despesas, e mais despesas, trabalhos, e mais trabalhos, fadigas, e mais fadigas, todas infructuosas, e baldadas; e que em fim elle acabava de perder todas as esperanças de podêr por meios humanos obter aquella Corôa, ficou com estas lembranças, ou desenganos, taõ vivamente sentido, e taõ penalizado em seu terno coraçaõ, que se resolveo dar de maõ a todo o temporal, caduco, e inconstante, e cuidar só no eterno, verdadeiro, permanente, e perduravel. Com estes intentos, e pensamentos se retirou segunda vez para o seu amado retiro do Convento de Varatojo, onde em companhia dos Religiosos parecia Religioso, e com elles assistio por algum tempo, cuidando no importante, e grande negocio da salvaçaõ da sua alma com plena satisfaçaõ do seu espirito. E tambem tinha estado algum tempo em Varatojo, quando veio da batalha de Toro *.



* *Jorg. Card. t. 2. p.* 188.

44 Da Tribuna, que mandára fazer junto ao côro, ouvia a Santa Missa, e a palavra de Deos, quando se annunciava do Púlpito, que ficava quasi defronte da Tribuna Real. Della sahia ao côro a rezar com os Religiosos o Officio Divino. Com elles consultava as dúvidas do seu espirito: com elles se confessava frequentemente commungando com a maior reverencia na Igreja: com elles comia no refeitorio: com elles queria sempre seguir os actos da Communidade, e acompanha-los na honesta, e religiosa diversaõ: com elles em fim se queria conformar até no accidente do vestido, usando do panno pardo, quasi similhante ao sayal dos Religiosos. Ora quanto mais o piedoso Monarcha se hia affeiçoando ao retiro de Varatojo, e ás delicias da vida privada dos Religiosos deste Convento, tanto mais seu espirito se hia desgostando assim do seculo, como do governo do Reino. Lembrado o Monarcha, de que o Principe D. Joaõ, seu benemerito Filho, tinha hombros assás robustos para sustentar o pezo da Monarchîa Portugueza, se resolveo renunciar nelle o Reino, depondo a espada, e o Sceptro, a fim de se retirar de todo para

ra

ra Varatojo, e professar alli mesmo a Regra, e instituto do Patriarcha dos pobres S. Francisco, com tençaõ de viver em Varatojo no humilde estado de irmaõ Leigo, passando desta sorte tranquillamente o resto dos dias da sua vida neste retiro. Naõ duvidava este grande Rei trocar a preciosa pûrpura pelo humilde, e grosseiro sayal; o palacio magnifico pela estreita clausura; a grande opulencia das riquezas pela pobreza do espirito; a liberdade, e governo de hum Reino pela rendida obediencia, e humilde sujeiçaõ ao Guardiaõ de Varatojo.

45 Com effeito convocou El-Rei D. AFFNNSO V. Côrtes para renunciar o Reino em seu Filho o Principe D. JOAÕ, e para pôr em execuçaõ seus desejos, e intençaõ de tomar o habito de irmaõ Leigo de S. Francisco em Varatojo, e viver neste retiro o resto de seus dias na companhia dos Frades do seu Convento. Entre tanto passou a Cintra, onde ferido de huma febre maligna, summaria, e brevemente concluío no Senhor a clausula da sua vida mortal na vigorosa idade de 59 annos. Seu corpo foi conduzido ao Convento da Batalha, onde elegêra sepultura. Piamente crêmos, que a al-

ma deste grande, e piissimo Monarcha subio a gozar no Céo a fruiçaõ beatifica, e a receber de Deos em premio de suas heroicas virtudes, e zêlo da Fé, a immarcecivel corôa da eterna gloria.

46 Foi El-Rei D. AFFONSO V. Principe liberal, generoso, cheio de Real benignidade, amado do povo, e de todos os seus vassallos, de coraçaõ grande, guerreiro por genio, e inclinaçaõ, muito zeloso de fazer propagar a Fé, e Religiaõ Catholica nos Dominios dos infieis, obedientissimo sempre á Igreja, e ao seu Pastor supremo, Vigario de Christo na terra o Papa: Protector efficaz, e respeitavel naõ só dos sagrados Canones, e Leis da Igreja, mas dos Decretos do Vaticano, que reputava como oraculos. Do mesmo SS. Padre alcançou Bulla para a fundaçaõ do Convento de Varatojo, como se disse acima. Foi o Monarcha, que mais depressa aprommptou o seu exercito na expediçaõ da Cruzada contra os Turcos, e conquista da Terra Santa. O mesmo Monarcha zeloso para o fim desta expediçaõ, e santa conquista, mandou cunhar moeda em ouro com o nome de cruzados com huma cruz no meio, e á roda com es-

tas

tas palavras: *Adjutorium noſtrum in nomine Domini.* Que querem dizer: em nome do Senhor nos venha ſoccorro. O meſmo devoto, e animoſo Monarcha ſe offereceo a ir peſſoalmente na frente de doze mil combatentes Portuguezes neſta expediçaõ. Vendo porém que ella ſe fruſtrou por omiſſaõ de outros Monarchas, elle dirigio ſeu exercito contra os infieis de Africa, onde mais de huma vez foi coroado de louros, e deſcançou á ſombra dos triumphos, e victorias, que venturoſamente alcançou ſua eſpada vencedora contra os inimigos da Fé, e do nome Chriſtaõ.

47 Foi o memoravel Rei D. AFFONSO V. taõ continente, e taõ amante da caſtidade, que jámais communicou outra mulher, que a ſua propria, de que ficou viuvo na Primavera de ſeus annos, e flor da ſua idadé. E ainda que ſe deſpoſou com a Princeza D. JOANNA, ſua Sobrinha, naõ conſummou matrimonio com ella, nem lhe fez a mais leve acçaõ, em que pudeſſe perigar a ſua honeſtidade. Era com grandes, e pequenos tractavel, e com ſeus vaſſallos por extremo affavel, fallando-lhes frequentemente, ainda ſem Guardas, nem compa-

panhia. Eſtranhando-lhe alguns de ſeus vaſſallos eſte, que lhes parecia exceſſo de facilidade, ſe animáraõ a perguntar ao Monarcha, porque andava quaſi ſempre ſem Guarda? Reſpondeo elle: porque naõ ha Guarda mais poderoſa, que a innocencia; com eſte preſidio anda o Principe ſempre ſeguro. Perdoava facilmente as injúrias de ſua propria peſſoa, porque ſe governava pelo eſpirito de Jeſu Chriſto, e naõ pela política do ſeculo, que ſe oppoem ao Evangelho. Pela grande humanidade, e caridade, que exercitou com os Chriſtaõs opprimidos na penoſa eſcravidaõ em podêr de infieis, mereceo o appellido de Redemptor dos captivos. Nos muitos Titulos, que creou, e com que adornou o Eſtado; e nos beneficios ſingulares, com que premiou, e honrou a ſeus vaſſallos, bem longe de ſer elle pródigo, de exceſſiva, e demaſiada liberalidade; como eſcrevêraõ alguns Hiſtoriadores com bem pouca conſideraçaõ, e demaſiada liberdade; antes bem ſim eſte grande Monarcha nas mercês, com que beneficiou a ſeus vaſſallos, foi a ſua Real generoſidade lícita, juſta, e muito louvavel; porque foi remuneraçaõ, e recompenſa a vaſſallos fieis, que ſervíraõ

raõ com zêlo a ſeu Rei, acompanhando-o por már, e por terra, dentro, e fóra de Portugal, pelejando muitos delles a ſeu lado, e recebendo á ſua viſta feridas nos combates bellicos. E ſe alguns beneficiados, e favorecidos do Principe naõ arriſcáraõ ſuas vidas, elles eraõ filhos de pais, que a perdêraõ combatendo ao lado, e á viſta do ſeu Rei. Ora Principe, que remunéra ſerviços deſta natureza, ainda que ſeja com algum detrimento da propria Corôa, naõ mêrece nota de pródigo, mas elogio de juſto, generoſo, e pai de ſeus vaſſallos. Tal foi o caracter de El-Rei D. AFFONSO V.

## CAPITULO V.

*Favores eſpeciaes, e ſingular privilegio, que o Rei fundador do Convento de Varatojo lhe concedeo.*

48 EL-Rei D. AFFONSO V., fundador do Convento de Varatojo, jámais ſe eſqueceo de proteger o Convento, e ſoccorrer liberal as neceſſidades dos Religioſos ſeus moradores, naõ ſó em quanto viveo, mas ainda para depois da ſua morte quiz perpetuar

tuar a affectuosa caridade, e generosidade Regia com Varatojo em testemunho do Real Padroado. Pois sabendo, que os Religiosos Observantes de Varatojo naõ podiaõ ter bens estaveis, nem queriaõ em obsequio da perfeiçaõ da pobreza Evangelica, e Seraphica, acceitar ordinaria, nem esmola annual certa, e permanente, elle a fim de que naõ faltasse, mas houvesse sempre quem com promptidaõ ajuntasse, e conduzisse as esmolas offerecidas pelos Fieis ao Convento, concedeo o singular privilegio seguinte: « D. AFFONSO, &c. A quantos esta nossa Carta virem, fazemos saber, que considerando Nós hera, como para recadarem as esmolas, que para soportamento * do Mosteiro de S. Antonio de Varatojo se haõ dos Fieis Christaõs, he muito necessario algumas pessoas que dello tenhaõ carrego, sem as quais nom se poderaõ bem arrecadar, nem ellas sem terem algumas liberdades nossas o nom poderaõ bem fazer, segundo ao prol **, e bem da dita Caza cumpre. E querendo Nós a esto pro-

» ver

* *Mantença, sustento.*
** *Utilidade.*

„ ver com aquella maneira, que nos
„ bem, e razam pareça, e por con-
„ seguinte por fazermos bem, e es-
„ mola ao dito Mosteiro, e assim sen-
„ tirmos, e havermos por serviço de
„ Deos, temos por bem, e nos praz,
„ que quaisquer dois homens do ter-
„ mo da nossa Villa de Torres Ve-
„ dras, que o Guardiaõ, Frades, e
„ Convento do dito Mosteiro para el-
„ le escolherem, sejaõ priveligiados,
„ e escusados, e liberdados, em quan-
„ to tiverem o dito carrego ambos,
„ e cada hum delles de pagarem ne-
„ nhumas nossas peitas Reais *, pe-
„ didos, serviços, nem emprestidos **
„ que por Nós sejaõ, ou forem lan-
„ çados por qualquer maneira que se-
„ ja, nem esso mesmo, nos que por
„ o concelho sejaõ, ou forem pos-
„ tos, nem vaõ com prezos, nem
„ com dinheiros, nem sejaõ tutores,
„ nem curadores de nenhumas pes-
„ soas, que sejaõ, salvo se as tutorias
„ forem lidimas ***, nem hajaõ ne-
„ nhuns officios, nem cargos do dito
„ concelho contra suas vontades, nem
se-

* *Tributos, e contribuiçoens.*
** *Emprestimos.*
*** *Legitimas.*

„ ſejaõ poſtos por Béſteiros de con-
„ to *, ſe até agora poſtos nom ſaõ,
„ nem acontiados em cavallos, e ar-
„ mas, nem beſta de garrucha **,
„ nem em outra nenhuma contia, poſ-
„ to que tenhaõ fazendas para a te-
„ rem; nem pareçaõ em alardo. E
„ eſſo meſmo queremos, e nos praz,
„ que nom paguem jugadas, nem oi-
„ tavo de paõ, vinho, linho, nem
„ de outras couſas, de que ſe coſtu-
„ ma pagar.

„ Outro ſim nos praz, que nom
„ pouſem com elles em ſuas cazas de
„ morada, adegas, nem cavallariças,
„ nem lhes tomem ſeu paõ, vinho,
„ roupa, lenha, galinhas, ſuas beſtas
„ de ſela, nem de albarda, nem ou-
„ tra nenhuma couza de ſeu contra ſua
„ vontade, e que nom van ſervir ne-
„ nhumas guerras por mar, nem por
„ terra, nem a outras nenhumas par-
„ tes, que ſejaõ para onde poſſaõ ſer
„ chamados, porque de tudo o que
„ dito he, em eſpecial os havemos
„ de todo por relevados, iſſentos, e
„ livres.

„ Pelo que dito he, mandamos a
„ to-

* *Officiaes que faziaõ béſtas.*
** *De albarda.*

» todos os Corregedores, Juizes, Juſ-
» tiças, e ao Contador deſta Comar-
» ca, Almoxarife, e a quaiſquer ou-
» tros Officiaes, a que o conhecimen-
» to diſto pertencer, que hajaõ aſſim
» aos ſobreditos, que eſcolherem pa-
» ra o em cima dito por eſcuſados,
» e liberdados das ditas couzas, e os
» nom conſtranjaõ para ellas, nem ca-
» da huma dellas, em nenhuma ma-
» neira, que ſeja, e lhes cumpraõ in-
» teiramente eſta noſſa carta em to-
» do, e por todo, como em ella he
» conteúdo, nom conſentindo, que
» lhes van contra ella em parte, nem
» em todo em nenhuma guiza *, que
» ſeja ſob pena de noſſos encoutos **
» de ſeis mil ſoldos ***, que have-
» mos por incorrida qualquer que lho
» aſſim nom cumprir. Os quais man-
» damos ao noſſo Almoxarife, que os
» haja, e arrecade para Nós, e ao
» Eſcrivaõ do ſeu officio, que os
» aſſente ſobre elle em receita para
» todo vir a boa arrecadaçaõ. Dada
» em Alemquér aos vinte e ſete dias
» de Fevereiro. Nicolau Anes a fez

» an-

---

* *Maneira.*
** *Multa pecuniaria.*
*** *Reaes.*

„ anno de mil e quatrocentos oitenta
„ e hum. *Rei.* „

Eſte amplo, e ſingular privilegio do Senhor Rei D. AFFONSO V. foi confirmado por ſeus Succeſſores, eſpecialmente o Senhor D. JOAÕ II., o Senhor D. JOAÕ V., o Senhor D. JOZE' I., a Senhora D. MARIA I.: e ſe acha regiſtado na Chancelaria Mór do Reino, e Côrte no Livro dos Officios, e Mercês a folhas 344, e tambem no Eſcritorio de Torres Vedras.

## CAPITULO VI.

*Viſitavaõ os Monarchas Padroeiros o Convento de Varatojo attrahidos da Santidade de ſeus moradores.*

49 GRandes utilidades na verdade reſultaõ á Igreja, e ao Eſtado das corporaçoens Regulares, quando ellas ſaõ habitadas de varoens Apoſtolicos, e de homens cheios de eſpirito Evangelico. Com razaõ chamou *columnas de ouro* aos bons principios a ſábia Antiguidade. Taes venturoſamente foraõ os dos primeiros Religioſos, que vie-

vieraõ fundar Varatojo. Taes os dos ſeus ſucceſſores, em quem tranſmittíraõ o eſpirito por grande miſericordia de Deos. Elles com a ſantidade da ſua vida, e com o ſeu bom exemplo por toda a parte edificavaõ, e roubavaõ para Deos os coraçoens de todos, e lhes moviaõ as vontades, para que ſoccorreſſem as neceſſidades daquelles, que viaõ, e admiravaõ vivêr Apoſtolicamente, ſem terem outras heranças, que as da Divina Providencia. Eis-aqui o principal motivo, ou attractivo da geral veneraçaõ ao ſagrado retiro de Varatojo, e a ſeus Religioſos. As virtudes deſtes, o ſeu bom exemplo, a ſua vida modeſta, e edificante, tem ſido a pedra iman para chamar, e attrahir a Varatojo naõ ſó as almas devotas, mas ainda a muitas, que viviaõ ſegundo o eſpirito do ſeculo eſquecidas do Céo, e inteiramente entregues ás ſuas paixoens, apartadas de Deos. Sim a modeſtia, as virtudes, e os bons exemplos, que viaõ os ſeculares nos Religioſos de Varatojo, foraõ as vozes, e clamores, que os deſpertáraõ, e acordáraõ para obrarem o bem, e para aborrecerem o vicio, e fugirem do mal. Sempre neſte Convento houveraõ Religioſos

de

de oraçaõ, e de eſpirito: diz hum Eſcriptor eſtranho *.

50 Donde por eſpecial bençaõ do Céo, Varatojo deſde o berço, e deſde a ſua primeira fundaçaõ, tem ſido ſempre conſiderado como aſylo de piedade, eſcola de bons coſtumes, aula de perfeiçaõ, caſa de oraçaõ, e lugar de ſantidade. Em razaõ do recolhimento, e abſtracçaõ dos Religioſos moradores neſte Convento, era elle preferido a outras caſas pelos Prelados para criaçaõ de noviços, a fim de que eſtes foſſem depois Frades ſantos, perfeitos, e de eſpirito Evangelico, como legitimos filhos do Seráphico Padre S. Franciſco. Donde ſempre ſe tem viſto, e admirado que de perto, e de longe, pequenos, e grandes, ſeculares, e Eccleſiaſticos tem continuado a vir fervoroſos a Varatojo para alliviarem ſuas conſciencias, para conſultar as dúvidas do ſeu eſpirito, e buſcar dictames ſólidos, e ſeguras direcçoens para elle, a fim de ſegurarem o grande negocio da ſalvaçaõ, e naõ errarem o caminho do Céo na jornada da eternidade.

51 O Rei fundador, ainda meſmo nas

* *Man. God. Vid. do V. Ch. c.* 17.

nas campanhas, tendo os braços ſobre as armas, tinha a lembrança, e coraçaõ em Varatojo. Conſiderava, que pelejando no campo como Joſué, era auxiliado por cada Religioſo de Varatojo, que neſte devoto retiro inceſſantemente orava, como Moyſés no monte Oreb. Nem os tumultos das campanhas, nem as auſencias de Portugal, nem o governo da Monarchîa, nem o cuidado dos vaſſallos fez jámais eſquecer, nem ſervir de embaraço para que eſte grande, e piedoſo Monarcha deixaſſe ſolîcito de recommendar frequentemente ao ſeu Regio Commiſſario, que puſeſſe toda a actividade, e efficacia em adiantar, e concluir a obra da fundaçaõ de Varatojo. Nem tambem jámais o meſmo Monarcha ſe eſqueceo depois de concluida eſta obra de favorecer, e ſoccorrer as neceſſidades dos Religioſos alli moradores, aos quaes viſitava peſſoalmente, conſultando-os nas materias do ſeu eſpirito, e pedindo-lhes as ſuas oraçoens.

52 O Senhor Rei D. JOAÕ II., que com o Reino herdou a piedade, e tambem o affecto de ſeu auguſto Pai a Varatojo, favoreceo, protegeo, e viſitou peſſoalmente eſte Convento, eſpecialmente na occaſiaõ da ſua maior af-

flic-

flicçaõ. Achava-se vivamente magoado este Monarcha, e juntamente a Rainha sua Mulher, a qual acompanhava o Rei no seu maior sentimento, pelo desastre do Principe D. AFFONSO seu Filho, de pouco casado, e morto infelizmente de huma quéda de hum cavallo nos campos de Santarem. O Monarcha, e Rainha para mitigarem a sua dôr, buscáraõ logo o sagrado retiro de Varatojo, onde assistíraõ por alguns dias com os Religiosos, aos quaes pedíraõ oraçoens para o acertado governo de seus vassallos, e pela alma de seu Filho, soccorrendo piedosos, e liberaes as necessidades do Convento *. El-Rei D. JOAÕ III., á imitaçaõ de seus Augustos Predecessores, conservou cordial affecto da sua protecçaõ a Varatojo, soccorrendo liberal as necessidades da Communidade. Mandou accrescentar o dormitorio do Convento, que veio devoto visitar, e pedir as oraçoens dos Religiosos, quando celebrou Côrtes em Torres Vedras. O mesmo tinha feito El-Rei D. MANOEL.

53 A Rainha D. CATHARINA mandou

---

* *Resend. Chr. c.* 135. *Hist. Seraph. tom.* 3. *n.* 525.

dou reformar de novo a Capella Mór, fazendo-a mais mageſtoſa, e ſoccorreo repetidas vezes as neceſſidades dos Religioſos. FILIPPE II. reinando em Portugal, quando ſe lhe pedio huma eſmola para Varatojo, a deo avultada, tanto que ſoube, que era Convento do Padroado Real. Donde todos os Monarchas de Portugal, depois da fundaçaõ de Varatojo, jámais deixáraõ de dar claras provas da ſua Real protecçaõ, piedade, e caridade para com eſte Convento, ſoccorrendo liberaes repetidas vezes as neceſſidades da Communidade. Eſtas demonſtraçoens da Real protecçaõ, caridade, e affecto a Varatojo, naõ diminuíraõ, mas antes creſcêraõ ainda mais nos Reaes Padroeiros, depois que o Convento com Breve Pontificio foi inſtituido Seminario para criaçaõ de Miſſionarios Apoſtolicos, como adiante ſe dirá. Nem tambem jámais permittíraõ os Reaes Padroeiros de Varatojo, que peſſoa alguma, naõ ſendo da Familia Real, ſe enterraſſe na Capella Mór, em conſideraçaõ de ſer o Convento do Real Padroado. Taõ zeloſos tem ſido ſempre deſta regalîa, que por deſcuido de hum Guardiaõ mandando-ſe ſepultar certa Fidalga na Capella Mór, lo-

go a Rainha D. CATHARINA, ſendo ſciente diſto, mandou, que ſe deſenterraſſe a Fidalga defunta, e que a ſepultaſſem em outro lugar.

## CAPITULO VII.

*Varoens illuſtres, que florecêraõ em Varatojo, antes que eſte Convento paſſaſſe a Seminario.*

54 QUando o territorio he fértil, e bem cultivado, coſtuma produzir fructos em abundancia em qualquer eſtaçaõ. Quando nas eſcholas ſe achaõ, e enſinaõ Meſtres habeis, zeloſos, e illuminados, coſtumaõ ſahir dellas diſcipulos egregios, ſe eſtes ſe conduzem pelo eſpirito, e doutrina daquelles. Adiante fallaremos, ainda que ſuccintamente, de alguns varoens illuſtres, que florecêraõ em Varatojo depois que o Convento paſſou para Seminario; agora ſó faremos memoria de alguns Religioſos, que reſplandecêraõ em virtudes, e exercitáraõ emprêgos honoríficos, quando o Convento ſe achava na ſujeiçaõ das ſantas Provincias de Portugal, e da dos Algarves. Podemos aqui dar o primeiro lugar ao

V. P. Fr. Joaõ da Póvoa, o qual posto que naõ morreo em Varatojo, tambem de alguma sorte pertence a este Convento. Nelle viveo algum tempo. Nelle moraria mais annos, se naõ estivesse occupado com os emprêgos da Provincia, com os negocios da mesma, e ainda do Estado por ordem dos Monarchas, que o veneravaõ, buscavaõ, e consultavaõ, como a oraculo do seu tempo. Foi verdadeiramente varaõ de grande espirito, zêlo, pobreza Evangelica, e singular observancia na maior perfeiçaõ da vida, e instituto Seráphico, de que deo claras provas no tempo de subdito, e de Prelado. Elle naõ menos que sete vezes teve o emprêgo, e cargo de Provincial a seus hombros. Elle visitava sempre a pé a Provincia, e tambem sempre a pé foi repetidas vezes a Capitulos Geraes. Elle sendo Vigario Provincial, foi o que trouxe de Alemquér Religiosos escolhidos para primeiros povoadores de Varatojo.

55 Era este servo de Deos taõ amador do retiro, e taõ inimigo de viver na Côrte, que no mesmo dia, que ouvia de confissaõ o Rei, se queria logo retirar do Paço, e tambem da Côrte, que considerava como car-

cere para ſeu eſpirito. Quando naõ tinha o emprêgo de Prelado, buſcava o retiro de algum Convento mais ſolitario, como Varatojo, que amava, como delicias do ſeu eſpirito, empregando o reſto do tempo, que lhe ficava dos exercicios da Communidade, e do Confeſſionario, em eſcrever as memorias da Ordem, e dos Frades, que morrêraõ em ſeu tempo. Viſitando elle o Moſteiro de S. Clara de Lisboa, que em ſeu tempo fôra reformado, jámais quiz comer dentro do Convento, nem acceitar couſa alguma das Freiras. Mas ſahindo-ſe para fóra do Moſteiro, ſe ſentava debaixo de huma arvore a comer o que o companheiro lhe trazia do Convento dos Frades, ſegundo o teſtemunho do Illuſtre Hiſtoriador D. Fr. Marcos de Lisboa, Biſpo do Porto *. E hum Eſcriptor eſtranho, fallando deſte memoravel Padre, diz aſſim « Era eſte Religioſo
» varaõ de merecimento, dotado de
» ſingular virtude, deſapegado intei-
» ramente do Mundo, cheio de ver-
» dadeira piedade, modeſto, deſen-
» tereſſado, e unicamente affeiçoado
» ao Rei, que o quiz exaltar ás pri-
» mei-

* *L.* 3. *cap.* 44.

„ meiras dignidades, e nunca quiz ac-
„ ceita-las * . „

56 Foi o V. P. Fr. Joaõ da Póvoa hum dos Teſtamenteiros, que deixou nomeados por ſua morte El-Rei D. Joaõ II., o qual muitos annos antes tinha feito eleiçaõ deſte illuſtre varaõ, e grande ſervo de Deos para ſeu Confeſſor. Querendo eſte cuidar ſériamente no grande negocio da propria ſalvaçaõ, e diſpôr-ſe para a indiſpenſavel jornada da eternidade, fugindo da Côrte, e de ſuas viſinhanças, ſe retirou para o Convento Recoléto da Conceiçaõ da ſanta Provincia de Portugal no lugar de Matozinhos, perto de duas legoas diſtante da Cidade do Porto. No meſmo Convento falleceo ſantamente, cheio de dias, de merecimento, e de virtudes. Em huma pedra metida na parede do clauſtro deſte Convento ſe lê hum epitáphio, que ſerve de glorioſa memoria aos oſſos deſte V. Padre, e illuſtre varaõ, recommendavel em todo o tempo pelas heroicas virtudes, que exercitou em toda a ſua vida. Ignora-ſe onde era no Reino a povoaçaõ, ou Freguezia da ſua naturalidade. Em razaõ

* *La Clede t. 7. p. 85.*

zaõ do appellido *Póvoa* , ha algum fundamento para crêr , que sería natural da Villa da Póvoa , meia legoa distante de Villa do Conde , e duas de Matozinhos , onde falleceo.

57 He digno de memoria o V. P. Fr. Joaõ de Abrantes , que foi morador no Convento de Varatojo , o qual ainda na avançada idade de mais de oitenta annos , com admiraçaõ de seus Irmaõs jejuava frequentemente a paõ , e agua ; passava sem dormir em oraçaõ muitas noites no côro recreado com celestiaes contemplaçoens , e transportes mentaes. Era parcissimo , e muito moderado nas cousas do seu uso , amante , e tenaz zelador da mais estreita pobreza , de caridade ardente , e de profunda humildade. Consummou este grande servo de Deos com santo fim a exemplar , virtuosa , e perfeita vida , que sempre teve na Religiaõ : presume-se , que falleceo pelos fins do seculo XV.

58 O V. P. Fr. André da Insua , assim chamado , porque tomára o habito , e professára a Regra de S. Francisco no Convento , ou Eremitorio da Insua no Minho : tendo concluido este servo de Deos os emprêgos de Ministro , e Commissario Geral da Or-

dem ,

dem, que dignamente occupára, zelando ſempre a obſervancia, diſciplina, e eſpirito primitivo da Religiaõ Seráphica, com o maior fervor ſe recolheo a Varatojo. Era de naſcimento humilde, mas de genio, e eſpirito nobre. Nos emprêgos de Prelado tinha exercicios de ſubdito. Sua modeſtia exterior provocava ſantidade a domeſticos, e a eſtranhos. Era veterano na Religiaõ com muitos annos de habito, e parecia noviço de poucos mezes no fervor, e recolhimento de eſpirito. Chegou por ſeus talentos, e virtudes eſte inſigne Portuguez, e grande luſtre da Religiaõ Seráphica aos primeiros emprêgos da Ordem. Tomou o ſanto habito da Ordem Seráphica no Convento mencionado da Inſua em Junho de 1521, e profeſſou o anno ſeguinte no meſmo Convento.

59 Fica eſte Convento da Inſua junto a Caminha do Minho. Eſcreveſe, que quando Fr. André em ſecular hia receber o habito áquelle Convento, lhe diſſera o barqueiro, que o paſſava no rio: Ora praza a Deos, que ainda eu te torne aqui a paſſar já Geral da Ordem de S. Franciſco. Aſſim ſuccedeo, pois chegando Fr. André a ſer Geral de toda a Ordem Se-

rá-

ráphica, o tornou alli a paſſar para a Inſua o meſmo barqueiro, a quem o Geral mandou dar hum veſtido, com que o barqueiro dalli por diante ſe hia confeſſar nos dias feſtivos, e aſſiſtir ás Prociſſoens no meſmo Convento da Inſua.

60 Vendo os Prelados da Ordem, que Fr. André tinha talentos, e aptidaõ, com que ſe podia aproveitar na Religiaõ, e illuſtra-la com ſuas letras, o mandáraõ no anno de 1530 eſtudar a Parîs, onde elle eſteve oito, ou nove annos fazendo vantajoſos progreſſos aſſim nas letras, como nas virtudes. Achando-ſe depois em Flandes no exercicio da prégaçaõ á naçaõ Heſpanhola, lhe mandou El-Rei de Portugal, que dalli trouxeſſe para o Reino dous ſujeitos eſcolhidos pelo Geral da Ordem, hum para viſitar como Commiſſario Geral a Provincia de Portugal, e a dos Algarves; outro para Meſtre dos Moços Fidalgos. Veio com effeito com Fr. André para Commiſſario em Portugal Fr. Joaõ Calvo, que entaõ ſe achava Commiſſario na Côrte de Roma; e para Meſtre dos Fidalgos, e Nobres veio Fr. Antonio Pinheiro, que depois foi tambem Meſtre do Principe, e valido de muita au-

authoridade com o mesmo Principe. Foi depois Fr. André como Custodio a Capitulo Geral celebrado em Mantua, no qual sahindo Geral da Ordem Fr. Joaõ Calvo, este que conhecia os talentos, virtudes, e letras de Fr. André, o mandou por Commissario á Provincia de Alemanha baixa.

61 Tendo Fr. André concluido felizmente a Commissaõ de Alemanha, voltou a Portugal, onde foi eleito Ministro Provincial da Provincia dos Algarves. Indo depois eleito Discreto a Capitulo Geral, que se celebrou em Assís no anno de 1547, nelle sahio canonicamente eleito Ministro Geral de toda a Ordem Seráphica. Sendo chamado pelo Papa ao Concilio Tridentino, voltou da jornada por causa das guerras, e segundo a ordem do mesmo Santo Padre. Depois de ter visitado toda a Ordem Seráphica a pé este grande Prelado, depois de ter assistido aos Capitulos em Italia, Roma, França, Alemanha, Napoles, e Hespanha, e depois de ter mandado sete Commissarios Visitadores, todos Portuguezes, a diversas Provincias de Castelia, se recolheo por algum espaço de tempo ao pequeno Convento da Insua, onde deixou escripto por sua

le-

letra a maior parte do que até aqui temos dito delle, concluindo elle mesmo assim « Esta memoria puz aqui, » por ser filho desta casa da Insua, e » para que saibaõ, que sendo eu servo sem proveito, e para taõ pouco, Nossa Senhora fez á mesma casa, e Reino honra, que della sahisse o primeiro Geral de toda a Ordem Portuguez. E praza á misericordia do mui Alto Senhor, que seja » para salvaçaõ da minha alma, que » sem isto pouco aproveitaõ as honras. Fui eleito Geral de idade de » 45 annos, e havia 26, que tinha o » habito. Por tudo isto ser verdade assignei, e puz aqui esta memoria para gloria de Nosso Senhor, e da » Bemaventurada sua Madre, e de » nosso P. S. Francisco, hoje 3 de » Agosto de 1552. *Frater Andréas* » *Insulanus, totius Ordinis Minorum* » *Generalis Minister* *. »

62 Tendo Fr. André concluido o seu Generalato, dando sempre nelle claras provas do seu zêlo, e fervor em promover, e sustentar a observancia inteira, e perfeiçaõ da Regra Evangelica de S. Francisco, foi a pezar da sua

* *Chron. da Prov. da Conc. tôm.* 1. *l.* 2. *c.* 33.

ſua humilde repugnancia eleito Commiſſario Geral da Familia Ceſmontana, emprêgo que lhe durou ſeis annos. Celebrando-ſe o ſeguinte Capitulo Geral em Aquila, depois de finalizadas as funçoens capitulares, ſe retirou a Portugal com ancioſos deſejos de entregar-ſe de todo á contemplaçaõ das couſas celeſtiaes. Neſta conſideraçaõ fez eleiçaõ do Convento de Varatojo, para neſte devoto retiro, e ſolidaõ á ſatisfaçaõ do ſeu eſpirito ſe dar mais a ſantos exercicios, oraçaõ, e penitencia. Quando vivia em Varatojo exemplariſſimamente, lhe ſuccedeo o ſeguinte caſo memoravel, que referem diverſas Chronicas. Appareceo a Fr. André da Inſua de noite em Varatojo hum defunto, que elle conhecêra muito bem em vida, o qual gemendo, e afflicto lhe diſſe « Sabe que » o juſto Juiz além do terrivel fogo » do Purgatorio, com que me tem » mandado atormentar, tambem me » tem condemnado com a pena de re- » zar hum anno inteiro as horas Ca- » nonicas pelos defeitos, que nellas » commetti rezando no côro. Peço- » te me aſſignes hum Frade deſte Con- » vento, que me ajude a rezar para » ſatisfazer eſta obrigaçaõ, e peniten-

» cia. »

„ cia. „ Determinou Fr. André a hum Religioſo de Varatojo de provada virtude, e ſingular paciencia para rezar com o defunto. Deſcia eſte ſanto Religioſo, que ſe chamava Fr. Antonio de S. Clara, todas as noites, depois de concluidas as Matinas no côro, ao Capitulo de Varatojo, trazendo luz, e breviario; e feito ſignal começava a rezar o Officio Divino, a que reſpondia a voz do defunto ſem ſer viſto. Aſſim alternadamente deſde Matinas até Completas ſatisfaziaõ com o preceito do Divino Officio clara, diſtincta, e devotamente. No fim do anno a voz do defunto, depois de agradecer áquelle Religioſo a caridade, e a paciencia, que tivera em acompanha-lo na recitaçaõ, lhe diſſe alegre, que eſtava já de todo livre das penas do Purgatorio, e que ſubia a gozar da eterna Gloria *.

63 Ainda que alguem com eſcrupuloſa, e demaſiada critica queira negar eſte caſo, naõ haverá Theologo Catholico que o tenha por impoſſivel, aſſim como nenhum Catholico póde negar, que a alma de Samuel depois de

* *Hiſt. Seráph. 3. P. l. 3. c. 16. Mon. do Semin. Anno 4. anno 1474.*

de morto fallou a Saul. Fr. André depois de ter aſſiſtido por algum tempo no retiro de Varatojo, que amava como delicias do ſeu eſpirito, paſſou para o Convento de Lisboa, onde experimentou a penſaõ dos juſtos, que he padecerem innocentes trabalhos, perſeguiçoens, e contradicçoens. Eſtas fizeraõ ao ſervo de Deos Fr. André mal acceito para com o Cardeal Infante D. HENRIQUE, que entaõ governava o Reino. Paſſando Fr. André da Inſua de Portugal a Caſtella, buſcou neſte Reino a companhia do Biſpo de Oſma, que na Ordem tinha ſido ſeu Secretario. Depois de viver algum tempo com eſte illuſtre, e exemplar Prelado, terminou a carreira de ſeus dias com morte precioſiſſima aos olhos do Mundo no anno de 1571. com cincoenta de habito *.

64 Tambem foi morador no Convento de Varatojo, ſegundo os monumentos, que ſe conſervaõ no Seminario, e Chronicas da Ordem Seraphica * *. O V. P. Fr. Nicoláo do Porto, o qual tendo ſervido com primoroſa ſatisfaçaõ o Officio de Guarda Da-

---

* *Chr. da Prov. da Conc. t. 1. l. 2. c. 33.*
** *Hiſt. Seráph. n. 532.*

Damas no Paço em tempo da Rainha D. CATHARINA, Mulher d'El-Rei D. JOAÕ III. Ainda que Nicoláo se via muito estimado da Côrte, e Paço, se resolveo fervoroso trocar todas as conveniencias, delicias, e liberdades do seculo pelo habito de S. Francisco, e pela vida austéra no retiro dos claustros de Varatojo; onde depois que tomou o habito, e professou a Regra do Seraphico Patriarcha, floreceo como tocha flamante naõ só na inteira observancia da Divina Lei, mas na perfeiçaõ da vida regular, e practica das virtudes. Taõ fervoroso era este servo de Deos, taõ promptual nos exercicios, e actos da Communidade, e taõ contínuo na oraçaõ, e côro, que quasi naõ tinha outra occupaçaõ em todo o tempo, que lhe restava livre das poucas horas do descanço corporal. No tracto da sua pessoa, e cella, era Fr. Nicoláo pobrissimo, e em tudo perfeito observante dos preceitos, e conselhos do Seraphico Patriarcha S. Francisco. Perseverava quasi toda a noite no côro em oraçaõ, e contemplaçaõ dos bens eternos, nos quaes trazia sempre enlevadas as potencias da alma com os lucros de grandes consolaçoens de espirito, e perennes favores, que recebia da misericordia do Senhor.

65 Era eſte ſervo de Deos exceſſivo nas penitencias, contínuo nas mortificaçoens exteriores, e interiores, extremoſo na caridade, de humildade profunda, de extremada pobreza, e muito ſingular na operaçaõ de todo o genero de virtudes. Quando os Religioſos buſcavaõ a Fr. Nicoláo, commummente o achavaõ de joelhos, e algumas vezes tranſportado, e ſuſpenſo no ar com os pés levantados. Vivia crucificado para o Mundo, e unido em eſpirito com Chriſto. Daqui lhe vinha grande mortificaçaõ, e tormento tiralo da oraçaõ para fallar com peſſoas ſeculares, principalmente mulheres, naõ havendo manifeſta cauſa, e neceſſidade. Elle tinha na ſua viva lembrança, que o retiro he metrópole do Eſpirito Santo, que o ſilencio Religioſo he fiel theſouro das riquezas da alma, e que a lingua loquaz he a que deſperdiça eſtas riquezas, e a que derrama, e deſtróe o bom, e ſuave cheiro das virtudes. Neſta conſideraçaõ ſe achava Fr. Nicoláo, quando ſoube lhe vinha fallar ſem neceſſidade huma Infanta de Portugal. Entaõ meſmo foi pedir de joelhos ao Guardiaõ, que o eſcuſaſſe de ir perder tempo com aquella viſita deſneceſſaria. Naõ ſendo

at-

attendida a ſua eſcuſa, mas antes obrigado elle pelo Prelado, que foſſe fallar á Infanta, obedeceo; mas chegando á preſença da Infanta chorando com os olhos em terra, lhe diſſe com ſeveridade religioſa: Que me quer, Senhora? Que pertende de mim? Longe de eſcandalizar a Infanta com reſpoſta taõ deſabrida, e taõ deſcortez, ſegundo o ceremonial dos filhos do ſeculo. Mas antes pelo contrario lembrando-ſe ella enternecida, de que Fr. Nicoláo naõ queria perder tempo, nem deixar de fallar com Deos para fallar ſem neceſſidade com a creatura, pedio ao Guardiaõ, que o deixaſſe retirar, e que a encommendaſſem ao Senhor. A vida inculpavel, e ſempre exemplar deſte fiel ſervo de Deos lhe mereceo huma morte precioſa, deixando grande fama de ſantidade.

66 Naõ ſó em Varatojo florecêraõ em virtudes, e ſantidade Religioſos ſubditos, e particulares; mas tambem Prelados do Convento, e Seminario. Antes mal poderiaõ os ſubditos ſerem bons, e ſantos, ſe os Prelados foſſem máos. Porque grandemente contribúe para a perfeiçaõ daquelles a virtude, e ſantidade delles. Farei aqui mençaõ honorifica, ainda que ſuccinta dos tres

pri-

primeiros Guardioens do Convento de Varatojo antes de erecto em Seminario, e juntamente do illustre P. Fr. Pedro Corrêa bem conhecido por seus preciosos escriptos, e tambem Guardiaõ no mesmo Convento. Deixo de escrever de outros, assim Prelados, como subditos, por falta de noticias verdadeiras. Ó quantas acçoens memoraveis, e gloriosas ficaõ sepultadas nas cinzas de eterno esquecimento por causa do descuido, e omissaõ de se naõ apontarem, e escreverem em tempo competente!

67 Fr. Alvaro de Alemquér, primeiro Guardiaõ de Varatojo por sua conducta sempre regrada, por sua vida sempre exemplar tanto em Prelado como em subdito, foi por domesticos, e estranhos, em quanto viveo, reputado, e venerado, como varaõ santo; e nesta opiniaõ terminou a carreira da sua vida com morte plácida no osculo do Senhor. Fr. Jorge de Sousa segundo Guardiaõ de Varatojo, procurou sempre neste, e em outros Conventos, em que foi Prelado, sustentar com todo o zêlo, e vigor a disciplina exacta da vida regular, a observancia inteira, e espirito primitivo da Ordem Seraphica. Fr. Jorge ainda que descen-

dente por hum, e outro lado de qualificada nobreza, elle na Religiaõ esquecido do seculo procurava occuparse nos exercicios mais humildes. Era este illustre varaõ, naõ só virtuoso, e de grande espirito, mas dotado de entendimento profundo, de juizo atilado, e de prudencia rara para emprêgos maiores, e excellente declamador Evangelico do seu tempo. Estas relevantes qualidades movêraõ ao Monarcha Portuguez eleger a Fr. Jorge para ir com Breve Pontificio reformar o Convento de S. Bernardino na Ilha da Madeira. Terminou em fim seus dias com morte de Religioso justo. Fr. Henrique de Leiria terceiro Guardiaõ de Varatojo foi de tanta authoridade, e merecimentos, que por elles era ao mesmo tempo Guardiaõ de Varatojo, e Commissario nacional de todos os Conventos da Observancia em Portugal por insinuaçaõ Regia, e designaçaõ do Reverendissimo Vigario Geral da familia Cismontana. Trocou a vida temporal pela eterna com morte exemplarissima. No fim do seculo decimo sexto, e principio do seculo decimo setimo floreceo em virtudes, e letras o insigne, e illustre varaõ Fr. Pedro Corrêa, que professou na santa Provincia

dos

dos Algarves, na qual foi memoravel declamador Evangelico, e tambem Guardiaõ de Varatojo, onde compoz a ſua obra *Triunfos Eccleſiaſticos*, que dedicou a ſeu Provincial dizendo na dedicatoria aſſim « Deos guarde a voſſa » Paternidade R.ma : Mata de Varatojo » em 6 de Setembro de 1617 ſubdi» to, e diſcipulo Fr. Pedro Corrêa. » Foi Deputado na Inquiſiçaõ de Evora; onde ſe imprimio hum Tractado do auto da Fé com o nome deſte ſervo de Deos no anno de 1629. Tambem compoz a admiravel obra *Conſpiraçaõ das virtudes contra os vicios*, que ſe deo ao prelo no anno de 1615, e ſe traduzio em diverſas linguas. Era natural da Villa de Moura do Alemtejo.

## CAPITULO VIII.

*Separa-ſe o Convento de Varatojo da Provincia de Xabregas para o novo Seminario de Miſſoens.*

68 DEos ſempre maravilhoſo em ſeus Divinos Decretos tudo ordena para Gloria ſua, e bem das creaturas. Elle pela ſua ſábia, e admiravel Provi-

dencia diſpoz, que em Italia houveſſe hum Convento da Porciuncula com immediata ſujeiçaõ unicamente ao Geral da Ordem Seraphica, para que neſte ſagrado retiro ſe conſervaſſe ſempre ſem alteraçaõ, nem relaxaçaõ a Regra Evangelica de S. Franciſco. Teve Portugal venturoſamente igual, ou ainda maior felicidade. Pois inſpirou o meſmo Senhor a hum fiel ſervo ſeu, que inſtituiſſe neſte Reino Seminario, ou Collegio para criaçaõ, e conſervaçaõ de Miſſionarios Apoſtolicos, a fim de que formando-ſe, e criando-ſe elles neſta caſa como em aula de perfeiçoens, e em Athenas celeſte, ſahindo della exercitados nas virtudes, e roborados no eſpirito, correſſem, e diſcorreſſem, como Anjos da paz, como nuvens abundantes, e como valentes guerreiros do Senhor por todas as Provincias, e colonias de Portugal a evangelizar o Reino dos Céos, e a paz de Deos aos homens, a prégar penitencia aos peccadores, fecundar coraçoens humanos com as aguas ſalutíferas, e puras da doutrina Evangelica, e fazer guerra implacavel aos vicios por meio de Miſſoens Apoſtolicas. Que proficuo, que intereſſante inſtituto eſte! Que admiravel invençaõ! Foi digno inſtrumen-

to

to deſta grande obra o V. P. Fr. Antonio das Chagas. Sim foi eſte illuſtre Portuguez, e varaõ de eſpirito, e zêlo verdadeiramente Evangelico, e Apoſtolico; o que teve a gloria de ſer o inſtituidor do Real Seminario de Varatojo, Primaz naõ ſó em Portugal, e Heſpanhas, mas em todo o orbe Seraphico, como ſe moſtrará no Capitulo ſeguinte.

69 Eſcolheo o V. P. o Convento de Varatojo entre todos os da ſanta Provincia dos Algarves, para Seminario, e caſa particular, onde ſe criaſſem, e inſtruiſſem homens Apoſtolicos, e Evangelicos no exercicio das ſantas Miſſoens, naõ ſó na conſideraçaõ de eſtar Varatojo em ſitio retirado, e ſer aſſás ſadío, ſenaõ tambem pela extremoſa caridade dos póvos viſinhos, e pela ſantidade, que o meſmo V. P. conheceo nos moradores deſte Convento. Para evitar o reparo, que poderá talvez haver em alguem de lhe parecer a minha penna encarecida, e ainda ſuſpeita deſcrevendo as bellezas do ſitio de Varatojo, copiarei aqui fielmente algumas paſſagens de Eſcriptores graves, que falláraõ deſte retiro. O illuſtre Chroniſta Fr. Fernando da Soledade, tractando da ſituaçaõ de

Va-

Varatojo diz « Em cuja estancia se pó-
» dem recrear com grandes allivios to-
» da a variedade de genios ; porque
» o devoto acha incitamento para a
» elevaçaõ do espirito ; o curioso ma-
» teria , em que divirta o cuidado ;
» o triste consolaçaõ , e perseverança ;
» o alegre . . . Naõ se conhece muito
» nesta paragem a differença dos tem-
» pos , Veraõ , e Inverno ; porque o
» Céo com grande benignidade tem-
» péra o clima de modo , que fazen-
» do brandos , e salutíferos os ares ,
» dá motivo , que a saude dos corpos
» sinta poucas vezes as oppressoens das
» enfermidades. » * E fallando em ou-
tra parte dos Religiosos deste Conven-
to , diz « Tal era a santidade , e e-
» xemplo de seus moradores , que rou-
» bavaõ a todos as vontades , acom-
» panhadas com desejos copiosos de
» os favorecer. Este era o principal
» motivo , e sempre perseverou esta
» casa em todos os tempos muito re-
» ligiosa , reformada , e taõ remota
» do commercio mundano , que em
» razaõ do seu recolhimento notavel ,
» e juntamente alludindo a varias pin-
» turas que tinha , lhe chamavaõ *car-*
» *ce-*

* *Hist. Seraph. part. 3. n. 509.*

„ *cere pintado.* Pelo que os Prelados
„ da Provincia, que traziaõ diante dos
„ olhos o temor de Deos, e a consi-
„ deraçaõ da conta que lhe haviaõ de
„ dar, desejando que os Noviços se
„ criassem de sorte, que fossem de-
„ pois Frades santos, foi esta huma
„ das casas, que escolhêraõ para no-
„ viciado „ *.

70 O insigne Jorge Cardoso, quando falla de Varatojo, diz « O lugar he
„ solitario, mas aprazivel, accommo-
„ dado á vida contemplativa, revestido de frescos arvoredos carregados
„ de bellos, e formosos pomos pela
„ abundancia de agua, que alli transborda... He casa de estudo, sus-
„ tenta quarenta Religiosos, os quaes
„ vivem com grande observancia. Á
„ qual se retirou por algum tempo o
„ Rei fundador, seguindo com rara
„ humildade a Communidade, usando
„ de murça parda... Por esta casa ser
„ de sitio sadío, e devoto se recolhê-
„ raõ a ella em diversos tempos gran-
„ des servos de Deos „ **.

71 O illustre Fr. Pedro Corrêa, bem conhecido por seus escriptos, diz
no

* *Hist. Seraph. part. 3. n. 52.*
** *Tom. 2. part.* 188.

no Prologo dos Triunfos Ecclesiasticos « El-Rei D. AFFONSO V., fundador do Mosteiro de Varatojo, escolheo o melhor sitio do Reino, alheio de commercio, e proprio para tractar com Deos; porque (em Varatojo) mata, Ermidas, aguas, plantas, flores, em fim tudo delle suspende o espirito das baixezas da terra. » O R. P. Godinho na vida do V. P. Chagas faz huma viva, e verdadeira pintura de Varatojo da maneira seguinte « O Convento de Varatojo, diz, foi fundado por El-Rei D. AFFONSO V. com Real liberalidade; toda merecia o sitio, que o naõ ha melhor para hum Convento, bons ares, Céo benigno, terreno fresco, aguas muitas, e saluíferas, que dispensadas em varios tanques, e registos daõ agrado aos olhos, prazer aos sentidos, enchem lagos, transbordaõ tanques, régaõ hortas, alimentaõ arvores, criaõ flores, e mataõ a sêde ás aves. Estas por agradecimento estaõ sempre provando as suas vozes naquelles pomares, e bosques: estes convidaõ com sua solidaõ á oraçaõ, e com seu retiro ao allivio, e desafogo do espirito. Religiosos de oraçaõ,

» e

" e de espirito houveraõ sempre naquel-
" le Convento. O mesmo Rei funda-
" dor viveo nelle dentro de clausura ;
" vestindo do mesmo panno, que os
" Religiosos, seguia a Communida-
" de, e com elles rezava no côro.
" Quarenta Religiosos eraõ a lotaçaõ
" do Convento, tido pelo melhor da
" Provincia ; porque se pelo retiro
" conduzia para o espirito, por ou-
" tras circumstancias naõ era de me-
" nor commodidade para o corpo. Ap-
" peteciaõ-no os doentes pelos seus
" bons ares, os estropeados do traba-
" lho de outros Conventos para o des-
" canço : nem para sustento dos seus
" era necessario trabalhar muito ; por-
" que á casa lhe trazia a caridade, e
" piedade Christã dos póvos visinhos
" as esmolas sem custo de pedi-las,
" e conduzi-las. Por esta razaõ havia
" tambem sempre em Varatojo hum
" curso de Filosofia, e huma geral
" aposentadoria para os velhos da Pro-
" vincia. . . Esta casa de Varatojo con-
" sideravaõ o V. P. Chagas, e seus
" companheiros ser-lhe mais a propo-
" sito para seus santos intentos, e a
" colheita de Missionarios ; assim por
" ser Convento de S. Antonio, como
" pelas conveniencias, que nella ti-

" nha,

„ nha, lugar ſadío, e freſco para con-
„ valeſcer, e finalmente Convento,
„ que os pudeſſe ſuſtentar ſem ordi-
„ naria, nem couſa alguma certa, nem
„ eſmola annual, ou de Miſſas, ha-
„ bitos, e Sermoens. O que tudo ſe
„ achava no Convento de Varatojo,
„ e convinha ſe achaſſe em huma ca-
„ ſa, que para os Miſſionarios era to-
„ da huma Provincia *. „ Ora deſtes
elogios a reſpeito de Varatojo, em meu
conceito nada encarecidos, bem ſe moſ-
tra, que foi acertada a eleiçaõ, que
o V. P. Fr. Antonio das Chagas fez
deſta caſa para ſeu Seminario de Miſ-
ſoens Apoſtolicas.

72 Elle viveo neſta caſa ainda,
quando ella ſe achava na ſujeiçaõ da
Provincia. Della ſahia a fazer Miſſaõ,
nella morreo; e nella deſcançaõ ſuas
cinzas veneraveis. Foi unicamente a
Gloria de Deos, e o zêlo da ſalva-
çaõ das almas, quem moveo ao V.
P. a inſtituir eſte Seminario, a fim de
que foſſe, e ſerviſſe de eſcola de bons
coſtumes, aula de perfeiçoens, caſa de
oraçaõ, e recolhimento eſpiritual, e
juntamente Collegio de eſtudos ſagra-
dos, para nelle ſe aprender, e practi-
car

* *Cap.* 20.

car a verdadeira ſciencia, e methodo de pregar Apoſtolicamente ſegundo o eſpirito do Evangelho, e a viver confórme a mais pura obſervancia da Regra de S. Franciſco. Quiz, que Varatojo ſerviſſe de candieiro reſplandecente, em que a luminoſa tocha da Fé Catholica ſempre alli reſplandeceſſe, e ſempre ardeſſe diante do Throno de Deos, e da Santiſſima Virgem. E tambem quiz, que Varatojo ſerviſſe como de propiciatorio, pelo qual o Supremo Juiz temperando ſuas iras perdoaſſe propicio as offenſas feitas a Divina Mageſtade em outras partes pelos obſequios, louvores, e Sacrificios, que neſta caſa ſe tributaſſem perennemente á meſma Suprema Mageſtade. Quiz, que criando-ſe neſta caſa, e eſcola Evangelica operarios Apoſtolicos, elles ſahiſſem zeloſos a allumiar com a tocha da doutrina Evangelica os que vivem cégos nas trévas do peccado, e infidelidade. Quiz, que os Miſſionarios aprendeſſem primeiro em Varatojo a exercitar virtudes, e obrar bem para depois em público ſaberem bem enſinar á imitaçaõ do Divino Meſtre, que primeiro começou a obrar, e depois a enſinar, como diz o Evangelho. Quiz, que exercitados elles dentro dos clauſ-
tros

tros na caridade fraternal ſahindo a prégar ſoubeſſem atear eſte ſagrado fogo nos coraçoens dos mundanos. Quiz finalmente, que enſaiando-ſe dentro de Varatojo os ſeus alumnos a mortificar as proprias paixoens, o amor proprio, o homem inimigo, o forte armado, aſſim já acoſtumados a eſtes triunfos domeſticos, quando depois ſahiſſem, e appareceſſem no ſeculo roborados no eſpirito, entaõ como valentes guerreiros do Senhor dos Exercitos, e Deos das batalhas, pudeſſem auxiliados com o braço inviſivel do meſmo Senhor combater, vencer, e triunfar glorioſamente do podêr das trévas, e de todo o Inferno.

73 Eſtes ardentes deſejos, e pios ſentimentos communicou o V. P. Fr. Antonio das Chagas ao R.mo P. Fr. Jozé Ximenes Samaniego Miniſtro Geral de toda a Ordem dos Menores, quando por occaſiaõ de viſita ſe encontrou com elle no Convento da Caſtanheira em Portugal. E juntamente lembrou ao meſmo R.mo P. Geral, que o Convento de Varatojo entre todas as caſas da Provincia tinha as melhores commodidades para Seminario, tanto pela belleza do retiro em que eſtava ſituado, como pela abundancia

dos

dos generos da primeira neceſſidade, que havia em ſuas viſinhanças, e grande caridade daquelles póvos em ſoccorrerem devotos, e liberaes as neceſſidades da Communidade. Agradou-ſe muito o dito R.mo P. Geral do grande, e Apoſtolico zêlo do V. P. Fr. Antonio das Chagas. Naõ ſó concedeo ao meſmo V. P. o Convento de Varátojo para Seminario em huma Patente aſſignada, e ſellada pelo meſmo R.mo P. Geral, mas elle meſmo ſe offereceo proteger em Roma efficazmente os ſantos intentos da erecçaõ do novo Seminario, a fim de que Sua Santidade por Letras Apoſtolicas, e Breve Pontificio roboraſſe eſta ſeparaçaõ do Convento de Varatojo da ſujeiçaõ, e obediencia da Provincia dos Algarves, e confirmaſſe o novo erecto Seminario no mencionado Convento.

74 Com effeito concedeo o Santiſſimo P. INNOCENCIO XI. a graça que ſe lhe pedio, em hum Breve paſſado em Roma a 23 de Novembro de 1679. que começa: *Ex injuncti nobis divinitùs.* No qual Breve depois do Santiſſimo P. ter confirmado os Eſtatutos municipaes, e regulamento para o novo Seminario, e a ſeparaçaõ delle da Provincia dos Algarves, accreſcenta o

ſe-

ſeguinte: « De mais diſto concedemos,
» e aſſignamos ao meſmo Fr. Antonio,
» e aos ditos ſeus companheiros Miſ-
» ſionarios o Convento de S. Antonio
» de Varatojo para os fins, e effeitos
» expreſſados nas meſmas Letras Paten-
» tes com as determinaçoens nellas
» conteúdas, ordenando, que as pre-
» ſentes Letras ſempre ſeraõ valioſas,
» firmes, e efficazes, e ſortiraõ ſeus
» plenarios effeitos, e em tudo, e por
» tudo as favoreceraõ pleniſſimamente
» aquelles a quem ſe dirigem de pre-
» ſente, e pelo tempo adiante.» Con-
ſerva-ſe eſte Breve no Archivo de Va-
ratojo.

## CAPITULO IX.

*Execuçaõ do Breve Pontificio da fundaçaõ do Real Seminario de Varatojo; ſua poſſe, e primeiras reſoluçoens, que ſe tomáraõ no meſmo novo Seminario.*

75 A Chava-ſe o V. P. Fr. Antonio das Chagas na Villa de Santarem em Miſſaõ, quando lhe chegou de Roma o Breve Pontificio, e logo depois do Beneplacito Regio partio no mez de Fe-
ve-

vereiro de 1680 para a Côrte, donde levando hum Notario Apostolico foi ao Convento de S. Francisco de Xabregas Casa Capitular da santa Provincia dos Algarves a 2 do mez de Março de 1680, a fim de apresentar o mesmo Breve ao Reverendo P. Provincial, e mais Padres do governo daquella santa Provincia, notificando-os para a execuçaõ do dito Breve. O que com effeito se fez sem contradiçaõ, resistencia, repugnancia, embaraço, ou impedimento algum, que pusesse o Reverendo P. Provincial da parte da sua Provincia á execuçaõ do Breve Pontificio, nem os Padres da Provincia. Como consta da certidaõ do Notario, e da Patente do Reverendo P. Provincial, cujas cópias saõ as seguintes:

*Certidaõ do Notario Apostolico.*

76 « Certifico eu Bento Borges » Guimaraens *Apostolicâ auctoritate* » Notario dos approvados pelo Ordi- » nario desta Côrte, e Cidade de Lis- » boa na fórma do Sagrado Concilio » Tridentino, &c. Em como hoje, » que se contaõ 2 de Março deste pre- » sente anno de 1680 a requerimen- » to do R. P. Fr. Antonio das Cha-

» gas

„ gas fui ao Convento de S. Francif-
„ co de Xabregas *extra muros* defta
„ mefma Cidade, e ahi na cella do
„ R. P. Provincial da dita Provincia
„ de Xabregas foraõ chamados os Re-
„ verendos Padres abaixo menciona-
„ dos, a faber: o R. P. M. Fr. An-
„ tonio dos Archanjos, Padre mais di-
„ gno da mefma Provincia: o R. P.
„ M. Fr. Balthafar dos Reis, Cufto-
„ dio actual, e Padre da Provincia:
„ o P. M. Fr. Joaõ dos Prazeres, Pa-
„ dre immediato: o P. Fr. Luís de
„ Soufa Calhariz, Definidor actual:
„ o P. M. Fr. Diogo Caldeira, Pa-
„ dre da Provincia. E em prefença dos
„ ditos Padres congregados em Mefa
„ de definiçaõ, o dito P. Fr. Anto-
„ nio das Chagas me deo o traslado
„ authentico de hum Breve do Sum-
„ mo Pontifice confirmatorio de huma
„ Patente do P. Geral da dita familia
„ Francifcana, o qual traslado li aos
„ ditos Padres de *verbo ad verbum*. E
„ depois delle affim lido o dito P. Pro-
„ vincial pedio aos fobreditos Padres
„ o feu parecer, e por elles foi ref-
„ pondido, que acceitavaõ, e obede-
„ ciaõ ao dito Breve, e Patente do
„ R.mo P. Geral nelle inferta: e que
„ era grande credito daquella Provin-
„ cia

„ cia ter ſujeitos de taõ grande eſpi-
„ rito ; e que por tanto lhes parecia
„ muito juſto , que elle P. Provincial
„ déſſe ao dito R. P. Fr. Antonio das
„ Chagas , huma Patente de ſua obe-
„ diencia , em como conſtaſſe aos Re-
„ ligioſos , que de ſua boa , e livre
„ vontade obedecia ao Breve de Sua
„ Santidade , e mandatos do R.mo P.
„ Geral. A qual ſe paſſou com effei-
„ to para que os Religioſos morado-
„ res no Convento de S. Antonio de
„ Varatojo aſſignado , e concedido pe-
„ lo dito P. Geral ao ſobredito P. Fr.
„ Antonio das Chagas juntamente com
„ o Guardiaõ do dito Convento , o
„ largaſſem ao dito R. P. Fr. Anto-
„ nio das Chagas , e a ſeus compa-
„ nheiros Miſſionarios para o effeito
„ declarado na Patente inſerta no Bre-
„ ve dito. Do que tudo faço fé paſ-
„ ſar na verdade , e por eſta me ſer
„ pedida pelo dito R. P. Fr. Antonio
„ das Chagas , a paſſei fielmente , e
„ me aſſignei de meu ſignal razo. Lis-
„ boa dito dia , mez , e anno *ut ſu-*
„ *pra.* Bento Borges Guimaraens. „

77 Patente do R. P. Provincial dos Algarves aos Religioſos do Convento de Varatojo para lhes deſignar outro Convento.

« Fr. Bento de S. Thomás, Lei-
,, tor Jubilado, Miniſtro Provincial,
,, e ſervo dos Frades Menores da Re-
,, gular obſervancia de noſſo Seraphi-
,, co P. S. Franciſco em a Provincia
,, dos Algarves, &c. A todos os Re-
,, ligioſos do noſſo Convento de S.
,, Antonio de Varatojo ſaude, e paz
,, em o Senhor. Por quanto por par-
,, te do R. P. Fr. Antonio das Cha-
,, gas, ou elle meſmo nos entregou
,, hum Breve de Sua Santidade com
,, huma Patente incluſa do R.$^{mo}$ P. Ge-
,, ral, pela qual ordena, e determi-
,, na, que o Convento de S. Antonio
,, de Varatojo ſe inſtituiſſe, como de
,, facto ſe inſtituio, Collegio, e Se-
,, minario para a criaçaõ, e conſerva-
,, çaõ dos Miſſionarios, attendendo ao
,, fructo que o R. P. Fr. Antonio das
,, Chagas, e ſeus companheiros filhos
,, deſta noſſa Provincia dos Algarves
,, fizeraõ em todo eſte Reino de Por-
,, tugal.

,, E por quanto nós como filhos
,, obedientes da Igreja, e ſubditos da
,, Religiaõ, queremos obedecer, e de
,, facto obedecemos a noſſo Senhor o
,, Papa, e ao R.$^{mo}$ P. Geral, pela pre-
,, ſente fazemos ſaber a todas voſſas
,, Reverencias a noſſa obediencia, e

,, pa-

» para obſervancia do dito Breve, e
» Patente mandamos a todas voſſas Re-
» verencias que aquelle, ou aquelles
» de qualquer qualidade que ſejaõ,
» que naõ tenhaõ eſpirito de Miſſio-
» narios, ou naõ ſejaõ admittidos pe-
» lo R. P. Fr. Antonio das Chagas,
» e mais adjunctos na fórma da Paten-
» te, recorra a nós, e em noſſa auſen-
» cia ao R. P. Guardiaõ de Xabregas
» noſſo Delegado, para que os accom-
» modemos nas caſas, ou Conventos,
» onde nos parecer conveniente; e pe-
» dimos, e requeremos aos ditos Pa-
» dres que ficarem por Miſſionarios no
» dito Convento, façaõ muito, por-
» que ſurte o effeito, que o R.mo P.
» Geral encommenda, e nós eſpera-
» mos confiados na bondade Divina.

» E porque ſe naõ preſuma, que
» póde eſta ſeparaçaõ ſer cauſa de deſ-
» compôr a fraternidade, com que até
» agora ſe tractavaõ aſſim o R. P. Fr.
» Antonio das Chagas, e ſeus compa-
» nheiros, como todos os mais Reli-
» gioſos deſta Provincia, e tambem de
» coeternar, e conſervar as Miſſoens
» neſte Reino pelo grande fructo que
» nelle tem feito, aſſim na melhóra
» das conſciencias, e reformaçaõ dos
» coſtumes, como em credito da Reli-

,, giaõ, em particular desta Provincia
,, dos Algarves. Em signal deste ajus-
,, te o dito R. P. Fr. Antonio das Cha-
,, gas prometteo que cada hum Reli-
,, gioso do dito Convento de Varato-
,, jo diria huma Missa, e Officio por
,, qualquer Religioso desta nossa Pro-
,, vincia, e na dita Provincia se cele-
,, brasse do mesmo modo, como se
,, costuma celebrar pelos mais *. Da-
,, da em este nosso Convento de S.
,, Maria de Jesus de Xabregas, em 3
,, de Março de 1680, sub nosso si-
,, gnal, e sello maior do nosso offi-
,, cio. Fr. Bento de S. Thomás, Mi-
,, nistro Provincial.,, Jámais se per-
deo, nem perderá a mutua confrater-
nidade dos Religiosos de Varatojo com
a santa Provincia dos Algarves, nem
os filhos da mesma Provincia com os
filhos do Seminario de Varatojo, mas
o esquecimento, que tem havido na
Provincia, de quando morre algum
Religioso em dar parte a Varatojo,
tem sido causa de se naõ continuar no
devoto ajuste, que fizera o V. P. Cha-
gas com o R. P. Provincial para se di-
zer mutuamente Missa, e Officio de-
pois

* *A promessa da Missa naõ se effeituou.*

pois da morte de algum Religioſo, ou da Provincia, ou do Semenario.

78 Recorreo logo o V. P. Fr. Antonio das Chagas ao Illuſtriſſimo Arcebiſpo de Lisboa, para que lhe mandaſſe entregar judicialmente o Convento de Varatojo na fórma do Breve Pontificio, e Patente do Geral da Ordem incluſa no Breve, fazendo a petiçaõ ſeguinte « Illuſtriſſimo Senhor,
» Dizem o P. Fr. Antonio das Cha-
» gas, e os mais Miſſionarios ſeus
» companheiros, que V. Illuſtriſſima
» acceitou o Breve, que da Sé Apoſ-
» tolica ſe lhes paſſou, pelo qual ſe
» lhes aſſignou o Convento de S. An-
» tonio de Varatojo para ſua habita-
» çaõ, ſeparando-o da Provincia dos
» Algarves. E apreſentando-ſe o dito
» Breve por hum Notario ao P. Pro-
» vincial, e mais Padres da Provincia
» do ſobredito no Convento de Xa-
» bregas deſta Cidade, elles declará-
» raõ, que o acceitavaõ, e eſtimavaõ,
» e que eſtavaõ pela determinaçaõ do
» R.mo P. Geral confirmada por Sua
» Santidade, como conſta da certidaõ
» junta, e em virtude deſte conſenti-
» mento ſe paſſou a Patente, que of-
» ferecem, pelo P. Provincial da dita
» Provincia, em que ordena aos Pa-
» dres,

» dres, que eſtiverem no dito Con-
» vento de Varatojo, dêm cumpri-
» mento ao dito Breve, e na fórma
» delle recorraõ á ſua obediencia pa-
» ra lhe aſſignar caſa; e porque para
» ſe fazer entrega, e auto della he
» neceſſario Official de Juſtiça, e na
» Villa de Torres Vedras, por eſcu-
» ſarem levar Notario da Cidade, ha
» Vigario da Vara com Eſcrivaõ de
» ſeu cargo, que podem fazer eſta
» diligencia por commiſſaõ de V. Il-
» luſtriſſima: Pedem lhes faça V. Illuſ-
» triſſima mercê mandar paſſar com-
» miſſaõ, para que o Vigario da Vara
» com o Eſcrivaõ do ſeu cargo, ou
» outro Notario lhes vaõ dar a dita
» entrega, e que do acto deſta lhes
» paſſem as certidoens neceſſarias. E
» R. M.ce Paſſe, como pedem. Lisboa
» 7 de Março de 1680. Luís Arce-
» biſpo, Capellaõ Mór. »

79 Proviſaõ do Arcebiſpo de Lisboa para o V. P. Fr. Antonio das Chagas, e ſeus companheiros tomarem poſſe juridicamente do Convento de Varatojo para Seminario. « Luís de
» Souza por mercê de Deos, e da
» Santa Sé Apoſtolica, Metropolitano
» Arcebiſpo de Lisboa, Capellaõ Mór
» do Principe Noſſo Senhor, e do ſeu
» Con-

„ Conselho de Estado, &c. Manda-
„ mos ao Vigario da Vara da Villa
„ de Torres Vedras, que vista esta
„ nossa Provisaõ, com o Escrivaõ do
„ seu cargo dêm posse aos supplican-
„ tes o P. Fr. Antonio das Chagas,
„ e mais Missionarios, seus compa-
„ nheiros, do Convento de S. Anto-
„ nio de Varatojo na fórma do Bre-
„ ve de Sua Santidade, e como em
„ sua petiçaõ pedem, de que se fa-
„ raõ os autos necessarios. Dada em
„ Lisboa sob nosso signal, e sello aos
„ 7 de Março de 1680. Domingos
„ Alverez de Andrade, Escrivaõ da
„ Camara Archiepiscopal a escrevi.
„ = Luís Arcebispo de Lisboa, Capel-
„ laõ Mór. Lugar ✠ do sello = Feo =
„ Provisaõ, porque V. Illustrissima
„ manda dar ao P. Fr. Antonio das
„ Chagas o Convento de S. Antonio
„ de Varatojo na fórma do Breve de
„ Sua Santidade, como acima se de-
„ clara. Para V. Illustrissima vêr = gra-
„ tis, Brito. = Registada, Soares. „

Com esta Provisaõ partio da Côr-
te o V. P. Fr. Antonio das Chagas
junto, e acompanhado de alguns Mis-
sionarios, que entaõ trazia comsigo,
e veio a Varatojo tomar posse do Con-
vento. Para cujo effeito appareceo lo-
go

go em Varatojo o R. Vigario da Vara de Torres Vedras com o Escrivaõ do seu cargo aos 11 de Março de 1680, dia em que se rezava transferida a Festa de S. Coléta, insigne Reformadora da segunda Ordem de S. Francisco. Fez-se a entrega do Convento na fórma, que declara o auto della, que se segue, tendo entaõ o V. P. Fr. Antonio das Chagas comsigo só doze companheiros, que estavaõ já resolutos a segui-lo. Tanto o número destes doze companheiros, como tambem por ser o dia da entrega do Convento, quando se rezava de huma Reformadora da Ordem Seráphica, ainda que foi acaso, naõ parece que carece de mysterio. A saber a reforma que éstes doze varoens Evangelicos, quaes outros doze Apostolos, fariaõ em Portugal com suas Missoens.

80 *Auto da posse do Convento de Varatojo.* « No anno do Nascimento » de Nosso Senhor Jesu Christo de » 1680, aos 11 dias do mez de Mar» ço do dito anno, neste Convento » de S. Antonio de Varatojo, aonde » veio o Licenciado Joaõ Pinto, Vi» gario da Vara, comigo Escrivaõ do » Ecclesiastico, e sendo ahi na casa » do Capitulo do dito Convento jun-

» ta

» ta a Communidade ao ſom de cam-
» pa tangida na fórma do ſeu antigo
» coſtume, preſidindo nella o R. P.
» Fr. Antonio de S. Bento, Guardiaõ
» da meſma Caſa, lhe foi intimado
» o Breve de Sua Santidade, de que
» a Proviſaõ retro do Illuſtriſſimo Se-
» nhor Arcebiſpo faz mençaõ. E de-
» pois de lido de *verbo ad verbum* na
» preſença da meſma Communidade
» juntamente com huma Patente do
» M. R. P. M. Fr. Bento de S. Tho-
» más, Provincial da Provincia dos
» Algarves, em que ordenava a todos
» os Religioſos, e Guardiaõ deſte
» meſmo Convento guardaſſem o dito
» Breve de Sua Santidade, e em exe-
» cuçaõ delle fizeſſem logo deixaçaõ do
» meſmo Convento ao M. R. P. Fr.
» Antonio das Chagas, e mais Padres
» Miſſionarios ſeus companheiros. »

« E ſendo a tudo ſatisfeito logo
» o dito P. Guardiaõ em preſença de
» toda a Communidade, e do R. Vi-
» gario da Vara, e de mim Eſcrivaõ
» ſem contradicçaõ de peſſoa alguma
» fez a dita deixaçaõ, entregando ao
» dito R. P. Fr. Antonio das Chagas
» o ſello, e chaves do Convento,
» deſiſtindo nas ſuas maõs de toda,
» e qualquer juriſdicçaõ, que como
» Pre-

„ Prelado do mesmo Convento nelle
„ tenha: De que tudo dou fé passar
„ na verdade, e fiz este auto, que
„ aqui assignáraõ, e eu Joaõ Nunes
„ d'Affonceca Escrivaõ o escrevi.
„ = Joaõ Pinto = Fr. Antonio das
„ Chagas = Fr. Antonio de S. Ben-
„ to = Fr. Joaõ da Assumpçaõ Viga-
„ rio do côro = Fr. Francisco de S.
„ Joaõ = Fr Manoel da Ajuda = Fr.
„ Manoel de S. Boaventura. = „ Feita a entrega do Convento, logo o V. P. Fr. Antonio das Chagas no mesmo dia do mez, e anno convocou a Capitulo seus companheiros Missionarios, que se celebrou na casa da livraria do mesmo Convento. Propoz o V. P. neste Capitulo, que era necessario fazer eleiçaõ de hum Presidente, que governasse o novo Seminario, em quanto naõ houvesse Guardiaõ eleito, e dado na fórma do Breve de Sua Santidade. Fez-se a eleiçaõ do primeiro Presidente do Seminario, que consta do termo seguinte.

81 Aos 11 dias do mez de Março de 1680 neste Convento de S. Antonio de Varatojo na casa da livraria do mesmo Convento na presença do R. P. Fr. Antonio das Chagas se procedeo á eleiçaõ do Presidente, que governasse

se este mesmo Convento já Seminario, em quanto o Reverendissimo P. Geral naõ nomeava, e confirmava Guardiaõ delle na fórma do Breve Apostolico da nova erecçaõ deste Seminario, e votando os Religiosos Missionarios em votos secretos em escripto sahio canonicamente eleito com pluralidade de votos o R. P. Fr. Antonio de S. Bento hum dos mesmos Missionarios, e que tinha até esse tempo sido Guardiaõ do Convento perto de tres annos. Logo o V. P. Fr. Antonio das Chagas lhe entregou o sello, e chaves do Seminario, de que se fez termo, que assignou o novo eleito Presidente « o V. P. Fr. Antonio das Chagas, Fr. Joaõ da Assumpçaõ, e Fr. Jozé de S. Maria, Escrutadores, e Fr. Manoel da Conceiçaõ Secretario, que foi nesta eleiçaõ, na qual presidio o V. P. Fr. Antonio das Chagas na casa Capitular. »

82 Governou Fr. Antonio de S. Bento, como Presidente, o Seminario até 13 de Junho do mesmo anno, no qual dia chegou Patente da eleiçaõ, e confirmaçaõ do primeiro Guardiaõ do Seminario, que foi Fr. Antonio de Coimbra, que no mesmo dia de S. Antonio, em que chegou a Patente do Re-

ve-

verendiſſimo P. Geral, neſſe meſmo começou a exercitar o ſeu emprego, logo depois do acto da poſſe do Convento, que ſe deo ao V. P. Fr. Antonio das Chagas, e a ſeus companheiros, elles todos congregados como em novo Collegio Apoſtolico, invocando o Eſpirito Santo propuſérañ fervoroſos em Nome do Senhor obſervar com a ſua graça o que ordenava o Breve da fundaçañ do Seminario, e a mais eſtreita pobreza, fundamento, e baſe ſólida dos Frades Menores, e tudo o que mandou o Seráphico P. S. Franciſco na ſua Regra Evangelica, entendida literalmente com todo o fervor, ſem jamais admittir nella relaxaçañ, reſtituindo, e reſuſcitando aſſim em Varatojo a obſervancia, e eſpirito primitivo da Ordem Seráphica. Fizerañ-ſe Actas para o regimen do novo Seminario, as quaes depois de ſerem propoſtas á Communidade, e adoptadas pela meſma, lhe ſerviſſem como de Leis fundamentaes, e municipaes. O Guardiañ tem authoridade para acceitar Noviços, e governo no Seminario de alguma ſorte, como hum Provincial em ſua Provincia.

83 Reſolveo-ſe que ſe nañ prégaſſe, nem celebraſſe Miſſa por eſmola pe-

pecuniaria. Determinaraõ-ſe outras couſas tendentes todas á vida Apoſtolica, e Evangelica, que os Alumnos do Seminario de Varatojo dentro, e fóra delle deviaõ ſempre obſervar. Aſſim o propuſéraõ, e aſſim o cumpríraõ. Correſpondêraõ as obras aos deſejos. Quiz o Senhor D. PEDRO, Regente, e Governador do Reino, eſtabelecer Ordinaria de eſmola annual, eſtavel, e permanente ao novo Seminario em conſideraçaõ da grande utilidade, que reſultaria á Igreja, e ao eſtado de huma inſtituiçaõ, que naõ tinha outros fundos, que a Providencia Divina, attendendo, que ſeus Alumnos nem por Miſſa, nem por Sermaõ queriaõ por recompenſa temporal, nem eſmola pecuniaria. Porém naõ ſe acceitou ao generoſo, e piedoſo Principe eſta offerta da Ordinaria. Pois congregando-ſe todos os Miſſionarios em 29 de Maio do meſmo anno de 1680, e recommendando-lhes o V. P. Fr. Antonio das Chagas, que cada hum por ſua antiguidade votaſſe ſegundo Deos, o que convinha neſte caſo, todos foraõ do meſmo parecer do V. P., porque todos tinhaõ o meſmo eſpirito, todos deſejavaõ viver Apoſtolicamente, e por iſſo votáraõ todos concorde, e unanime-

memente, dizendo, que naõ convinha acceitar a dita eſmola por modo de Ordinaria annual em attençaõ á vida Apoſtolica, e á maior perfeiçaõ da pobreza de eſpirito, ſegundo a Regra Evangelica de S. Franciſco, que com a graça do Senhor intentavaõ guardar ſempre no Seminario. Em teſtemunho deſta fervoroſa, e Apoſtolica reſoluçaõ ſe aſſignáraõ todos pela ordem ſeguinte = Fr. Antonio das Chagas = Fr. Luís de S. Ignacio = Fr. Antonio de Coimbra = Fr. Manoel Carreiro = Fr. Manoel de Coimbra = Fr. Joaõ da Aſſumpçaõ = Fr. Lourenço da Purificaçaõ = Fr. Manoel do Sepulchro = Fr. Manoel da Conceiçaõ = Fr. Antonio de S. Bento = Fr. Luís de S. Franciſco = Fr. Manoel das Entradas = Fr. Jozé de S. Maria = Fr. Franciſco de S. Joaõ = Fr. Manoel de Jeſus Maria = Fr. Domingos dos Prazeres. = Depois deſta reſoluçaõ eſcreveo o V. P. Fr. Antonio das Chagas a carta, que vai no Capitulo ſeguinte.

CA-

## CAPITULO X.

*Favores que fez o Senhor Rei D. Pedro II. ao Seminario de Varatojo, e cópia da carta, que o V. P. Fr. Antonio das Chagas escreveo ao mesmo Principe, expondo-lhe a razaõ de naõ acceitar a Communidade de Varatojo a Ordinaria, que se lhe offereceo.*

84 O Senhor Rei D. PEDRO II. deo sempre claras provas da sua piedade, e affecto a Varatojo; pois em quanto viveo, protegeo, e favoreceo sempre singularmente ao Seminario, soccorrendo com maõ larga as suas necessidades. Na mesma Côrte quiz perpetuar hum monumento da sua generosidade, e piedade Real para com Varatojo. Pois em pouca distancia do seu Palacio fundou hum Hospicio para nelle se recolherem os Missionarios de Varatojo, quando se achassem em Lisboa. Fallaremos adiante com mais individuaçaõ deste Hospicio, como tambem do Seminario de Brancanes, quando estava sujeito a Varatojo, para cuja fundaçaõ este Monarcha concorreo

com

com mais de sessenta mil cruzados. Tinha este Monarcha tal affecto, e veneraçaõ aos Missionarios de Varatojo, que sempre os desejava ter na sua companhia. Assim se vio na occasiaõ, que acompanhou até aos fins de Portugal ao Archiduque CARLOS na guerra, que hia fazer aos Hespanhoes. Levou entaõ El-Rei D. PEDRO comsigo quatro Missionarios de Varatojo no anno de 1704, e queria que o Hospicio dos Missionarios ficasse junto á sua Real Camara, a fim de ter melhor opportunidade de communicar com elles, e soccorre-los mais promptamente em suas necessidades religiosas. O mesmo generoso, e piedoso Monarcha, além de frequentes, e repetidas esmolas, com que soccorria as necessidades do Seminario, lhe quiz estabelecer huma Ordinaria annual certa de trezentos e vinte e cinco mil reis. Porém naõ se lhe acceitou em consideraçaõ de julgar o V. P. Fr. Antonio das Chagas com seus companheiros, que esta esmola, ainda que do Real Padroeiro do Convento, sendo certa annualmente, se poderia de alguma sorte oppôr á maior perfeiçaõ da pobreza Evangelica, e vida Apostolica, que intentavaõ guardar sempre no Seminario de Varatojo,

fa-

fazendo como verdadeiros, e legitimos filhos do grande Patriarcha dos pobres Evangelicos S. Francisco, por renovar o espirito, observancia, e fervor primitivo da sua Ordem. Tudo consta da carta, que o V. P. Fr. Antonio das Chagas escreveo ao Principe Regente do Reino. A cópia da carta he a seguinte « Senhor, prostrados » aos pés de Vossa Alteza, eu, e todos » estes Religiosos beijamos a maõ » a Vossa Alteza pela grande esmola, » e mercê, que nos tem feito, além » do Real patrocinio, que em todas » as occasioens temos experimentado » de Vossa Alteza. Em quanto me durar » a vida, tal, qual sou, pedirei a » nosso Senhor pague a Vossa Alteza » esta taõ grande caridade, e piedade. » Com tudo como a Real grandeza » de Vossa Alteza he maior, que » a nossa necessidade, e a purissima » observancia da nossa Regra, e pobreza » Evangelica consiste em naõ » ter cousa certa, e em mendigar o » necessario, foi resoluçaõ de todo este » Convento, zelando a maior perfeiçaõ, » vivermos sem ordinaria de esmola » certa, como nos primeiros tempos » de meu P. S. Francisco, o qual » nos deixou a mendiguez por morga-

» do, e a Divina Providencia por thê-
» souro. Està he a causa, porque es-
» timando summamente o animo, com
» que Vossa Alteza nos honra, e nos
» faz mercê, naõ acceitamos a esmo-
» la, que Vossa Alteza nos manda dar
» com taõ larga maõ . . . Quando
» tenhamos alguma necessidade grande,
» recorreremos ao Real patrocinio de
» Vossa Alteza. Està taõ longe de es-
» quecer-se o nosso agradecimento da
» grande mercê, e esmola, que Vos-
» sa Alteza nos faz, que além de tre-
» ze Frades, que temos por officio
» rogar a Deos por Vossa Alteza, e
» offerecer por este intento nossos po-
» bres Sacrificios, toda esta Commu-
» nidade faz todos os dias particular
» commemoraçaõ a Deos por Vossa
» Alteza, e em todas as Missas, ora-
» çoens, e exercicios, tem Vossa Al-
» teza a maior parte como principal
» bemfeitor, e Protector nosso, além
» das razoens communs de nosso Prin-
» cipe, e Senhor, a quem como taõ
» obrigados desejamos, quanto pode-
» mos ser agradecidos. E espero na
» bondade Divina, que destes, e de
» tantos outros beneficios ha de Vossa
» Alteza receber o premio de Deos
» com todas aquellas felicidades da
» al-

» alma, e da vida, que perpetuamen-
» te havemos de pedir, e esperar al-
» cançar de Sua Divina Magestade,
» que guarde a Vossa Alteza por mui-
» tos, e felizes annos. Varatojo, Maio
» de 1680. Inutil vassallo, Capellaõ,
» e servo de Vossa Alteza Fr. Anto-
» nio das Chagas. »

## CAPITULO XI.

*Toma o Senhor Rei D. Joaõ V. debaixo da sua Real protecçaõ ao Seminario de Varatojo. Manda vir segundo Breve da confirmaçaõ do mesmo Seminario, e da erecçaõ do Seminario de Brancanes.*

85 O Augusto Senhor Rei D. JOAÕ V. herdou de seu Pai com o Reino a piedade, e singular affecto a Varatojo. Visitou muitas vezes este sagrado retiro. E em huma dellas assistio no côro de pé ás Matinas da meia noite, e depois das Matinas da Communidade foi tambem assistir, e vêr rezar as Matinas de Nossa Senhora, que com seu Mestre rezavaõ no Noviciado os Noviços, sendo entaõ hum destes Fr. Gaspar da Incarnaçaõ, intimo amigo do

mesmo Monarcha, como diremos adiante, quando fallarmos da vida deste illustre varaõ. De Varatojo tirou este grande Monarcha repetidas vezes Religiosos naõ só para Commissarios, Visitadores de Sagradas Ordens Regulares, mas tambem para Prelados maiores da Igreja. Em Missionarios de Varatojo proveo elle as Mitras de Nankin, Cabo Verde, Funchal, e Goa. De Varatojo elegeo Visitador, e Reformador para a illustre Congregaçaõ dos Conegos Regulares de S. Agostinho em Portugal. O affecto, que este Fidelissimo, e grande Monarcha tinha a Varatojo, o moveo a tomar o Seminario debaixo da sua Real protecçaõ, e supplicar ao SS. P. CLEMENTE XI. nova confirmaçaõ do mesmo Seminario, e tambem Breve para se erigir em Seminario o Convento da fundaçaõ de Brancanes junto a Setuval. Neste Breve passado em Roma no anno de 1708 diz o SS. P. as seguintes palavras: « JOAÕ Rei de Portugal, e » dos Algarves recebeo o sobredito » Collegio de Varatojo, como cabeça » das Missoens da dita Ordem, para » os seus Dominios debaixo da sua » Real, e especial protecçaõ. »

A cópia do Alvará, com que este

te Augusto, grande, e sempre memoravel Monarcha, já Padroeiro de Varatojo, se dignou pelo affecto, que tinha a este Seminario, toma-lo de novo debaixo da sua Real, e especial protecçaõ, he a seguinte. " Eu El-
" Rei faço saber aos que este Alvará
" virem, que tendo consideraçaõ ao
" grande fructo, que fazem nas Mis-
" soens os Religiosos do Convento de
" Varatojo, e ao particular zêlo, e
" affecto, com que encommendaõ a
" Deos Nosso Senhor a conservaçaõ
" da Casa Real, e augmento do Rei-
" no, e tendo por certo, que conti-
" nuaráõ com o mesmo fervor a im-
" plorar a Divina Misericordia, pa-
" ra que me dirija no governo dos
" meus Reinos, e vassallos, de sorte
" que possaõ conseguir o seu serviço,
" e as utilidades do Reino. Hei por
" bem tomar o dito Seminario debai-
" xo da minha protecçaõ Real, com
" a qual procurarei mostrar nos effei-
" os da minha boa vontade a bene-
" volencia, e particular devoçaõ, com
" que venéro ao grande Patriarcha S.
" Francisco, e especial estimaçaõ, que
" faço dos Missionarios de Varatojo,
" dignos filhos de taõ grande Patriar-
" cha. E para constar do referido lhes

" man-

„ mandei dar eſte Alvará por mim aſ-
„ ſignado, o qual quero, que tenha
„ força, e vigor como ſe foſſe Car-
„ ta em meu nome paſſada pela Chan-
„ celaria, e ſe guarde inteiramente ſem
„ embargo de ſeu effeito haver de du-
„ rar mais de hum anno, e de naõ
„ paſſar pela Chancelaria. Naõ obſtan-
„ te as Ordenaçcens do Livro 20 tit.
„ 32 e 40, que o contrario diſpoem.
„ Jorge Monteiro Bravo o fez em Lis-
„ boa a 2 do mez de Março de 1707,
„ D. Thomás Bisbo de Lamego o ſob-
„ ſcrevi. Com a Rubríca de Sua Ma-
„ geſtade. „

86 Naõ ſe limitou a Real genero-ſidade, e piedade deſte devotiſſimo, e grande Monarcha ſó com o Seminario, mas tambem ſe dignou conceder eſmola ao Hoſpicio, que o Seminario tem na Côrte em conſideraçaõ de ſoccorrer as neceſſidades dos Religioſos de Varatojo, quando ſe achaſſem no dito Hoſpicio de Lisboa. A cópia do Decreto deſta eſmola para o Hoſpicio he a ſeguinte « O Theſou-
„ reiro da conſignaçaõ Real, que de
„ preſente ſerve, e os que adiante ſer-
„ virem, entreguem, em quanto eu o
„ houver por bem, e naõ mandar o
„ contrario, ao Syndico do Hoſpicio
„ dos

„ dos Religiosos de Varatojo desta Ci-
„ dade huma moeda de ouro cada mez,
„ de que lhe faço esmola aos ditos Re-
„ ligiosos, com o vencimento do pri-
„ meiro deste presente anno em dian-
„ te; e com conchecimento de reci-
„ bo do dito Syndico lhe será levado
„ em conta aos ditos Thesoureiros,
„ o que na referida fórma lhe entre-
„ garem. Lisboa Occidental a 12 de
„ Março de 1721. com a Rubríca de
„ Sua Magestade. Foi lançado no Li-
„ vro das Mercês de 1719, a fl. 154.
„ Lisboa a 20 de Março de 1721. Fi-
„ ca feito assento no Livro dos Or-
„ denados da Consignação Real de
„ 1767, fl. 11. Lisboa a 22 de Ju-
„ nho de 1767. „

## CAPITULO XII.

*O Seminario de Varatojo he Primaz naõ só dos Seminarios de Portugal, e Hespanha, mas de todo o orbe Seráphico.*

87 QUatro eraõ os rios, segundo lêmos na Divina Escriptura, que regavaõ o Paraiso Terreal, cujas aguas sendo da mesma natureza, e sahin-

hindo do meſmo manancial, os rios com tudo eraõ differentes. Quatro ſaõ os Seminarios, que preſentemente com as aguas puras da sã doutrina regaõ, fertilizaõ, e fecundaõ maravilhoſamente os campos da Santa Igreja, e Chriſtandade nos Dominios de Portugal. Tem eſtes Seminarios o meſmo fim, e inſtituto, e ſahe a ſua doutrina da meſma fonte, e principio; os Seminarios com tudo ſaõ diverſos. No Capitulo ſeguinte fallaremos do Seminario Apoſtolico ſegundo deſte Reino de Portugal, que he o de Brancanes. Neſte fallaremos mais alguma couſa do Real Seminario de Varatojo, e daremos alguma noticia, ainda que ſuccinta, dos dous Seminarios de Vinhaes, e Mezaõ-frio. Eſte ſe acha ſituado junto ao rio Douro na Comarca de ſobre o Támega do Biſpado do Porto, aquelle na Provincia de Traz dos Montes na Villa de Vinhaes, Biſpado de Bragança. Os Breves Pontificios deſtes dous Seminarios foraõ paſſados nos annos, que ſe indicaõ adiante n. 92 e 93.

88 O Real Seminario de Varatojo em razaõ da ſua antiguidade com immediata ſujeiçaõ ao Geral da Ordem dos Menores, ſem dependencia de Provincia, com Leis municipaes appro-

va-

vadas, e roboradas pelo Summo Pontifice, he o primeiro em Portugal, em Hespanha, e em todo o orbe Seraphico. Deve-se esta primazia de instituiçaõ taõ proficua ao illustre Portuguez V. P. Fr. Antonio das Chagas, o qual fundou o Seminario de Varatojo; e no anno em que morreo, tambem tinha dado principio á fundaçaõ do Real Seminario de Brancanes, e por isso he este considerado o segundo Seminario de Portugal. Bem podemos dizer com gosto, que depois da fundaçaõ do Real Seminario de Varatojo chegou logo o som do seu bom nome a toda a terra. A vida Apostolica, e exemplar dos Alumnos deste Seminario, os prodigiosos fructos, que os seus Missionarios faziaõ nas almas com suas fervorosas Missoens por todo o Reino de Portugal, o regulamento, e Leis municipaes, que approvou Sua Santidade para o novo Seminario de Varatojo, foraõ ecos, que soando de Portugal aos ouvidos das outras naçoens; ellas á imitaçaõ do Seminario de Varatojo com santa ambiçaõ se deliberáraõ instituir Seminario de taõ interessante, e proficuo instituto. Naõ consta, que em toda a Religiaõ Seraphica antes da instituiçaõ deste

te Seminario de Varatojo houveſſe outro algum com Leis municipaes approvadas pela Santa Sé Apoſtolica ſem dependencia dos Provinciaes. Foi Varatojo primeiro com total independencia de Provincia. Foi eſta nova fundaçaõ do Seminario de Varatojo a que deo occaſiaõ, e motivo para ſe fundarem outros Seminarios, que adoptáraõ o regulamento, e Leis municipaes, que ſerviaõ de baſe fundamental a Varatojo, e que eſtavaõ já confirmadas no meſmo Breve da fundaçaõ deſte Seminario por Sua Santidade.

89 Pois, como ſe diſſe acima, o Breve da inſtituiçaõ do Seminario de Varatojo foi paſſado em Roma no anno de 1679, e dado á execuçaõ em Março de 1680. E tanto que chegou a França a noticia do novo Seminario em Portugal, ſe deliberáraõ os Francezes, a quererem tambem naquelle Reino fundar Seminario á ſimilhança, e imitaçaõ do de Varatojo em Portugal. Neſta reſoluçaõ ſe achavaõ os Francezes quando por occaſiaõ da viſita chegou áquelle Reino o R.mo P. Geral da Ordem dos Menores Fr. Joſé Ximenes Samaniego, o qual participou goſtoſo eſta grata noticia ao V. P. Fr. Antonio das Chagas por carta, cuja có-

cópia he a ſeguinte. « Padre Fr. Anto-
» nio das Chagas. A vueſtra Reveren-
» cia, y a todo los demás Padres doy
» my bendicion con la de nueſtro Pa-
» dre San Franciſco, y les encarrego
» mucho me encommeuden a Dios,
» que me dê bon ſucceſſo en los ne-
» gocios, y govierno de la Religion.
» Y para que ſe conſuelen, y no ha-
» gan caſo de juizos de hombres, que
» miran las coſas deſde afuera, ſepan,
» que de haver yo echo emprimir con
» los Eſtatutos del Capitulo general la
» erecion deſſe Seminario, ha reſul-
» tado el haver-ſe ya animado en Fran-
» ça a hazer lo miſmo, y me hazen
» grandes inſtancias, para que neſte
» Reino inſtetûa Seminario en la meſ-
» ma forma; y lo miſmo eſpiero en
» las de mas naſcionens. Parîs 10 de
» Maio de 1680. De vueſtra Reveren-
» cia Fr. Joſé Miniſtro General. » Deſ-
ta carta ſe colhe, que em nenhuma
naçaõ, tinha a Ordem Seraphica ain-
da Seminario ſimilhante ao de Varato-
jo. E por conſeguinte ſe colhe, que
neſte ſentido elle he o primeiro Semi-
nario de Miſſionarios Apoſtolicos im-
mediatamente ſujeitos ao Geral da Or-
dem Seraphica.

90 Naõ foraõ ſó os Francezes os
que

que inſtavaõ com o R.mo P. Geral, que fizeſſe pôr em execuçaõ taõ proficua, e intereſſante obra de erecçaõ de Seminario á imitaçaõ do de Varatojo já erecto, mas tambem os Heſpanhoes, que deſejavaõ ſe eſtendeſſe por aquelles Reinos o fructo das Miſſoens, appeteciaõ grandemente ter alli para eſte fim Collegio de Miſſionarios ſimilhante ao de Varatojo. Foi iſto o que moveo ao meſmo R.mo, e piiſſimo Miniſtro Geral da Ordem Fr. Joſé Samaniego para ſupplicar ao Santiſſimo Padre INNOCENCIO XI. erecçaõ de hum Seminario na Heſpanha confórme o regulamento, e norma do Seminario de Varatojo. Annuio benignamente á ſúpplica taõ pia o Santiſſimo Padre, e por Letras ſuas paſſadas em forma de Breve a 31 de Agoſto de 1681. Em virtude deſtas Letras Apoſtolicas foi erecto em Seminario o Convento da Senhora de Hoz da Provincia da Immaculada Conceiçaõ em Heſpanha. Foi primeiro Guardiaõ deſte Seminario o R. P. Fr. Franciſco Salmeiraõ, o qual por cartas teve correſpondencia com o V. P. Fr. Antonio da Chagas, a quem conſultava em ſuas dúvidas para o bom regimen do ſeu novo Seminario, e a quem chamando Padre dos Miſſionarios,

rios, pedia o recebeſſe a elle, e a ſeus ſubditos, como filho do Seminario de Varatojo, cujo primado elle reconhecia *.

91 Propagaraõ-ſe tambem maravilhoſamente os ampliſſimos fructos das Miſſoens nas Indias Occidentaes. E para que eſtes fructos da ſanta palavra creſceſſem mais, e mais, e ſe perpetuaſſe o Apoſtolico miniſterio das Miſſoens, ſe inſtituio tambem nas meſmas Indias Seminario para criaçaõ de Miſſionarios por inſtancias, e zêlo do meſmo R.mo Geral Samaniego. O Breve da inſtituiçaõ, e confirmaçaõ deſte Seminario nas Indias de Heſpanha foi paſſado em Roma por mandado do Santiſſimo Padre INNOCENCIO XI. a 8 de Maio de 1682. Ora ſendo eſtes mencionados Breves primeiros dos Seminarios de Heſpanha, e tambem ſendo o Breve de Brancanes, Vinhaes, e Mezaõ-frio em Portugal, poſteriores todos ao Breve da fundaçaõ de Varatojo em Seminario, como logo ſe verá; e naõ conſtando além diſſo, que em toda a Ordem Seraphica houveſſe Seminario para exercicio de Miſſoens com total independencia das Provincias, com

* *Mon. do Semin. de Varat.*

com immediata ſujeiçaõ ao Geral da Ordem de S. Franciſco antes da fundaçaõ do Seminario de Varatojo bem ſe ſegue logo, que eſte he o mais antigo, e o que tem a regalía de Primaz na immediata ſujeiçaõ ao Geral da meſma Ordem Seraphica.

92 O exemplariſſimo Seminario de Vinhaes na Provincia de Traz dos montes foi fundado, governando o Fideliſſimo Monarcha D. JOSE' I., Rei de Portugal no anno de 1752; lançou-ſe-lhe a primeira pedra a 6 de Janeiro do meſmo anno. Foi o ſeu fundador o illuſtre Joſé de Moraes Sarmento da primeira nobreza daquella Provincia, Fidalgo da Caſa de Sua Mageſtade, profeſſo na Ordem de Chriſto, Sargento Mór da Cavallaria, e depois Meſtre de Campo da Infantaria Auxiliar de Bragança. Foi primeiro Guardiaõ Fr. Antonio de Noſſa Senhora das Neves, que com ſeus companheiros Fr. Felix de S. Antonio, e Fr. Pedro de Maria Santiſſima, Miſſionarios do Seminario de Brancanes, e Fr. Conſtantino da Conceiçaõ irmaõ Leigo, foraõ os primeiros povoadores deſte Seminario. O Breve da ſua fundaçaõ, que principía: *Eccleſiæ regimini* por BENEDICTO XIV. foi paſſado em Roma

a

a 20 de Fevereiro de 1753. Por outro Breve, que começa: *Alias*, paſſado em Roma a 27 de Janeiro de 1786 concedeo o Santiſſimo Padre PIO VI. a eſte Seminario as graças concedidas aos outros Seminarios de Heſpanha, e Portugal.

93 O Religioſiſſimo Seminario de Mezaõ-frio em cima do Douro na Comarca de ſobre Támega, Biſpado do Porto, eſtando deſde ſua primeira fundaçaõ ſempre ſujeito á ſanta Provincia de Portugal, ſeparou-ſe della com ſujeiçaõ ao Nuncio de Portugal por Breve do Santiſſimo Padre PIO VI., que começa: *Inter multiplices* paſſado em Roma a 3 de Agoſto de 1790. Foi o executor deſte Breve o Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo Arcebiſpo Primaz D. Fr. Caetano Brandaõ. O fundador, e padroeiro deſte Seminario foi Joaõ Carlos de Moura Coutinho, Fidalgo da Caſa de Sua Mageſtade, natural da meſma Villa de Mezaõ-frio. O primeiro Breve da fundaçaõ deſte Seminario, quando eſtava ſujeito á ſanta Provincia de Portugal he do Santiſſimo Padre BENEDICTO XIV., e começa: *Univerſæ Eccleſiæ*, dado em Roma no anno de 1744. Preſentemente ſe acha o padroado deſte Seminario em Antonio Perfei-

feito Pinto Pereira Rebêlo, casado com huma neta do illustre fundador, natural de Lamego, Fidalgo da Casa de Sua Magestade. O primeiro Guardiaõ, que teve este Seminario na sujeiçaõ da Provincia de Portugal, foi Fr. Braz do Rosario, o qual tambem na mesma Provincia foi Definidor, e Guardiaõ no Convento de Lisboa. Depois de separado o Seminario da sujeiçaõ á Provincia, presidindo no primeiro Capitulo o mesmo Excellentissimo Primaz executor do Breve sahio eleito primeiro Guardiaõ do Seminario Fr. Joaquim da Senhora das Neves.

Ora como se tem mostrado naõ constando, que antes da instituiçaõ do Seminario de Varatojo houvesse em toda a Ordem Seraphica outro Seminario na immediata sujeiçaõ ao Geral com regulamentos municipaes approvados pelo Summo Pontifice, mas antes constando, segundo se acaba de dizer, que o Seminario de Varatojo foi como primeiro tronco, e frondosa vide, donde por sua norma, regulamento, exemplo, e imitaçaõ de vida Apostolica, se instituíraõ depois Seminarios, e Collegios para Missoens, bem se colhe, e convence, que se deve entre todos elles a primazia a Varatojo. Nem

se

ſe oppoem a iſto ter paſſado á Heſpanha o V. P. Fr. Antonio das Chagas para ſe aperfeiçoar no exercicio das Miſſoens antes de inſtituir o ſeu Seminario de Varatojo. Porque em todo o tempo depois de fundada a Religiaõ Seraphica dos Frades Menores, ſempre nella, tanto em Heſpanha, como em outros Reinos de Chriſtandade, houveraõ Religioſos, que movidos da ſalvaçaõ das almas, ſahiaõ zeloſos a prégar a ſanta palavra, e ainda a fazer Miſſaõ; mas era cada hum com Breve particular, e ſempre moradores em Conventos ſujeitos aos Provinciaes, ſem terem eſtes Conventos Eſtatutos particulares de Seminarios inſtituidos, e approvados por Sua Santidade com immediata ſujeiçaõ ao Geral da Ordem, ſem dependencia dos Provinciaes da meſma Ordem dos Menores.

Teve pois a gloria o V. P. Fr. Antonio das Chagas de ſer inſtituidor da primeira Caſa, que teve a Ordem Seraphica para Seminario, e Collegio, onde ſe criaſſem Miſſionarios Apoſtolicos no exercicio de fazerem Miſſoens. Elle inſpirado por Deos eſcolheo Varatojo para ſeu ſanto intento. Alcançou o que deſejava. Deixou diſcipulos neſte Seminario, imitadores do ſeu zê-

lo, e eſpirito. Deſte, como de primeiro luminoſo candieiro de Miſſoens Apoſtolicas, tem ſahido, e ſahem repetidas vezes ſeus Alumnos a Evangelizar a ſanta palavra de Deos com ſuas fervoroſas Miſſoens, colhendo por ſuas fadigas Evangelicas prodigioſos, e multiplicados fructos de innumeraveis almas convertidas a Deos, com utilidade viſivel da Igreja, e do Eſtado, naõ ſó em Lisboa, Capital de Portugal, nas Provincias, Cidades, e principaes povoaçoens de todo o Reino; mas tambem em ſuas conquiſtas, nas terras ultramarinas, ainda as mais remotas, nas Indias Orientaes da Aſia, na China, nos Brazis, nas Ilhas dos Açores, e da Madeira, chegando muitos ſem acabarem a Miſſaõ acabar nella os dias de ſua vida. Eſtes exemplos tem ſeguido, e ſeguem os zeloſos Miſſionarios dos outros Seminarios, e com eſpecialidade os filhos do Real Seminario de Brancanes, de cuja fundaçaõ tracta o Capitulo ſeguinte. Ha tradiçaõ, que o nome de Brancanes lhe vem de Branca Anes, que fôra huma Senhora a quem pertenceo eſta quinta, onde ſe fundou o Convento.

CA-

## CAPITULO XIII.

### *Fundaçaõ do Real Seminario de Brancanes junto a Setuval.*

94 SEtuval, Villa das mais notaveis de Portugal junto á marinha, diſtante ſete legoas de Lisboa, Capital do Reino de Portugal, vio com aſſombro no meſmo ſeculo repreſentar no ſeu theatro vicios, e virtudes; vaidades, e deſenganos, por hum meſmo ſujeito, ſe bem que em differentes tempos, e eſtado. Quaõ poderoſo he Deos! Quaõ efficaz he a ſua graça! Em hum momento póde Elle fazer das pedras, filhos de Abraham; de leoens furioſos, manſos cordeiros; de perſeguidores da Igreja, e do ſeu Nome, Apoſtolos; de vaſos da ira, taças de miſericordia. Vio-ſe iſto em Saulo em Jeruſalem; e vio-ſe em Portugal com Antonio de Affonſeca Soares. O mudança da dextra de Deos Omnipotente! Antonio de Affonſeca Soares, aquelle meſmo, que ſendo Soldado de profiſſaõ, e ſecular pouco Chriſtaõ, fazia galla de peccador; e convertido á graça fez timbre de ſeguir a Chriſto, e de prégar peniten-

 cia.

cia. Aquelle, que na Primavera de ſeus annos, e na flor da ſua idade pelos deslizes, e deſvaríos de ſua conducta ſendo grandemente cenſurado, foi depois conſultado como oraculo de acertos. Aquelle, que por ſeus diſcurſos poeticos, em que ſó dominava o eſpirito do ſeculo, era reputado por vaidoſo, e pouco temente a Deos, foi eſſe meſmo depois ouvido como exemplar Declamador Evangelico, e como Apoſtolo do ſeu tempo. Sim Antonio de Affonſeca Soares, aquelle, que nas praças de Setuval combatia a virtude com ſua vida livre, e irregular, eſſe meſmo já Religioſo Franciſcano Obſervante, e auſtéro comſigo, veſtido de ſacco apparece neſſas meſmas praças novo Soldado de Chriſto a fazer implacavel guerra aos vicios, com palavras, e exemplos de vida penitente. Aquelle em fim, que na Villa de Setuval ſervio de tropeço para muitas almas offenderem a Deos, eſſe meſmo dentro da meſma Villa eſtabeleceo caſas de oraçaõ para ſe louvar ao Senhor, e junto á meſma Villa fundou caſa para Seminario de varoens Apoſtolicos. Elle depois de Miſſionario, tinha feito em todo o Reino prodigioſos fructos de converſoens de innumeraveis almas

com

com ſuas fervoroſas Miſſoens. Tinha já inſtituido o Seminario de Varatojo para Caſa, e Collegio de Miſſionarios Apoſtolicos. De Varatojo ſahio o meſmo V. Padre para a Miſſaõ do Reino do Algarve pouco antes do anno de 1682. Prégou por eſta occaſiaõ alguns Sermoens na Villa de Setuval, onde fez maravilhoſos fructos na converſaõ das almas; e hum dos maiores fructos que fez, foi mover, e diſpôr os animos dos moradores daquella Villa, para que pediſſem ao meſmo ſervo de Deos lhe inſtituiſſe tambem alli Convento para Miſſionarios: ſerve de teſtemunho deſtes grandes fructos a carta do meſmo V. Padre, cuja cópia he a ſeguinte « Seja Deos bemdito, que ſe » tem acabado a Miſſaõ; mas naõ as » penitencias, deſenganos, e maravi- » lhas de Deos, que aqui obra cada » dia. Anda eſte povo tal, que elle » a ſi ſe naõ conhece. Eſtando ha pou- » cos tempos ſubmergido em hum mar » de vicios, entregue ás Comedias, e » outras temporalidades, com quem » foi a minha primeira guerra, até » que Deos as botou fóra, naõ ha » quem já tenha horror ás couſas de » Deos. Grandes, e pequenos vaõ á » oraçaõ, e ſe andaõ arraſtando pu-

» bli-

„ blicamente pelas Vias-Sacras. Os
„ Prelados, e os mais Sacerdotes, e
„ gente principal saõ as guias. Custou-
„ me muito no principio pôr huma ca-
„ sa de oraçaõ na Misericordia, on-
„ de estou. Já naõ saõ menos de cin-
„ co nesta terra, e naõ cabe a gente
„ nellas. Já instituì huma devoçaõ,
„ chamada *Escola de Christo*, com
„ obrigaçaõ de toda a pessoa ter hu-
„ ma hora de Oraçaõ Mental, e as
„ mulheres em suas casas todos os dias
„ o Terço de Nossa Senhora, e Acto
„ de Contriçaõ, sem encargo de cul-
„ pa, ou gasto; e he para louvar a
„ Deos vêr, que naõ ha em nenhuma
„ esfera, quem naõ abrace isto. Di-
„ go-lho para que louve a Deos, cu-
„ ja he a obra, e saiba, que vou mui-
„ to contente desta Missaõ, ainda que
„ o diabo se ficou com algum dizi-
„ mo. Daqui nasceo tanta inclinaçaõ,
„ e amor, que querem, que eu faça
„ aqui hum Convento . . . Vossa mer-
„ cê me mande dizer, o que lhe pa-
„ recer sobre està fundaçaõ. „

95 Esta commoçaõ, e disposiçaõ de animo, em que ficáraõ os moradores de Setuval, depois que naquella Villa ouvíraõ a Missaõ do V. P. Fr. Antonio das Chagas, abrio cami-
nho

nho para esta nova fundaçaõ de Brancanes, que elles pediaõ fervorosos ao mesmo V. Padre, offerecendo-se concorrer para ella com esmolas. Consultou o V. Padre a Deos na oraçaõ. Entendeo, que tambem desta fundaçaõ resultaria gloria ao Senhor, utilidade á Igreja, e ao Estado, e que dalli sem passarem o Tejo podiaõ os Missionarios com mais commodidade sahir em Missaõ para o Reino do Algarve, e Provincia do Alemtejo; com esta consideraçaõ, e lembrança se resolveo acceitar esta nova fundaçaõ, e obter para ella o Beneplacito Regio. Alcançado este, deo-se com effeito principio á fundaçaõ de Brancanes em huma quinta no sitio deste nome distante da Villa de Setuval hum quarto de legoa em hum Sabbado 27 de Junho de 1682. Lançou-se nesse mesmo dia a primeira pedra nos alicerses da Igreja com a invocaçaõ da Senhora dos Anjos. Foi conduzida esta pedra em hum andor pelos Prelados daquella Villa, a saber: Guardiaõ de S. Francisco = Prior de S. Domingos = Reitor da Companhia de Jesus = Prior dos Carmelitas Descalços = Reitor dos Trinos = Reitor dos Paulistas, = e Guardiaõ dos Arrabidos.

O

96 O Illuſtriſſimo Arcebiſpo de Lisboa D. Luís de Souſa quiz ter a honra de lançar a primeira pedra nos alicerſes da nova Igreja, e ahi celebrou primeiro Miſſa dando liberal cem moedas para principio da meſma obra. Concorreo a eſta funçaõ numeroſo concurſo de gente, naõ ſó da plebe, mas Nobreza, e Clero Secular, e Regular. Ouvíraõ todos attentos a eloquente Oraçaõ, que recitou Diogo Lopes Religioſo da Companhia de Jeſus inſigne Orador do ſeu tempo. Demorou-ſe o V. P. Fr. Antonio das Chagas por alguns dias neſta Villa, prégando frequentemente, confeſſando, e ordenando, o que julgava conveniente para adiantar a obra da nova fundaçaõ de Brancanes. Foi-ſe eſta continuando debaixo da inſpecçaõ, e ſubordinaçaõ do Guardiaõ de Varatojo, que ſolícito mandava alli aſſiſtir Religioſos do ſeu Seminario, e irmaõ Donato, para que eſte em nome do Syndico de Varatojo recebeſſe as eſmolas offerecidas para eſta fundaçaõ, e cuidaſſem com efficacia no adiantamento da obra. Para a qual concorrêraõ com eſmolas naõ ſó peſſoas particulares, mas tambem o Principe D. PEDRO Regente do Reino ainda antes de empu-

pu-

punhar o Sceptro, e ſubir ao Throno, que foi o que concorreo para ella com mais larga maõ, dando claras provas, em quanto viveo, da ſua Real generoſidade, e affecto a eſta fundaçaõ, diſpendendo com ella, como ſe diſſe acima, mais de ſeſſenta mil cruzados. Tambem o Senhor Rei D. JOAÕ V., que com o Reino herdou a Real generoſidade, e particular affecto a Varatojo, e a eſta ſua fundaçaõ de Brancanes, contribuio para ella com Real generoſidade. Onde logo que eſteve em termos de ſer habitada eſta caſa, lhe poz o Guardiaõ de Varatojo hum Preſidente com alguns Religioſos, ſempre dependentes, e ſubditos do meſmo Guardiaõ de Varatojo.

97 Já no anno de 1695 eſtava o Convento de Brancanes em fórma de ſer habitado. Neſte meſmo anno foi, que ſe elegeo em Varatojo Preſidente para eſte novo Convento de Brancanes. Tanto eſte primeiro Preſidente, como todos os que lhe ſuccedêraõ até a erecçaõ do Seminario de Brancanes, aſſim como eraõ poſtos por Varatojo, aſſim eſtavaõ dependentes com todos os Religioſos, irmaõs Donatos alli moradores ao Guardiaõ de Varatojo como ſua cabeça, e Prelado, de quem

to-

todos eraõ ſubditos, e os podia remover do Convento de Brancanes para o Seminario de Varatojo, e mudalos outra vez do Seminario para o Convento de Brancanes. Os Guardioens de Varatojo ſempre ſolícitos, e cuidadoſos no complemento deſta fundaçaõ de Brancanes, jamais perdiaõ de viſta tanto o adiantamento deſta obra, como o aproveitamento eſpiritual de ſeus ſubditos alli moradores, aos quaes viſitavaõ com a maior vigilancia, corregindo-os, e caſtigando-os, quando era neceſſario, como fez hum Guardiaõ em huma viſita, que achando comprehendido ao Preſidente, e a certos Religioſos alli moradores, em alguns pontos, que ſe deſviavaõ da perfeiçaõ, e exacta obſervancia regular, vendo, que naõ ſe emendavaõ com as precedentes admoeſtaçoens Canonicas, e paternaes, os deſmembrou de Varatojo, e fez incorporar em certa Provincia da Ordem, na fórma do Breve Pontificio da inſtituiçaõ do Seminario.

98 Tendo o Guardiaõ de Varatojo por mediaçaõ, e patrocinio do Senhor Rei D JOAÕ V. ſupplicado a Sua Santidade a graça da nova confirmaçaõ do ſeu Real Seminario, e erecçaõ do Convento de Brancanes em Semina-

nario, paſſou com effeito o Santiſſimo Padre CLEMENTE XI. Breve para eſtes dous fins. O qual Breve antes da ſua execuçaõ, e da ſeparaçaõ do Convento de Brancanes do Seminario de Varatojo, teve alguma demóra pelas dúvidas, que occorrêraõ para eſta ſeparaçaõ, como ſe dirá no Capitulo ſeguinte.

## CAPITULO XIV.

*Separa-ſe o Convento de Brancanes do Seminario de Varatojo por Breve Pontificio, e fica ſendo Seminario immediatamente ſujeito ao Geral da Ordem Seráphica.*

99 HE o Real Seminario de Brancanes ſegundo do Reino por ſua antiguidade, e filho primogenito do Real Seminario de Varatojo, criado a ſeus peitos com o leite da ſua doutrina naõ menos, que por eſpaço de dezaſeis annos, em que ſe governou Hoſpicio, e Convento com Preſidente, além do tempo anterior, quando ainda alli naõ havia Communidade. Pois como ſe tem dito, ſempre eſta fundaçaõ, tanto Irmaõs Donatos, e Religioſos, ahi mora-

radores, como ſeu Preſidente, eſtiveraõ por todo eſte tempo ſubordinados, e ſujeitos a Varatojo deſde o anno 1682, que teve principio eſta fundaçaõ, até o anno de 1711, em que foi eleito para primeiro Guardiaõ do Seminario de Brancanes Fr. Manoel de Maçaõ. Ora tendo eſtado o dito Convento, e fundaçaõ de Brancanes deſde o berço até que ſe erigio Seminario com Guardiaõ, que ſe contaõ vinte ſette annos, ſempre na obediencia, ſujeiçaõ, e direcçaõ de Varatojo, bem ſe vê, que eſte he o ſegundo Seminario de Portugal. Donde por huma Acta Capitular ſe determinou em Varatojo no anno de 1695, ſendo Preſidente deſte Capitulo, por ordem do Reverendiſſimo Padre Geral Fr. Luís de S. Joſé da Provincia de S. Antonio de Portugal, e Definidor Geral de toda a Ordem, que ſe elegeſſe Preſidente para o Convento de Brancanes com authoridade ſobre os Religioſos, que alli aſſiſtiſſem, que com o Preſidente nunca ſeriaõ menos de tres Sacerdotes, aos quaes viſitaſſe duas vezes no ſeu triennio o Guardiaõ do Seminario de Varatojo. E tambem dizia eſta Acta « E como todos os aſ» ſiſtentes na dita fundaçaõ ſaõ ſub-
» di-

„ ditos immediatos do Padre Guardiaõ
„ do Seminario de Varatojo, póde el-
„ le diſpôr delles como, e quando
„ ſegundo Deos lhe parecer.„ Em
outra Acta, tambem por ordem do
Reverendiſſimo Padre Geral, ſe deter-
minou que o Guardiaõ de Varatojo
viſitaſſe tres vezes em ſeu triennio o
Convento de Brancanes. Eſta Acta he
do anno de 1702.

100 Tambem neſte meſmo dito an-
no ſe ordenou no Capitulo de Vara-
tojo por commiſſaõ do Reverendiſſi-
mo Padre Geral, que pudeſſe o Guar-
diaõ do Seminario de Varatojo accei-
tar para o Convento de Brancanes
vinte e cinco Religioſos para o côro,
e quatro para Leigos. Ora como os
Guardioens de Varatojo viaõ, e com
grande conſolaçaõ de eſpirito, que
ſe hia augmentando a Communidade
do Convento de Brancanes, tendo
conſideraçaõ a maior gloria, e ſerviço
de Deos, naõ ſe deſcuidáraõ de ſup-
plicar á Santa Sé Apoſtolica, para
que Sua Santidade ſe dignaſſe elevar
aquelle Convento tambem a Semina-
rio, e Collegio de Miſſoens. Com
effeito Fr. Manoel de Maçaõ, ſendo
Guardiaõ de Varatojo, dirigio a ſúp-
plica ao Santiſſimo Padre com recom-
men-

mendaçaõ do Senhor Rei D. JOAÕ V. Deve-se aqui advertir, que segundo hum monumento, que se conserva no Archivo de Varatojo, que eu li escrito pela maõ do V. P. Fr. Rodrigo de Christo, que tres vezes foi Guardiaõ de Varatojo, acho, que quando o mencionado Guardiaõ P. Fr. Manoel de Maçaõ, por seu grande zêlo hum dos mais empenhados pela fundaçaõ dos Brancanes, fizera súpplica ao Santissimo Padre CLEMENTE XI., dizia nella, que se dignasse Sua Santidade conceder a graça de nova confirmaçaõ do Seminario de Varatojo, e que elevasse o Convento de Brancanes tambem a Seminario, mas que sempre fiçasse este sujeito, e dependente do de Varatojo, assim como sempre até alli desde sua fundaçaõ se tinha conservado.

101 Concedeo benignamente o Santissimo Padre tudo, o que se continha na súpplica, excepto a condiçaõ da subordinaçaõ, e sujeiçaõ do Seminario de Brancanes ao de Varatojo, que lha tirou, ordenando, que ficasse o Seminario de Brancanes tambem na immediata sujeiçaõ do Geral da Ordem, assim como estava o de Varatojo. E fallando no mesmo Breve tambem

bem do Seminario de Varatojo, como já se advertio acima, accrescenta estas palavras o Santo Padre « Joaõ » Rei de Portugal, e dos Algarves » recebeo debaixo da sua Real, e especial protecçaõ o dito Collegio de » Varatojo, como cabeça, que era » das Missoens nos seus dominios. » *Joannes Portugaliæ, & Algarbiorum Rex... prædictum Collegium* » *de Varatojo, uti caput Missionum* » *dicti Ordinis pro suis dominiis, sub* » *Regiâ, & speciali protectione suscepit.* »

102 Este Breve Pontificio da nova confirmaçaõ do Real Seminario de Varatojo, e da nova criaçaõ do Seminario Real de Brancanes, similhante ao de Varatojo sem lhe ficar sujeito, foi passado em Roma no anno de 1708, e começa: *Cunctis ubique pateat.* Chegando porém o mencionado Breve a Varatojo, teve alguma demóra a sua execuçaõ. Pois quando Fr. Manoel de Maçaõ na súpplica, que fez a Roma lhe punha a condiçaõ de ficar sempre o dito Seminario de Brancanes sujeito ao de Varatojo, naõ queria apartar aquelle filho, ainda que adulto, dos braços de quem o criára. Daqui procedeo a demóra na execuçaõ do men-

mencionado Breve. Porque supposto o Monarcha ás instancias de Fr. Manoel de Maçaõ, e de alguns Religiosos, queria que logo se executasse o Breve, offereciaõ-se os inconvenientes de ficar a Communidade de Varatojo consideravelmente destituida de Missionarios; e que passando elles para o Seminario de Brancanes, já o Guardiaõ de Varatojo os naõ podia de lá tirar, se o Breve se executava na fórma da sua concessaõ. Havia nisto por huma, e outra parte differentes sentimentos a respeito da execuçaõ do Breve.

103 Nem isto deve causar admiraçaõ: porque naõ he novo, nem sempre peccaminoso laborar, e haver diversos pareceres sobre a mesma cousa entre servos de Deos, que querem acertar, e obrar sempre o mais perfeito. Diversos foraõ alguma vez os pareceres entre S. Barnabé, e S. Paulo, e ambos eraõ Apostolos, e Santos. Diversos foraõ em algum tempo os sentimentos de S. Filippe Néri, dos de S. Camillo de Leilis, que sendo filho espiritual de S. Filippe, naõ lhe approvou este no principio a sua fundaçaõ, e com tudo esta foi de grande utilidade para a Igreja, e para o Estado, e elles ambos grandes Santos.

tos. Quando o mencionado Breve eſtava para ſe dar á execuçaõ, ſe achava Guardiaõ do Seminario de Varatojo o V. P. Fr. Paulo de S. Thereza, o qual mandou em Capitulo, onde ſe achava toda a Communidade congregada por obediencia em virtude do Eſpirito Santo, que cada Religioſo da meſma Communidade votaſſe ſegundo ſua conſciencia, o que julgava diante de Deos ſer mais conveniente, ſe hum, ou dous Seminarios. Votou a maior parte da Communidade, que convinha hum ſó Seminario, e eſſe Varatojo. Neſtes termos mandou o Guardiaõ repreſentar a El-Rei o inconveniente da execuçaõ do Breve. Reſpondeo o Monarcha, que acceitava o Breve em quanto á confirmaçaõ do Seminario de Varatojo, mas naõ em quanto ao Convento de Brancanes, que elle o daria a quem lhe pareceſſe. Mandou logo por ſeu Secretario manifeſtar eſta reſoluçaõ ao Cardial Nuncio, a quem tocava a execuçaõ do Breve.

104 Inſtando porém de novo Fr. Manoel de Maçaõ ao Monarcha, lembrando-lhe, que o Convento de Brancanes por ſe terem alli diſpendido eſmolas, de que ſó era Senhor o Papa,

em confciencia fe naõ podia dar fenaõ a Miſſionarios. Mandou o Monarcha a Fr. Manoel de Maçaõ, que fizeſſe hum papel a eſte refpeito, fobre o qual papel para effeito da fua refpofta mandou o mefmo Monarcha fazer huma junta dos melhores Theologos, e Letrados juriſtas da Côrte, os quaes votáraõ todos, que era mais do ferviço de Deos haver hum fó Seminario, e eſſe Varatojo; e que para tirar o efcrupulo das efmolas podia Sua Mageſtade fupplicar outro Breve. Foi-fe confervando como d'antes o Convento de Brancanes na obediencia, e fujeiçaõ de Varatojo, fempre na efperança de novo Breve Pontificio.

105 Dous annos fe tinhaõ paſſado fem fe expedir o pertendido Breve de Roma, quando El-Rei D. JOAÕ V. foi a Setuval, e ao Convento de Brancanes, onde entaõ fe achava morador Fr. Manoel de Maçaõ, o qual lançando-fe aos pés do piedofo Monarcha, lhe fupplicou, que fe Sua Mageſtade havia dar aquelle Convento a outrem, lho deſſe a elle, que era Miſſionario; e lhe fez huma falla efficaz, tendente ao ferviço de Deos, e do Eſtado haver tambem alli Seminario. Mandou El-Rei a Fr. Manoel de Maçaõ,

çaõ, que fizeſſe hum papel com as razoens, que julgaſſe conducentes ao novo Seminario. Lido eſte papel pelos meſmos, que tinhaõ votado, que era mais conveniente haver hum ſó Seminario, elles mudáraõ todavia de parecer, julgando ſer do agrado de Deos ficaſſe naõ ſó Varatojo Seminario, mas tambem Brancanes. A nada ſe oppôz o Guardiaõ de Varatojo, mas antes ſignificou ao Monarcha, que elle, e todo o Varatojo ſe conformavaõ com o beneplacito de Sua Real Mageſtade a reſpeito do Breve Pontificio, e novo Seminario de Brancanes: conſta tudo, o que acabo de eſcrever, de monumentos, que ſe conſervaõ em Varatojo, feitos por Fr. Rodrigo de Chriſto, que por tres vezes foi memoravel Guardiaõ do Seminario de Varatojo.

106 Por eſte tempo, que era o anno de 1711, ſe fez em Varatojo Capitulo, no qual a 6 de Outubro ſahio Guardiaõ deſte Seminario Fr. Rodrigo de Chriſto, a quem paſſados vinte dias eſcreveo o Secretario de Eſtado huma Carta dizendo-lhe, fizeſſe preſente á Communidade ſer vontade de Sua Real Mageſtade ſe executaſſe o Breve Pontificio á cerca de Branca-

 nes,

nes, como nelle ſe continha. Repreſentou o Guardiaõ Fr. Rodrigo ao Secretario de Eſtado em reſpoſta da carta, que recebêra, que elle, e toda a ſua Communidade ſe conformavaõ inteiramente com o Real agrado, e que aſſim o certificaſſe a Sua Mageſtade. Neſte meſmo tempo, e anno que era, como ha pouco ſe diſſe, o de 1711, foi que ſe executou o Breve Pontificio da nova erecçaõ do Seminario de Brancanes, ficando deſde entaõ ſeparado, e independente de Varatojo. Elegeo-ſe logo neſte meſmo anno o primeiro Guardiaõ do novo, e Santo Seminario de Brancanes, que foi Fr. Manoel de Maçaõ por ſuas virtudes, e zêlo Apoſtolico, verdadeiramente varaõ memoravel; o qual achando-ſe entaõ em Brancanes, onde ſe celebrou o primeiro Capitulo com ſete Religioſos do côro, e quatro Irmaõs Leigos, todos permanecêraõ goſtoſos debaixo da obediencia do meſmo V. P. primeiro Guardiaõ da quella caſa. Ficáraõ entaõ em Varatojo dezaſete Miſſionarios, e ſete Irmaõs Leigos. Por occaſiaõ da diviſaõ do Seminario de Brancanes ſe moveo a dúvida, a quem pertencia o Hoſpicio, que na Côrte tinhaõ os Miſſionarios de Varatojo. Tirou o Mo-

nar-

narcha esta dúvida dizendo, que o dito Hospicio só pertencia ao Seminario de Varatojo, como se dirá no Capitulo seguinte.

107 Naõ só tomou debaixo da sua Real protecçaõ acompanhada de distinctos beneficios, favores, e esmolas o Fidelissimo, e Piissimo Senhor Rei D. JOAÕ V. ao Seminario de Varatojo, como se disse acima, mas tambem ao novo Seminario de Brancanes, como consta do Alvará, cuja cópia he a seguinte. « Eu El-Rei faço saber
» aos que este Alvará virem, que tendo
» consideraçaõ ao que se me repre-
» sentou por parte dos Missionarios do
» Seminario de Nossa Senhora dos
» Anjos, e desejar-lhe honra, e mer-
» cê, Hei por bem constituir-me Pa-
» droeiro do dito Seminario, toman-
» do-o debaixo da Minha Real pro-
» tecçaõ, tendo por certo o grande
» fructo, que faraõ nas Missoens, e
» o fervor com que encommendaraõ
» a Deos Nosso Senhor a conservaçaõ
» da Casa Real, e augmento do Rei-
» no, implorando a Divina Miseri-
» cordia, para que me dirija no Go-
» verno dos Meus Vassallos, de sorte
» que possaõ conseguir o seu serviço,
» e as utilidades do Reino, e procu-
» ra-

„ rarei moſtrar nos effeitos da Minha
„ benevolencia a particular devoçaõ,
„ com que venéro ao Patriarcha S.
„ Franciſco, e a eſtimaçaõ, que faço
„ dos Miſſionarios dignos filhos de
„ taõ grande Patriarcha. Lisboa, 20
„ do mez de Agoſto de 1713. Diogo
„ de Mendonça o ſobreſcrevi. = Rei. „
Ficou em fim ſeparado do Real Seminario de Varatojo, o Real Seminario de Brancanes, mas naõ ficáraõ ſeparados, e divididos entre ſi ſeus Alumnos, mas ligados com os ſagrados laços da mutua caridade fraternal, de ſorte que os filhos de hum, e outro Seminario ſe conſervaõ taõ conformes, e unidos, que tendo o meſmo inſtituto, e profiſſaõ, parece que tem o meſmo eſpirito. Em teſtemunho deſta confraternidade, quando morre algum Religioſo dos dous Seminarios, cada Sacerdote de ambas as Communidades celebra pela alma do que falleceo no outro Seminario 5 Miſſas.

108 Naõ devo deixar aqui de deſvanecer alguns prejuizos, que me tem chegado aos ouvidos, e que tambem acho eſcriptos, e publicados a reſpeito do Seminario de Varatojo, e da fundaçaõ de Brancanes, com apparentes fundamentos deſtituidos de toda a ver-

verdade. Houve Chroniſta de certa ſagrada familia Religioſa, naõ muito antigo, que ſem eſcrupulo algum ſe animou, e adiantou a eſcrever em ſuas Chronicas mais de huma vez, que a Santa Provincia dos Algarves largára o Convento de Varatojo ao Veneravel Chagas, com a condiçaõ de o tornar a largar á Provincia, logo que ſe completaſſe a fundaçaõ de Brancanes*. A ſer certo, e verdade, o que nos diz eſte Eſcriptor, eſtaõ os Religioſos de Varatojo intruſos neſte Seminario pelo naõ terem entregado á Provincia, logo que ſe concluio a obra da fundaçaõ de Brancanes. Ora ſendo, como he, a verdade a alma da Hiſtoria, ſempre me anímo a perguntar a eſte Reverendiſſimo Chroniſta, onde vem, e onde ſe acha eſſa condiçaõ, que eſcreveo? Ella naõ ſe acha no Breve Pontificio da criaçaõ do Seminario, nem na Patente do Geral, nem no acto da poſſe do meſmo Seminario, nem em memoria, ou monumento algum do meſmo Seminario, nem em Eſcriptura alguma authentica, nem quando o Breve Pontificio, para effeito da ſua execuçaõ, ſe apreſentou ao Re-

* *Chron. da Prov. da Conc. t. 1. n. 98.*

Reverendiſſimo Padre Provincial, e Padres da Provincia, lhe puſeraõ eſtes alguma condiçaõ ſobre a ſuppoſta entrega do Convento outra vez á Provincia, como conſta do que ſe diſſe acima no número 76. Donde parece, que naõ podia eu, nem devia paſſar aqui em ſilencio, ſem deixar de refutar o engano, ou equivocaçaõ, que teve o mencionado Reverendiſſimo Chroniſta. Porque calar na hiſtoria deſte genero, o que ſe póde, e deve dizer ſem prejuizo, e offenſa da verdade, he calar mal, e dar lugar a que outros enganados naõ digaõ bem, e eſcrevaõ mal. E eu para aqui dizer a verdade tenho direito, e obrigaçaõ; e para deixa-la ſepultada em ſilencio, nem obrigaçaõ, nem direito tenho.

109 Mais: ſe quando foi fundado o Seminario de Varatojo ainda ſe naõ tractava, nem cuidava, nem fallava da fundaçaõ de Brancanes, que, como fica demonſtrado, teve ſeu principio poucos mezes antes da morte do V. P. Fr. Antonio das Chagas, muito depois da fundaçaõ de Varatojo, que tinha ſido no anno de 1680, e a de Brancanes foi no de 1682. Como pois ſe podia pôr condiçaõ ſobre couſa, que ainda naõ exiſtia, nem lembrava.

Lo-

Logo bem se convence, que se equivocou o Reverendissimo Chronista. Mais: ainda que do Geral da Ordem, e do Papa viesse a supposta condiçaõ, naõ estavaõ todavia os Religiosos de Varatojo intrusos no Seminario, mas em boa consciencia. E porque? Por terem o uso do Convento do Real Padroeiro, que na sua fundaçaõ reservou para si este dominio. E assim independente do Papa, do Geral, e da Provincia póde dar o uso deste Convento a quem elle quizer, e tira-lo quando lhe parecer, como Padroeiro, e Senhor, que he do mesmo Convento. Mais: ainda que o Rei fundador naõ tivesse reservado para si o dominio do Convento, e no Breve da separaçaõ delle da Provincia para instituiçaõ de Seminario faltasse alguma clausula legal; nem assim haveria obrigaçaõ de restituir Varatojo á Santa Provincia, donde foi desmembrado. E porque razaõ? Porque de novo foi o Seminario confirmado por Breve do Santo Padre CLEMENTE XI.; e de novo se constituio Padroeiro delle El-Rei D. JOAÕ V. E neste Breve confirmativo, que he o mesmo da criaçaõ do Seminario de Brancanes, diz o Santo Padre concedente do Breve, que El-Rei D.

D. JOAÕ V tomára debaixo da ſua Real protecçaõ ao Seminario de Varatojo, como cabeça das Miſſoens para os ſeus dominios, ſegundo o que já deixo advertido acima, quando fiz mençaõ do referido Breve. n. 101.

110 Naõ deixo tambem de ter aqui preſente, o que eſcreveo o Reverendo Padre Godinho na vida do Veneravel Padre Chagas, quando tractando nella da fundaçaõ do Seminario de Brancanes, menciona algumas paſſagens de cartas attribuidas ao meſmo Veneravel Padre eſcriptas a ſeus amigos, pedindo a hum o ſeu parecer a reſpeito daquella fundaçaõ, e dizendo a outro, que a mudança de Varatojo para Brancanes ſe havia de fazer, ſe houveſſe conhecida melhoria, e ſegurança; e que tambem diſſera, que entre as conveniencias, que niſto havia, era a principal de reſtituir-ſe Varatojo á Provincia, para que ella ficaſſe ſem queixa. Donde conclûe o meſmo ſábio Eſcriptor, dizendo, que conhecida a melhoria do ſitio deſta fundaçaõ pelas vantagens, que evidentemente levava a Varatojo, ſe lhe lançára a primeira pedra *. Por ora ſem ſe

* *Vid. do V. Ch. c.* 20.

ſe adiantar a minha crítica a examinar ſe eſtas cartas ſaõ, ou naõ ſaõ legitimas do V. Padre, ſei, que naõ faltou quem duvidaſſe dellas, por ſe acharem ſó eſcriptas a peſſoas eſtranhas, e nenhuma a Religioſo de Varatojo, como parece pedia negocio de tanta ponderaçaõ. E tambem ſei, que quando depois da data daquellas cartas conſultando o V. Padre em Varatojo a ſeu Prelado, Confeſſor, e companheiros Miſſionarios, elles todos uniformemente concordes deſapprováraõ a mudança do Seminario de Varatojo, e entregarſe outra vez eſta caſa á Provincia. Ainda que naõ deſapprováraõ a nova fundaçaõ de Brancanes, ficando os Religioſos alli moradores ſujeitos ao Guardiaõ de Varatojo. Eis-aqui as razoens em que ſe fundáraõ, e que propuſeraõ ao Veneravel Padre: primeira, que Varatojo em razaõ de ficar em ſitio mais retirado de povoaçaõ grande, por iſſo meſmo era mais apto para o recolhimento dos Miſſionarios, quando naõ andavaõ em Miſſaõ: ſegunda, que Varatojo, á excepçaõ de porto de mar proximo, era mais bem aſſiſtido dos generos da primeira neceſſidade: terceira, que os ares de Varatojo eraõ mais ſadíos, que os de Setuval,

e que por esta razaõ sempre na Provincia fôra este Convento reputado, como a melhor aposentadoria para convalecença dos Religiosos velhos, e enfermos: quarta, que querendo os Missionarios de Varatojo ir para o Porto, e Minho por mar, podiaõ embarcar em Peniche com a mesma, ou melhor commodidade que em Setuval; e que se elles quizessem fazer jornada por terra a excepçaõ do Alemtejo, naõ ficava Varatojo mais distante das outras Provincias, do que Setuval: quinta, que ainda que se fundasse o Convento de Brancanes, nenhuma obrigaçaõ havia de entregar Varatojo á Provincia, nem se lhe fazia injustiça em se lhe naõ tornar a entregar, sendo dado pelo Geral da Ordem, pelo Papa, e pelo mesmo Rei, Senhor do Convento, a elle V. Padre, e companheiros sem condiçaõ alguma de se tornar a largar havendo outra fundaçaõ: sexta, que supposto naõ haver obrigaçaõ de tornar a dar Varatojo á Provincia, a qual sem repugnancia de seu Provincial, e Padres da Ordem, com pleno consentimento delles o entregou, querendo-se-lhe dar outra Casa, que fosse antes Brancanes, que Varatojo pelas mencionadas vantagens, que havia neste si-

tio

tio para Seminario: ſetimo, que depois de ſe inſtituir Seminario em Varatojo por ordem, e approvaçaõ do Geral da Ordem, com Breve Pontificio, com inſinuaçaõ, e Beneplacito Regio, como Caſa eſcolhida entre todas as outras da Provincia para criaçaõ de Miſſionarios, ſe elles deixaſſem eſte Convento por outro ſem conhecida melhoría, e vantagem, ſería eſta mudança viſta com indifferença, e ainda notada como effeito de eſpirito volante, leviano, e pouco conſtante: oitava, que ſendo extremoſa a caridade dos moradores do termo de Torres Vedras para com os Religioſos de Varatojo deſde o berço deſte Convento, onde ſó havia outro em todo o termo, que exercitaſſe a mendicidade, e havendo muitos deſtes Conventos pobres em Setuval, podia, e devia o do Varatojo por eſta razaõ com mais commodidade conſervar-ſe neſte ſitio, do que em Brancanes, ou em outra parte: nona, que os Religioſos moradores em Brancanes podiaõ eſtar ſubordinados ao Guardiaõ de Varatojo, e depedentes delle como de cabeça, e Prelado, conſervando-ſe Varatojo ſempre Seminario onde foi fundado.

To-

111 Todas eſtas taõ attendiveis, taõ ponderoſas, e taõ luminoſas razoens da ſubſiſtencia, e permanencia invariavel do Seminario de Varatojo no meſmo ſitio, em que foi fundado ſem o mudar para outro, naõ foraõ preſentes ao Reverendo, e ſábio Padre Godinho, nem menos ao illuſtre Chroniſta ha pouco mencionado. Nem taõ pouco o meſmo R. P. Godinho teve neſte lugar preſente, o que já tinha em outra parte eſcripto da belleza do ſitio de Varatojo para Seminario, com preferencia a outra qualquer ſituaçaõ, como ſe póde vêr nas meſmas palavras deſte ſábio Eſcriptor, que deixo copiadas acima número 71. Sei, que ouvindo depois o V. P. Fr. Antonio das Chagas todas eſtas razoens da boca do ſeu Guardiaõ, Confeſſor, e companheiros Miſſionarios, entendendo, que Deos lhe fallava pela boca delles, e que era aquella a vontade do meſmo Senhor, jamais dalli por diante ſe apartou della. Mas antes recommendou efficazmente a ſeus irmaõs, e companheiros Miſſionarios, que ſempre fervoroſos permaneceſſem, e ſe conſervaſſem invariaveis no ſeu Seminario de Varatojo, como em caſa da ſua primeira eſcolha, e eleiçaõ para

Col-

Collegio de Miſſionarios ; e que tambem zeloſos promoveſſem com toda a efficacia a ſua ſegunda fundaçaõ de Brancanes. Foraõ eſtes os ſentimentos, e ultima vontade do V. P. Fr. Antonio das Chagas em o reſto de ſeus dias. Naõ ſe lhe conheceo dalli por diante outra vontade, tençaõ, ou deſejo, nem por penſamento, inſinuaçaõ, ou eſcripto até os ultimos precioſos momentos de ſua vida, em que entregou a alma ao Creador. Os Miſſionarios do Seminario de Varatojo diſcipulos, e companheiros do V. P. Chagas, como fieis interpretes da vontade, e intençoens de ſeu ſanto Meſtre cuidáraõ ſolícitos depois da morte delle em adiantar a fundaçaõ de Brancanes, permanecendo os Religioſos moradores neſta nova fundaçaõ na ſujeiçaõ, e dependencia de Varatojo. E ſuppoſto que paſſados alguns annos, tendo chegado o Breve da nova confirmaçaõ do Real Seminario de Varatojo, e da nova erecçaõ do Convento de Brancanes em Seminario com independencia do de Varatojo, foraõ todavia os Miſſionarios, e Communidade de Varatojo de voto, e parecer, que naõ convinha haver outro Seminario, ſenaõ eſte com independencia da Provincia, ſegundo dei-

deixo advertido acima número 103 desta Historia, quando tractei da separação da casa de Brancanes do Seminario de Varatojo: elles com tudo depois mudárão de parecer, e tambem o mesmo Monarcha mudou do seu, julgando todos ser do agrado, e serviço de Deos, e tambem utilidade da Igreja, e do Estado haver em Portugal dous Seminarios, o de Varatojo, e o de Brancanes, vindo logo a pôr-se em execução o Breve Pontificio dirigido a este fim.

112 Donde, ainda que o V. P. Fr. Antonio das Chagas estimulado das queixas da sua Provincia, posto que injustas, tivesse pensamentos de lhe tornar a largar Varatojo, e ainda que movido das instancias, e rogos dos fervorosos moradores de Setuval, quando alli se fez Missão, elle tivesse tenção, e lembrança, havendo conhecida melhoría, de passar para aquelle sitio o Seminario de Varatojo, mudou com tudo de parecer, conformando-se com os votos de seu Prelado, Confessor, e companheiros, conhecendo, e entendendo ser esta a vontade de Deos, que em tudo tinha por norte de suas operaçoens, como humilde, e fiel servo do mesmo Senhor. Como tambem, segun-

gundo ha pouco se disse, posto que os Religiosos de Varatojo em consideraçaõ de ter tirado o Papa a condiçaõ, que hia na súpplica de ficar sempre o Seminario de Brancanes sujeito a Varatojo, assim como sempre se tinha conservado antes de Seminario; e posto que elles em Communidade congregada tivessem votado, e resolvido naõ devia haver senaõ o Seminario de Varatojo, e naõ outro; consultando com tudo a Deos na oraçaõ com mais reflexaõ mudáraõ de parecer.

113 Do que tenho dito, e evidenciado, que concluirei? Que o meu Seminario de Varatojo leva em tudo a vantagem, e preferencia ao Seminario de Brancanes? Naõ por certo. Longe, e bem longe de mim, que tenha taes pensamentos, e que lembre taõ odiosa preferencia, odiosa huma, e outra cousa á minha profissaõ. Antes pelo contrario sinto, e digo, que supposto o Seminario de Varatojo ser primeiro na antiguidade, e supposto chamar o Santo Padre CLEMENTE XI. ao Seminario de Varatojo cabeça das Missoens para os Dominios de Portugal, sinto, e digo, que hum, e outro Seminario está muito bem fundado, e situado. Hum, e outro foi fundado pe-

lo V. P. Fr. Antonio das Chagas. Hum, e outro tem o mesmo fim, profissaõ, e instituto. Hum, e outro se acha debaixo da protecçaõ Real. Hum, e outro, posto que independente, e separado na jurisdciçaõ, permanecem com tudo ligados com os estreitos laços da mútua caridade fraternal, que une, e enlaça os coraçoens, e vontades dos Alumnos de ambos os Seminarios, como filhos todos do mesmo Pai. Em hum, e outro se procura sustentar com todo o zêlo, espirito, e fervor a inteira, e pontual observancia da Regra primitiva de S. Francisco, e promover com efficacia Evangelica, e desejo ardente o exercicio das Missoens Apostolicas. Em hum, e outro finalmente tem florecido varoens illustres tanto em virtudes eminentes, e perfeiçaõ de espirito, como em letras com conhecida utilidade da Igreja, e do Estado, e de muita gloria para Deos.

CA-

## CAPITULO XV.

*Tem Varatojo Hospicio na Côrte fundado por El-Rei D. Pedro II.*

114 OS Monarchas do Throno Portuguez, Padroeiros do Convento de Varatojo, tem dado claras provas da sua Real protecçaõ a esta casa em todo o tempo desde sua fundaçaõ; està Real protecçaõ naõ se diminuio, mas antes cresceo ainda mais, quando o Convento de Varatojo passou para novo Seminario de Missionarios Apostolicos. Foi esta proficua, e interessante instituiçaõ em tempo, que governava venturosamente a Monarchîa Portugueza o Senhor D. PEDRO II. Este piedosissimo, e liberalissimo Principe, naõ só protegeo, favoreceo, e soccorreo repetidas vezes com Real profusaõ, e generosa liberalidade as necessidades do novo Seminario de Varatojo, querendo, como se disse acima, consignarlhe Ordinaria permanente (que lhe naõ acceitou a Communidade), mas além disso mandou fundar na Côrte em pouca distancia do Real Palacio, hum Hospicio a Varatojo para nelle assisti-

rem os Miſſionarios, quando ſe achaſſem em Lisboa com intençaõ, e devota condiçaõ, de que elles do Hoſpicio pudeſſem commodamente ir comer a Palacio. Os Miſſionarios porém coſtumados em ſeu retiro á comida ſimples, parca, e moderada, conſiderando, que meſa Real naõ era propria aos profeſſores de vida Evangelica, e Apoſtolica, e que o uſo de iguarias mimoſas, e delicadas naõ convinha a Religioſos de inſtituto pobre, e penitente, ſe eſcuſáraõ humildemente agradecidos ao Real Padroeiro, e bemfeitor para naõ irem comer a Palacio.

115 Condeſcendendo o piedoſiſſimo Monarcha com a moderaçaõ, retiro, e goſto dos Miſſionarios, ordenou, que para ſuſtento delles em todo o tempo que eſtiveſſem na Côrte, ſe déſſe ao Syndico do Seminario de Varatojo eſmola confórme a vontade dos Religioſos, que ſe achaſſem no Hoſpicio. Era tal a caridade, e affecto paternal deſte compaſſivo Principe para tudo o que reſpeitava ao ſeu Seminario de Varatojo, que naõ ſó ſe eſtendia ſua providencia, e Real beneficencia aos Religioſos, e irmaõs Donatos de Varatojo, mas queria que ella tambem chegaſſe aos meſmos criados ſerventes, e

aza-

azameis do Seminario, mandando, e recommendando a ſeu Eſtribeiro menor, lhes déſſe ſem demóra tudo o que elles pediſſem, e de que neceſſitaſſem. Taõ cordial, taõ extremoſa, e taõ exceſſiva era tambem a eſtimaçaõ, e veneraçaõ, que ſe lhe conhecia, e admirava, aos Religioſos de Varatojo, que quando os aviſtava das janellas do ſeu Palacio, logo alegre, e cheio de prazer os mandava chamar. Com elles fallava amigavelmente; com elles ſe entretinha, e conſolava perguntando-lhes pelo fructo das Miſſoens; a elles pedia encarecidamente oraçoens para ſi, e para a Familia Real, e lhes proteſtava, e promettia liberal, que jamais deixaria de proteger, e ſoccorrer a Varatojo, por ſaber, que ſeus Alumnos profeſſavaõ, e exercitavaõ vida Apoſtolica, naõ querendo acceitar outras rendas, e Ordinarias, ſenaõ as da Providencia Divina. Vendo pouco antes da ſua morte o meſmo devoto Monarcha a huns Miſſionarios de Varatojo, que vinhaõ de fazer Miſſaõ nas Indias Orientaes, Brazil, e Ilhas dos Açores, encarando, e apontando para elles, diſſe enternecido ao Principe D. JOAÕ ſeu Filho: vês eſtes Frades, que trazem o Santo Chriſto ao

pei-

peito? Elles saõ Missionarios de Varatojo, e chegaõ agora de fazer Missaõ nas Conquistas de Portugal, e terras mais remotas de ultramar. Elles depois de fazerem grandes serviços a Deos, á Igreja, e ao Estado, pacificando os discordes, sujeitando os póvos á rendida obediencia dos Prelados, e Magistrados, convertendo os peccadores, e máos Christaõs ao caminho da verdade, illuminando os infieis, e reduzindo-os á Fé, e Religiaõ Catholica, vem assás cançados, e fatigados com estes trabalhos Evangelicos, abraça-os, pede-lhes a bençaõ, e oraçoẽs, tracta-os sempre como amigo, e soccorre-os em suas necessidades: consulta-os nas dúvidas, e particulares do teu espirito, que sempre te fallaráõ verdade sem espirito de lisonja, e sempre te auxiliaráõ com oraçoens diante de Deos.

116 O Principe D. JOAÕ jamais se esqueceo da recommendaçaõ paterna relativa ao Seminario, e Hospicio de Varatojo a fim de proteger, e soccorrer com Regia liberalidade a seus Religiosos. Com o Reino herdou elle a piedade, e affecto que sempre teve a Varatojo, e de que sempre deo claras provas. Quando o Convento de Bran-

Brancanes erecto em Seminario ficou separado do de Varatojo, duvidava-se a que Seminario devia pertencer o Hospicio, que na Côrte se fundára para os Missionarios, ou se havia de ficar tanto para o Seminario de Varatojo, como para o de Brancanes. O Principe já nesse tempo acclamado no Throno de Portugal El-Rei D. JOAÕ V. o Grande, tirou esta dúvida, mandando por seu Secretario certificar ao Guardiaõ de Varatojo, que o Hospicio da Côrte naõ pertencia a Brancanes, mas a Varatojo, para cujos Missionarios fôra dado, e fundado. A cópia da carta escripta ao Guardiaõ de Varatojo he a seguinte. « Sua Mage-
» stade me ordenou avisasse ao Padre
» Fr. Manoel de Maçaõ (que era o
» primeiro Guardiaõ de Brancanes) ti-
» vesse entendido, que o Hospicio,
» que os Missionarios tem nesta Côr-
» te, fôra dado ao Seminario de Va-
» ratojo, e que assim naõ pertencia
» ao de Brancanes. Deos guarde a vos-
» sa Paternidade. Paço 26 de Novem-
» bro de 1711. Diogo de Mendonça
» Côrte Real. Senhor Fr. Rodrigo de
» Christo. »

117 Instando todavia o R. P. Fr. Manoel de Maçaõ primeiro Guardiaõ de Bran-

Brancanes, para que Sua Real Mageſtade houveſſe por bem conceder, que o Hoſpicio dos Miſſionarios na Côrte foſſe juntamente do Seminario de Brancanes, em conſideraçaõ de ter ſahido eſte novo Seminario do de Varatojo, e que aſſim podia ſervir para ambos os Seminarios. Naõ annuio o Monarcha a eſta propoſta, e pertençaõ, mas antes pelo contrario manifeſtou a ſua Real vontade por carta do ſeu Secretario dirigida ao Guardiaõ de Varatojo, cuja cópia he a ſeguinte. « Sendo
» preſente a Sua Mageſtade a repre-
» ſentaçaõ de Fr. Manoel de Maçaõ
» ſobre o Hoſpicio, e a de voſſa Pa-
» ternidade a reſpeito do meſmo, me
» ordenou lhe diſſeſſe, que por juſtas
» razoens, que lhe foraõ preſentes de-
» viaõ ſó eſtar nelle os Padres de Va-
» ratojo, o que participo a voſſa Pa-
» ternidade, pâra que o tenha aſſim
» entendido. Deos guarde a voſſa Pa-
» ternidade. 22 de Junho de 1712 em
» Pedrouço. Diogo de Mendonça Côr-
» te Real. Senhor Guardiaõ de Vara-
» tojo. »

118 Eſteve o Seminario de Varatojo de poſſe deſte Hoſpicio na Côrte, que ficava, ſegundo ſe diſſe acima, junto ao Palacio Real na Fregue-

zia

zia dos Martyres, até o anno de 1755, em que por occasiaõ do memoravel terremoto, que succedeo no primeiro de Novembro do dito anno, ficou tanto este bello, e commodo Hospicio, como a maior parte dos edificios, e Templos da Côrte, naõ só arruinados, mas convertidos em montes de cinzas por causa do incendio, que se seguio ao terremoto. Naõ se esqueceo nesta occasiaõ o Real Padroeiro de Varatojo, que já nesse tempo era o Fidelissimo, e piissimo Senhor Rei D. JOSE' I. em dar provas da sua generosa, e Real liberalidade, herdada com o Throno de seus Augustos Progenitores. Elle protegeo, soccorreo, e favoreceo sempre liberal a Varatojo. Elle quiz, que tambem se estendesse a sua generosa, e Real piedade ao Hospicio de Varatojo na Côrte. Pois constando-lhe, que o antigo estava hum montaõ de ruinas, julgou que era mais conveniente funda-lo de novo em outro sitio fóra das ruinas, e entulhos da antiga Cidade arruinada, e destruida. Com effeito concedeo o mesmo Fidelissimo, e piissimo Monarcha por seu Decreto, que se mandou lavrar, humas grandes, commodas, e bellas casas sitas na rua da Conceiçaõ, junto á

pra-

praça das Flores no campo da Cotovia, com ſeu quintal, Oratorio, e com toda a commodidade, e capacidade para ſervirem de novo Hoſpicio em lugar do antigo arruinado, e queimado.

119 Deo-ſe judicial, e legalmente poſſe deſtas caſas com ſeu quintal, e bello Oratorio ao Guardiaõ do Seminario de Varatojo Fr. Joſé do Naſcimento em 16 de Abril de 1761, como conſta de huma eſcriptura, que ſerve de titulo das ditas caſas, ou novo Regio Hoſpicio. Deſtas caſas, e novo Hoſpicio ſe ſervíraõ os Religioſos de Varatojo até o anno de 1786, em que a requerimento do Guardiaõ do Seminario Fr. Manoel de Maria Santiſſima, mandou logo, e promptamente a Fideliſſima, e piiſſima Soberana D. MARIA I. Rainha de Portugal, como Real Padroeira, que era do Convento, e Seminario de Varatojo, reparar, e concertar o novo Hoſpicio, ou caſas, que ſervem para elle em tudo o que preciſava de reparo, e concerto. A meſma Soberana Fideliſſima, e o Principe ſeu benemerito Filho, que o Céo abençôe mais, e mais, como por timbre da Real piedade, e liberalidade, que herdáraõ de ſeus Auguſtos Pais, e aſcendentes, conti-

tinúaõ em proteger, e favorecer efficazmente aos Religiosos de Varatojo, tanto por occasiaõ do Advento, e Quarentena de nosso Salvador Jesu Christo, como em mandar dar esmola annual designada para o Hospicio da Côrte; e tambem a esmola de cevada, e palha para quando a besta do Seminario vai ficar ao dito Hospicio, além da esmola do tabaco necessario, que mandaõ dar para os Religiosos do Seminario de Varatojo.

## CAPITULO XVI.

*Providencia admiravel da sustentaçaõ do Seminario de Varatojo. E noticia de alguns insignes bemfeitores do mesmo Seminario.*

120 MAis depressa os Céos, e a terra se mudaráõ do seu ser, do que as promessas, e oraculos de Deos, ainda mais firmes, que os mesmos Céos, deixem de se cumprirem, e venhaõ a faltar *. Tem Deos, Celestial Pai, empenhado solemnemente a sua palavra, que quem em primeiro lugar buscar o Rei-

* *Matth.* 24.

Reino dos Céos, nada do necessario lhe faltará *. Que todo o que se resolver a deixar a seus parentes, e renunciar as proprias riquezas para seguir, e imitar a Christo, receberá cento por hum, e possuirá a vida eterna **. Que todo o que fielmente servir a este Senhor, jamais deixará de ser assistido, e amparado delle. Estende nosso bom Deos a sua bençaõ, e protecçaõ ainda aos descendentes de seus fieis servos. Confessa David o mais santo entre os Reis, que nunca víra ao justo desamparado, nem que seus descendentes andassem buscando paõ, sendo que os ricos avarentos viráõ a padecer necessidade, e a ter fome, quando aquelles que buscaõ, e servem fielmente ao Senhor, naõ seraõ privados de bem algum ***.

121 Este contínuo milagre da Providencia Divina se vê, e admira evidentemente todos os dias no Seminario de Varatojo, onde a pesar de seus individuos cõmensaes chegarem algumas vezes a quarenta, e ainda mais, além dos frequentes hospedes, e pessoas, que

---

* *Matth.* 19.
** *Psalm.* 36.
*** *Psalm.* 33.

que por occasiaõ de alliviarem o seu espirito no Santo Sacramento da Confissaõ, e pedirem direcçoens no caminho do Céo, vem a Varatojo. As quaes pessoas, se naõ saõ tractadas, e hospedadas com regalos, e excessivas abundancias, saõ assistidas com pouco menos do necessario, que permitte a moderaçaõ Religiosa do Seminario, quando ellas vem a elle nestas devotas visitas de Confissaõ, e Communhaõ Sagrada, e conselhos relativos a seu interior, e espirito. De mais disto conservaõ-se de ordinario na enfermaria de Varatojo enfermos, os quaes, se naõ saõ tractados com regalos, e mimos, saõ curados com toda a humanidade, e caridade religiosa, assistindo-lhes com o preciso, e com os remedios, que lhe mandaõ tomar os Medicos, fazendo-se naõ poucas despesas com elles nas Boticas. O vestuario dos Religiosos de Varatojo posto que pobre, e de grosseiro sayal, a comida, ainda que parca, e moderada, a cera, e azeite, que diariamente se gasta na Igreja, e outras muitas cousas tanto para conservar o Culto Divino, como para sustentar a Communidade, naõ superfluas, nem excessivas, mas precisas, e de huma indispensavel necessidade,

se

ſe fazem com ellas avultadas deſpeſas. Pelo gaſto, e deſpeſas, que ſe fazem em huma familia ſecular de igual número de individuos, ou de huma Communidade Monachal de igual número de Religioſos, aos que ſuſtenta Varatojo ſe poderá fazer alguma idéa da deſpeſa, e gaſtos deſta Communidade; e de quanto he neceſſario para ſe ſuſtentar com religioſa decencia.

122 De mais diſto tambem he bem ſabido, que em Varatojo naõ ha Ordinarias pecuniarias, nem ſe percebem emolumentos de Capellas, e Legados, nem ſe celebraõ Miſſas por eſmolas pecuniarias, mas todas em particular, e em commum ſe applicaõ pelos bemfeitores do Seminario, a excepçaõ de huma Miſſa, que cada Religioſo Sacerdote diz cada ſemana applicada pelos irmaõs defuntos do Seminario. Em conſideraçaõ diſto logo a primeira Miſſa que todos os dias ſe diz no Seminario he applicada pelos bemfeitores do meſmo, ſegundo a recommendaçaõ do Guardiaõ. Tambem os Reaes Padroeiros, e toda a Familia Real, além de outros aſſiduos ſuffragios, e oraçoens, tem em Varatojo Miſſa diaria, e quotidiana com eſpecial applicaçaõ por ſua tençaõ. Naõ ſe préga

Ser-

Sermaõ algum por Religioſo do Seminario de Varatojo por dinheiro, nem eſtipendio temporal. Nem a Communidade deſte Seminario tem para ſua ſubſiſtencia fundos de quintas, e poſſeſſoens terrenas. Nem jamais os Religioſos de Varatojo para ſua melhor ſuſtentaçaõ tem de ſeus parentes, amigos, ou bemfeitores, tenças, nem tambem lhes he permittido recorrer a elles, para que os ſoccorraõ em ſuas religioſas neceſſidades. Pois quem remedêa eſtas? Quem ſoccorre aos Religioſos com o neceſſario, quando ſe achaõ neſtas neceſſidades? Quem tem cuidado de ſuſtentar a tantos individuos de Varatojo, e a ſua Communidade taõ numeroſa, e taõ pobre? O Guardiaõ do Seminario he o que ſuſtenta a ſua Communidade. Elle he o que tem a ſeu cuidado, e vigilancia paternal aſſiſtir-lhe com o neceſſario. Elle he o que com promptidaõ attende, e aſſiſte naõ ſó á ſua Communidade, mas tambem he elle o que attende pelas preciſoens, e religioſas neceſſidades de todos ſeus ſubditos. Elle he o que os ſoccorre, e lhes aſſiſte tanto no tempo da ſaude, como da enfermidade com tudo o preciſo, e neceſſario, de comedoría, de veſtua-

rio,

rio, Livros, papel, calçado, tabaco, e em fim tudo aquillo de que necessita o Religioso tanto espiritual, como temporalmente; sem que em tempo algum seja necessario a Religioso de Varatojo recorrer a seus parentes, bemfeitores, e amigos espirituaes para haver de passar melhor a vida religiosa.

123 E onde vai o Guardiaõ de Varatojo buscar subsidio, e provimento para sustentar a tantos Religiosos seus subditos? Donde lhe vem cabedaes para tantas despesas, que por huma indispensavel necessidade se devem fazer com Communidade taõ numerosa, qual he a de Varatojo? Quem lhe dá o necessario para ella? Donde sahem estes cabedaes que se gastaõ, e dispendem com ella? Vem da grande Mesa do Celestial Pai de Familias. Sahem dos Thesouros inexhauriveis da sua Divina Providencia. Sim Deos, o nosso grande Deos, e nosso Pai Celestial, que tem a seu cuidado sustentar o Seminario de Varatojo, he o que com sua Maõ invisivel move os coraçoens, e vontades, de quem póde soccorrer as necessidades dos Religiosos filhos de hum Seminario, onde se vive Apostolicamente por instituto, e profissaõ Evangelica. Sim, he Deos, o nosso Clemen-

mentiſſimo Deos, o meſmo que adorna o Céo de aſtros; o meſmo que matiza, e affórmoſêa os campos de viſtoſas boninas, e flores odoríferas; o meſmo que veſte as aves de engraçadas pennas, o meſmo que liberal alimenta as féras dos boſques, os bichinhos da terra, e os filhinhos dos corvos *. He eſte, digo, o grande Proviſor, e Celeſtial Pai, que tem em todo o tempo provído, e ſoccorrido as neceſſidades de huma Communidade, e de hum Seminario, cujos Religioſos ſempre vivêraõ, e vivem da Divina Providencia, certos porém, que eſta jamais lhes faltará em quanto ſe conſervarem cheios de fervor de eſpirito, ſervindo fieis ao meſmo Senhor em vida Apoſtolica, e Evangelica, como por grande beneficio do Céo, e eſpecial bençaõ de Deos, ſe praticou, e pratíca em Varatojo deſde o berço deſte Convento. Naõ he poſſivel, que eſte bom Deos, e Senhor, que eſte Celeſtial Pai jamais falte a ſeus filhos, e fieis ſervos, nem que ſuas promeſſas deixem de ſe cumprirem.

124 Ainda no meſmo ſeculo que Rei, que Senhor, que Pai haverá por



---

* *Pſalm.* 14.

mais cruel, e deshumano, que se considére, que falte com o preciso, que deixe de assistir com o necessario, ou que permitta morrer de fome ao Vassallo, servo, e filho, que fielmente tiver servido, e feito o gosto, e vontade a seu Rei, Senhor, e Pai? Ora sendo o nosso grande Deos Rei Omnipotente, Senhor Supremo, Celestial Pai, e justo Remunerador, será possivel, que Elle falte com o necessario, e que permitta morrer de fome a quem fielmente o servir, e guardar a sua Lei, cumprindo com a sua adoravel vontade? Haverá esta falta em Deos? Naõ por certo. Se Elle alguma vez tem permittido, que em Varatojo se visse o rosto á necessidade, e que experimentassem indigencia seus filhos faltando-lhes algumas cousas precisas, foi isto sem dúvida para motivo de mais merecimento no exercicio da santa pobreza de espirito. Quem haverá, que no mesmo seculo naõ experimente alguma vez a falta de cousas precisas, e necessarias. A Fé nos ensina, que Christo sendo Rei dos Céos teve fome no deserto para nos dar exemplo na prática da pobreza Evangelica. Mas jamais permittirá, que algum justo, e verdadeiro servo seu morresse á fome. A expe-

periencia, que he o fructo dos annos, ensina que onde ha mais amor, e temor de Deos, e mais observancia da sua Lei, ahi ha mais abundancia ainda do temporal para passar a vida. E tambem ensina, que onde ha mais vicios, mais falta de amor, e temor de Deos, mais relaxaçaõ nos costumes, e menos observancia das Leis Divinas, e humanas, ahi ha mais pobreza, e mais falta de paõ. As Religioens, e Corporaçoens regulares, que saõ mais observantes, e que vivem mais reformadas, e mais exemplares, saõ as mais bem assistidas ainda temporalmente. Os Religiosos, que forem verdadeiros pobres de espirito, e que viverem Apostolicamente, ainda que nada tenhaõ, nada possûaõ, nada desejem de cousas terrenas, elles com tudo se poderaõ venturosamente gloriar com o grande Apostolo, dizendo, que naõ tendo cousa alguma, e nada possuindo, tudo tem em Deos, e que nada lhes faltará para passarem, e conservarem a vida temporal.

125 Para prova evidente da admiravel Providencia, que Deos tem com o Seminario de Varatojo, servem os casos seguintes. Passava certo militar para Peniche, Villa, e praça de armas,

 pe-

pelas visinhanças de Varatojo em occasiaõ, que dous irmaõs dos mesmo Seminario andavaõ pedindo alguns frangos para Religiosos enfermos na enfermaria de Varatojo. Perguntou este militar áquelles irmaõs, se lhe davaõ noticia do Padre Fr. Affonso dos Prazeres? Respondêraõ elles, que para o mesmo Padre actualmente enfermo na enfermaria de Varatojo andavaõ elles na diligencia de pedirem alguns frangos, de que lhe mandavaõ usar os Medicos, por se naõ criarem em Varatojo, nem se darem a comer aos Religiosos do Seminario, senaõ quando se achavaõ doentes. Levantando logo a voz aquelle devoto militar para hum seu criado, lhe disse: ó Fulano, vai depressa a esses casaes, e compra huma quantidade de frangos, e gallinhas, que quero manda-las ao Visconde de Barbacena em outro tempo nas campanhas meu Sargento Mór de batalhas, e agora Missionario pobre, e enfermo no Seminario de Varatojo. Achou o criado nos casaes frangos, e gallinhas em abundancia, porém naõ achou vontade, e devoçaõ nos donos para se venderem por mais instancias, que fez o criado com elles. Dando parte disto ao militar seu amo, disse elle com demons-

monſtraçoens de admiraçaõ, e ſentimento: que caſta de gente he eſta, que naõ quer vender por dinheiro nenhum o que pódem, e devem fazer para hum enfermo? Entaõ lhe reſpondêraõ os irmaõs de Varatojo, que andavaõ naquelle peditorio: ora eſpere voſſa mercê aqui em quanto nós chegamos aos primeiros caſaes a exercitar o noſſo peditorio. Apenas chegáraõ a fallar aos donos dos caſaes, lembrando-lhes, que andavaõ na diligencia de alguns frangos para Religioſos doentes na enfermaria de Varatojo, logo com a maior promptidaõ, e affecto de exceſſiva caridade, offerecêraõ os donos daquelles caſaes naõ ſó frangos, mas tambem gallinhas. O que elles naõ queriaõ vender por intereſſe de dinheiro, deraõ, e offerecêraõ liberaes por effeito de caridade, e affecto de compaixaõ. Seguio aquelle ſoldado a ſua jornada cheio de admiraçaõ, pelo que víra, e os irmaõs de Varatojo agradecidos voltáraõ logo para o Seminario a encommendar nelle a Deos, os que taõ liberalmente ſoccórrem as neceſſidades do meſmo Seminario.

126 Achava-ſe na enfermaria de Varatojo quaſi a terça parte dos Religio-

ſos

ſos doentes, e tambem o Guardiaõ. Mandou eſte chamar a hum Religioſo Sacerdote moderno no habito, ao qual lembrando, que para tantos doentes nem hum frango ſe achava no Seminario, lhe diſſe, que em conſideraçaõ daquella neceſſidade, lhe queria dar o merecimento da obediencia, ſahindo elle aquella tarde com hum irmaõ Donato na diligencia de pedir alguma gallinha, mas com cautela de ſe naõ molharem por ſer eſtaçaõ de tempo invernoſo. E que tambem nos dias ſeguintes continuaſſem a diligencia pedindo alguns frangos, e gallinhas. He de notar, que eſte peditorio foi em anno mais doentio, e falto de milho para criaçaõ das gallinhas. Sahio com effeito o Religioſo mandado no exercicio da obediencia a fazer o ſeu peditorio. Logo na meſma tarde mandou ſete gallinhas para o Seminario offerecidas pelos Bemfeitores do meſmo, pedindo unicamente por ellas o preço de oraçoens. Tambem pedio eſtas a certa peſſoa de huma caſa, que no dia ſeguinte offereceo aos meſmos irmaõs deſte peditorio cinco cabeças entre gallinhas, e frangos. Quaſi o meſmo faziaõ outros Bemfeitores do Seminario. Vendo o Guardiaõ, que naquella oc-

ca-

casiaõ tinha o que lhe bastava para remediar a necessidade dos doentes, mandou logo aviso ao Religioso do peditorio, e a seu companheiro, que se recolhessem, e naõ pedissem mais gallinhas, nem frangos. Sendo este mesmo Religioso em outra occasiaõ mandado ao peditorio do vinho encontrou pessoa, que lhe disse: como este anno houve pouco vinho, darei esmola dobrada a Varatojo. Naõ era de inferior caridade outra pessoa, que, queimando-lhe o pulgaõ inteiramente toda a vinha que tinha, e donde costumava dar a sua esmola com santa ambiçaõ de mais merecimento, chegou naquelle anno a comprar vinho para delle dar a sua esmola ao Seminario.

127 Tem a Communidade de Varatojo hum macho para a conducçaõ das esmolas de bacalháo, e de outras cousas, que da Côrte, e de outras partes vem para o Seminario. O macho para se sustentar necessita de cevada, a qual se deve pedir. Certo Guardiaõ do Seminario mandou n'huma occasiaõ fazer o peditorio da cevada, e julgando que para todo o anno bastariaõ tres moyos, recommendou ao Religioso, que designára para este peditorio, que junto com outro companheiro irmaõ Lei-

go

go naõ excedessem no peditorio a quantia dos tres moyos; e lhes assignalou, e determinou sitio por onde haviaõ de pedir, do qual se naõ deviaõ estender, nem sahir para mais longe. Em execuçaõ da santa obediencia sahio o Religioso Sacerdote a este peditorio com seu companheiro irmaõ Leigo pelas visinhanças de Varatojo em direitura para Arruda, pouco mais de tres legoas distante de Varatojo, chegando a esta Villa, tendo apenas oito dias de peditorio, e tendo já este rendido dous moyos de cevada, perguntou certo Ecclesiastico Beneficiado na Collegiada da mesma Villa, quanto faltava no peditorio para a quantia, que mandára pedir o Guardiaõ? Respondêraõ os irmaõs do peditorio, que ainda lhes faltava hum moyo. Disse logo o mesmo devoto Ecclesiastico: pois eu quero ter o merecimento de dar o moyo que falta. E tambem disse: ainda eu lhes queria fazer outro favor, que he entregar-lhes em dinheiro o importe da cevada para se livrarem do incommodo do transporte da conducçaõ em carros. Os irmaõs de Varatojo, que faziaõ o peditorio agradecendo a grande caridade deste Ecclesiastico, lhe acceitáraõ o moyo de cevada, mas naõ o dinheiro;

ro; e dando logo por concluido o ſeu peditorio ſe recolhêraõ ao Seminario. Os caſos deſtes dous números antecedentes os poſſo atteſtar como teſtemunha de viſta; pois os preſenciei, e me ſuccedêraõ a mim meſmo, quando fiz os mencionados peditorios. Tambem poſſo atteſtar, que eſte devoto Eccleſiaſtico, e Beneficiado Joaõ Luís de Carvalho, ſendo eu Guardiaõ do Seminario, me offereceo mais de huma vez eſmolas, as quaes naõ lhe quiz acceitar, por naõ ſerem entaõ neceſſarias em Varatojo. O meſmo tem ſuccedido a outros Guardioens do Seminario, que agradecidos ſe eſcuſáraõ acceitar eſmolas dos Bemfeitores, quando naõ havia preciſaõ dellas no Seminario.

128 Eſta grande, e extremoſa caridade dos Bemfeitores de Varatojo, procede do conhecimento que tem, de que neſte Seminario ſó ſe pedem, e acceitaõ eſmolas em occaſiaõ de manifeſta neceſſidade; e que as contínuas, e inceſſantes oraçoens, que ſe fazem em Varatojo pelos Bemfeitores do Seminario, além das Miſſas que diariamente por elles ſe applicaõ, ſaõ a recompenſa, e a paga das ſuas eſmolas. Em todos os dias logo a primeira Miſſa,

que

que se celébra no Seminario, como se advertio acima, se applica especialmente pelos Bemfeitores do mesmo. Donde rarissima será a pessoa, se naõ estiver destituida de toda a humanidade, que conhecendo as necessidades de huma Communidade, que só vive da Divina Providencia, deixe de remedia-las, e soccorre-las. Sei que fallando eu com certo Protestante de profissaõ sobre o provimento, e admiravel providencia da subsistencia do Seminario de Varatojo, e da sua Communidade, bastou isto para o enternecer, e lhe fazer sahir as lagrimas dos olhos mais de huma vez; e ainda que herege, ficou taõ enternecido, que offerecia liberal, e generoso avultadas esmolas para Varatojo, as quaes se lhe naõ acceitáraõ por naõ serem entaõ necessarias.

129 Por grande beneficio, e misericordia de Deos he taõ extremosa esta caridade, e affecto a Varatojo em todo o Reino de Portugal, e ainda fóra delle, que além dos Reaes Padroeiros, Familia da Casa Real, pessoas Titulares, e da primeira nobreza, e grandeza do Reino, Prelados maiores, e outras muitas pessoas illustres, tanto da Côrte, como de fóra della, bem

po-

podemos dizer, que Varatojo tem tantos Bemfeitores, quantos saõ os lavradores visinhos do Seminario, e quantos saõ os moradores do termo da devota Villa de Torres Vedras. Donde se eu houvesse de tecer catalogo de todos os Bemfeitores do Seminario de Varatojo naõ bastariaõ muitos livros. Todos estes Bemfeitores em consideraçaõ da grande, e extremosa caridade, que professaõ a Varatojo, se fazem verdadeiramente dignos, e merecedores das contínuas, e incessantes oraçoens, que por elles se fazem no Seminario. E tambem eraõ merecedores, e tinhaõ assás direito, de que seus nomes fossem elogiados pelas pennas dos Escriptores do mesmo Seminario em testemunho da nossa gratidaõ. Porém a nossa Santa Igreja, posto que sciente da santidade, e virtudes eminentes de alguns filhos seus, naõ os costuma canonizar, nem publicar seus louvores, senaõ depois que elles termináraõ seus dias com preciosa morte. E porque tambem o Espirito Santo, que dirige a mesma Santa Igreja sua Esposa, e columna da verdade, acautela, que se naõ louve o homem em vida, mas só depois de sua morte. Esta he a justificada razaõ, porque nesta Historia

naõ

naõ fallo determinadamente dos Bem-feitores vivos de Varatojo, posto que mui singulares, e distinctos; mas só aqui faço mençaõ de alguns já fallecidos, cujas memorias achei em monumentos, que com estimaçaõ se conservaõ no Seminario para lembrança, e testemunho perpetuo de seus insignes Bemfeitores, a fim de mostrarmos á posteridade o nosso eterno agradecimento a quem com tanta caridade, e taõ liberalmente soccorria as nossas necessidades Religiosas.

130 Além das pessoas Reaes, de que ha pouco fallei, se consideraõ em Varatojo como insignes Bemfeitores do Seminario, os que vaõ abaixo mencionados. Taes foraõ o Eminentissimo Cardeal Almeida, primeiro Patriarcha de Lisboa, e seus successores: o Eminentissimo Cardeal Mota: os Excellentissimos D. Fr. José Maria, Bispo do Porto; D. Bernardo Ozorio, Bispo da Guarda; D. Joaõ de Mello, Bispo de Coimbra; D. Fr. Joaõ Rafael de Mendoça, Bispo do Porto; os quaes todos deraõ evidentes, e claras provas da caridade, e affecto á Varatojo, soccorrendo repetidas vezes as suas necessidades. Como tambem soccorreo estas por todo o tempo, que esteve Arce-

cebiſpo em Goa, e Biſpo no Algarve o Excellentiſſimo D. Fr. Lourenço de Santa Maria; o Excellentiſſimo D. Fr. Joaõ do Naſcimento, Biſpo do Funchal; hum, e outro filhos benemeritos do Seminario de Varatojo. A meſma obrigaçaõ de agradecimento ſe conſerva no Seminario ao Excellentiſſimo D. Franciſco Trigoſo, memoravel Biſpo de Viſeu, e ao illuſtre Sebaſtiaõ de Almeida Trigoſo, irmaõ do meſmo memoravel Prelado, e benemerito Capitaõ Mór, que foi da Villa de Torres Vedras, Senhor da Quinta nova diſtante menos de huma legoa da meſma Villa, e Fidalgo da Caſa de Sua Mageſtade.

131 Taes foraõ tambem o Excellentiſſimo D. Nuno Alvares Pereira, primeiro Duque de Cadaval, que muitos annos deo liberal eſmola para ſe veſtirem todos os Religioſos do Seminario de Varatojo. O Excellentiſſimo Manoel Telles, primeiro Marquez de Alegrete taõ extremoſo no affecto, e caridade para com Varatojo, que paſſou ordem a ſeus criados para darem com promptidaõ ao Seminario de Varatojo tudo aquillo, de que a ſua Communidade, e Religioſos tiveſſem neceſſidade, tanto de veſtuario, como

de

de vinho, paõ, e azeite. Passou este affecto de generosa caridade, e liberalidade como por herança aos successores desta illustrissima familia. O Excellentissimo D. Luís de Sousa, primeiro Marquez das Minas, que liberal, e com maõ larga repetidas vezes soccorreo as necessidades do Seminario. O Excellentissimo D. Antonio de Almeida, Conde de Avintes, que admirado, e enternecido de lhe naõ querer acceitar a Communidade de Varatojo huma arroba de vacca cada semana, em consideraçaõ de ter esta esmola visos de Ordinaria perpetua repugnante á grande perfeiçaõ da santa, e mais estreita pobreza Evangelica, que se praticava em Varatojo, favoreceo por outro modo muitas vezes com generosa, e liberal profusaõ a mesma Communidade, cujo distincto affecto, e singular caridade para com Varatojo herdáraõ seus illustres descendentes os Excellentissimos Marquezes de Lavradío.

132 Tambem igual affecto, e demonstraçoens de singular beneficencia, e caridade professáraõ a Varatojo illustres Senhoras da primeira nobreza do Reino; nobres Cavalheiros, e devotos Ecclesiasticos, especialmente os se-

ſeguintes: D. Thereza de Moſcoſo, Marqueza de Santa Cruz, Aia da Rainha, D. Maria de Auſtria; D. Elvira, Condeſſa de Pontevel; D. Filippa de Noronha, da Caſa de Caſcaes; ſingular, e memoravel Bemfeitora de Varatojo, a qual além de dar para o Seminario a precioſa Imagem da Senhora das Dores com ſua primoroſa talha, e Altar, que ſe conſerva na Capella da meſma Senhora dentro da Igreja do Seminario, lhe deixou em teſtamento huma avultada eſmola ſem fallar em outras muitas, que tinha dado em vida. O Capitaõ Ignacio de Mira Solteiro, Senhor do Morgado da Gieſteira em Monte-Mór o novo, pai do Excellentiſſimo D. Fr. Joaõ do Naſcimento, Biſpo do Funchal, mandou fazer o Preſépio, que eſtá junto á portaría do Seminario, com o primoroſo quadro de S. Antonio da Capella Mór, obra do pincel do inſigne Bracarelli. O devoto Cavalheiro Luís da Mota Ribeiro, Senhor da Quinta do Calvel, o qual depois de favorecer em ſua vida repetidas vezes a Communidade de Varatojo, ſoccorendo liberal as ſuas neceſſidades, lhe deixou por morte em ſeu teſtamento o precioſo theſouro da Senhora da Graça em devotiſſimo quadro

dro, que ſe collocou na Igreja do meſmo Seminario. Vicente Alvares de Araujo e Silva, profeſſo na Ordem de Chriſto, Meſtre de Campo, ſempre memoravel pela conducta exemplar das ſuas virtudes, Conſorte da illuſtre D. Maria Caetana da Silva e Moura, o qual além de outras eſmolas, com que favorecia liberal, e caritativamente generoſo as neceſſidades de Varatojo, queria goſtoſo, que a ſua caſa de Trucifal ſerviſſe de Hoſpicio aos Religioſos do Seminario todas as ſemanas, e ſempre que elles foſſem confeſſar, ou pedir eſmola áquelle lugar. Manoel Caetano, e ſeu filho Juliaõ Maria, piedoſos, e memoraveis Cavalheiros do lugar de Runa, aos quaes, em quanto lhes durou a vida, lhes durou a exceſſiva caridade, e affecto para favorecerem, e hoſpedarem em ſua caſa os filhos, e ſerventes de Varatojo.

133 Joaõ Luís de Carvalho, Beneficiado que foi na Collegiada da Senhora da Salvaçaõ, na Villa de Arruda, diſtinguio-ſe ſingularmente no affecto, que ſempre conſervou a Varatojo, de que deo claras provas. Pois naõ ſó ſoccorreo, e favoreceo com exceſſiva generoſidade, e extremoſa caridade as neceſſidades da Communidade com

re-

repetidas eſmolas, mas a peſar de avultadas deſpeſas mandou abrir por ſua conta em beneficio do Seminario cuſtoſas minas de agua para o meſmo, e fazer a linda Capella da Senhora do Sobreiro, como tambem o Pórtico, e lageado da portaría com a ſua eſcada de marmore, e o nicho de S. Antonio na frente da meſma portaría. Tem ſempre cuidado o Guardiaõ de Varatojo, logo que ſabe do fallecimento de algum Bemfeitor do Seminario, de lhe mandar dizer certo número de Miſſas por ſua alma, além de outros ſuffragios, e oraçoens, que ſe applicaõ em Varatojo para eſte meſmo fim.

## CAPITULO XVII.

*Peſſoas illuſtres elegêraõ ſepultura em Varatojo.*

134 SAõ notaveis os attractivos da apreciavel ſantidade; ella como ſe tiveſſe virtude ſympatica, a todos agrada, namora, convida, e chama para ſua companhia, deſejando que todos vivos, e mortos paſſem para o ſeu domicilio. Por eſpecial beneficio do Céo vemos iſto venturoſamente no ſagrado

retiro de Varatojo: onde a conducta edificante, e a ſanta ſimplicidade Evangelica, e Apoſtolica, com que vivem ſeus moradores, conduzidos pelo exemplo, e eſpirito do Seráphico Padre S. Franciſco, tem deſde a ſua primeira inſtituiçaõ chamado, e attrahido geralmente a eſtimaçaõ, e veneraçaõ de pequenos, e grandes, Seculares, e Eccleſiaſticos, tanto de perto, como de longe. Muitas illuſtres, e grandes Perſonagens, tendo buſcado em vida frequentemente com eſpirito devoto o ſagrado retiro de Varatojo para ſe inſtruirem nos caminhos do Céo, e verêdas da perfeiçaõ Evangelica, deſejando, que tambem ſeus corpos depois da morte deſcançaſſem á ſombra de taõ exemplares Religioſos, fizeraõ eleiçaõ de ſepultura no ſeu clauſtro. De ſorte, que poucas familias illuſtres, e principaes de Portugal, ſe encontráraõ, que naõ poſſaõ contar cinzas de algum parente, e ramo ſeu em Varatojo, ou em razaõ de ter profeſſado o inſtituto, e vida deſte Convento, e Seminario, ou por eleiçaõ de ſepultura, que alli elegeſſe. Além de outras muitas familias, cujos oſſos, e cinzas ſe conſervaõ em Varatojo, merecem recommendavel memoria as que

tem

tem os appellidos ſeguintes, muitos dos quaes ainda ſe vem gravados nos mármores, a ſaber: Abranches, Affonſecas, Alarcoens, Bandeiras, Carvalhaes, Caſtellos-Brancos, Caſtros, Coutinhos, Galetes, Gambôas, Gomes, Gonçalves, Guedes, Lacerdas, Leites, Lobos, Machados, Marques, Martinzes, Mellos, Mendes, Menezes, Noronhas, Nunes, Olivares, Ozorios, Pires, Provenças, Regos, Ribeiros, Rodriguez, Saõ Payos, Seabras, Soares, Souſas, Vaſconcellos.

135 Por cauſa da injuria dos tempos, que ſó reſpeita ao Eterno, e tambem pelo deſcuido aſſás reprehenſivel, de quem com pouco cuſto podêra notar, apontar, e lembrar memorias intereſſantes aos vindouros, ſe tem eſcurecido, desfeito, gaſto, e conſumido muitos Epitaphios gravados nos mármores de Varatojo, de ſorte, que naõ pude deſcobrir os veſtigios de muitos deſtes, como nem tambem lembrança de memoraveis túmulos, e Mauſoléos, que em outro tempo houve em Varatojo. Farei aqui memoria do que pude indagar, e deſcobrir, naõ ſem cuſto, e fadiga. A Princeza D. JOANNA, a quem chamáraõ a *Excellente Senho-*

 *ra,*

*ra*, Filha de HENRIQUE IV., Rei de Castella, Herdeira daquella Corôa, de que foi privada naõ por falta de merecimentos Pessoaes, mas por sorte adversa, elegeo primeiramente sepultura em Varatojo pelo grande affecto, e veneraçaõ, que tinha a este Convento, e a seus Religiosos, como consta da Historia Genealogica da Casa Real. * Na Torre do Tombo se achou o testamento desta Princeza escripto por sua propria maõ, em que ordenava, que seu corpo fosse sepultado no habito de S. Francisco no Convento de Varatojo. E ainda que depois determinou, que seu corpo fosse enterrado no Convento de S. Clara de Lisboa, jamais se esqueceo de Varatojo, deixando esmola de azeite á Igreja do mesmo Convento para nella allumiar assiduamente huma alampada diante do Santissimo Sacramento.

136 Antes de se reformar huma parede da Igreja de Varatojo junto á Capella Mór, estava nella hum magnifico sepulchro do Commissario, e Inspector Regio, que por ordem, e insinuaçaõ do Monarcha fundador cuidou na obra da fundaçaõ do Convento.

* *T. 3. pag. 72.*

to, e Igreja, o qual no meſmo ſepulchro mandou gravar o ſeu nome, e de ſua mulher, que tambem tinha ſervido no Paço, cujo Epitáphio dizia aſſim: *Aqui jaz Diogo Gonçalvez, Veador que foi da Rainha D. Leonor, que por mandado de El-Rei D. Affonſo V. ſeu Filho teve cargo de mandar fazer eſte Moſteiro, e Elvira de Olivares ſua Mulher, donzella * que foi da dita Senhora.* Naõ deo o nome de Dom a ſua Mulher Elvira; porque naquelles tempos naõ ſe dava o tractamento, e nome de Dom ás mulheres, ainda que foſſem Senhoras, e Fidalgas de qualidade, como ſe moſtra na Hiſtoria Genealogica da Caſa Real, ſem eſpecial mercê **.

137 Nos degráos do Altar da Senhora da Conceiçaõ ſe mandou enterrar a illuſtre Fidalga D. Guiomar Machado, mulher de D. Pedro de Caſtro. No meio do pavimento em huma campa humilde, ſe mandou ſepultar hum neto do Conde de Penella, Sobrinho d'El-Rei D. AFFONSO V. com eſta inſcripçaõ: *Aqui jaz D. Silveſtre de*

---

* *Naquelle tempo ſe dava ás Damas do Paço o nome de donzella.* Blot. t. 2.

** *Tom. 3. p. 36.*

*de Vaſcencellos, conſánguineo d'El-Rei Senhor noſſo. Morreo aos treze annos de ſua idade, no lugar de Mafra a* 19 *de Março de* 1517. A eſta familia pertencia a Quinta da Villa de Mafra, de que hoje ſaõ poſſuidores, e Senhores os Illuſtriſſimos, e Excellentiſſimos Marquezes de Ponte de Lima.

138 Entre o Altar do Santo Chriſto, e o da Conceiçaõ, junto á Capella Mór, fóra das grades da Communhaõ, no pavimento da Igreja em huma campa ſe lê o ſeguinte: *Sepultura de Miguel de Lacerda e Noronha, Clerigo de Miſſa.* Era eſte illuſtre Eccleſiaſtico ſingular bemfeitor de Varatojo, e natural de Torres Vedras. Á entrada da Igreja para hum dos lados no pavimento da meſma, ſe vê eſcripto: *Aqui jaz Mendo de Foios, Cavalleiro d'El-Rei noſſo Senhor.* No clauſtro á entrada do Capitulo, onde ſe enterraõ os Religioſos, ſe mandou ſepultar D. Affonſo de Vaſconcellos e Menezes, filho de D. Joaõ de Menezes, e neto do Conde de Penella, Sobrinho d'El-Rei D. AFFONSO V. O mencionado Conde de Penella, Sobrinho do meſmo Rei, eſcolheo para ſi ſepultura na Capella do Capitulo de Varatojo. Na carta da criaçaõ deſte Titu-

tulo de Conde de Penella por El-Rei D. AFFONSO V., ſe lêm eſtas palavras, que claramente moſtraõ o affecto, que o Monarcha tinha a eſte ſeu Parente, e Sobrinho, e juntamente os ſeus merecimentos, pois dizem aſſim: " Fazemos ſaber, que eſguardando * nós " o grande devido, que comnoſco ha " D. Affonſo de Vaſconcellos, noſſo " bem amado Sobrinho, e de grandes merecimentos, e ſerviços, &c. "

139 Na Capella do Senhor Jeſus, ſituada dentro do clauſtro, (á qual chamaõ *aula*) eſtava o ſepulchro dos Illuſtriſſimos Governadores do Caſtello de Torres Vedras, Alcaides Móres da meſma Villa. Em huma pedra embutida na parede da meſma Capella, ſuſtentada por dous Satyros, os quaes ſe achaõ agora defronte da horta nos remates da parede, que facêa com a mata do Seminario, ſe lê o ſeguinte: *Neſte lugar deſcança o corpo do magnifico D. Gomes Soares. Foi Conſelheiro d'El-Rei D. Affonſo V., d'El-Rei D. Joaõ II., e d'El-Rei D. Manoel, delles Vaſſallo muito eſtimado pelos empregos, que exercitou em beneficio da Republica, tanto em tempo*

* *Conſiderando.*

*po de paz, como de guerra.* E porque este mencionado D. Gomes naõ tinha filho varaõ, deixou Herdeira sua filha D. Margarida Soares, que casou com D. Joaõ de Alarcaõ de illustrissima familia na Hespanha, para a qual, e seus successores alcançou por seus serviços o officio, e emprego de Alcaide Mór da Villa de Torres Vedras. E juntamente com D. Gomes Soares jaz sua illustre consorte Dona Filippa de Castro. Falleceo no anno de 1525.

140 No pavimento da mesma Capella junto á sepultura do dito illustrissimo D. Gomes estava outra pedra com este Epitaphio: *Passado o trabalho da vida dormem em somno perpetuo D. Joaõ de Alarcaõ, Castelhano, genro de D. Gomes Soares dos illustrissimos Senhores de Valverde, Duques do Infantado, e com elle seu filho, neto, e bisneto, D. Martinho, D. Joaõ, D. Martinho Soares, segundo deste nome.*

141 Immediatamente na sepultura seguinte se diz: *Aqui descançaõ as Christianissimas Senhoras D. Margarida de Castro, filha de D. Gomes Soares, D. Violante Coutinho, filha do Capitaõ dos nobres Cavalleiros da guarda, chamada dos* Ginetes, *e D.*

*Iza-*

*Izabel de Castro, filha do Baraõ de Alvito.* D. Margarida, filha de D. Gomes Soares, casou, como ha pouco se disse, com D. Joaõ de Alarcaõ; e D. Violante, e D. Izabel, foraõ dadas em matrimonio a seus successores. Os descendentes desta illustrissima casa chegáraõ a ser nomeados, e criados Titulares por FILIPPE IV., quando dominava Portugal, fazendo a D. Joaõ Alarcaõ, successor, e Senhor desta casa, primeiro Marquez do Trucifal, lugar o mais notavel, e consideravel nas visinhanças de Varatojo, e primeiro Conde da Villa de Torres Vedras; mas como esta familia na revoluçaõ de Portugal seguio o partido, serviço, e Paço d'El-Rei FILIPPE, e naõ voltou D. Joaõ de Alarcaõ a Portugal a prestar obediencia devida, e serviço do legitimo Rei Portuguez de novo acclamado, se devolvéraõ os morgados desta illustre, e grande casa aos Illustrissimos Condes de Avintes, hoje Excellentissimos Marquezes de Lavradío.

142 Passada a portaria do Seminario logo na entrada do claustro, se acha escripto em letra Gotica o seguinte Epitaphio: *Aqui jaz Filippa do Rego, mulher que foi de Nuno de S. Paio,*

*Paio, que falleceo na era de 1530.* Á entrada do Capitulo tem ſepultura os deſcendentes da familia dos Galetes, Senhores da Quinta da Ribeira, que fica na vargem para baixo do caſal dos palheiros meio quarto de legoa diſtante de Varatojo. O Epitaphio gravado em huma grande campa diz: *Sepultura de Gaſpar Galete, de ſua mulher, e herdeiros.* Em huma campa do clauſtro para a parte do Norte, junto á Capella do Senhor Jeſus, ſe acha gravado hum eſcudo na ſepultura com eſta inſcripçaõ: *Sepultura de Pedro Nunes, e de ſua mulher Anna Pacheco. Falleceo a* 10 *de Outubro de* 1589.

143 Junto á Ermidinha da mata de Varatojo, onde eſteve a Senhora do Sobreiro, depois que a tiráraõ da concavidade deſta grande arvore, ſe acha em huma pedra comprida á maneira de campa, junto ao meſmo ſobreiro, hum Epitaphio com letras taõ gaſtas, que ſe naõ pódem lêr, e ſó ſe entendem as ſeguintes: *Izabel de Mello falleceo a 7 d'Abril de* 1536. Da ſepultura, e Epitaphio do V. P. Fr. Antonio das Chagas, que ſe acha na caſa do Capitulo, ſe fallará adiante, quando ſe eſcrever a ſua vida. Outras mui-

tas

N.S. DO SOBREIRO.

q̃ se venera no Real Seminrº. de Varatojo. O SS.P. Pio VI. conce
deo Indulgª. Plenaria, a todos os fieis q̃. comfecados. e comungados
vissitarem a Sua Capella no dia 8. de Setembro. O Emmº. Snr. Card.
Patriarc. concº. 50. dias de Indulgª. a q̃m. rezar huã. Sª. Rª. diante desta Imag.

em Caza de Frcº. Mel. no fim da Rua do Passeio. Lxª

tas ſepulturas memoraveis, e Mauſoléos haviaõ em Varatojo, de que apenas ſe achavaõ veſtigios, e algumas le-tras, mas taõ gaſtas, e deſordenadas, que ſe naõ percebem, nem entendem.

## CAPITULO XVIII.

*Precioſas Imagens, e Reliquias Santas, que ſe veneraõ, e conſervaõ em Varatojo.*

144 O Religioſo culto, que tributamos á Santiſſima Virgem, Mãi de Deos, e aos Santos canonizados pela Igreja Catholica Romana, e a veneraçaõ, que damos ás Imagens da meſma Soberana Senhora, como tambem aos Santos, e ás ſuas Reliquias, he permittido, e approvado pela meſma Santa Igreja, governada ſempre pelo Eſpirito Santo, como columna da verdade. Achaõ-ſe provas inconteſtaveis deſte culto relativo, e veneraçaõ, deſde os primeiros ſeculos da Chriſtandade. He eſta práctica taõ antiga, que procede de tradiçaõ Apoſtolica, ſegundo o teſtemunho dos Padres da meſma Igreja. A Santiſſima, e Puriſſima Virgem Ma-

ria,

ria, he Mãi do mesmo Deos: os Santos saõ amigos, e Privados deste Senhor, e lhe offerecem nossas oraçoens: logo convem invocar, e venerar á mesma Santissima Virgem, e aos Santos, para alcançarmos por sua intercessaõ, auxilios, e graça de Deos, de que sempre temos necessidade. Longe pois de ser contra a Sagrada Escriptura, e contra o Espirito da Igreja, este culto, e veneraçaõ, que tributamos tanto á Senhora, como aos Anjos, e Santos, antes bem sim, elle se funda na mesma Divina Escriptura, e se conforma com a intençaõ, e espirito da Santa Igreja, que he infallivel em suas decisoens, animada, e dirigida sempre pelo espirito de verdade. A Senhora, os Anjos, e os Santos, como favorecidos, e amigos de Deos, pódem pedir-lhe por nós: logo nós podemos invocar, reverenciar, e venerar a Senhora, os Anjos, e Santos, com culto relativo.

145 Donde, como altamente diz S. Gregorio Magno, naõ saõ as Imagens outra cousa, que livros para os simplices, e ignorantes. Nellas aprendem a alta sciencia da virtude, santidade, e salvaçaõ Ellas nos trazem á memoria os Originaes, ou Mysterios, que

que reprefentaõ, e nos fervem, para que vendo-as nos movamos ao reconhecimento de Deos, á piedade, e imitaçaõ de feus Santos. Os mefmos hereges da profiffaõ Anglicana, perfuadidos deftes fentimentos, tem conlervado nos feus Templos as Imagens para edificaçaõ, e inftrucçaõ dos póvos. As Reliquias dos Santos, que veneramos, que faõ? Naõ faõ outra coufa, que preciofos reftos de corpos, que foraõ moradas de amigos de Deos, e de Templos vivos do Efpirito Santo. Logo venerar as Imagens, e Reliquias dos Santos, torno a dizer, naõ he contra o efpirito da Santa Igreja, nem contra a Efcriptura, mas antes fim, pelo contrario, he confórme ao efpirito, e intençaõ da mefma Santa Igreja, he confórme a Sagrada Efcriptura, e tambem he conforme á vontade de Deos, que quer fer louvado em feus Santos, e amigos.

146 Saõ muitas, e mui preciofas as Imagens, que fe confervaõ, e veneraõ em Varatojo, de que agora farei memoria. Logo na entrada da portaria do Seminario de Varatojo, ao lado efquerdo, fe acha collocada em huma Capella linda, e magnifica, dentro dos limites da pobreza Seraphica,

e

e Evangelica, a devota, e precioſa Imagem da Senhora, com o appellido, e invocaçaõ do Sobreiro, em razaõ de ter Ella eſtado por muitos ſeculos occulta, e eſcondida na concavidade de hum grande ſobreiro dentro da mata de Varatojo. Alli a eſcondêraõ, e occultáraõ os Fieis, para que Ella eſcapaſſe ás irreverencias das impias, e ſacrilegas maõs dos Barbaros Sarracênos, na invaſaõ das Heſpanhas, e Portugal. O ſobreiro, que conſervou em ſua concavidade eſte Sagrado Depoſito da Imagem da Santiſſima Virgem, Mãi de Deos, ainda exiſte. Quando a Senhora ſe tirou da concavidade do ſobreiro, nella ſe collocou a Imagem de S. Antonio, e a Senhora ſe trasladou para huma Ermidinha, que ſe lhe edificou junto ao meſmo ſobreiro; e neſta Ermidinha ſe conſervou depois até o anno de 1777, que ſe transferio para a mencionada nova Capella, junto á portaria do Seminario, ſendo Guardiaõ delle Fr. Joſé d'Aſſumpçaõ.

147 He eſta devota, e prodigioſa Imagem a veneraçaõ, e conſolaçaõ de Varratojo, e das ſuas viſinhanças. Todos de dentro, e de fóra do Seminario em ſeus trabalhos, e afflicçoens,

re-

recorrem á Senhora do Sobreiro, e a Senhora lhes acode. Saõ innumeraveis os prodigios, que se referem da Senhora do Sobreiro. Ainda da mesma cortiça do sobreiro, onde esteve a Senhora, se contaõ prodigiosos casos de enfermos, que recuperáraõ saude, e ficaraõ inteiramente livres de sezoens, só por terem em hum pouco de vinho lançado a cortiça desfeita em pó, e bebido com fé esta poragem. O Santissimo Padre PIO VI. concedeo Indulgencia Plenaria a toda a pessoa, que verdadeiramente arrependida, confessada, e tendo Commungado, visitar a Capella da mesma Senhora do Sobreiro no dia 25 de Março, e em 8 de Setembro, desde as primeiras vesperas até o pôr do Sol dos ditos dias. Concedeo mais oito annos, e sete quarentenas de Indulgencia, em seis outras Festas principaes da mesma Senhora: Apresentaçaõ, Conceiçaõ, Purificaçaõ, Visitaçaõ, Assumpçaõ. Correm impressas estas graças, e tambem huma devota Novena, que se ordenou para a mesma Senhora *. Os Breves originaes, que contém estas graças, se guardaõ no Archivo do Seminario de Varatojo. En-

* *Devoto Instr. c. 60. Directorio Christaõ pag.* 151.

148 Entrando-se na Igreja de Varatojo, se vê, e admira a terna, e preciosissima Imagem da Senhora das Dores, em relêvo, collocada na sua Capella da parte direita da Igreja. Por todos os que tem viajado pelas Provincias de Portugal, e visto as principaes Imagens da Senhora das Dores, como tambem por todos os Esculptores imaginarios, que tem ido a Varatojo, se tem ouvido dizer, que esta de Varatojo de todas he a mais perfeita, e a todas leva a preferencia na sua delicadeza. Foi esta ternissima Imagem juntamente com a bella, e primorosa talha da sua Capella deixada em testamento, como já se advertio acima, pela Illustrissima D. Filippa de Noronha, filha dos Marquezes de Cascaes, e singular Bemfeitora de Varatojo. Foi collocada na dita Capella no anno de 1740, sendo Guardiaõ do Seminario Fr. Manoel da Mãi de Deos. Tambem nesta Capella se achaõ os cinco primeiros Martyres da Ordem de meu Seraphico Padre S. Francisco, em acçaõ cada hum de Missionario com hum Santo Christo pendente ao peito, os quaes em testemunho da Fé foraõ laureados com a Corôa do martyrio em Marrócos, prégando as verdades da Religiaõ

Ca-

Catholica, e o Evangelho de Jesu Christo. Foraõ collocadas as devotas Imagens destes Santos nesta Capella por Fr. José d'Assumpçaõ, sendo Guardiaõ do Seminario. Tambem entre outras preciosas Imagens, que adornaõ esta Capella, se acha S. Jeronymo com hum Santo Christo na maõ esquerda, e com a direita em acçaõ de ferir o peito com huma pedra. He considerada esta Imagem pelos Professores da Esculptura, que a tem visto, como peça das mais raras.

149 No Altar do lado esquerdo da mesma Igreja, se acha collocado hum precioso, e lindo Menino Jesus em vulto, chorando com os olhos fitos em huma Cruz, tendo ao lado direito huma caveira sobre huma columna, metido dentro de huma vidraça. A excellentissima D. Thereza de Moscoso, Marqueza de Santa Cruz, e Aya da Rainha D. MARIA de Austria, mandou vir de Italia este precioso, e rico Thesouro; o qual offereceo a Varatojo por maõs de seu filho Fr. Gaspar da Incarnaçaõ, Religioso do mesmo Seminario. He taõ devoto, taõ venerando, e taõ magestoso este Divino Menino, e infunde tal reverencia, a quem olha para elle, que tanto que lhe poz os

olhos certa Perſonagem do Reino eſtranho, diſſe cheio de admiraçaõ, e aſſombro: *Habet aliquid Divinitatis.* Parece, que tem alguma couſa de Divindade eſte Menino. Venera-ſe no meſmo Altar huma devota, e primoroſa pintura da Senhora da Graça com hum lindo, engraçado, e riſonho Menino nos braços, em acçaõ de tomar o leite do peito da Senhora. Foi eſte precioſo, e rico Theſouro deixado em teſtamento a Varatojo pelo devoto, virtuoſo, e illuſtre Cavalheiro Luís da Mota Ribeiro, de quem já deixo acima feito memoria, como de ſingular Bemfeitor, que fôra de Varatojo em toda a ſua vida, que terminou com precioſa morte.

150 Na banquêta do meſmo Altar, do lado da Epiſtola, ſe acha em vulto a devota Imagem de S. Paſcoal Bailaõ, com o roſto inflammado, abraçado com huma Imagem de Chriſto crucificado; e do lado do Evangelho, no meſmo Altar, ſe acha em vulto a Imagem de S. Pedro de Alcantara com huma Cruz na maõ, e com humas diſciplinas de ferro na outra. Conſerva-ſe no côro de Varatojo, dentro de vidraça, huma carta original deſte Santo, eſcripta a huma Infanta de Portugal. A copia da carta he a ſeguinte:

“ Señora; la paz de Xp.º ſea en el
” alma de V. A. Porque eſos Reli-
” gioſos portadores deſta, yvan a eſa
” Corte, quiſo haſer eſta, para que V.
” A. ſepa, que el eſtar auſente deſos
” Reinos, non obliga menos a ſer de
” V. A., pues antes que en ellos mo-
” raſſe, recebi tantos favores della. Y
” es hija de quien tanto favor dió a
” la perfeita guarda de la Regla de
” nueſtro Padre San Franciſco. Y es
” deſa Caſa Real, onde tanto ſe fa-
” vorece la Chriſtiandad, y lo mejor
” de las Religiones, a lo qual V. A.
” tiene el zielo, que los fundadores
” di ellas. Eſto ſê que conecen bien
” los que a V. A. tratan, e eſto ten-
” go yo bien experimentado, e dado
” a entender a todos con las demás ex-
” cellencias, que V. A. ha, porque
” todos alaben a nrõ S.r, y tomen
” exemplo de bibir, y oren por eſos
” Señores Principes, ſus hijos los ha-
” ga tales, como ſus padres, y ante-
” paſſados en reynos temporales, y
” Chriſtiandad. Eſtos Religioſos holga-
” rón mucho llevar eſtas par conocer
” a V. A. por viſta, como la cono-
” cen por fama. Enſeñeles * V. A. a

 ” Se-

* *Introduza-os, moſtreo-os.*

„ Señora D. Maria, al Señor D.
„ Duarte, y la Señora D. Cathalina,
„ porque queden mas obligados delos
„ encomendar a ntro. S.r Y V. A. me
„ tenga ſuyo, como ſiempre lo fue,
„ y V. A. merece, cuya Sereniſſima
„ Perſona ntro. S.r guarde, e dexe
„ ver a eſos Principes ſus hijos con
„ tan alto eſtado en eſta vida, y en
„ la otra, como V. A. y los ſuyos
„ lo deſeamos. Capellan, e orador de
„ V. A., y indigno Frai Pedro de
„ Alcantara. „ O ſobreſcripto da carta era deſta fórma. « Á la Sereniſſima
„ Princeza, y la Infanta Doña Yſabel, que nrõ. S.r haga ſanta. „ Conſervaõ-ſe os caractéres deſta carta, taõ vivos, e taõ recentes, que parece foi feita em noſſos dias, ſendo que paſſa mais de dous ſeculos, que o Santo a eſcreveo.

151 O quadro de S. Antonio, Titular do Convento, que orna a tribuna da Capella Mór, he obra do pincel do famoſo Bracarelli, e effeito da caridade do Morgado da Torre da Gieſteira de Monte-Mór o novo, pai do Excellentiſſimo D. Fr. Joaõ do Naſcimento, Biſpo do Funchal, e filho de Varatojo, como tambem já ſe advertio acima. Os primoroſos quadros, que adornaõ

naõ de huma, e outra parte os lados da Capella Mór, como tambem dous, que estaõ na Sacristia, hum de S. Antonio, e outro da descida do Espirito Santo sobre os Apostolos no Cenaculo, que se achaõ na Sacristia, pinturas todas em madeira, saõ obra do pincel do Gran-Vasco Apelles Portuguez. No côro se conserva hum engraçado Menino Jesus, pintado em panno com huma tunica transparente na mesma pintura, que faz sobresahir ao Divino Menino mais lindo, e mais formoso. Tambem na Capella do noviciado se acha pintada em panno huma preciosa Imagem da Senhora das Dores. Huma, e outra pintura foi obra da insigne Portugueza Josefa de Óbidos, e se acha sepultada esta Heroína, e memoravel donzella na Igreja de S. Pedro da mesma Villa de Óbidos, donde era natural. Tambem se julga, que foi obra do mesmo pincel hum Santo Christo em meio corpo muito chagado, que se conserva na Sacristia do Seminario.

152 Veneraõ-se outras muitas devotas Imagens, e pinturas dentro de Varatojo, como saõ o Principe da Milicia celestial S. Miguel Archanjo, protector das Missoens de Varratojo: o

Pa-

Patriarcha S. Bento, e S. Amaro: o Seraphico Padre S. Francisco, e o Patriarcha dos Prégadores nosso P. S. Domingos: as primorosas Imagens dos Principes dos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo, collocadas na banquêta do Altar Mór, e aos lados destes S. Bernardino, e S. Joaõ de Capristáno, que todas quatro, como tambem S. Bernardo, e S. Ignacio, que se veneraõ na Capella da Senhora das Dores, mandou fazer Fr. José de S. Paulo, sendo Guardiaõ do Seminario. No côro se venera huma pintura do Seraphico Padre S. Francisco, que se crê ser confórme ao original. E no alto da mata do mesmo Seminario em huma Capella, se acha collocada huma bella, e primorosa Imagem do Seraphico Padre S. Francisco, feita, e incarnada por hum devoto, e exemplar Sacerdote Bemfeitor do Seminario *.

153 Na Capella da Senhora do Sobreiro, de que ha pouco se fallou, tambem se achaõ, e veneraõ na banqueta do seu Altar, dentro de mangas de vidro, hum lindo, e engraçado Meni-

---

* *O Beneficiado Manoel Ferreira da Freguezia da Çapatarca, Secretario, que fôra do Eminentissimo Cardeal Patr. Saldanha.*

nino Jeſus, e o Baptiſta tambem Menino bello, e engraçado, hum, e outro feitos em Granada de Caſtella, donde os alcançáraõ humas Sènhoras devotas donzellas com o appellido de Olivenças, por terem aſſiſtido com ſeu pai o Capitaõ Joſé Pinto de Caſtro Albuquerque, na praça, e Recolhimento de Olivença, antes de virem morar para a Villa de Torres Vedras. Por mediaçaõ das meſmas Senhoras, obtiveraõ eſtes dous precioſos, e ricos theſouros, Maria Rita, e Anna Clara, devotas donzellas, irmãs do Doutor Joaquim de Almeida, Villa de Torres Vedras, que os offerecêraõ goſtoſas ao Guardiaõ de Varatojo Fr. Joſé d'Aſſumpçaõ, com a condiçaõ devota, e gracioſa de ſerem ellas ſó, e ninguem mais, quem em ſua vida veſtiſſem, e ornaſſem os ſeus Meninos Jeſus, e Baptiſta. Annuindo o Guardiaõ a taõ piedoſa petiçaõ, e condiçaõ, naõ as quiz privar dos ſeus deſejos, e do merecimento, que da execuçaõ delles lhes reſultava. Ellas com ſanta ambiçaõ cumpríraõ com a ſua promeſſa. Na meſma Capella debaixo da peanha da Senhora do Sobreiro, eſtá huma excellente pintura do caſtiſſimo Eſpoſo da Puriſſima Virgem Mãi de Deos,

S.

S. Joſé. Eſte quadro, e os dous que adornaõ a Capella, como tambem o quadro da Cêa do Senhor, que ſe acha no refeitorio, foraõ feitos no Reino do Algarve por hum Pintor Italiano; e dalli ſe conduzíraõ para Varatojo por devoçaõ, mediaçaõ, e zêlo de hum Miſſionario do meſmo Seminario, que fazia Miſſaõ naquelle Reino, e Biſpado *.

154 Na cella dos Guardioens ſe conſervaõ ſete devotas, e precioſas Imagens de Santo Chriſto crucificado, que ſervem para os Miſſionarios, quando ſe achaõ em Miſſaõ. Foraõ feitas algumas deſtas em Lisboa, pelo famoſo, e inſigne Eſculptor Manoel Dias, do qual ſe diz, que depois que as Imagens eſtavaõ abertas, e desbaſtadas, trabalhava de joelhos para aperfeiçoalas. Tambem he tradiçaõ, que o Santo Chriſto grande, que ſe venera no côro, fôra obra do meſmo excellente Eſculptor. Conſervaõ-ſe, e veneraõ-ſe grande quantidade de Reliquias, e oſſos de Santos, e couſas do uſo dos meſmos no Altar collateral do Santo Chriſto, e no da Conceiçaõ da Senhora. O Altar do Santo Chriſto he privi-

---

* *Fr. Marcos do Roſario.*

vilegiado com Indulgencia plenaria, que póde lucrar todo o Sacerdote, que nelle celebrar a Santa Missa. Tambem em Varatojo se conserva, e venera o Santo Lenho verdadeiro com sua authentica. Quem arrependido visitar a Igreja de Varatojo no dia do Apostolo San-Tiago a 25 d'Agosto, lucra Indulgencia plenaria. O Breve desta graça se acha no Archivo do Seminario.

## CAPITULO XIX.

*Vida regular. Bom uso do tempo. Observancias louvaveis, que se costumaõ practicar em Varatojo.*

155 JUstamente queria S. Paulo, que tudo se fizesse com ordem, e regularidade *. Desta regularidade, e boa ordem na distribuiçaõ do tempo precioso, verdadeiramente procedem bens indiziveis; assim como pela falta de regularidade, pela desordem, e máo uso do tempo, resultaõ infinitos, e immensos males. Ainda que o tempo seja muito pouco, ou nada, supprirá, se faltar nelle regulamento, e boa ordem;

* *I. ad Corinth.* 14.

dem ; e havendo esta , posto que o tempo seja pouco , virá elle sem dúvida a render muito. Bem vemos , e lamentamos , que a cada passo se encontraõ infinidade de Christaõs , que esquecidos totalmente do Eterno , e do grande negocio da salvaçaõ , vivem inteiramente descuidados do Céo , e de Deos , entregues aos prazeres terrenos , por naõ terem , nem quererem outro regulamento , que o da sua desordenada , e caprichosa vontade ; e por naõ fazerem caso de malograrem , perderem , e dissiparem inutilmente a maior parte do tempo ; vindo infelizmente a tirar deste abuso , e desordem , o triste , e amargoso fructo do seu damno proprio , e tambem do alheio. Quando pelo contrario banhados de prazer venturosamente vemos a muitos Christaõs exemplares no mesmo seculo ; e a muitos Religiosos cheios de fervor , e espirito nos claustros , que observando huns , e outros a Divina Lei , e tudo o que pertence ao seu estado , e profissaõ , vivem taõ cuidadosos , e taõ solícitos do grande negocio da salvaçaõ , taõ lembrados do Céo , e de Deos , taõ fervorosos na practica das virtudes , e perfeiçaõ Evangelica , que sem desperdiçarem tempo algum , o empregaõ

to-

todo no ſerviço de Deos, da Igreja, e do Eſtado, vindo a colher por eſte bom uſo do tempo, e acertada regularidade, e repartiçaõ delle, ganancias infinitas de aproveitamento, e adiantamento na perfeiçaõ do ſeu eſpirito, e vantajoſas utilidades para o público.

156 Venturoſamente bem poſſo dizer, que por grande Miſericordia de Deos, e eſpecial beneficio do Céo, ſe practíca iſto no meu Seminario de Varatojo. Sim agora o veremos. Pois de vinte e quatro horas, que tem o dia, e a noite, ſe empregaõ naõ menos, que oito deſtas nos louvores de Deos, e exercicios regulares, a ſaber: duas horas de meditaçaõ; duas com as Matinas ſempre á meia noite; meia com a hora de Prima; huma hora com a Santa Miſſa, e recitaçaõ das Horas menores, Terça, Sexta, e Noa; hora, e meia com a refeiçaõ do jantar, e cêa, ou conſoada, e acçaõ de graças, depois da refeiçaõ, na qual ſe eſtá ſempre em ſilencio, ouvindo liçaõ eſpiritual; meia hora com as Veſperas; huma hora com a conferencia literaria; meia hora com as Completas; e outra meia hora com varias commemoraçoens depois das graças da refeiçaõ; além do tempo, que ſe gaſ-

ta

ta á noite com a diſciplina nos dias; que ſe toma; e tambem até da Ladainha da Santiſſima Virgem, e da Eſtaçaõ, que indiſpenſavelmente ſe rezaõ na Igreja em Communidade todas as noites. Ora accreſcentando ſete horas para o preciſo deſcanço do corpo, e algum exercicio de devoçaõ, e exame de conſciencia, ainda reſtaõ mais de ſete horas. E em que occupaõ, e gaſtaõ eſtas horas os Religioſos de Varatojo? Nem huma em entretenimentos frívolos, e inuteis, mas todas em occupaçoens uteis, e intereſſantes, principalmente no eſtudo, e leitura de livros eſcolhidos, que contém materias relativas aos miniſterios do Pulpito, confeſſionario, e á Liturgia, como ſe dirá no Capitulo ſeguinte: continuaremos ainda neſte a fallar alguma couſa da regularidade das horas, e obſervancias do Seminario.

§ 157 Em Varatojo todo o anno, ſem que jámais haja niſto variaçaõ, ou diſpenſa, ſe rezaõ Matinas á meia noite, como ha pouco ſe diſſe; Prima ás cinco horas da manhã, e immediatamente huma hora de meditaçaõ. Pelas dez horas da manhã vai a Communidade para o côro rezar Terça, e aſſiſtir á Santa Miſſa, ordinariamente re-

za-

zada, a qual concluida, e rezadas as Horas de Sexta, e Noa, vai a Communidade para o Refeitorio, recitando antes de entrar nelle o Psalmo *De profundis* com outras oraçoens. Achando-se já a Communidade no Refeitorio, se benze a mesa. Depois de levantados os Religiosos da prostraçaõ, que todos fazem diante do Senhor no Mysterio da Cêa, que alli está, e depois de beijarem humildemente a terra, se assentaõ a comer cobertos com o capello na cabeça, ouvindo sempre attentos a liçaõ espiritual, assim da Divina Escriptura, como de livros devotos, e piedosos. Sempre porém em primeiro lugar se lê hum Capitulo da Santa Escriptura. Nas Sextas feiras de manhã se lê a Regra do Seraphico Padre S. Francisco, cujo Testamento se costuma tambem lêr nos Sabbados de manhã. O signal para que algum Religioso, que acaba de comer, vá substituir o Lêdor da liçaõ espiritual da mesa, he feito pelo Prelado, o qual dá huma pancada na mesa, e aponta para o Religioso, para que se levante. No fim da refeiçaõ de manhã faz o Prelado outro signal a dous Religiosos, para que se levantem, e vaõ á cozinha lavar a louça. Excepto nas Sex-

tas

tas feiras, nas quaes vai o mesmo Prelado com outro Religioso lavar a louça na cozinha. Faz outro signal o Prelado, ou quem preside em lugar delle, para que quatro Religiosos se levantem, e vaõ servir á mesa, levando della a louça, e todas as sóbras da refeiçaõ para hum repositorio, que está entre o Refeitorio, e a cozinha. As quaes sóbras com hum caldeiraõ de caldo, e tambem naõ poucas vezes com reçoens inteiras de alguns Religiosos, se mandaõ todos os dias em obsequio da caridade para a portaria do Seminario, a fim de matar a fome a pessoas indigentes, e necessitadas, que frequentamente chegaõ alli. Havendo dia, em que na portaria de Varatojo se soccorrem a mais de quarenta destas pessoas necessitadas.

158 Concluida esta acçaõ de se levantarem os residuos da mesa, e feito signal pelo Prelado, se levanta a Communidade a dar graças a Deos, na forma, que prescreve o Breviario Romano. Ordenada logo a Communidade em duas alas se dirige para a Igreja em silencio; e nos dias, que naõ saõ de jejum, vaõ entoando o Psalmo *Miserere mei, Deus*, até entrar dentro da Igreja; onde se faz commemoraçaõ

ao

ao Santiſſimo Sacramento, a Immaculada Conceiçaõ da Santiſſima Virgem Mãi de Deos, ao Seraphico Padre S. Franciſco, a S. Antonio, a S. Bento, e outra commemoraçaõ ás Almas do Purgatorio. Depois ordinariamente volta a Communidade da meſma ſorte ordenada em duas fileiras para a cozinha, onde alternadamente ſe reza o Pſalmo *Miſerere mei, Deus*, que começa o Prelado, e o *De profundis*, os quaes concluidos, diz o Prelado as tres oraçoens ſeguintes: *Deus, qui inter Apoſtolicos*; *Deus veniæ largítor*; *Fidelium Deus*. Concluidas as quaes, diz o Prelado, encommendemos a Deos os noſſos Bemfeitores. Pelos quaes rezaõ logo todos hum Padre noſſo com huma breve commemoraçaõ a Deos tambem por elles. E logo termína o Prelado o acto da Communidade alli meſmo de pé, dizendo: Bemdito, e louvado ſeja o Santiſſimo Sacramento.

159 Terminado que ſeja eſte acto, vaõ ordinariamente os Religioſos por devoçaõ á Igreja, ou côro fazer exame de conſciencia, e depois ſe recolhem para as ſuas cellas, onde eſtaõ em ſilencio até ás duas horas da tarde, ás quaes em todo o anno ſe toca o ſino para Veſperas. Rezadas eſtas

no

no côro, ſe vai immediatamente para a Livraria, onde ſe tem huma hora de conferencia literaria. Ordinariamente pelas cinco horas e meia, ou perto das ſeis da tarde, ſe vai ao côro rezar Completas, no fim das quaes, immediatamente ſe ſegue huma hora de meditaçaõ, precedida de hum ponto de leitura eſpiritual por algum livro que lê o Prelado. No fim da hora de oraçaõ, vai logo a Communidade para o Refeitorio, obſervando antes de entrar nelle na caſa de *De profundis*, o meſmo que de manhã, em dias, que naõ ſaõ de collaçaõ. No Refeitorio ſe benze a meſa antes de entrarem a comer, e no fim depois de ſervirem a ella os Religioſos, que o Prelado deſignou para eſta acçaõ; e depois de terem os ſerventes da meſa poſto na miniſtra, ou repoſitorio da comida os reſiduos da refeiçaõ, e concluida a leitura eſpiritual, que he indiſpenſavel no Refeitorio de manhã, e de tarde, ſe daõ graças a Deos.

160 Sahe logo a Communidade ordenada em duas alas, e em ſilencio para a Igreja. Onde feitas as commemoraçoens á Conceiçaõ Immaculada da Santiſſima Virgem Mãi de Deos, ao noſſo Seraphico Padre S. Franciſco, e

a

a S. Antonio, e rezada a Ladainha da Senhora, que nos Sabbados he cantada, e a estaçaõ do Santissimo Sacramento, se toma disciplina em certos dias pelo espaço dos Psalmos, *Miserere mei, Deus*; *De profundis*; e das Antiphonas, *Christus factus obediens*; *Da pacem*, *&c.* tudo entoado, concluindo o Prelado com a oraçaõ: *Respice quæsumus.* Pede sempre o Prelado algumas Ave Marias, e sempre pelas tençoens seguintes. Pela Casa Real, feliz estado, e conservaçaõ pacifica do Reino; outra pelos Bemfeitores do Seminario; outra pelo bom successo das Missoens; e alguma vez outra por necessidade pública, e especial. Logo diz em voz clara, e intelligivel: Bemdito, e louvado seja o Santissimo Sacramento; entaõ immediatamente prostrando-se por terra todos os Religiosos, dizem: *Benedicite*, aos quaes o Prelado lança alguma das absolviçoens, ou bençoens, que se costumaõ dizer no Officio Divino, e se dá por concluido de todo este acto.

161 O restante do tempo, que se segue até se fazer signal a recolher, e tocar a silencio, que no Inverno he ás oito horas, e no Veraõ as nove, em que o empregaõ os Religiosos de

Varatojo? Naõ o gaſtaõ, nem empregaõ em diverſoens frívolas, e inuteis; naõ em contar, nem ouvir novidades do Mundo; naõ em jogos, ajuntamentos, e conventiculos, onde anda deſterrado o Eſpirito de Jeſu Chriſto, e onde domína o do ſeculo; onde ſe fomentaõ diviſoens, e parcialidades, que fazem romper os ſagrados laços da caridade fraternal, e offuſcar a formoſura do clauſtro, abrindo porta franca para a ſua relaxaçaõ; mas antes bem ſim por Miſericordia de Deos os Religioſos de Varatojo paſſaõ tambem eſte tempo em exercicios, que naõ ſendo de obrigaçaõ, ſaõ muito louvaveis, e muito meritorios. Viſitaõ alguns a Santa Via-Sacra, outros rezaõ a Coroa da Santiſſima Virgem Mãi de Deos, ou o ſeu Terço. Outros ſe confeſſaõ. E todos fazem exame de conſciencia. E tambem de ordinario todos antes de ſe recolherem ás ſuas cellas vaõ tomar proſtrados a bençaõ á Senhora das Dores, e á Senhora do Sobreiro; e tambem ſe vaõ alguma vez proſtrar ſobre a campa do V. P. Fr. Antonio das Chagas, onde depois de rezarem o Padre noſſo, fazem alguma ſúpplica a Deos por interceſſaõ do meſmo V. Padre. Em fim longe de

an-

andarem os Religiosos de Varatojo no tempo, que lhes resta depois da refeiçaõ, e actos da Communidade, vagueando pelas cellas huns dos outros, contando, ou inquirindo noticias, e novidades frívolas, proprias de quem anda dominado do espirito do seculo, elles empregaõ ainda todo este tempo santamente, segundo a devoçaõ de cada hum. Bemdito seja Deos.

162 Todos os Sabbados no Refeitorio, diante da Communidade, ao jantar se publíca a taboa dos officios da semana seguinte. Entraõ nestes officios todos os Religiosos do Seminario, naõ havendo impedimento de molestia. Tambem o Guardiaõ entra nelles, á excepçaõ do officio de Ledor á mesa, por ser incompativel com o emprêgo de Prelado, que sempre deve presidir na Communidade. Os officios desta taboa semanaria saõ os seguintes: Hebdomadario, que capitúla nas horas Canonicas, e diz a Missa Conventual: Missa primeira, que se diz á hora de Prima, a qual tem especial applicaçaõ pelos Bemfeitores do Seminario: Missa terceira, que se diz algum tanto depois da Conventual, e tem applicaçaõ particular pela Casa Real: Dous Confessores, a

 fim

fim de eſtarem a toda a hora expeditos, e promptos para as confiſſoens, aſſim dentro do Seminario, como para ſuas viſinhanças, confeſſando, aſſiſtindo, e ajudando a bem morrer os enfermos, e agonizantes a toda a hora, que forem chamados para eſte ſanto exercicio: Ledor á meſa no Refeitorio, tanto de manhã, como á noite, quando ſe come: Acólyto para tocar os ſinos, e ajudar á Miſſa Conventual: Servidor á meſa no Refeitorio: Cozinheiro, que ſempre he Religioſo do Seminario, ou Irmaõ Leigo, ou Noviço, ainda que deſtinado para o côro.

163 Poſto que neſta taboa ſe deſignaõ em cada ſemana no Seminario dous Confeſſores, a fim de eſtarem eſtes a toda a hora expeditos, e promptos, quando forem chamados para confeſſarem, e por eſta razaõ ſaõ elles dos primeiros, que dizem a Santa Miſſa depois da Oraçaõ: naõ eſtaõ todavia os outros Confeſſores iſentos do confeſſionario, quando ſaõ chamados para elle, e mandados pelo Guardiaõ, ſem a licença do qual naõ confeſſaõ. Porém os Confeſſores deſignados por taboa, naõ neceſſitaõ na ſua ſemana de nova licença do Guardiaõ

diaõ para confeſſarem, aſſim homens, como mulheres, que vem ao Seminario para ſe confeſſarem; ſe bem que ſe coſtuma ir o mais velho confeſſar mulheres, e o mais moço homens. As peſſoas, que deſejaõ, e pedem Confeſſor determinado, eſſe lhes manda o Guardiaõ. Em occaſiaõ de Jubileo, e concurſo de confiſſoens, tem havido dia, que eſtando na Igreja de Varatojo mais de quinze Confeſſores a confeſſar deſde pela manhã, naõ foi a Communidade para o Refeitorio ſenaõ junto das quatro horas da tarde. E he eſta a pratica de Varatojo, naõ ir a Communidade jantar em quanto na Igreja, ou clauſtro do Seminario houver gente para ſe confeſſar, excepto hum, ou outro Confeſſor. Em conſideraçaõ deſta promptidaõ para com os penitentes, naõ ſó das viſinhanças de Varatojo, mas ainda de terras diſtantes, e remotas, vem frequentemente muitas peſſoas, e penitentes ao meſmo Seminario para alliviarem as ſuas conſciencias por meio do beneficio da confiſſaõ, e para pedirem direcçoens de eſpirito no caminho do Céo. Em menos de tres mezes ouvi de confiſſaõ em Varatojo a mais de doze peſſoas, que vieraõ de mais de quatorze legoas pa-

para se confessarem, das visinhanças da Cidade de Leiria. Tambem de Varatojo se vai assistir a enfermos, moribundos, e agonizantes, ainda em bastante distancia do Seminario. Mais de tres legoas de distancia se contaõ de Varatojo á Villa da Arruda, e ahi fui eu, com grande descommodo, em estaçaõ invernosa, confessar, e ajudar a bem morrer à hum Ecclesiastico.

164 Em todas as Sextas feiras da Quaresma se visita a Via-Sacra no claustro de Varatojo, em acto de Communidade. Além dos jejuns da Santa Madre Igreja, se jejua em Varatojo, naõ só nas Sextas feiras, e no grande Advento, que de preceito se manda na Regra Seráphica, e começa em dia de Todos os Santos no 1. de Novembro, e acaba em dia do Santissimo Nascimento de Nosso Salvador Jesus. Mas tambem se jejûa em outra Quaresma, que naõ deixou preceptiva, mas só de conselho o Seraphico Patriarcha nosso P. S. Francisco, chamada a *Quaresma dos Bentos*, que começa dia de Reis. E tambem por devoçaõ se costuma jejuar em Varatojo nos Sabbados, como reverente, e devoto tributo, que gostosos querem pagar os filhos do Semi-

mi-

minario á Santiſſima Virgem Mãi de Deos. Nas duas Quareſmas mencionadas, e na da Santa Madre Igreja, naõ ſe coſtuma em Varatojo comer couſa, que vá ao fogo, nas Segundas, Quartas, e Sextas feiras.

165 O ſuſtento da Communidade de Varatojo he ſempre ſimples, moderado, ſem ſuperfluidade, nem exceſſo, que repugne á ſanta pobreza Evangelica. Além de alguma fructa, quando a ha, e paõ, tem cada Religioſo em dia de abſtinencia de carne huma tigéla de caldo, hum prato de legumes, outro de bacalháo, e em lugar deſte, algumas poucas vezes peixe freſco. Em dia de carne ſe dá a cada Religioſo hum prato deſta, e huma tigéla de caldo. Sendo porém dia Santo, e tambem em dia do Senhor, ou da Senhora, ſe permitte hum pratinho de arroz; e apenas nos dias mais ſolemnes ſe permitte outro pratinho de mais: e nunca jamais ſe excede eſta moderada frugalidade, e regularidade. Porém eſtando algum Religioſo doente, ſe lhe aſſiſte com tudo o que ordena o Medico, tanto a reſpeito da comida, como de remedios.

166 Naõ obſtante, com tudo eſta moderaçaõ de comida parca, e ſimples;

ples ; cama dura, que he huma esteira ; frequentes jejuns, e Quaresmas, de que temos fallado ; vida austéra, e sempre mortificada, e penitente, que se pratíca, tanto dentro do claustro de Varatojo, sustentando-se com todo o fervor a vida regular, como fóra do Seminario trabalhando no ministerio, e laborioso exercicio das Missoens Apostolicas, além de outras muitas mortificaçoens de cilicios, disciplinas, vigilias, oraçaõ, e ainda mais jejuns, de que por devoçaõ de espirito fervoroso tem usado muitos Religiosos de Varatojo. Longe todavia, que estas austeridades, penitencias, e mortificaçoens lhes abbreviassem a vida, e chamassem pela morte ; antes bem sim chegáraõ muitos delles á avançada idade perto de noventa annos. O que serve de argumento para desvanecer os prejuizos daquelles, que advogando a favor do corpo se persuadem, que as penitencias, mortificaçoens corporaes, jejuns, e austeridades abbrevíaõ os dias da vida ; chamaõ pela morte, e levaõ mais depressa á sepultura, experimentandose o contrario, quando estas penitencias saõ reguladas pela prudencia ; quando se observa todos os dias, que as paixoens immortificadas, os peccados,

os

os vicios, e excessos, saõ os que mais depressa fazem abbreviar, e cortar as linhas dos dias da vida, e que mais depressa chamaõ pela morte.

167 As cellas, em que moraõ os Religiosos de Varatojo naõ tem chave, e só com a porta aberta, e de pé se póde nellas fallar, e por pouco tempo a algum Religioso. Os irmaõs Donatos de Varatojo tem o seu dormitorio, e Refeitorio separado do dos Religiosos, e naõ lhes he permittido entrar no interior, e officinas do Seminario, tanto do Refeitorio, cozinha, como dormitorio, e enfermaria, sem licença, e ordem expressa do Guardiaõ em algum caso de necessidade. E muito menos se permitte este ingresso no interior, e officinas do Seminario a pessoas seculares, em observancia, e determinaçaõ do Breve Pontificio da fundaçaõ do Seminario, concedido pelo Santissimo Padre INNOCENCIO XI. O qual Breve se poz em practica, logo desde o principio do Seminario com as modificaçoens, da Communidade, e Prelados, que nesse tempo a governavaõ, julgáraõ convenientes, e confórmes ao espirito do Breve, e vontade do Santo Padre concedente: fundados pois os Prelados, e Discretos do Semi-

minario no Breve Pontificio da erecçaõ do Seminario, desígnáraõ diante de Deos as Jerarchias das pessoas, que podiaõ entrar no Refeitorio, Livraria, e interior do Seminario. Donde o naõ se permittir em Varatojo este ingresso no interior do Seminario, e em suas officinas, a todas as pessoas, ainda que muitos illustres, e mui singulares Bemfeitores de Varatojo, que o Seminario agradecido deseja muito mete-las no coraçaõ, como tambem, nem aos mesmos Ministros Regios de Torres Vedras, naõ he outra a razaõ, senaõ porque nesta parte tem os Religiosos, e Prelados de Varatojo inteiramente os braços presos pelas determinaçoens Pontificias, adoptadas, e practicadas em Varatojo desde o berço do Seminario. Com o Seminario nascêraõ estas providentes observancias municipaes. As quaes devem zelar sempre, como Leis fundamentaes, e municipaes os Religiosos, e Prelados do Seminario, e isto mesmo devem louvar, e naõ estranhar os Senhores seculares.

168 Tem porém o Seminario diversas hospedarías, segundo a qualidade das pessoas, que vem a Varatojo: ás quaes se lhes assiste com a possivel caridade confórme a pobreza, que se pro-

professa, e practíca neste Seminario. Tambem elle tem casa determinada para se fallar com os hospedes, e com as pessoas seculares, precedendo primeiro sempre licença do Guardiaõ, sem a qual a nenhum Religioso he permittido fallar a hospedes, e a seculares dentro do Seminario. As pessoas graves, que se vem hospedar a Varatojo, tanto na refeiçaõ do jantar, como na da cêa, saõ assistidas de hum Religioso designado pelo Guardiaõ. Ainda aqui se torna outra vez a advertir, que toda a razaõ de se naõ permittir ingresso em lugares interiores do Seminario a pessoas seculares, ainda que muito illustres, e mui distinctas, e singulares Bemfeitoras do mesmo Seminario, naõ he por falta de affecto, mas por effeito de observancia do Breve Pontificio da criaçaõ do Seminario. Ora he certo, que esta, e outras observancias primitivas, que por especial beneficio de Deos se vaõ practicando em Varatojo; como tambem a descalcez, o silencio; o jejum de tres Quaresmas no anno, além de Sextas, e Sabbados; a cama dura de huma esteira, ou cortiça; o cilicio, e disciplina, o comer simples, e grosseiro; o vestido de aspero sayal; o trabalho do côro
com

com Matinas sempre á meia noite; e Prima ás cinco horas da manhã; a conversaçaõ com Deos na oraçaõ quasi assidua; a caridade dos Religiosos mútua entre si; o zêlo ardente com os Proximos por meio de Missoens Apostolicas, quem póde duvidar, que saõ por toda a parte deste Reino, e ainda fóra delle o bom cheiro de Christo? No dia ultimo, e Juizo de Deos, quando conhecermos á luz da verdade a vida de cada hum, entaõ se saberá o quanto Deos foi, e he louvado em Varatojo, e o fructo indizivel, que fizeraõ os filhos deste Seminario com suas Missoens Apostolicas, em utilidade das almas, da Igreja, e do Estado. Passamos já a fallar alguma cousa tambem dos estudos.

## CAPITULO XX.

*Estudos, e conferencia literaria do Seminario de Varatojo.*

169 SAõ indiziveis os males, e peccados, que se seguem da ignorancia. Ella verdadeiramente he verdugo das virtudes, fomento de vicios, e causa de infinitos erros, segundo diz hum San-

Santo. A experiencia mostra, que onde a ignorancia he maior, ahi fazem a impiedade, a incrédulidade, a irreligiaõ, a licença, a superstiçaõ, o fanatismo, e vicios grosseiros, maiores, e mais rápidos progressos. Pelo contrario saõ infinitos os bens, e utilidades, que resultaõ á Igreja, e ao estado da verdadeira sabedoria. Ella he mantimento do entendimento; luz dos póvos; honra da Religiaõ; escudo, e arma para defender a Santa Igreja dos contínuos ataques, que lhe fazem os hereges, ímpios, e incrédulos; guia do juizo para conhecer a verdade, e para cada hum viver com piedade no estado, em que o poz a Providencia Divina; he em fim a sabedoria verdadeira, dom de Deos, e amada do mesmo Deos.

170 Em consideraçaõ pois dos grandes males, de que he causa a ignorancia; e dos bens infinitos, e indiziveis, que se seguem da verdadeira sabedoria, tem os Prelados do Seminario de Varatojo sempre zelosos do bem, e aproveitamento de seus subditos, dado neste particular as necessarias, e acertadas providencias. Elles certos, de que para os Religiosos do côro cumprirem dignamente com os sagrados devê-

vêres do ſeu caracter no Pulpito, Confeſſionario, e Altar, lhes he o eſtudo de huma indiſpenſavel neceſſidade, e que para eſte fim lhes ſaõ os livros taõ neceſſarios, como as armas ao Soldado; e ſcientes tambem, de que as Livrarias nas Communidades Regulares ſe reputaõ templos da ſabedoria, e para os eſtudioſos jardins do entendimento; lembrados, digo, os Guardioens de Varatojo deſtes grandes bens da verdadeira ſabedoria, jamais elles ſe deſcuidaõ em recommendar efficazmente a ſeus ſubditos deſtinados para o côro, o eſtudo, e applicaçaõ aos livros uteis, e que ſó contenhaõ materias intereſſantes, tendentes, e relativas ao perfeito, e inteiro conhecimento, e cumprimento dos altos empregos, que ſaõ proprios do Seminario.

171 Para eſte fim cuidaõ ſolícitos, e zeloſos fornecer a Livraria do Seminario de livros eſcolhidos, e ſelectos. Ella por eſte cuidado, e vigilancia dos meſmos Prelados, ſe acha ſufficientemente adornada, e abaſtecida das melhores peças de eloquencia ſagrada, e profana. Tem abundancia de livros eſcolhidos da melhor nota, e criterio, os quaes contém as principaes, e mais intereſſantes materias para

ra

ra instrucçaõ dos Religiosos Missionarios. Achaõ-se nella mais de cinco mil volumes todos uteis, e proficuos, e nenhum desnecessario, nem inutil. Compoem-se de livros sagrados de diversas ediçoens com notas dos mais illustres Commentadores. De Santos Padres, sendo muitos destes da ediçaõ de S. Mauro. Historia Sagrada, Ecclesiastica, e profana. Collecçoens de Concilios; e diversas de outras materias. Grande número de Sermonarios antigos, e modernos. Os melhores Opúsculos, que tem apparecido de Theologia Escolastica, Moral, Mystica, Polemica, Dogmatica, ou controversia. Varios Diccionarios em differentes materias. Os melhores, e mais escolhidos Tractados da Jurisprudencia, tanto no Direito Pontificio, e Canonico, como no Politico, e civil, patrio, e natural. Philosophia, Rhetorica, Grammatica, Medicina, e Liturgîa. De todas estas faculdades tem a Livraria de Varatojo, o que basta, e nada superfluo.

172 Destes Mestres escolhidos, e sabios, ainda que mudos, aprendem os Missionarios de Varatojo a sciencia do Pulpito, e Confessionario. Consultaõ a estes fieis conselheiros para reso-

lu-

luçaõ de ſuas dúvidas. Neſtes mananciaes copioſos, e neſtas fontes puras, bebem elles a doutrina sã, com que depois, quaes nuvens perennes, regaõ, fertilizaõ, e fecundaõ nos campos da Igreja, e ainda nas brenhas da infidelidade, os coraçoens humanos. Neſte celleiro abundante eſcolhem a ſemente da Divina palavra, que depois vaõ ſeminar por meio da prégaçaõ Evangelica, e Miſſoens Apoſtolicas, proprias do inſtituto de Varatojo nas Provincias de Portugal, e em ſuas remotas Colonias, e Conquiſtas.

173 Recommendaõ os Prelados de Varatojo com a maior efficacia aos Religioſos do côro, o bom uſo do tempo, e o eſtudo particular dos livros eſcolhidos, que contém materias intereſſantes, relativas aos ſagrados empregos do Altar, Pulpito, e Confeſſionario. Quando o Religioſo de Varatojo naõ eſtiver por inſinuaçaõ da obediencia em exercicio, e occupaçaõ incompativel com o eſtudo, póde occupar nelle, como ſe advertio acima, entre dia, e noite, perto de ſete horas cada dia. Contribûe grandemente no Seminario de Varatojo para maior adiantamento, e aproveitamento neſte eſtudo particular, a conferencia literaria

de

de materias, naõ ſó Moraes, mas Myſticas, e Dogmaticas, que diariamente, á excepçaõ dos dias Santos, e hum cada Semana, ſe faz na Livraria. He eſta conferencia mandada pelo Santiſſimo Padre INNOCENCIO XI. na fundaçaõ do Seminario. Ella ſe faz ſempre immediatamente depois de Veſperas, a que aſſiſtem todos os Religioſos do côro. O Prelado, ou quem em ſua auſencia faz as vezes delle, preſide ſemre neſſa conferencia, á qual ſe dá principio, invocando o Eſpirito Santo com a Antiphona: *Veni, Sancte Spiritus*; e concluida pelo Prelado a Oraçaõ: *Deus, qui corda*, ſe aſſentaõ todos.

174 Péga logo o Religioſo mais moderno no Habito, que alli ſe acha, do livro deſignado para ſe lêr na conferencia, que coſtuma ſer huma Summa, ou Compendio dos principios ſólidos da Theologia Moral mais sã. Neſte livro lê por algum eſpaço de tempo ſempre em materia ſeguida. Queſtiona-ſe ſobre o que ſe lêo. Propoem-ſe as dúvidas, que ſe offerecem, e occorrem ſobre a materia lida. Examinaõ-ſe as razoens de duvidar. Abrem-ſe, e ſe vem outros livros, quando he neceſſario. Reſponde em primeiro lugar, como Defendente, o Religioſo,

que lêo pelo livro. Vaõ depois delle refpondendo por ordem os outros Religiofos, começando do mais moderno. Depois de viftas, examinadas, e pezadas as provas, e razoens, que fe acháraõ, e defcobríraõ fobre a materia, ou cafo, que fe propoz, e que fe tem queftionado, e controvertido, dá cada hum o feu parecer, fem tenacidade de altercaçoens, que perturbem a fanta paz, e que alterem a apreciavel tranquillidade do efpirito. Refolve-fe finalmente para a prática, o que fegundo as razoens, e fundamentos, que apparecêraõ, he mais verofimil, e mais provavel.

175 Efte providente, e fuave methodo, que fe tem ufado, e ufa em Varatojo, hè taõ proficuo, e de taõ conhecida vantagem para o aproveitamento, e adiantamento no eftudo da fagrada Theologia, e nas materias tendentes ao Altar, Pulpito, e Confeffionario, que por experiencia vifivel fe tem venturofamente conhecido aproveitarem Religiofos de Varatojo em pouco tempo, e poucas horas, que eftudaõ cada Semana, ainda mais do que muitos feculares, que por muitos mezes, e ainda annos, fe demoraõ nas efcolas do Mundo, eftudando fem or-

dem,

dem, ſem methodo, ſem repouſo, e ſem applicaçaõ ſucceſſiva ao eſtudo. Sim, tem-ſe venturoſamente viſto, que muitos Religioſos de Varatojo uſando deſte methodo de eſtudar, de que acabamos de fallar, de tal ſorte cultiváraõ ſeus talentos, tanto aproveitáraõ, e ſe adiantáraõ em ſeus eſtudos, fizeraõ taes, e taõ vantajoſos progreſſos nas ſciencias relativas ao miniſterio do Seminario, que em menos de ſete annos ſe acháraõ ſufficientemente inſtruidos, tanto na Theologia Moral, Eſcolaſtica, Myſtica, Polêmica, e Dogmatica, como na ſciencia Canonica, Juriſprudencia, Hiſtoria Sagrada, Eccleſiaſtica, e Liturgica.

176 Naõ deve iſto cauſar admiraçaõ, nem parecer milagre, ſe bem ſe advertir no ſuave regulamento das horas no methodo de eſtudar, no bom uſo do tempo precioſo, como em tudo o mais, que ſe pratíca em Varatojo na repartiçaõ das horas diarias, e nocturnas. Pois além da conferencia literaria, tem os Religioſos de Varatojo, deſtinados para o côro, eſtudo quaſi aſſiduo em outras muitas horas; havendo dia, que quando naõ ha embaraço de manhã com confiſſoens, nem para eſtudarem algumas horas depois

de Matinas, poderaõ elles empregar no estudo sete horas, a saber: duas horas e meia de manhã; hora e meia de tarde; e duas depois de Matinas; e antes do Religioso ser Sacerdote, tem mais huma hora para estudar, que tanto tempo lhe leva a Santa Missa com preparaçaõ, e acçaõ de graças. E posto que se naõ estude depois de Matinas, nem de manhã alguns dias pelo embaraço do Confessionario, ainda todavia ficaõ perto de tres horas para se empregarem no estudo interessante. Ora sendo este estudo, ainda que por poucas horas, sem distracçaõ, sem diversoens, nem cuidados terrenos, que grandemente debilitaõ, e dissipaõ as potencias, distrahem o entendimento, e preoccupaõ o espirito, he claro, que poucas horas deste estudo regulado, quieto, e successivo, virá a supprir muito mais incomparavelmente, que o estudo de muitas horas no dia, e ainda de muitas semanas, e mezes, sendo interrompido, e sem repouso.

177 Sim, que importará a hum Secular occupar, e gastar por algum tempo no estudo oito, e mais horas cada dia, se além de serem essas horas a esse Secular muito de ordinario distrahidas, passar elle depois muitos dias,

se-

ſemanas inteiras, e ainda mezes ſem abrir livro, nem eſtudar couſa alguma, occupado, ou preoccupado com viſitas, jogo, paſſeio, divertimentos; cuidados terrenos, e negocios do Mundo? E que importa, que no Seminario de Varatojo naõ ſe eſtude cada dia mais, que duas, ou tres horas, ſe eſtas naõ forem interrompidas, nem diſtrahidas; mas ſucceſſivas, diarias, ſem diſtracçaõ d'eſpirito, nem perda de hum momento de tempo? Além diſto concorre tambem grandemente em Varatojo para o aproveitamento no eſtudo, e ſciencias, a frequente, e diaria Oraçaõ, o recolhimento, e retiro de creaturas! Pois naõ ſendo por motivo de confiſſaõ, ou conſelhos d'eſpirito, ſaõ raras as viſitas de peſſoas Seculares em Varatojo, cuja Livraria he mais frequentada, e com mais goſto pelos Religioſos, do que os delicioſos jardins de muitos Seculares. Ora deſte providente, e ſuave regulamento de eſtudar junto ſempre com a ſanta Oraçaõ, tem uſado os Religioſos de Varatojo deſde o berço do Seminario, e alcançado deſta ſorte venturoſamente com muita ſuavidade, e facilidade a verdadeira ſabedoria, e a mais alta Theologia, que tem por motivo, principio,

e

e fim a Deos ; por base a Fé ; por companheira a Caridade ; e por fructo as boas obras no pontual , e exacto cumprimento das obrigaçoens , e observancias regulares , e fervorosos exercicios da vida Apostolica , que se pratíca em Varatojo. Bem sabemos , que muitos , e grandes Padres da Igreja apenas instruidos na Grammatica Latina , ou Grega , e nos principios da Rhetorica , sem jamais frequentarem as aulas , e Athénas do seculo , foraõ naõ só egregios Declamadores Evangelicos , mas eximios , e insignes Mestres nas sciencias Theologicas , e oraculos na Theologia Mystica. Porque elles applicados ao estudo da eloquencia sagrada , á liçaõ dos livros santos , ao conhecimento das Leis Divinas , e humanas , e ás materias relativas ao estado Ecclesiastico , e sagrados empregos do Pulpito , e Confessionario , a fim de se empregarem fervorosos na conversaõ das almas , e de servirem a Igreja , nunca se esquecêraõ do estudo da santa Oraçaõ ; a qual traziaõ , e conservavaõ por companheira inseparavel. Regulavaõ bem as horas , naõ desperdiçavaõ instante do tempo precioso , usavaõ sempre bem delle. Reputavaõ por grande falta , e ainda de alguma

for-

ſorte por eſpecie de ſacrilegio a perda, e abuſo do tempo. Elles foraõ ſabios, e ſantos; porque nas horas de conferencias literarias em ſuas collaçoens, e em todo o tempo, que empregavaõ no ſeu eſtudo, e liçaõ dos livros, jamais ſe eſqueciaõ de Deos, nem da ſanta Oraçaõ. Eſtudavaõ, e oravaõ juntamente. A eſtes modélos, e exemplares fazem por imitar, e ter ſempre diante dos olhos os Miſſionarios de Varatojo; e por iſſo muitos delles a pezar de ſuas fadigas Apoſtolicas, e aſſiduos trabalhos Evangelicos, tem por eſpecial beneficio do Céo, e grande Miſericordia de Deos, ordenado, e publicado obras, que contém materias, e doutrinas uteis, e intereſſantes á Igreja, e ao Eſtado, como adiante ſe dirá.

## CAPITULO XXI.

*Exercicios humildes, que indiſtinctamente ſe practicaõ em Varatojo.*

178 PArece, que nada faz brilhar tanto a formoſura dos clauſtros, e conſervar taõ vivamente o ſeu bom nome entre os Seculares, do que ſaberem eſtes,

tes, que os Religiosos praticaõ indistinctamente, e com fervor d'espirito os exercicios humildes, mandados, ou aconselhados pelos santos fundadores das Corporaçoens Regulares. Assim pelo contrario mostra a experiencia, que naõ ha cousa, que tanto faça deslustrar, relaxar, e profanar os mesmos claustros, que a introducçaõ nelles de isençoens, privilegios, e dispensas para se isentarem alguns Individuos Regulares dos exercicios humildes recommendados a todos, e praticados pelos maiores, e Santos Patriarchas. Estes privilegios, isençoens, e dispensas, naõ havendo para elles manifesta, e legitima causa, saõ commummente sem dúvida filhos da soberba, da preguiça, e da molleza; e causaõ certamente infinitos males ás Sagradas Ordens Regulares, e feridas mortaes na Disciplina de seus claustros. Jesu Christo, Mestre, e exemplar Divino de todos os Christaõs, e de todos os Religiosos, huma das liçoens, que deixou mais recommendada em seu Evangelho a seus Discipulos, e seguidores, foi a humildade. O Seraphico Padre S. Francisco, que em tudo quiz imitar a Christo, e ser huma sua viva cópia, que mereceo por sua rara, e profundissima hu-

humildade ſer chamado *Patriarcha dos Humildes*, e naõ falta quem diga, que o meſmo Santo foi por eſta virtude ſublimado no Céo á Cadeira, que Lucifer perdeo por ſoberbo *. Fez principal eſtudo em toda a ſua vida em praticar a grande virtude da humildade. Por palavra, e exemplo, enſinou ſempre o meſmo Seraphico Patriarcha eſta virtude fundamental da humildade aos Profeſſores da ſua Regra. Elle jamais permittio, nem jamais conſentio, que entraſſe na ſua ordem o eſpirito de iſençoens, de privilegios, e diſpenſas, mas ſempre quiz, que ſeus filhos cheios de fervor d'eſpirito exercitaſſem todos indiſtinctamente goſtoſos as occupaçoens, officios, e exercicios humildes, e abatidos nos olhos do Mundo, os quaes praticados na Religiaõ, e Caſa de Deos, ennobrecem, e exaltaõ mais, e mais nos olhos deſte Senhor, aos que o imitaõ neſtas ſantas práticas. Em Varatojo por eſpecial beneficio do Céo, e grande Miſericordia de Deos naõ tem entrado, nem ſe tem permittido privilegio algum, nem diſpenſa, ou iſençaõ na prática da vida Regular, e exercicios humildes, que indiſ-

* *Corn. na Chron.*

diſtinctamente ſe obſervaõ, e ſe tem ſempre obſervado com todo o fervor deſde a criaçaõ do Seminario. Por eſpaço de mais de hum ſeculo, que eſte Seminario foi fundado, jamais ſe vio, e admittio nelle outro privilegio na ſua rígida obſervancia da vida regular, ſenaõ unicamente aquelle, que traz comſigo o ſello da neceſſidade, e enfermidade conhecida, e approvada. Nem ainda o meſmo Guardiaõ do Seminario eſtá diſpenſado para eſtes exercicios, e officio algum da Communidade, excepto o de Ledor á meſa, por ſer incompativel com o emprego de Prelado no acto do Refeitorio. Ora, poſto que toda a vida dos filhos de S. Franciſco ſeja hum tecido de acçoens humildes, pareceo todavia conveniente lembrar, e hiſtoriar neſte Capitulo algumas deſtas humildes, e edificantes prácticas, que ſe obſervaõ ſem diſtincçaõ entre todos os Religioſos de Varatojo, ainda que tenhaõ ſido, ou ſejaõ Prelados do Seminario, e poſto que ſejaõ de idade mais avançada, com tanto que tenhaõ ſaude.

179 Todos os Sabbados, naõ ſendo de guarda, ſe ajuntaõ em Communidade todos os Religioſos, que ſe a-

chaõ

chaõ no Seminario para varrerem as cellas, dormitorios, alpendrada ſobre o clauſtro, e algumas vezes tambem a Livraria. Todas as Sextas feiras, depois das graças da meſa, immediatamente ſe varre a Igreja, e Sacriſtia. Todos os dias vaõ dous Religioſos por ordem do Guardiaõ, ou de quem preſide em lugar delle, lavar a louça na cozinha, e o Guardiaõ a vai lavar nas Sextas feiras, como ſe diſſe acima. E tambem o meſmo Guardiaõ ſerve á meſa em Quinta feira Santa aos Religioſos, e neſſe meſmo dia lhes lava os pés, e quando ſe recolhem de Miſſaõ. Todos os mezes faz o Guardiaõ Capitulo aos Religioſos, os quaes proſtrados por terra dizem na ſua preſença, e da Communidade congregada na caſa do Capitulo, em voz clara a confiſſaõ; e depois tambem proſtrados os irmaõs Leigos, Coriſtas, e Noviços dizem ſua culpa, que conſiſte em ſe accuſarem, e arguirem a ſi meſmos de algum defeito, ou deſcuido de obſervancia regular em que tem faltado. O meſmo fazem os irmaõs Leigos em todas as Sextas feiras no Refeitorio diante da Communidade. Todos os Religioſos, que tiveraõ Officio Semanario ao Sabbado, ao jantar no fim da ſema-

mana no Refeitorio se prostraõ diante do Guardiaõ, e só se levantaõ depois, que elle lhes faz signal. O mesmo Guardiaõ tambem no Capitulo mensario se lança por terra diante do Presidente do Seminario, dizendo a confissaõ, e arguindo-se de algum defeito proprio, ou falta de perfeita observancia, da qual pede penitencia ao mesmo Presidente, o qual por costume lhe manda rezar huma Ave Maria.

180 Andando por fóra do Seminario alguns Religiosos companheiros, logo que chegaõ a entrada do alpendre na portaria do Seminario, se pedem mutuamente perdaõ hum a outro de algum defeito no comportamento exterior. Os Religiosos de Varatojo lavaõ a sua roupa no lavatorio a exemplo do Guardiaõ; cosem, e remendaõ os seus Habitos. Conduzem da cerca para o Convento a fructa. Estando a lenha para a Communidade no páteo desfeita em achas, dalli por espaço de dous tiros d'espingarda a levaõ os Religiosos aos hombros para a casa, onde se ha de guardar. O cozinheiro de Varatojo sempre he Religioso Leigo, Noviço, ou Corista; e ainda que os Noviços de Varatojo sejaõ destinados para o côro, naõ se isentaõ de servir al-

algumas vezes na cozinha a exemplo do V. P. Fr. Antonio das Chagas, que ſantamente ſe gloriava de ter feito em Noviço a ſua Semana de cozinha; como tambem o Excellentiſſimo D. Fr Lourenço de Santa Maria, Arcebiſpo de Goa, e Biſpo do Algarve, de quem ſe fará honorifica memoria na ſegunda Parte deſta Hiſtoria.

181 Na horta, pomares, laranjaes, e cerca de Varatojo, naõ ſó ſe vêm trabalhar irmaõs Donatos, e Leigos, mas tambem algumas vezes os meſmos Sacerdotes por devoçaõ, ſem ſerem mandados, ſe querem elles honeſtamente zeloſos occupar na enxertîa das arvores da cerca, e pomares, os quaes ſem perderem a preſença de Deos, e ſem amortecerem o eſpirito de Oraçaõ, aſſim beneficíaõ humildes ainda temporalmente a ſua Communidade. Ordinariamente ſe fazem em Varatojo os peditorios das eſmolas por irmaõs Donatos, e Religioſos Leigos. Porém tambem algumas vezes em caſo de neceſſidade, e exercicio da humildade manda o Guardiaõ aos peditorios Religioſos deſtinados para o côro; eſpecialmente por occaſiaõ das ſolemniſſimas Feſtas do Santiſſimo Naſcimento, e Reſurreiçaõ glorioſa do Senhor, nas quaes

quaes Missionarios antigos, e o mesmo Guardiaõ vaõ fazer o peditorio do paõ na Villa de Torres Vedras, e suas visinhanças. Santamente se gloriava o Excellentissimo D. Fr. Lourenço de Santa Maria, ha pouco lembrado, de ter em Varatojo servido de Cozinheiro, Enfermeiro, Porteiro, Sacristaõ, e de ter pelo imperio da obediencia sahido do Seminario a fazer peditorios para a Communidade. Além destes exercicios se pratícaõ em Varatojo ordinariamente outros ainda mais humildes, que naõ he necessario individualos aqui, os quaes a pezar de parecerem aos olhos dos mundanos exercicios vis, abjectos, e desprezíveis, se pratícaõ com gosto, fervor, e espirito de humildade por filhos de Varatojo, que no seculo se criáraõ huns dentro dos Palacios com grande opulencia, e abundancia de riquezas, outros, que vivêraõ na flor da sua idade no seio, e regaço das delicias; e outros, que exercitáraõ altos empregos. Sim, grandes Personagens descendentes das primeiras familias, e nobreza de Portugal, depois de serem grandes no Mundo, elegêraõ gostosos ser pequenos, e menores em Varatojo, e vestindo o Habito de S. Francisco, pratica-

cáraõ fervoroſos, e ſem repugnancia os exercicios mais humildes, a fim de que vivendo Apoſtolicamente ſegundo o eſpirito do Evangelho, fazendo-ſe pequenos, e pobres por amor de Jeſu Chriſto, a exemplo do Patriarcha dos Frades pobres, menores, e humildes, chegaſſem com elle a ſer grandes no Reino dos Céos.

## CAPITULO XXII.

*Bens da Santa Miſſaõ, e preparaçaõ prévia, que para ella fazem os Miſſionarios de Varatojo.*

182 ESCrevendo S. Paulo aos Romanos, os certifica vivamente do Apoſtolado, e Miſſaõ, para que Deos o deſtinára. O meſmo grande Apoſtolo eſtabelece, como princípio certo, que todo o que crêr, e invocar a Deos, naõ ſerá confundido, por naõ haver niſto diſtincçaõ entre o Judeo, e o Grego, ou Gentio, pois que para todos he Deos o meſmo Deos, que liberal diffunde as riquezas da ſua graça ſobre todos os que o invocarem, e crerem nelle com reſoluçaõ de o ſervirem, guardando a ſua Divina Lei. Penetrado

do o mesmo grande Apostolo do zêlo da salvaçaõ dos Gentios, faz na mencionada carta esta terna, e pathetica falla relativa á conversaõ dos Infieis, e Gentios, que naõ tinhaõ conhecimento do verdadeiro Deos, dizendo: « Mas como haveraõ elles de invoca- » lo, senaõ crerem nelle? E como » lhe daraõ credito naõ o tendo ou- » vido? E como o poderaõ ouvir sem » alguem lho annunciar? E como ha- » verá quem faça este annúncio, sem » para isso ser enviado? « E conclue » assim » Logo a Fé vem do que se » ouvio, e o ter-se ouvido he, por- » que se préga a palavra de Jesu Chris- » to *. » Onde clara, e manifestamente nota aqui S. Paulo, tanto a necessidade da palavra de Deos, como tambem a necessidade dos Missionarios para dilatar a Fé de Christo por todo o Mundo.

183 Que gloria se dá a Deos com a santa Missaõ, e prégaçaõ da Divina palavra? Que fructos, que bens, que utilidades resultaõ della á Igreja, ás almas, e ao estado? E que males se seguem por falta da santa Missaõ, e por se naõ prégar a santa pa-

* *Rom.* 10 14.

palavra ? Daqui he, que vigilantes Prelados maiores, e zelosos Pastores da segunda Ordem, vendo, e admirando os copiosos, e maravilhosos fructos da Missaõ de Varatojo em seus Bispados, e Parochias, naõ duvidáraõ affirmar, que a Santa Missaõ *necessitate medii* era na Igreja de indispensavel necessidade. Nesta consideraçaõ o S.mo Padre BENEDICTO XIV., á instancia do Fidelissimo Monarcha El-Rei D. JOAÕ V., o Grande, sciente das grandes utilidades, que resultavaõ á Igreja de Portugal, e ao Estado pelas Missoens de Varatojo, concedeo por suas Letras Apostolicas, para sempre valiosas em fórma de Breve, passadas em Roma a 14 de Agosto de 1747, aos Fieis de hum, e outro sexo, que ouvissem a Missaõ feita por Missionarios de Varatojo, as graças seguintes: Primeira, Bençaõ Papal, como se a recebessem em Roma do mesmo Papa Vigario de Christo: segunda, Indulgencia Plenaria applicavel ás Almas do Purgatorio: terceira, Remissaõ, e relaxaçaõ de sete annos, e outras tantas quarentenas das penitencias impostas a cada hum na fórma da Igreja: quarta, outras muitas Indulgencias relativas, assim para os que ensinaõ, ou

aprendem a Doutrina Christã, como para os que exercitaõ a Oraçaõ Mental. Donde sendo estas graças concedidas em attençaõ ao Seminario de Varatojo, bem se vê, que ellas naõ se lucraõ ouvindo-se prégaçaõ, ou Missaõ de Prégador, que naõ fôr de Varatojo, nem tiver communicaçaõ com o Seminario, ainda que nelle assistisse por algum tempo; porque dessmembrando-se, e sahindo de Varatojo, já naõ he Alumno deste Seminario, nem participa de suas graças, e privilegios.

184 O que recompensa, e que corôa teraõ diante de Deos aquelles Obreiros fieis da vinha do Senhor, que com zêlo Apostolico se empregarem no ministerio da santa Missaõ! Bem o entendia Isaias, quando dizia « Que for» mosos os pés daquelle, que annun» cía, e que préga a paz sobre os » montes! Os pés daquelle, que an» nuncía o bem, que préga a salva» çaõ! * » E pelo contrario, que formidavel castigo naõ devem temer diante de Deos todos aquelles, que podendo annunciar o Evangelho se escusaõ crueis annuncia-lo, enterrando in-

* *If.* 52. 7.

ingratos o talento, sem quererem deshumanos compadecer-se de innumeraveis almas, que sem a luz da Fé vivem, e morrem nas trévas, e sombras do Paganismo, e infidelidade; como tambem de muitas almas, que a pezar de viverem no gremio, e seio da Christandade se achaõ sem o verdadeiro conhecimento de Deos, e da Religiaõ que professaõ, por falta de haver quem as instrúa com a luz da Doutrina, e verdades do Santo Evangelho! Ai de quem podendo, e devendo dar esta luz, naõ a quer dar! Ai de quem podendo mandar Missionarios, e Obreiros Evangelicos, que communiquem esta luz aos póvos, e infieis, naõ os quer mandar! Ai, e mil vezes ai daquelles, que sem causa justificada se escusaõ, sendo mandados, para naõ doutrinarem, para naõ ensinarem, para naõ allumiarem com a luz do Evangelho, e para naõ prégarem as verdades santas! Ai, que por naõ quererem ingratos, crueis, e mais que deshumanos, fazer o beneficio de communicar luz a seus irmaõs, proximos, e similhantes, justamente pódem, e devem temer o castigo das trévas da outra vida, e a privaçaõ eterna da vista de Deos! Elle o naõ permitta.

185 Bem ſabemos, que as couſas ſe haõ de conſervar pelos meſmos meios, com que foraõ inſtituidas. Foi fundada a Igreja de Jeſu Chriſto, e nella plantada a Fé pela prégaçaõ da ſanta palavra de Deos, annunciada pelos Apoſtolos, e pelos Miſſionarios Evangelicos, que lhes ſeguíraõ as pizadas. Por eſte meio da Miſſaõ, e prégaçaõ da meſma Divina palavra, ſerá tambem conſervada a Igreja, ſeraõ convertidos á graça ſeus filhos rebeldes, e deſobedientes, e viráõ tambem por eſte meio os infieis ao gremio da meſma Santa Igreja. Logo he neceſſario, que ſe prégue tanto aos infieis, que vivem fóra da Igreja, como aos peccadores ſeus filhos para que ſe convertaõ, eſtes á graça, aquelles á Fé. Logo he neceſſaria a ſanta Miſſaõ. Em conſideraçaõ dos indiziveis bens, que della reſultaõ ás almas, á Igreja, e ao Eſtado, ſe inſtituío por eſpecial Providencia do Céo o Seminario de Varatojo em Portugal, para nelle, como em aſceterio Evangelico, ſe criarem, e formarem Miſſionarios, e Varoens Apoſtolicos, a fim de que bem exercitados dentro do clauſtro na prática das virtudes ſólidas, e bem roborados no eſpirito, ſahiſſem depois, como valen-

lentes Guerreiros do Senhor dos Exercitos, e valorosos Combatentes do Deos das batalhas a pelejar por meio de fervorosas Missoens contra os vicios, contra o homem inimigo, contra o forte armado, e contra o podêr das trévas, naõ só dentro do Reino de Portugal, e Algarves, mas tambem em suas vastas Conquistas, e Colonias ultramarinas, onde venturosamente, como tambem entre Naçoens idólatras, tem feito dilatar a Fé, e raiar a luz do Evangelho Missionarios fervorosos de Varatojo, como se verá na primeira, e segunda Parte desta Historia, quando se tractar das vidas de algum delles.

186 Ora em consideraçaõ dos grandes bens da santa Missaõ, de que acabamos de fallar, assim como os Generaes do seculo, quando estaõ para apresentar batalha ao inimigo, costumaõ escolher Soldados os mais valentes, e mais experimentados na disciplina militar, e combates bellicos, aos quaes depois de muito bem ensaiados, e exercitados no manejo das armas dentro dos Quarteis, e Fortalezas, mandaõ pelejar, e combater no campo contra o exercito dos inimigos. Da mesma sorte os Guardioens de Varatojo

ten-

tendo de mandar combater contra o inferno, e podêr das trévas por meio das Miſſoens nos campos da Igreja no meio do ſeculo, coſtumaõ eleger, e deſignar para ellas Miſſionarios, ora huns, ora outros, mas ſempre com preferencia aquelles, que elle julga mais idóneos, e mais roborados no eſpirito, para que eſtes depois de algum tempo occupados em exercicios piedoſos em retiro, ſahaõ a fazer implacavel guerra aos vicios com ſuas Miſſoens Apoſtolicas. Quando a Miſſaõ he de anno, ou pouco menos, tem os Miſſionarios deſignados para ella hum mez de preparaçaõ, e enſaio para a meſma Miſſaõ. Por eſte tempo eſtaõ elles iſentos de todos os actos da Communidade, excepto da Oraçaõ. Neſta paleſtra d'eſpirito, por meio da ſéria meditaçaõ, eſtudaõ os Miſſionarios diante de Deos, tudo o que haõ de dizer, e o que naõ haõ de dizer diante dos homens em público, a fim de que no miniſterio Apoſtolico, tanto na cadeira do Pulpito, como do Confeſſionario, ſendo primeiro provadas, conſideradas, e examinadas as ſuas palavras, annunciando-ſe ellas com pureza Evangelica, e mageſtoſa ſimplicidade, reſulte aſſim gloria ao meſmo

Se-

Senhor, e utilidade aos ouvintes, segundo a recommendaçaõ, que fez o Seraphico Padre S. Francisco aos Prégadores da sua Ordem.

187 Tambem os Missionarios antes de sahirem para a sua Missaõ designada, além do mez de preparaçaõ, de que se tem fallado, tem oito, ou dez dias de exercicios piedosos em retiro. Nestes preciosos dias cuidaõ com todo o empenho, e fervor, em roborar o seu espirito com mais Oraçaõ, vigilias, e Vias-Sacras; com mais mortificaçaõ, e penitencias de jejuns, cilicios, e disciplinas, com que castigaõ a sua carne rebelde, ficando alguns naõ poucas vezes toda a noite no côro diante do Santissimo Sacramento.

188 No dia, e occasiaõ, que os Missionarios sahem do Seminario para a Missaõ, que de ordinario he immediatamente depois das graças da refeiçaõ do jantar, antecipaõ a sua refeiçaõ á da Communidade. Tendo esta feito na Igreja, depois das graças, as commemoraçoens costumadas ao Santissimo Sacramento, á Conceiçaõ Immaculada da Santissima Virgem Maria, Mãi de Deos, ao Seraphico Padre S. Francisco, a S. Antonio, ao grande Patriarcha S. Bento, e ás Almas do

Pur-

Purgatorio, se faz logo signal com tres badaladas do sino grande, a fim de virem os Missionarios para a Capella Mór, onde se acha a Communidade em duas fileiras. Entrando elles na Capella Mór, levando o mais moderno pendente ao peito o Santo Christo da Missaõ, se poem de joelhos ambos no meio da Communidade ahi congregada. Levanta logo o Prelado a Antiphona do Santissimo Sacramento: *Ó Sacrum convivium*, a do Espirito Santo, a da Conceiçaõ da Senhora, a de S. Miguel, Padroeiro, e Protector das Missoens de Varatojo, a do Seraphico Patriarcha, a de S. Antonio, e a do Patriarcha S. Domingos.

189 Concluidas estas commemoraçoens, levanta-se a Communidade, e sahe ordenada pelo claustro, levando no meio os Missionarios até fóra da portaria no alpendre, onde se conserva a mesma Communidade em duas fileiras, ficando o Guardiaõ no principio da fileira da parte direita, e o Presidente na da parte esquerda. Vai logo o Missionario mais antigo, á presença do Guardiaõ, pede-lhe de joelhos a bençaõ, e oraçoens; e abraçando-o se despede delle. Chega logo ao Religioso mais antigo, e immedia-

to

to ao Guardiaõ, abraça-se com elle, pede-lhe de joelhos oraçoens, dizendo alguma vez saudoso, e internecido: Adeos, meu Irmaõ, que naõ sei se nos tornaremos a vêr nesta vida em Varatojo. Continúa a mesma terna ceremonia com todos os Religiosos de ambas as fileiras. O Missionario mais moderno vai tambem logo depois do companheiro despedindo-se de seu Prelado, e irmaõs, praticando com todos a mesma terna ceremonia. O mesmo pratícaõ com o Presidente, e Religiosos, que estaõ na fileira do seu lado.

190 Estas ternas, patheticas, e affectuosas demonstraçoens de despedida, que se fazem em Varatojo por occasiaõ de sahida para Missaõ, bem similhante á despedida, que S. Paulo fez de seus discipulos, e companheiros em Melito da Asia, tem feito naõ poucas vezes soltar, e verter copiosas lagrimas dos chorosos olhos, e ainda tambem arrancar do peito soluços, e gemidos ternos, e saudosos ás pessoas, que assistem, e presenceaõ este acto na consideraçaõ, de que talvez naõ tornem mais a vêr os Missionarios, senaõ no Juizo final, sem que elles, ou algum delles torne a voltar com vida pa-

ra

ra Varatojo, fechando a claufura de feus dias, e confummando a fua carreira no mefmo exercicio da fanta Miſſaõ, como muitas vezes tem fuccedido. Pois do Reino dos Algarves, das Provincias do Minho, Traz dos Montes, Beira, Eſtremadura, Alemtejo, e ainda de ultramar, houve tempo, que voltou hum companheiro fó para o Seminario, por lhe ter fallecido o outro Miſſionario no actual exercicio do miniſterio Apoſtolico da fanta Miſſaõ. Mas que gloria para hum Miſſionario Apoſtolico, e para hum Declamador Evangelico morrer, e terminar os dias da fua vida, pelejando com a efpada na maõ, como valorofo Soldado de Chriſto, no campo da Santa Igreja contra os vicios, e principe das trévas, fervindo fiel ao Senhor, e Rei dos Céos? Aſſim defejava acabar a fua vida o fervorofo, e memoravel Miſſionario Padre Fr. Gafpar da Virgem Maria, e aſſim lhe fuccedeo em noſſos dias na mefma Freguezia, onde fe achava em Miſſaõ actual, e onde tinha prégado havia cinco dias, expirando gloriofamente em meus braços com morte precioſa, e acclamaçoens de fanto, em Léſſa do Balîo huma legoa diſtante da Cidade do Porto. Vendo-

do-me eu por esta causa precisado a retirar-me cheio de mágoa para Varatojo, pela falta de taõ amavel Companheiro, ainda que em parte consolado por ter presenciado a sua venturosa morte, e por ficar na pia crença de que sua alma foi gozar no Céo o premio de suas relevantes virtudes, e fadigas Apostolicas. Foi sepultado seu veneravel cadaver na Igreja de N. P. S. Francisco do Porto, como se dirá adiante na 2.ª Parte desta Historia.

191 Termina-se em fim no alpendre da portaria de Varatojo a terna acçaõ da despedida dos Missionarios, sahindo elles fóra das grades do alpendre alguns passos, donde voltando-se logo para a Communidade, lhe fazem dalli a ultima reverente inclinaçaõ de joelhos, a que corresponde a Communidade com inclinaçaõ de cabeça. Daõ logo os Missionarios princípio á sua jornada transitando sempre juntos, e sempre a pé, ainda que a jornada seja para as Provincias, e Freguezias mais remotas de Portugal, e Algarves. Elles se valem da caridade de algum Bemfeitor, ou Correio, a fim de que estes façaõ remetter para o sitio da Missaõ, ou visinhanças, huma pequena bolsa de couro de cada Missionario,

em

em que levaõ alguns Sermoens, e apontamentos para outros, com prática de Oraçaõ, a ſagrada Biblia, algum Compendio Theologico, diſciplinas, e algumas vezes livrinhos de doutrina, e Oraçaõ para repartirem por caridade com os póvos, a fim de fomentarem mais a ſua devoçaõ, e illumina-los mais nos princípios da Religiaõ.

192 Rezaõ logo a Ladainha da Santiſſima Virgem Mãi de Deos, caminhando, a Eſtaçaõ ao Santiſſimo Sacramento com ſua commemoraçaõ: *Ó Sacrum convivium*; a commemoraçaõ á Conceiçaõ Immaculada da Puriſſima Virgem Mãi de Deos, a S. Franciſco, a S. Antonio, a S. Bento, a S. Amaro, a Santa Martha, e no fim hum Reſponſorio ás Almas do Purgatorio. Cada hum dos Miſſionarios offerece a Deos por maõs da Santiſſima Virgem Mãi do meſmo Senhor, todo o trabalho, e incommodo, aſſim da jornada, como da Miſſaõ, que vaõ fazer em beneficio das almas do diſtricto, onde a vaõ fazer. Eis-aqui a que ſe reduz todo o trem, e toda a equipagem dos Miſſionarios nas ſuas jornadas para as Miſſoens Apoſtolicas. Leva cada hum delles o ſeu bordaõ

na

na maõ, humas ſandalias abertas nos pés, o manto ſobre o Habito de ſayal cingido com huma corda, hum Crucifixo pequeno de lataõ pendente do peito, além de outro Santo Chriſto maior para a Miſſaõ, que leva o Miſſionario mais moderno, e hum Breviario para rezarem. Eſte, e ſó eſte, he todo o trem, e viatico dos Miſſionarios de Varatojo nas ſuas jornadas, ainda que ſejaõ para as terras mais remotas, naõ ſó de Portugal, mas de ſuas Colonias, e Conquiſtas ultramarinas. Elles a pezar de lhes lembrar, que tem de ſubir ladeiras aſſás cuſtoſas, e impinadas; cruzar montanhas, e ſerras aſperas, e deſabridas; tolerar intenſos calores no Eſtio, e exceſſivos frios no rigor do Inverno; vadear regatos, e rios caudaloſos; paſſar valles pantanoſos, humidos, e alagadiços; piſar lodaçaes, geadas, e neves; ſentir chuvas importunas, e tempeſtades de ventos rijos; experimentar fomes, e ſêdes; pernoitar algumas vezes nos campos, boſques, e deſpovoados, ſem terem outro leito, que a terra, nem outra cobertura, que o Céo, nem outra companhia além de Deos, e do Anjo tutelar, que os troncos das arvores, e os penedos das ſerras, e mon-

ta-

tanhas. Todavia caminhaõ contentes; suavisando, e adoçando seus trabalhos, incommodos, e fadigas Evangelicas, com a consideraçaõ, de que mandados por Deos, ou por quem faz as suas vezes, vaõ no exercicio, e emprego dos Apostolos converter almas a Deos, que custáraõ o infinito preço do Sangue de Jesu Christo.

193 Tanto que os Missionarios avistaõ a Freguezia, e terra, onde vaõ fazer Missaõ, lembrados, de que os demonios invejosos, raivosos, e furiosos se empenharáõ por todas as vias embaraçar o fructo da santa palavra, os esconjuraõ com o mesmo exorcismo, e preceito, de que em similhantes occasioens de Missaõ usava o V. P. Fr. Antonio das Chagas, he da maneira seguinte: Descobrem o Santo Christo da Missaõ, péga nelle com reverencia o Missionario mais antigo, e cheio de viva Fé diz: Ó demonios malditos, que por vossa soberba fostes, como raios, lançados do Céo, e condemnados por ella á padecer tormentos eternos, e que cheios de vossa maldita inveja, andais como leoens raivosos em roda viva, procurando tragar as almas remidas com o Sangue preciosissimo de meu Senhor Jesu Christo: Eu pecca-dor

dor miſeravel, como Miniſtro do meſmo Senhor, ainda que indigno, e inutil ſervo ſeu, em Nome da Santiſſima Trindade, Padre, Filho, e Eſpirito Santo, tres Peſſoas diſtinctas, e hum ſó Deos verdadeiro; em Nome de meu Senhor Jeſu Chriſto, e da Santiſſima Virgem Maria minha Senhora, concebida em graça ſem mácula de peccado original; em nome de S. Miguel Archanjo, Principe da Milicia Celeſtial, e Protector das Miſſoens de Varatojo; em nome dos Santos Anjos Cuſtodios deſta Igreja, e de noſſas almas; em nome dos Santos Apoſtolos S. Pedro, e S. Paulo, e de meu Seraphico Padre S. Franciſco, S. Antonio, e mais Santos, e Santas da minha Sagrada Religiaõ; em nome dos Santos Patriarchas, Doutores, e Miniſtros da ſanta palavra de Deos, e de todos os Bemaventurados da Côrte do Céo, vos mando, e ordeno para maior confuſaõ voſſa, que logo ſem demóra, nem dilaçaõ vos aparteis deſta terra deixando livres as almas de ſeus moradores, que tendes prezas com as duras cadêas dos peccados, para que ellas deſembaraçadas, e ſoltas das voſſas diabolicas prizoens, tentaçoens, e enganos, ouçaõ attentamente a ſanta palavra de

Deos,

Deos, que mandados do mesmo Senhor, e da santa obediencia lhes vimos prégar, a fim de que convertendo-se ellas á graça, e amizade de Deos, mereçaõ assentarem-se no Céo nas cadeiras, de que vós soberbamente cahistes. Amen.

194 E voltado logo para o Senhor, que tem nas maõs, lhe faz esta falla: E Vós, meu Deos, e Senhor, por vossa infinita Bondade, e Misericordia, sede servido naõ castigar este povo por entrarem nelle estes miseraveis peccadores, e indignos Ministros vossos. Quando se achaõ já proximos á Igreja, em que se ha de abrir a Missaõ em distancia de dous, ou tres tiros d'espingarda, vaõ com o Santo Christo arvorado cantando, ou rezando a Ladainha da Santissima Virgem Mãi de Deos até entrarem na Igreja, onde se determina fazer Missaõ. Na mesma Igreja, concluida a Ladainha, e commemoraçaõ da Senhora, lança com o Senhor a bençaõ ao povo presente o Missionario mais antigo, precedendo huma breve exhortaçaõ relativa ao beneficio da santa Missaõ, que chega áquella terra, annunciando o dia, e hora, em que se ha de começar a Missaõ. Na mesma Igreja tambem se póde pôr o conjuro, e precei-

to aos demonios, quando ſe naõ tiver poſto antes.

195 Ordinariamente ſe hoſpedaõ os Miſſionarios em caſa do Parocho da terra, onde intentaõ fazer Miſſaõ. Porém havendo ahi Convento, e ſendo convidados pelo Prelado delle, lhe acceitaõ a ſua caritativa offerta. Tambem algumas vezes ſe hoſpedaõ em caſa de algum ſingular Bemfeitor, ou Peſſoa principal daquella terra, ainda que ſeja Secular, dando alguma religioſa, e politica ſatisfaçaõ a eſte reſpeito ao Reverendo Parocho. Logo no primeiro Sermaõ da Miſſaõ ſe coſtuma lêr do Pulpito o Breve Pontificio, que contém as graças da Miſſaõ concedido por BENEDICTO XIV. a Varatojo. Cujo Guardiaõ no Seminario de Varatojo tem governo ſimilhante ao de hum Provincial na ſua Provincia com authoridade de acceitar Noviços, e Juriſdicçaõ para determinar, e ordenar na ſua Communidade, o que qualquer Provincial na ſua Provincia. De tres em tres annos vem Commiſſario Viſitador por ordem do Geral, ou do Nuncio, quando naõ ha recurſo áquelle para preſidir á eleiçaõ do novo Guardiaõ, que he feita pela Communidade dos Sacerdotes Capitularmente congregados.

## CAPITULO XXIII.

*Catalogo dos Guardioens, e Presidentes do Seminario de Varatojo; e dos Commissarios Visitadores, que presidírão nos Capitulos do mesmo Seminario.*

196 I. FR. Antonio de Coimbra foi publicado primeiro Guardião do Seminario de Varatojo, com Patente do Reverendissimo Padre Geral a 13 de Junho de 1680. Era natural de Coimbra, e tinha sido Guardião, e Custodio na Santa Provincia da Piedade antes de passar para Varatojo. A 11 de Março de 1680 no mesmo dia, em que o V. P. Fr. Antonio das Chagas tomou posse do Seminario de Varatojo, se elegeo Capitularmente para Presidente delle até novo Guardião a Fr. Antonio de S. Bento, que acabava de Guardião do mesmo Convento, e que tinha entregado o sello, e chaves delle ao mesmo V. P. Chagas no mencionado dia 11 de Março. O R. Padre Fr. Paulo de S. Catharina, Padre da Santa Provincia de S. Antonio de Portugal, foi o primeiro Commissario Vi-

Visitador do Seminario de Varatojo. Fez a sua visita a 9 de Abril de 1682.

197 II. Fr. Luís de S. Ignacio, natural de Pinhel, e Religioso da Santa Provincia de Portugal antes de se encorporar em Varatojo, foi eleito Guardiaõ do Seminario em 26 de Junho de 1683. Foi eleito para Presidente do Seminario Fr. Luís de S. Francisco, que tinha vindo da Santa Provincia dos Algarves. Foraõ Commissarios Visitadores do Seminario o R. P. M. Leitor Jubilado Fr. Manoel de San-Tiago da Santa Provincia de Portugal; e o R. P. M. Leitor de Prima Fr. Manoel do Horto da Santa Provincia dos Algarves.

198 III. Fr. Antonio de Coimbra foi segunda vez eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo a 20 de Novembro de 1686 pelo mesmo Reverendissimo Padre Commissario Geral da familia Cismontana Fr. Juliaõ Chamilhas, quando por occasiaõ de visita esteve em Varatojo. A 31 de Maio de 1689 visitou pessoalmente o Seminario de Varatojo o Reverendissimo P. Fr. Marcos Zarçoza, Ministro Geral de toda a Familia Seraphica.

199 IV. Fr. Lourenço da Purificaçaõ, que tinha professado na Santa Provincia dos Algarves, foi eleito Guar-

diaõ do Seminario de Varatojo em 29 de Dezembro de 1689. Presidio nesta eleiçaõ o Guardiaõ immediato Fr. Antonio de Coimbra, por commissaõ do Reverendissimo P. Geral da Ordem Fr. Marcos Żarçoza. Foi publicada a Patente do Guardiaõ a 6 de Março de 1690. Elegeo-se para Presidente do Seminario a Fr. Verissimo do Nascimento.

200 V. Fr. Verissimo do Nascimento, natural de Lisboa, que tinha professado na Santa Provincia da Arrabida, foi eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo por fallecimento do Guardiaõ antecessor Fr. Lourenço em 30 d'Abril de 1691. Depois de confirmado pelo Reverendissimo P. Geral Alvin, tomou posse do emprego de Guardiaõ a 9 de Junho do mesmo anno. Foi Visitador do Seminario o R. P. M. Fr. Luís de S. José, Definidor Geral de toda a Ordem, Ex-Provincial da Provincia de S. Antonio de Portugal.

201 VI. Fr. Manoel de Maçaõ, que tinha professado na Santa Provincia da Soledade, foi eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo em 25 de Maio de 1695. Para Presidente do Seminario se elegeo a Fr. Manoel da Paz, que tinha professado na Santa Provincia de Portugal. E para primeiro

Pre-

Presidente da fundaçaõ de Brancanes, se elegeo a Fr. Antonio de Coimbra. O R. P. M. Fr. Luís de S. José ha pouco mencionado, foi tambem Visitador deste Capitulo.

202 VII. Fr. Manoel da Barca, que tinha professado na Santa Provincia da Soledade, onde tomára o habito de N. P. S. Francisco no anno de 1677, foi eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo em 22 de Novembro de 1698. Foi eleito para Presidente do Seminario, e Mestre dos Noviços Fr. Domingos das Chagas, natural de Moimenta da Serra da Estrella junto á Villa de Gouvêa. Para a fundaçaõ de Brancanes se elegeo Presidente a Fr. Verissimo do Nascimento, que tinha sido Guardiaõ em Varatojo. Foi Commissario Visitador, e Presidente em Capitulo o R. P. M. Fr. Miguel de S. Maria, Provincial da Provincia de S. Antonio de Portugal.

203 VIII. Fr. Bernardo de S. Francisco, natural de Peniche, que tinha professado na Santa Provincia dos Algarves, sahio Canonicamente eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo a 20 de Maio de 1702. Foi nomeado para Presidente do Seminario Fr. Verissimo do Nascimento. E para Presiden-

dente do Convento de Brancanes, foi eleito Fr. Joaõ de S. Boaventura, que tinha profeſſado na Santa Provincia da Arrabida. Foi Commiſſario Viſitador, e Preſidente neſta eleiçaõ o R. P. Fr. Joaõ dos Martyres, Leitor de Theologia, e Definidor da Santa Provincia da Arrabida.

204 IX. Fr. Manoel de Maçaõ foi ſegunda vez eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo no anno de 1705. Foi Commiſſario Viſitador, e Preſidente neſte Capitulo o R. P. Fr. Manoel do Salvador, Ex-Definidor da Provincia de S. Antonio de Portugal, e Guardiaõ actual no Convento de Lisboa. Veio por Viſitador intermedio o R. P. Fr. Joaõ de S. Thomás, Padre da meſma Santa Provincia.

205 X. Fr. Paulo de S. Thereza, natural da Cidade da Guarda, ſahio eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo em 23 de Outubro de 1708. Para Preſidente do Seminario ſe reelegeo a Fr. Domingos das Chagas. E para o Convento de Brancanes ſe nomeou a Fr. Antonio do Roſario, natural de Vimieiro da Lourinhã. Preſidio neſte Capitulo o R. P. Fr. Joaõ de S. Thomás ha pouco mencionado, Padre da Provincia de S. Antonio de Portugal.

XI.

206 XI. Fr. Rodrigo de Chriſto, natural de Lamego, ſahio eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo a 6 de Outubro de 1711. Foi Commiſſario Viſitador, e Preſidente neſta eleiçaõ Capitular o R. P. Fr. Ignacio de S. Miguel, Definidor da ſanta Provincia da Arrabida. Elegeo-ſe para Preſidente do Seminario a Fr. Joſé de S. Maria de Jeſus. E para o Convento de Brancanes ſe elegeo Preſidente a Fr. Manoel de Maçaõ, o qual neſſe meſmo anno foi eleito Guardiaõ primeiro do novo Seminario Brancanenſe.

207 XII. Fr. Franciſco das Chagas, natural da Cidade d'Evora, foi eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo em 30 de Novembro de 1714. Preſidio neſte Capitulo o R. P. Fr. Manoel de S. Maria Magdalena, Ex-Provincial da Santa Provincia dos Algarves. Para Preſidente do Seminario ſe elegeo a Fr. Joaõ da Salvaçaõ, natural da Villa d'Arruda. Ficou-ſe conſervando Meſtre dos Noviços Fr. Domingos das Chagas.

208 XIII. Fr. Joſé de S. Maria de Jeſus, natural da Cidade d'Evora, que tinha profeſſado na Santa Provincia dos Algarves, foi eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo a 13 d'Agoſ-

gosto de 1717. Presidio Commissario Visitador neste Capitulo o R. P. M. Fr. Manoel de S. Maria Magdalena, Ex-Provincial da Santa Provincia dos Algarves ha pouco mencionado. Para Presidente do Seminario se elegeo Fr. Antonio do Rosario, e pela Renúncia deste, foi eleito Fr. Manoel das Chagas, natural de Trancozo.

209 XIV. Fr. Rodrigo de Christo foi segunda vez eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo a 24 d'Agosto de 1720. Foi Commissario Visitador, e Presidente deste Capitulo o R. P. Fr. Manoel dos Remedios, Provincial da Santa Provincia dos Algarves. Para Presidente do Seminario se elegeo a Fr. Gaspar da Incarnaçaõ.

210 XV. Fr. Gaspar da Incarnaçaõ, natural de Lisboa, sahio eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo em 24 d'Agosto de 1723. Foi Commissario Visitador, e Presidente deste Capitulo o R. P. M. Fr. Manoel de S. Boaventura, Qualificador do Santo Officio, Examinador das Tres Ordens Militares, e Ex-Provincial da Santa Provincia de Portugal. Para Presidente do Seminario se elegeo a Fr. Joaõ do Nascimento.

211 XVI. Fr. Antonio da Resur-

rei-

reiçaõ, natural de Lisboa, ſahio eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo em 26 de Abril de 1725. Foi Commiſſario Viſitador, e Preſidente deſte Capitulo o R. P. Fr. Franciſco dos Santos, Leitor Jubilado, e Qualificador do Santo Officio da Santa Provincia de Portugal. Para Preſidente do Seminario ſe reelegeo a Fr. Joaõ da Salvaçaõ.

212 XVII. Fr. Antonio do Sacramento, natural de Vinhó, proximo á Villa de Gouvêa, foi eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo em 25 de Setembro de 1728. Foi Commiſſario Viſitador, e Preſidente deſte Capitulo Fr. Manoel de S. Caetano, Leitor Jubilado, e Definidor actual da Santa Provincia de Portugal. Ficou conſervado no emprêgo de Preſidente do Seminario Fr. Joaõ da Salvaçaõ.

213 XVIII. Fr. Rodrigo de Chriſto ſahio terceira vez eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo em 22 de Setembro de 1731. Foi Commiſſario Viſitador, e Preſidente deſte Capitulo o R. P. Fr. Euzebio de Santa Maria, Leitor Jubilado, Qualificador do Santo Officio, Examinador das Tres Ordens Militares, e Cuſtodio actual da Santa Provincia de Portugal. Para

Pre-

Presidente do Seminario se tornou a reeleger a Fr. Joaõ da Salvaçaõ.

214 XIX. Fr. Joaõ do Nascimento, natural de Lisboa, foi eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo em 28 de Agosto de 1734. Presidio Commissario Visitador neste Capitulo o R. P. M. Fr. Manoel de S. Caetano, Leitor Jubilado, e Provincial da Santa Provincia de Portugal. Para Presidente do Seminario, e Mestre de Noviços se elegeo a Fr. Manoel de Christo, natural da Póvoa de Aveiro.

215 XX. Fr. Manoel da Mãi de Deos, natural de Lubaõ de Viseu, sahio eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo em 26 de Julho de 1737. Foi Commissario Visitador, e Presidente neste Capitulo o R. P. Fr. Manoel de S. Damazo, Prégador Jubilado, Consultor da Bulla da S. Cruzada, e Custodio actual da Santa Provincia de Portugal. Foi eleito para Presidente do Seminario Fr. Joaõ do Sacramento. Visitador intermedio foi o R. P. Fr. Manoel de S. Boaventura, Leitor Jubilado, e Definidor da Santa Provincia dos Algarves. Fez-se esta visita intermedia em Fevereiro de 1739.

216 XXI. Fr. Gonçalo da Conceiçaõ, natural da Villa de Guimaraens,

raens, foi eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo a 8 de Agosto de 1740. Foi Commissario Visitador, e Presidente neste Capitulo o R. P. Fr. Manoel de S. Caetano, Leitor Jubilado, Qualificador do Santo Officio, Padre das Provincias dos Açores, e Algarves, Ex-Provincial, e Padre immediato da Santa Provincia de Portugal. Elegeo-se para Presidente do Seminario a Fr. Lourenço de S. Maria, natural de Avelans de cima, Bispado hoje de Aveiro. Pela Renuncia do emprêgo de Presidente, que fez Fr. Lourenço, por ter de passar á Missaõ Ultramarina do Funchal, se elegeo em seu lugar para Presidente do Seminario a Fr. Joaõ de Jesus, natural da Villa de Alvito no Alemtejo.

217 XXII. Fr. Manoel da Mãi de Deos foi segunda vez Guardiaõ do Seminario de Varatojo a 8 de Agosto de 1743. Foi Commissario Visitador, e Presidente neste Capitulo o R. P. Fr. Manoel dos Anjos, Prégador Jubilado, e Custodio da Santa Provincia de Portugal. Elegeo-se para Presidente do Seminario a Fr. José do Nascimento, e por Renuncia deste a Fr. Manoel de Christo, em Março de 1745.

XXIII.

218 XXIII. Fr. José do Nascimento, natural da Villa de Vousella, Bispado de Viseu, foi eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo a 2 de Julho de 1746. Foi Commissario Visitador, e Presidente neste Capitulo o R. P. Fr. Manoel de S. Boaventura, Qualificador do Santo Officio, Examinador das Tres Ordens Militares, e Ex-Definidor da Santa Provincia dos Algarves. Reelegeo-se para Presidente do Seminario a Fr. Manoel de Christo; e pela Renúncia, ou molestia deste, se elegeo em seu lugar a Fr. Joaõ do Sacramento. Foi Visitador intermedio o R. P. Fr. Lourenço de S. Thomás, Leitor Jubilado, e Padre immediato da Santa Provincia dos Algarves.

219 XXIV. Fr. Manoel da Mãi de Deos foi terceira vez eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo a 2 de Julho de 1749. Presidio nesta eleiçaõ o mencionado Commissario Visitador o P. Fr. Manoel de S. Boaventura da Santa Provincia dos Algarves. Reelegeo-se para Presidente do Seminario a Fr. Manoel de Christo. Foi Visitador intermedio no anno de 1752 o R. P. Fr. Manoel do Senhor Salvador, Definidor que era actual da Santa Provincia de Portugal.

XXV.

220 XXV. Fr. Gaſpar da Virgem Maria, natural da Freguezia do Prado, junto á Villa de Melgaço, foi eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo no 1 de Julho de 1752. Foi Commiſſario Viſitador, e Preſidente neſte Capitulo o R. P. Fr. Manoel do Senhor Salvador, que tinha ſido Viſitador intermedio na Guardiania antecedente. Reelegeo-ſe para Preſidente do Seminario a Fr. Manoel de Chriſto; e pela Renúncia, ou moleſtia, ſe elegeo em ſeu lugar no anno de 1753 a Fr. Joaõ do Sacramento.

221 XXVI. Fr. Joaõ do Sacramento, natural da Villa de Torres Vedras, foi eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo no 1 de Julho de 1755. Foi Commiſſario Viſitador, e Preſidente neſte Capitulo o R. P. Fr. Joſé do Menino Jeſus, Leitor Jubilado, Qualificador do Santo Officio, Examinador das Tres Ordens Militares, e Ex-Cuſtodio da Santa Provincia dos Algarves. Para Preſidente do Seminario ſe tornou a reeleger a Fr. Manoel de Chriſto.

222 XXVII. Fr. Joſé do Naſcimento foi ſegunda vez eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo no 1 de Julho de 1758. Foi Commiſſario

Vi-

Visitador, e Presidente deste Capitulo o R. P. M. Doutor Fr. Antonio de Santa Maria dos Anjos Melgaço, Leitor Jubilado, e Provincial actual que era da Santa Provincia de Portugal. Foi reeleito para Presidente do Seminario Fr. Joaõ de Jesus.

223 XXVIII. Fr. Manoel da Mãi de Deos foi eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo no 1 de Julho de 1761. Foi Commissario Visitador, e Presidente deste Capitulo o R. P. Fr. José de S. Anna Xavier, Ex-Provincial da Santa Provincia de Portugal. Reelegeo-se para Presidente do Seminario a Fr. Manoel de Christo; e por molestia deste se elegeo em seu lugar a Fr. Joaõ de Jesus.

224 XXIX. Fr. Francisco de Deos, natural da Villa de Marvaõ, Bispado de Portalegre, sahio eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo a 19 de Junho de 1764. Foi Commissario Visitador, e Presidente em Capitulo o R. P. Fr. Antonio de S. Coleta, Ex-Provincial da Santa Provincia dos Algarves. Reelegeo-se para Presidente do Seminario a Fr. Joaõ de Jesus.

225 XXX. Fr. José de S. Paulo, natural de Cabanas de Viseu, sahio eleito Guardiaõ do Seminario de Vara-

ratojo a 24 de Julho de 1767. Foi Commiſſario Viſitador, e Preſidente deſte Capitulo o R. P. M. Doutor Fr. Franciſco Xavier de S. Anna, Provincial actual que era da Santa Provincia dos Algarves. Nomeou-ſe para Preſidente do Seminario a Fr. Paulo das Chagas, natural da Villa do Sabugal, entaõ Biſpado de Lamego, e agora de Pinhel.

226 XXXI. Fr. Franciſco de Jeſus Maria, natural da Villa de Peniche, foi eleito Guardiaõ do Seminario a 2 de Julho de 1770. Foi neſte Capitulo Commiſſario, e Preſidente o R. P. M. Fr. Bernardo da Conceiçaõ, Cuſtodio immediato da Santa Provincia de Portugal. Reelegeo-ſe a Fr. Joaõ de Jeſus para Preſidente do Seminario.

227 XXXII. Fr. Manoel da Mãi de Deos quinta vez ſahio eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo a 24 de Julho de 1773. Foi Commiſſario Viſitador, e Preſidente deſte Capitulo o R. P. Fr. Joſé da Eſtrella, Provincial que era actual da Santa Provincia dos Algarves. Elegeo-ſe para Preſidente do Seminario a Fr. Bento da Trindade, natural da Freguezia de S. Joaõ da Folhada de ſobre Támega, Biſpado do Porto.

XXXIII.

228 XXXIII. Fr. Jofé de Affumpçaõ, natural da Villa de Guimaraens, foi eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo a 2 de Julho de 1776. Foi Commiffario Vifitador, e Prefidente defte Capitulo o R. P. M. Fr. Ricardo de S. Coleta, Definidor da Santa Provincia dos Algarves. Elegeo-fe para Prefidente do Seminario a Fr. Antonio de Santa Clara.

229 XXXIV. Fr. Françifco de Jefus Maria fahio fegunda vez eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo a 2 de Julho de 1779. Foi Commiffario Vifitador, e Prefidente nefta eleiçaõ o R. P. Fr. Luís de S. Jofé, Definidor da Santa Provincia de Portugal. Para Prefidente do Seminario fe elegeo a Fr. Joaõ de Chrifto, natural de Sande, junto á Cidade de Lamego.

230 XXXV. Fr. Jofé de S. Paulo foi fegunda vez eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo a 2 de Julho de 1782. Prefidio, como Commiffario Vifitador nefta eleiçaõ, o R. P. Fr. Antonio da Nazareth, Prégador Jubilado, e Cuftodio da Santa Provincia dos Algarves. Foi reeleito para Prefidente do Seminario Fr. Joaõ de Chrifto.

231 XXXVI. Fr. Manoel de Maria

ria Santissima, natural da Freguezia da Senhora da Assumpçaõ de Jalles, Comarca de Villa Real, Arcebispado de Braga, foi eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo a 2 de Julho de 1785. Foi Commissario Visitador, e Presidente na eleiçaõ deste Guardiaõ o R. P. Fr. Manoel de S. Carlos, Ex-Definidor, Ex-Provincial, e Padre immediato da Santa Provincia de Portugal, e Commissario Geral da Terra Santa. Tornou-se a reeleger para Presidente do Seminario a Fr. Joaõ de Christo. Foi Visitador intermedio o R. P. M. Fr. Luís da Annunciaçaõ, Ex-Visitador das Santas Provincias dos Algarves, e S. Maria da Arrabida, Ex-Provincial, e Padre mais digno da Provincia de Santo Antonio de Portugal.

232 XXXVII. Fr. Antonio de S. Clara, natural da Freguezia de S. Estevaõ, junto á Villa de Chaves, sahio eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo a 2 de Julho de 1788. Foi Commissario Visitador, e Presidente deste Capitulo o mencionado R. P. M. Fr. Luís da Annunciaçaõ, que viera Visitador intermedio na Guardianía antecedente. Para Presidente do Seminario se elegeo a Fr. Diogo do Sa-

cramento, natural de Maõ-forte; Freguezia do Bispado de Castello-Branco.

233 XXXVIII. Fr. Francisco das Dôres, natural da Freguezia de S. Lourenço de Monte Alegre, foi eleito Guardiaõ a 2 de Julho de 1791. Presidio Commissario Visitador nesta eleiçaõ o R. P. Fr. José da Conceiçaõ Monte Alverne, Ex-Provincial da Santa Provincia de Portugal. Tornou-se a reeleger para Presidente do Seminario a Fr. Joaõ de Christo.

234 XXXIX. Fr. Antonio das Dôres, natural da Freguezia do Abrunhoso, termo do Mogadouro, Arcebispado de Braga, foi eleito Guardiaõ do Seminario de Varatojo a 2 de Julho de 1794. Presidio, como Commissario Visitador nesta eleiçaõ, o R. P. M. Fr. Amador da Conceiçaõ, Definidor actual da Santa Provincia de Portugal. Tornou-se a reeleger para Presidente do Seminario a Fr. Joaõ de Christo.

# CAPITULO XXIV.

*Escriptores do Real Seminario de Varatojo, com a noticia das Obras impressas, e manuscriptas dos mesmos.*

235 HE verdade, que os Missionarios de Varatojo, tanto dentro do seu claustro, como fóra delle, empregaõ grande parte do tempo precioso no exercicio Apostolico, e relevantes emprêgos da caridade com os Proximos seus similhantes, assim na cadeira do Púlpito, como do Confessionario. Mas a pezar destas fadigas Evangelicas, e exercicios Espirituaes quasi assiduos, tem alguns Alumnos do mesmo Seminario, nas vacancias do sagrado ministerio, produzido, e ordenado, como fructo de suas vigilias, e fadigas Apostolicas, Tractados interessantes, e proficuos ao público. Alguns destes se tem publicado, e correm impressos; outros ainda que só manuscriptos se conservaõ, guardaõ, e estimaõ em Varatojo, como ricas peças, e preciosos monumentos, em consideraçaõ de serem partos legitimos,

 mos,

mos, e ſuores de Filhos do meſmo Seminario. Seraõ aqui lembradas algumas deſtas Obras, e os nomes de ſeus Authores, para gloria de Deos donde vem todo o bem.

236 O V. P. Fr. Antonio das Chagas, Inſtituidor do Seminario de Varatojo, compôz varios Opuſculos, que ſe imprimíraõ em hum volume com o titulo de *Obras Eſpirituaes do V. P. Fr. Antonio das Chagas* no anno de 1688, por mandado do Senhor Rei D. PEDRO II. E ſe reimprimíraõ no anno de 1762. Eſtas Obras, que ſaõ genuinas, eſtaõ cheias de huma Celeſtial unçaõ, de eſpirito, de piedade, e de Filoſofia Chriſtã. Nellas pinta o ſeu Author com as mais vivas côres a natureza do homem fraco, e inconſtante: dirige a Deos ardentiſſimas, e fervoroſas ſúpplicas, inſinúa ſaudaveis aviſos, e ſólidos conſelhos para a vida Eſpiritual, e Chriſtã. Suas palavras, que todas parecem de fogo, tem huma efficacia, que parece toda Divina; pois inflammando aos que as lêm, e ouvem; encantaõ, namoraõ, movem, e attrahem os ſeus coraçoens ſuave, e docemente para Deos.

237 As *Cartas Eſpirituaes* do meſmo V. P. correm impreſſas em dous

to-

tomos de quarto. Contém o primeiro tomo cem Cartas com notas. Consta o segundo tomo de duzentas sessenta e oito Cartas sem notas. Publicáraõ-se no anno de 1684, e no anno de 1687. Nestas Cartas admiraõ os Leitores a natural facundia sempre judiciosa, e sempre cheia de espirito, com que sempre escrevia o mesmo V. P., sem a mais leve apparencia de ornato, artificio, ou ostentaçaõ da feia lisonja. Tinha o V. P. tal espirito, tal força, e tal promptidaõ em dizer, que ainda escrevendo com velocidade, sempre, á imitaçaõ de S. Paulo, instruia a todos nos seus proprios deveres. Nestas Cartas affervora os tibios; ensina a cada hum a reprimir as suas paixoens, e o amor proprio; a domar os appetites; a praticar as virtudes; e a viver Christãmente. Ellas por estarem cheias de espirito, de doutrina, e dictames solidos, de maximas Evangelicas, e da mais sã Theologia mystica, tiveraõ geral acceitaçaõ do público, naõ só em Portugal, mas ainda em Reinos estranhos.

238 Os *Sermoẽs* do V. P. Fr. Antonio das Chagas se publicáraõ em tres volumes. O primeiro se imprimio no anno de 1684, por diligencia do R. P. Manoel

noel Godinho. Contém eſte volume quatorze Sermoens, e ſette Exhortaçoens piedoſas. O ſegundo volume, que tem por titulo: *Eſcola da Penitencia* ſahio á luz no anno de 1687, por cuidado do R. P. Fr. Manoel da Conceiçaõ, filho da Santa Provincia dos Algarves, e de alguma ſorte tambem filho de Varatojo, onde incorporado viveo por algum tempo, exercitando o miniſterio Apoſtolico de Miſſionario. Contém eſte volume ſeis diffuſiſſimos Sermoens. O terceiro volume, que tem por titulo: *Ramalhete compoſto de doze flores dos Sermoens do V. P. Fr. Antonio das Chagas* foi publicado no anno de 1722 por diligencia, cuidado, e zêlo do R. P. Fr. Joſé da Trindade, Padre da Santa Provincia dos Algarves.

239 Quem com tudo reflecte nas primeiras obras do V. P. Fr. Antonio das Chagas, tanto no ſeu modo de dizer ſantamente affluente, como na applicaçaõ das Eſcripturas, no engenho, e facundia natural, no fogo do ſeu ardente eſpirito, no ſal da ſua judicioſa deſcripçaõ, que ſempre reluz, e brilha em ſeus eſcriptos, naõ reputa eſtes Sermoens, excepto hum, ou outro, ou parte delles, por legitimo

par-

parto do mesmo V. P., mas só alguns pedaços delles. Parece, que quando o V. P. começou a prégar, se valeo tambem alguma vez de maõ alhêa por naõ ter tempo de ordenar os Sermoens, e que estes, e outros apontamentos para Sermoens, que começou a compôr, naõ teve lugar de os retocar, e de lhes dar a ultima maõ. E póde ser, que estes assim se publicáraõ como verdadeiras, e inteiras Obras do mesmo V. P. Donde se julga, que estes tres volumes de Sermoens foraõ formados, ou de alguns fragmentos, e apontados do V. P., ou do que lhe ouviraõ prégar os mesmos, que publicáraõ os mencionados Sermoens. Guardaõ-se, e se conservaõ com a maior estimaçaõ em Varatojo dous volumes em quarto, preciosos monumentos da letra do mesmo V. P.

240 O V. P. Fr. Manoel de Deos, zelosissimo Missionario Apostolico, e benemerito filho do Seminario de Varatojo, ordenou, quando se achava na Missaõ de Leiria, o pequeno, mas precioso livrinho *Luz, e Methodo para Oraçaõ, com Meditaçoens breves para ella, e huma terna Via-Sacra*, que se tem reimprimido mais de trinta vezes. Compôz o Livro *Peccador*

*Con-*

*Convertido ao caminho da verdade*, que ſe publicou a primeira vez no anno de 1728. Delle ſe tem repetido varias Ediçoens, e ſe crê, que com a ſua liçaõ tem convertido mais almas, do que elle tem de letras. Tambem compôz outro Livro em oitavo, intitulado: *Catholico no Templo*, em que moſtra, e promove o verdadeiro culto, que ſe deve dar a Deos em ſeus Templos, e a reverencia com que nelles devem eſtar os Fieis. Conſervaõ-ſe em Varatojo alguns Sermoẽs, e manuſcriptos deſte memoravel Miſſionario. E outro Tractado *contra os damnos do luxo exceſſivo*; e tambem outro manuſcripto de apontados, e Sermoens parvos pelos Evangelhos das Domingas, e outros dias do anno.

241 O V. D. Fr. Joſé de S. Maria de Jeſus, depois de Miſſionario de Varatojo Biſpo de Cabo Verde, publicou no anno de 1730 o Livro intitulado: *Brados do Paſtor*, dividido em duas Partes. Na ſegunda ſe contém *Exhortaçoens pias para os Parochos lerem nos dias feſtivos ao povo.* Neſtas *Exhortaçoens* explica com ſuavidade, e facilidade os Artigos da Santa Fé Catholica, os Myſterios da Lei da Graça, e os principios da Santa

Re-

Religiaõ revelada. A primeira Parte, que tem por titulo: *Espelho, que descobre os erros aos peccadores presumidos*, se divide em doze Capitulos, nos quaes com methodo claro, e razoens efficazes insinúa as difficuldades de morrer bem, quem tiver vivido mal; e que o modo seguro de morrer santamente he a vida boa, e justificada.

242 O V. P. Fr. Paulo de S. Therèza, insigne Missionario, e Benemerito filho do Seminario de Varatojo, (de cujo zêlo infatigavel fallaremos adiante na sua memoravel vida) quando se achava já em sua velhice, e decrepita idade, a instancias de alguns Prelados maiores do Reino, e do Eminentissimo Cardeal D. Nuno da Cunha, publicou os seus Sermoens em tres volumes de quarto, com o titulo *Flagello do peccado.* O primeiro tomo sahio á luz no anno de 1734; o segundo no anno de 1736, e o terceiro em 1738. Propoz-se nesta Obra o seu Author horrorizar o vicio, e suavizar a virtude. Posto que esta Obra, attendendo ao tempo em que foi ordenada, e aos annos, e decrepita idade, em que se achava o servo de Deos, quando a compoz, pareça escripta

em

em eſtilo humilde, ſimples, e pouco brilhante, e pompoſo, he todavia proficua, e intereſſante a ſua lição aos Miniſtros da ſanta palavra de Deos, que querem prégar Apoſtolicamente, e ſegundo o eſpirito do Evangelho. Bem podemos dizer, que eſta Obra he como hum ſagrado Arſenal de armas eſpirituaes. Taes podemos conſiderar, que ſaõ os adequados textos da Sagrada Eſcriptura, as authoridades eſcolhidas dos Santos Padres, as ſólidas ſentenças, e razoens concludentes, terminantes, e convincentes dos Doutores orthodoxos, que nella ſe achaõ com abundancia. Em Varatojo ſe conſervaõ com eſtima, e veneraçaõ varios manuſcriptos parto, e fructo das vigilias, e fadigas Apoſtolicas deſte illuſtre Varaõ, e inſigne Miſſionario.

243 O V. P. Fr. Affonſo dos Prazeres, cuja vida memoravel vai na ſegunda Parte deſta Hiſtoria, depois de ſer Sargento Mór de batalhas no ſeculo, Viſconde de Barbacena, Meſtre na Congregaçaõ Benedictina, quando já ſe achava Miſſionario Apoſtolico, filho do Seminario de Varatojo, utilizou o público com intereſſantes, e proficuas Obras, que daõ claro teſtemunho do elevado eſpirito, e ardente

zê-

zêlo da ſalvaçaõ das almas, que ardia no coraçaõ deſte ſervo de Deos. Elle, ainda que quaſi ſempre enfermo, e quaſi ſempre empregado no exercicio das Miſſoens, compoz a ſua primeira Obra, dividida em dous tomos de oitavo, com o titulo de *Maximas eſpirituaes para inſtrucçaõ dos Fieis*. Ellas ſe achaõ provadas ſolidamente com a Sagrada Eſcriptura, com authoridades dos Santos Padres; e com firmes razoens, e ſentenças terminantes dos Doutores Orthodoxos. Nellas moſtrando o ſervo de Deos a belleza da virtude, e delicias da vida eſpiritual, combate, e argue aos Perſeguidores, e inimigos della com razoens, e argumentos incontraſtaveis.

244 Todas as reſoluçoens, que elle eſcreveo neſta Obra, foraõ julgadas por ſólidas, e irrefragaveis por muitos Lentes da Univerſidade de Coimbra, e pelos Prelados, Theologos, e Meſtres abaixo mencionados, a ſaber: os Excellentiſſimos D. Miguel de Tavora, Arcebiſpo d'Evora, da Sagrada Ordem dos Eremitas de S. Agoſtinho: D. Ignacio de S. Thereza, Arcebiſpo de Gôa, Conego Regular; D. Julio Franciſco, da Congregaçaõ do Oratorio; D. Fr. Antonio, Biſpo de

An-

Angola, Monge Benedictino; D. Fr. Valerio do Sacramento, Bispo de Angra, Observante da Provincia de S. Antonio de Portugal; D. Fr. Luís de S. Thereza, Carmelita Descalço, Bispo de Pernambuco; o R. P. M. Lourenço Justiniano, dos Conegos Seculares de S. Joaõ Evangelista; o R. P. M. Pedro Alvares, da Congregaçaõ do Oratorio. Todos estes, e outros muitos Mestres, naõ só approváraõ a mencionada Obra do P. Fr. Affonso, mas uniformemente lhe deraõ muitos louvores, e lhe fizeraõ grandes elogios, os quaes naõ permittio a humildade do servo de Deos, que se imprimissem com a sua mesma Obra. A opiniaõ com tudo, que nella escreveo relativa ás violencias diabolicas com o parecer, e approvaçaõ dos mencionados Prelados, e sabios Mestres, se mandou depois riscar pelo Tribunal da revizaõ dos Livros, intitulado: *Tribunal da Mesa Censoria*, sem criminar com tudo a intençaõ do servo de Deos, já nesse tempo fallecido.

245 Duas vezes foi esta Obra publicada, a primeira no anno de 1737, á custa do Eminentissimo Cardeal D. Joaõ da Mota. A segunda no anno de 1740, mandando fazer as despesas des-

desta ediçaõ a Regia liberalidade do Fidelissimo Senhor Rei D. JOAÕ V. Tambem compoz o V. P. Fr. Affonso outro precioso Tractado, intitulado: *Consultas espirituaes*, e outro com o titulo de *Carta Directiva.* Este ultimo se publicou sem nome de seu Author em varias ediçoens. Deixou escripta a vida de huma Religiosa de Setuval, grande serva de Deos, cujo original Manuscripto se conserva no Archivo de Varatojo. Tambem escreveo hum Tractado contra as Comedias, intitulado: *Alfange espiritual*, que se naõ publicou, e alguns Sermoens, que se conservaõ em Varatojo.

246 O V. P. Fr. Francisco da Conceiçaõ, filho do Baraõ da Ilha grande pelo sangue, e pelo Habito filho de S. Francisco, e tambem pela profissaõ Alumno de Varatojo, que com preciosa morte, e acclamaçoens de Santo, como diremos adiante, morreo nos Lugares Santos da Palestina, escreveo seus Sermoens em dous Tomos de quarto, que se conservaõ em Varatojo, como preciosos monumentos de taõ memoravel, e illustre filho do Seminario. Fr. Antonio de S. Joaõ, memoravel Missionario de Varatojo, onde se encorporou depois de ser Mestre

tre da ſanta Provincia de Portugal, ainda que em ſeus ultimos annos ſe achava quaſi cégo, ordenou em Latim hum Tractado, que contém memorias relativas a Varatojo, e alguns Varoens illuſtres deſta caſa.

247 O P. Fr. Gaſpar da Virgem Maria, que pela efficacia, ſuavidade, e eſpirito, com que prégava, mereceo, que lhe chamaſſem o Meſtre dos Miſſionarios Apoſtolicos do ſeu tempo, deixou dous Tomos em quarto manuſcriptos, que ſe conſervaõ com a devida eſtimaçaõ em Varatojo: Fr. Joſé de S. Paulo, que acabando o lugar de Juiz de Fóra de Lamego, ſe recolheo a Varatojo, onde profeſſou, e onde depois de trabalhar com zêlo infatigavel no miniſterio Apoſtolico das Miſſoens por mais de quarenta annos, deixou no Seminario, onde morreo com precioſa morte, alguns Sérmoens manuſcriptos, que ſe conſervaõ com a devida eſtimaçaõ de taõ illuſtre Varaõ, e memoravel Miſſionario.

248 Fr. Franciſco de S. Joſé, Miſſionario de zêlo inflammado na ſalvaçaõ das almas, e terniſſimo Devoto do Myſterio da Immaculada Conceiçaõ da Santiſſima Virgem Mãi de Deos, eſcreveo diffuſamente deſte Myſterio: ſeus

ſeus eſcriptos ſe conſervaõ no Seminario com veneraçaõ. Fr. Joſé d'Aſſumpçaõ, laborioſo Miſſionario de Varatojo, e terniſſimo Devoto da Senhora do Sobreiro, cuja linda Capella da meſma Senhora ſe erigio, ſendo elle Guardiaõ do Seminario, compoz hum *Opúſculo* dos prodigios da meſma Senhora; morreo placidamente em hum Sabbado da meſma Senhora, tendo ſahido da enfermaria, e ido em hum carrinho á Oraçaõ da Communidade no côro tres dias antes de ſua venturoſa morte.

249 Fr. Manoel de Maria Santiſſima, que por grande Miſericordia de Deos vive, e ſe conſerva filho, ainda que indigno do Seminario de Varatojo, nas vacancias do ſagrado miniſterio do Pulpito, e Confeſſionario, além dos exercicios da vida Regular do meſmo Seminario, continúa a eſcrever a preſente Hiſtoria. Compoz os Tractados ſeguintes, que correm impreſſos. *Novena da Senhora do Sobreiro. Devoto Inſtruido*, que deſcobre a verdadeira, e falſa devoçaõ, e inſinúa os meios para alcançar com ſuavidade a devoçaõ verdadeira. Sahio quarta vez correcto á luz no anno de 1787. *Virtuoſo Inſtruido*, que ſuaviza, e facili-

lita a virtude em todos os eſtados, acha-ſe correcto para nova ediçaõ. *Terceiro Franciſcano Inſtruido*, em que ſe inſinúaõ as verdadeiras, e muitas Indulgencias concedidas aos Filhos da V. Ordem Terceira da Penitencia, ſegundo o noviſſimo Breve do Santiſſimo Padre Pio VI., e ſe moſtra o eſpirito da Igreja em conceder Indulgencias aos fieis ſeus Filhos; o qual Tractado ſe acha já correcto, e accreſcentado para nova ediçaõ. *Compendio Doutrinal Hiſtorico*, que corre terceira vez impreſſo, e ſe acha retocado, e accreſcentado para quarta ediçaõ. *Novena do Seraphico P. S. Franciſco*, e ſe eſtá licenciando para ſegunda ediçaõ. *Directorio Chriſtaõ*, em doze, que ſuaviza, e facilita o modo de fazer Oraçaõ, e viver Chriſtãmente, impreſſo no de 1793, e reimpreſſo no de 1794 na Officina de Antonio Alvares Ribeiro da Cidade do Porto. Manuſcriptos do meſmo Author, *Alma Contemplativa*, que facilita os exercicios eſpirituaes em toda a parte no retiro de oito dias, ſegundo o novo Breve do Santo Padre Pio VI. *Clamores do Céo á terra*, em Sermoens de Miſſaõ. *Opúſculo de práticas para Oraçaõ*, e Sermoens parvos. *Caſos admiraveis, e Inſtructivos.*

*Sum-*

*Summula Theologica. Prégador Evangelico instruido. Tractado contra o abuso das Comedias. Escola de piedade. Memorial Historico. Medalha espiritual com breves consideraçoens para todos os dias da semana. Opúsculo sobre a utilidade das Corporaçoens Regulares em Portugal, tanto á Igreja, como ao Estado. Directorio para os irmaõs Donatos de Varatojo.*

## CAPITULO XXV.

*Noticia dos Alumnos do Seminario de Varatojo, que por insinuaçaõ Regia, e Pontificia, exercitáraõ empregos públicos; e dos Religiosos do dito Seminario, que se escusáraõ acceitar estas Dignidades, e empregos honorificos.*

250 OS Senhores Reis de Portugal, Padroeiros do Seminario de Varatojo, arrancáraõ delle repetidas vezes a muitos de seus Alumnos para Commissarios Visitadores, e Reformadores de Sagradas Familias Regulares, e ainda para Prelados maiores da Igreja no emprego das Mitras, o que naõ he pequeno argumento do grande con-

ceito, que sempre formárão os mesmos Monarchas Portuguezes das virtudes, e letras, que sempre por especial beneficio do Céo houve no retiro de Varatojo. Escusarão-se por humildes alguns Filhos do Seminario acceitar dignidades, e empregos públicos, julgando, que não tinhão hombros para elles. Outros sem deixarem de ser humildes acceitárão estes empregos, e Dignidades, por lhes não serem attendidas as escusas, que derão, e por julgarem ser vontade de Deos fazerem por seu amor nas aras da obediencia sacrificio de si mesmos, sujeitando seus hombros a estes cargos formidaveis de alguma sorte aos mesmos Anjos. Dos Filhos de Varatojo, que acceitárão Dignidades, e empregos fóra do Seminario, fallaremos em primeiro lugar, e depois dos que se escusárão.

251 O P. Fr. Gaspar da Incarnação, descendente da primeira nobreza do Reino, o qual gostoso quiz trocar a dignidade de Deâm da Santa Sé Patriarchal de Lisboa, e o emprego de Reitor, e Reformador na Universidade de Coimbra pelo Habito humilde de grosseiro sayal do Seminario de Varatojo, sahio depois do mesmo Seminario por insinuação Regia, e Bre-

ve

ve Pontificio para Reformador Apoſtolico da illuſtre Congregaçaõ dos Conegos Regulares de S. Agoſtinho. Fr. Paulo de S. Thereza, foi Commiſſario Viſitador na ſanta Provincia d'Arrabida. Fr. Manoel da Mãi de Deos; Fr. Joſé do Naſcimento; Fr. Gaſpar da Virgem Maria, todos quatro foraõ Commiſſarios Viſitadores, e Preſidentes em Capitulo no Seminario de Brancanes. Fr. Antonio de Coimbra, primeiro Guardiaõ do Seminario de Varatojo, foi Commiſſario Viſitador da ſanta Provincia de Portugal. Fr. Antonio da Piedade, filho pelo ſangue dos Excellentiſſimos Condes da Ericeira, o qual depois de Doutorado em Sagrados Canones, e condecorado no ſeculo com a dignidade de Meſtre Eſcola da Capella Real, abraçando, e profeſſando humilde a vida do Seminario de Varatojo, ſahio delle no anno de 1730, como Commiſſario Viſitador a viſitar a Santa Provincia de Portugal. Fr. Antonio das Dores foi Viſitador Reformador dos Trinos Deſcalços. Fr. Manoel de Maria Santiſſima ſe eſcuſou ao Nuncio, e Miniſterio acceitar o emprego de Commiſſario Viſitador, e Reformador dos Religioſos Minimos de S. Franciſco de Paula, para onde

já eſtava nomeado pelo meſmo Nuncio.

252 Os Religioſos de Varatojo, que ſe eſcuſáraõ acceitar as Mitras offerecidas pelos Monarchas, foraõ os ſeguintes: 1.º o V. P. Fr. Antonio das Chagas: 2.º o V. P. Fr. Antonio de Coimbra, primeiro Guardiaõ do Seminario de Varatojo: 3.º o V. P. Fr. José da Madre de Deos: 4.º o V. P. Fr. Manoel de Jeſus Maria: 5.º o V. P. Fr. Manoel das Entradas, que morreo no actual exercicio da Miſſaõ de ultramar, como ſe dirá na ſua Apoſtolica vida: 6.º o V. P. Fr. Affonſo dos Prazeres. Todos eſtes, e ainda outros, que vivêraõ no retiro de Varatojo, rejeitáraõ conſtantemente as Dignidades, e Mitras offerecidas.

253 Os que acceitáraõ as Mitras movidos das inſtancias dos Monarchas, e dos preceitos da obediencia, julgando, que nella lhes fallava Deos, foraõ os ſeguintes: 1.º o V. D. Fr. Manoel da Reſurreiçaõ, Arcebiſpo da Bahia: 2.º o V. D. Fr. Joſé de Santa Maria de Jeſus, Biſpo de Cabo Verde: 3.º o V. D. Fr. Manoel de Jeſus Maria, Biſpo de Nankin na China: 4.º o V. D. Fr. Joaõ do Naſcimento, Biſpo do Funchal: 5.º D. Fr.
Lou-

Lourenço de Santa Maria, Arcebiſpo de Gôa, e depois Biſpo do Reino dos Algarves: 6.º o Excellentiſſimo D. Fr. Joſé Maria Evora, Biſpo do Porto, que tomára o Habito em Varatojo a 14 de Maio de 1711. Foi Noviço em Varatojo quatro mezes, e algumas ſemanas, exercitando ſempre prompto, alegre, e goſtoſo as virtudes, e obſervancias Religioſas, cheio de fervor de eſpirito com edificaçaõ, e plena ſatisfaçaõ de toda a Communidade. Porém com vivo ſentimento deſta, e ainda maior do fervoroſo Noviço, o arrancou a Providencia de Deos em tudo admiravel do retiro, e Noviciado de Varatojo, e o levou a Roma, onde no Convento de S. Bernardino das Hortas da Provincia Romana concluio o ſeu Noviciado, e fez a ſua profiſſaõ ſolemne, dando ſempre taes provas do ſeu eſpirito, e vocaçaõ, que veio a ſer o luſtre de toda a Ordem Seraphica, e honra de Portugal ſua patria. Porei aqui os empregos, a que ſubio pelos degráos de ſeus relevantes merecimentos eſte memoravel, e illuſtre Portuguez fóra da ſua naturalidade.

254 Fr. Joſé Maria Evora, foi no Convento de *Ara Cæli* Leitor de Artes, e de Sagrada Theologia. Foi depois

pois Secretario do Geral da Ordem, Procurador Geral da meſma, e Commiſſario da Curia Romana. Foi Commiſſario Geral de toda a Ordem, Viſitador, e Reformador Apoſtolico da meſma, ſeu Miniſtro Geral, primeiro Padre, e Definidor perpetuo, de huma, e outra Familia: Deputado da Suprema Inquiſiçaõ Romana; Examinador de Biſpos: Votante no ſagrado Conſiſtorio: Conſultor de muitas Congregaçoens Romanas: Conſelheiro Eccleſiaſtico do Imperador CARLOS VI., e do Conſelho do Rei de Sardenha: Agente, e Miniſtro inſtruido d'El-Rei Fideliſſimo, com pleno podêr na Curia Romana: Perpetuo Senador Romano, e Cidadaõ Veneziano. Finalmente foi eleito Biſpo do Porto, pelo Fideliſſimo Monarcha El-Rei D. JOAÕ V., o Grande. Sahindo de Roma, chegou a 18 de Dezembro de 1740 a Lisboa, onde foi recebido com muitas demonſtraçoens de prazer.

255 Em Fevereiro de 1741 ſahindo da Côrte, buſcou o retiro do Seminario de Varatojo, a fim de ter aqui exercicios eſpirituaes de dez dias, abſtrahido de viſitas, e negocios do Seculo, como diſpoſiçaõ prévia para ſua proxima ſagraçaõ, e para impetrar de

Deos

Deos luzes para o bom regimen do ſeu Epiſcopado. Neſtes exercicios, que na Communidade, e com a Communidade fez em Varatojo, moſtrou-ſe D. Fr. Joſé Maria vivo exemplar de todas as virtudes. Aquelle, que em outro tempo tinha ſido, quando tomou o Habito em Varatojo, eſcripto no livro da recepçaõ dos Noviços no Seminario, eſſe meſmo agora Biſpo eleito do Porto, pede humildemente ao Guardiaõ, Religioſos, e Communidade, que lhe permittaõ eſcrever o ſeu nome no livro dos Profeſſos do meſmo Seminario, e que no número delles foſſe havido, como ſe em Varatojo tiveſſe feito a ſua profiſſaõ, e votos ſolemnes. Annuindo o Guardiaõ, e Religioſos a taõ juſta petiçaõ, eſcreveo o devotiſſimo Prelado por ſua propria maõ o ſeguinte aſſento.

256 « Nós Fr. Joſé Maria roga-
» mos aos noſſos cariſſimos Irmaõs de-
» ſte noſſo Seminario nos reconheçaõ,
» que ſomos aquelle meſmo irmaõ,
» que aqui recebeo o primeiro eſpiri-
» to de Religiaõ, e nos declaramos
» neſtes exercicios filho deſte Semina-
» rio, os quaes entre elles, e com
» elles fizemos. E queremos, que eſta
» noſſa diſpoſiçaõ tenha o meſmo ef-
» fei-

» feito, e vigor, se agradar á Commu-
» nidade, como que se no tempo pres-
» cripto fizessemos aqui a nossa profis-
» saõ; e por isso escrevemos esta nossa
» disposiçaõ no mesmo livro, em que
» todos os Professos se escrevem. As-
» sim foi por nós escripto neste nosso
» Seminario de Varatojo no 1 de Mar-
» ço de 1741. Fr. José Maria, Ex-
» Geral, e primeiro Padre da Ordem,
» Bispo do Porto.» Admirado o Guar-
diaõ, e os Religiosos de Varatojo de
vêr, que o primeiro Padre da Ordem,
Ex Geral, quizesse ser irmaõ do Semi-
nario, e se escrevesse por filho do mes-
mo Seminario, obrigados desta gene-
rosa humildade, e attençaõ religiosa,
resolvêraõ em demonstraçaõ, e signal
de agradecimento, que quando mor-
resse este grande, e illustre Prelado ha-
via de ser a sua alma participante dos
mesmos suffragios, de que gozaõ os Re-
ligiosos professos no Seminario. Agra-
decido igualmente o mesmo Excellen-
tissimo Prelado ao Seminario, o favo-
receo durante a sua vida repetidas ve-
zes com largas esmolas, e profusaõ de
Principe. Mandou fazer a custosa obra
das grades de mármore, que na Igre-
ja de Varatojo servem para a Sagra-
da Communhaõ. Tambem tinha ten-
çaõ

çaõ de levantar na mesma Igreja hum nobre Mausoléo de pedra fina, para se depositarem os ossos de seu parente o V. P. Fr. Antonio das Chagas. Adiante se tornará a fallar com mais individual noticia deste illustre Prelado, e singular Bemfeitor de Varatojo, quando se escrever a sua vida junta com a dos Prelados, e Varoens memoraveis filhos do Real Seminario de Varatojo. Na segunda Parte desta Historia n. 14., e seg. vem a compendiosa vida deste illustre Prelado.

## CAPITULO XXVI.

*Noticia da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia do Seraphico P. S. Francisco, sujeita á direcçaõ do Seminario de Varatojo.*

257 O Seraphico P. S. Francisco inspirado por Deos, fundou para reformaçaõ do Mundo tres Ordens. Todas tres foraõ approvadas pela Santa Madre Igreja Romana, e pelos supremos Pastores da mesma Santa Igreja, os Papas Vigarios de Christo na terra. De todas tres tem resultado grande, e conhecida utilidade á mesma Santa Igreja,

ja, ao Eſtado, e muita gloria a Deos. Pois em todas ellas ſe tem criado, e florecido, como em tres campos férteis, e jardins amenos, almas grandes, illuſtres, e eminentes, por ſua virtude, e ſantidade ſólida. Foi inſtituida a primeira Ordem do Seraphico P. S. Franciſco para Religioſos, a fim de que eſtes vivendo primeiro no retiro de ſeus Conventos, exercitando virtudes, e enſaiando-ſe, como em Paleſtras da Milicia de Chriſto em vencer as paixoens, e amor proprio, ſahiſſem depois, quaes novos Apoſtolos, e generoſos Guerreiros do Senhor, a fazer guerra ao Mundo, ao homem inimigo, ao forte armado, e Principe das trévas, prégando penitencia, e deſenganos, naõ ſó com as palavras, ſenaõ tambem com o exemplo da vida. Inſtituio a ſegunda Ordem para Religioſas com intençaõ, de que ellas retiradas do Seculo, conſagradas a Deos, e deſpoſadas com Chriſto, pelos tres votos ſolemnes em ſuas clauſuras, como em Paraiſos terreſtres, fizeſſem vida de alguma ſorte Angelica, e celeſtial, empregadas ſempre nos louvores de Deos.

258 Inſtituio tambem o meſmo Seraphico Patriarcha a ſua igualmente ama-

mada, e Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, a qual juſtamente ſe chama *eſtrada do Céo*, por ſer fundada na Lei de Deos, e por conſtar de regra taõ ſuave, e taõ accommodada a todos os eſtados, e Jerarchias, ainda meſmo da vida civil, que ninguem tem eſcuſa para deixar de abraçar eſte modo de vida, que além de encerrar em ſi hum theſouro de bens, e graças para ſeus Profeſſores, naõ tem fóra da Lei de Deos obrigaçaõ de peccado. Com effeito, venturoſamente conſeguio o glorioſo Patriarcha Seraphico o fim de ſeus ſantos deſejos, e que em todas eſtas intereſſantes, e proficuas inſtituiçoens, ſe viſſem, e admiraſſem fructos de bençaõ. Pois teve illuſtres Filhos da ſua primeira Ordem, que conduzindo-ſe ſempre pelo eſpirito de ſeu Seraphico Pai, e Meſtre, vivêraõ, e morrêraõ em ſuaviſſimo cheiro de ſantidade. Teve tambem na ſua ſegunda Ordem Virgens, filhas legitimas de ſeu inflammado eſpirito, que tendo ſido fieis a Chriſto ſeu Celeſtial Eſpoſo, acabáraõ em oſculo ſanto com morte precioſa.

E tambem teve na ſua Veneravel Ordem Terceira da Penitencia muitos Filhos, e Filhas illuſtres, que ſem vi-

ve-

verem dentro dos clauſtros, nem andarem ligados com os ſagrados vinculos dos votos ſolemnes no eſtado, e modo de vida, em que os poz a Divina Providencia, pelo fervor da caridade com ſeus Proximos, e ſimilhantes; pela prática das virtudes Chriſtãs, e Moraes, que exercitáraõ; pela inteira obſervancia das Leis Divinas, e Humanas, e finalmente pelo exacto cumprimento dos proprios deveres do ſeu eſtado, chegáraõ a taõ alta, e eminente perfeiçaõ de eſpirito, que merecêraõ muitos delles ſer eſcriptos pela Igreja no catalogo dos ſeus Santos.

259 Tem eſta Veneravel Ordem Terceira da Penitencia Commiſſarios Viſitadores, que, como ſeus Prelados ordinarios, a viſitaõ, governaõ, e dirigem em nome dos Geraes, Provinciaes, e Guardiaens, com Regra, e Eſtatutos approvados, tanto eſtes, como a Regra, pela Sé Apoſtolica. Buſcaõ abraçar eſte inſtituto ſuave, e profeſſar eſta Sagrada Ordem, naõ ſó peſſoas da infima plebe, e de baixa esfera, mas grandes, e illuſtres Perſonagens. Noſſa Soberana meſma a Fideliſſima Rainha MARIA I., com os Principes, e Familia da Caſa Real de Portugal, tem o exemplo de ſeus Auguſ-

gustos Progenitores por grande honra serem Filhos de S. Francisco na sua Veneravel Ordem Terceira da Penitencia do Convento da Cidade de Lisboa.

260 A Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, sujeita á direcçaõ do Seminario de Varatojo, têm extençaõ em algumas Congregaçoens de tres legoas distante do Seminario, dividida em diversas Mesas; as quaes, ainda que defiraõ em alguns regulamentos, ou modificaçoens particulares, tem todas o mesmo fim, a mesma Regra, o mesmo espirito, os mesmos Estatutos Geraes, e o mesmo Commissario Visitador, que as visita, dirige, e governa com igual zêlo, vigilancia, e cuidado. He este Commissario Visitador eleito pelo Guardiaõ do Seminario de Varatojo. A primeira, e mais antiga destas Ordens sujeitas a Varatojo, he a Veneravel Ordem Terceira da Penitencia da notavel, nobre, antiga, e devota Villa de Torres Vedras, fundada, e estabelecida na grande, e magnifica Igreja Parochial, e Collegiada de San-Tiago dentro da mesma Villa. Tem esta Ordem em cada mez visita do seu Commissario. A segunda Ordem, e taõ antiga, como o Seminario, he a da Freguezia do nota-

tavel lugar de Trucifal, a qual tambem tem visita todos os mezes na propria Capella da mesma Veneravel Ordem, com a invocaçaõ de S. Izabel, em cujo dia se préga por hum Religioso do Seminario o Sermaõ da mesma Santa, e se faz eleiçaõ de nova Mesa no mesmo dia. A terceira Congregaçaõ, ou Mesa da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, he na Villa da Ericeira, junto ao mar tres legoas distante de Varatojo. Foi fundada esta Ordem pouco depois da fundaçaõ do Seminario de Varatojo pelo Confessor, que fôra do V. P. Fr. Antonio das Chagas. Tem esta Ordem sempre visita em tempo do Advento, em cuja primeira Dominga préga sempre o Sermaõ do Juizo final o companheiro do Commissario, e tambem por occasiaõ desta visita da Ordem, fazem mutuamente o Commissario, e o Companheiro nesta devota Villa alguns Sermoens de Missaõ.

261 A quarta Ordem he a da Freguezia do Vimieiro da Lourinhã, distante duas legoas de Varatojo. A quinta he na Freguezia de de S. Isidoro, huma legoa distante de Mafra, e duas e meia de Varatojo. A sexta he na Freguezia de S. Domingos da Fanga da

da Fé, ou Lobagueira, no lugar da Incarnaçaõ. A setima he em S. Pedro da Cadeira, junto ao mar legoa e meia distante de Varatojo. A oitava he na Freguezia dos Cunhados, legoa e meia distante de Varatojo. A nona he na Freguezia de Dous Portos, distante duas legoas de Varatojo. A decima he na Freguezia da Freiria, distante huma legoa de Varatojo. A undecima he na Freguezia de Runa, distante pouco mais de huma legoa de Varatojo. A duodecima he na Freguezia da Enxára do Bispo, duas legoas distante de Varatojo.

262 Todas estas mencionadas Ordens, ou Congregaçoens da Veneravel Ordem Terceira, sujeitas á direcçaõ de Varatojo saõ visitadas, e governadas pelo Commissario, que para ellas elege o Guardiaõ de Varatojo no seu triennio. Porque de alguma sorte tem no Seminario de Varatojo governo similhante ao do Provincial na sua Provincia. O Commissario Visitador da Ordem levando por Companheiro do Seminario, ora hum, ora outro Religioso, segundo a eleiçaõ do Guardiaõ, por quem sempre ambos saõ mandados, vai naõ só presidir nas Mesas da Ordem para eleiçaõ de novo Ministro,

e

e Officiaes da mesma Ordem, mas juntamente vai visitar, e fazer Práticas espirituaes, e instructivas aos Irmaõs Terceiros, intimar, e persuadir-lhes, assim a inteira observancia das Leis Divinas, e Humanas, como o pontual cumprimento da Regra, e Estatutos da mesma Veneravel Ordem. Tambem por occasiaõ destas visitas espirituaes aos Irmaõs Terceiros, lhes costuma alguma vez prégar o Companheiro do Commissario. Tanto o Sermaõ de S. Izabel, que se costuma prégar no dia da mesma Santa, quando a Ordem lhe faz a Festa, e nova eleiçaõ de Ministro na Freguezia do Trucifal, como o do Advento na Ericeira, o das Chagas de S. Francisco em Torres Vedras, e o da Penitencia na Procissaõ, que se faz em dia de Cinza na mesma Villa, saõ todos encommendados anticipadamente pelo Guardiaõ do Semirario ao Religioso, que ha de ir por Companheiro do Commissario na occasiaõ da visita, ou rasoura, quando elles se tem de prégar. Nunca se falta com estas visitas espirituaes aos Irmaõs Terceiros das Ordens, e Congregaçoens mencionadas, sujeitas á direcçaõ de Varatojo. Quando o Commissario se acha impedido para estas visitas, man-

manda o Guardiaõ outro Religioſo; que faça as vezes de Commiſſario, ou vai o meſmo Guardiaõ, ſe lhe parece, viſitar a Ordem.

263 No livro *Terceiro Franciſcano Inſtruído* ſe faz mençaõ dos grandes bens, utilidades, excellencias, e privilegios da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, como tambem ſe mencionaõ neſte as muitas, e genuinas Indulgencias, que noviſſimamente ſe concedêraõ aos Filhos da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia dos Reinos de Portugal, depois do Santo Padre BENEDICTO XIV., pelo Santiſſimo Papa reinante PIO VI. em dous amplos Indultos, cujos Originaes ſe conſervaõ no Archivo do Seminario de Varatojo, ſupplicados hum, e outro á inſtancia do Guardiaõ do meſmo Seminario.

264 Adiante ſe fará mençaõ de alguns memoraveis Irmaõs Terceiros, tanto dos que aſſiſtíraõ com Habito de Irmaõs Donatos no Seminario de Varatojo, e de alguns Serventes fervoroſos do meſmo Seminario, como de outros, que vivendo em ſuas caſas no retiro do lugar de Varatojo, e nas Freguezias das Ordens ſujeitas á direcçaõ do Seminario, que tendo reſplandecido no decurſo da ſua vida

 exem-

exemplar em fervor de espirito, e em singulares virtudes Christãs, acabáraõ em boa opiniaõ, e suave cheiro de santidade.

*Fim da Historia.*

O V. P. Fr. Antonio das Chagas filho da Regular Observ. de S. Francisco, Missionario Apost. e Fundador do Real Seminario de Varátojo cabeça das Missoẽs em Portugal. Faleceo aclamado por S.^to a 20 de Outr.^o de 1682 com pouco mais de 50 an. de id.^e em Varat.^o onde descanção seus venerav.^eis ossos

Antonio Fernandes Roiz. inv. et delineavit. … sculp

# VIDA

DO

VENERAVEL PADRE

Fr. ANTONIO DAS CHAGAS;

*Fundador do Real Seminario de Varatojo;*

E DE ALGUNS

MEMORAVEIS MISSIONARIOS,

E ILLUSTRES VAROENS

APOSTOLICOS,

QUE FLORECERAÕ

NO MESMO SEMINARIO;

&c., &c., &c.

*Sanctos colamus, & statuas ipsis, ac visibiles imagines erigamus, immò ipsi virtutibus eorum imitandis hoc consequamur, ut vivæ eorum statuæ, atque imagines simus.*

Veneremos os Santos, e lhes levantemos imagens: antes bem sim cuidemos principalmente imita-los nas virtudes, para que tambem nós sejamos suas vivas imagens.

*S. Joaõ Damasc. da fé orthod. Liv. 4. cap. 18.*

# *ADVERTENCIA.*

EM consideraçaõ do beneficio que posso fazer ao público, pondo diante dos olhos dos vindouros, para imitaçaõ, acçoens memoraveis das vidas de nossos similhantes, e Irmaõs, que nos mostráraõ com palavras, e exemplos as verédas do Céo, me animei continuar a escrever a vida, ainda que succinta, do meu V. P. Fr. Antonio das Chagas, illustre Fundador do Real Seminario de Varatojo, e do de Brancanes; assim como tambem algumas vidas de Varoens memoraveis, filhos de Varatojo, que venturosamente vivêraõ, e morrêraõ em suave cheiro de virtude, e santidade. Penso, que estas interessantes memorias naõ pódem deixar de servir de efficaz estímulo, e grande consolaçaõ ás almas fervorosas, verdadeiramente namoradas do Céo: e juntamente de sevéra censura, e de confuzaõ vergonhosa para os que formos tibios, froxos, e omissos no cumprimento de nossos proprios devêres.

CA-

## CAPITULO XXVII.

*Patria do V. P. Fr. Antonio das Chagas, Fundador do Real Seminario de Varatojo; e a ſua vida no tempo de Secular.*

265 SEmpre Deos foi, e ſerá admiravel em ſuas obras, e conſelhos. Elegeo Apoſtolos para Prégadores do ſeu Evangelho, e para primeiros fundadores da ſua Igreja depois de Chriſto. Quando vio, que ella hia deſcahindo do ſeu primitivo fervor, e eſpirito pela depravaçaõ, e deſordenados coſtumes de ſeus Filhos, lhe mandou de quando em quando Varoens illuminados, e cheios de zêlo Apoſtolico, que com doutrina, e exemplo a reformaſſem. Eſcolheo a Portugal, para que neſte Reino entre outros ſe conſervaſſe ſempre a ſólida piedade, e o ſagrado depoſito da Fé de noſſos Pais, que com a pureza da Religiaõ Catholica Romana elles herdáraõ dos tempos Apoſtolicos, e primeiros Chriſtaõs.

Di-

266 Dignou-se misericordioso o mesmo Senhor inspirar para este fim a quem fundasse Collegio, e Seminario, onde criados, e instruidos Varoens Apostolicos delle, como da melhor Athénas, sahissem a annunciar as verdades da Fé, e Doutrina Evangelica, naõ só dentro do Reino de Portugal, e Algarves, mas em seus Dominios, e Conquistas. Para instrumento desta grande obra se servio de Antonio de Affonseca Soares, illustre por nascimento, e ainda mais esclarecido pelas brilhantes virtudes, que exercitou depois de convertido á graça no estado de Religioso Observante, e emprego de Missionario Apostolico. Era Antonio d'Affonseca Soares dotado de talento, e engenho raro, medianamente instruido nas letras humanas, insigne na eloquencia, e arte Poetica, discreto, de juizo atilado, e adornado de outros dotes naturaes; e por estas prendas conhecido, e estimado no Mundo de pequenos, e grandes, naõ só em Portugal, mas nos Reinos estranhos.

267 Quando mesmo Antonio d'Affonseca Soares se achava no Mundo cercado de applausos, entregue á vaidades, engolfado em vicios, adormecido no lethargo de culpas, esquecido in-

inteiramente da salvaçaõ da sua alma, sendo entaõ chamado huma, e outra vez por Deos, elle se resolveo com animo firme, e generoso dar as costas ao Mundo, pisar com animosa planta as suas pompas, e alistar-se novo Soldado de Christo debaixo das bandeiras do Seraphico P. S. Francisco, deixando gostoso o serviço do Rei da terra, para servir o Deos das Virtudes, e o Senhor dos Exercitos. A vida resumida deste insigne Portuguez, tanto do tempo de Secular peccador, e pouco Christaõ, como de Observante Religioso, e de fervoroso Missionario Apostolico vai a servir de assumpto á minha penna.

268 Vidigueira, Villa consideravel da Provincia do Alemtejo, de que saõ Senhores os Illustrissimos, e Excellentissimos Condes da Vidigueira, hoje Marquezes de Niza, foi a que deo o berço; e Varatojo o túmulo ao V. P. Fr. Antonio das Chagas. Elle nasceo nesta Villa a 25 de Junho de 1631, e morreo em Varatojo a 20 de Outubro de 1682 com 52 annos de idade naõ completos. Era Antonio tanto pela parte Paterna, como pela Materna descendente de familia illustre. Seu Pai Antonio Soares Figueirôa da principal nobreza da Vidigueira-

gueira, graduado pela Universidade de Coimbra, servio o Rei com satisfaçaõ no emprego das Varas, e morreo no actual serviço do mesmo Principe. Sua venturosa Mãi D. Helena Elvira, filha de D. Therencio, e de sua mulher D. Leonor Maine, era de esclarecida familia do Reino de Hibernia.

269 Naõ se descuidáraõ os virtuosos, e nobres Pais de Antonio de lhe inspirarem logo em seus tenros annos sentimentos da verdadeira piedade, e o santo temor de Deos, ensinando-lhe com palavras, e exemplos a praticar virtudes Christãs, e civís. Querendo elles erigir em seu filho hum templo, em que assistisse a graça, ou hum passmo, em que se assombrasse a natureza; solícitos lhe buscáraõ Mestres habeis, e piedosos, que com as letras lhe ensinassem os bons costumes. Viraõ-se porém malogrados estes santos designios, e cuidados Paternos em Antonio, logo que elle fóra das vistas de seus Pais se ajuntou incauto com moços dissolutos, libertinos, e viciosos. Separadas as brazas da fornalha, e juntas com corpos frios, que admiraçaõ póde haver, de que ellas percaõ de todo o calor, que tinhaõ recebido? Quando o pomo, posto que sazonado,

dó, e ſaõ, ſe miſtura com os que eſtaõ tocados de podridaõ, que muito he, que elle ſe contamíne, inficióne, e corrompa? Quando a mocidade innocente, poſto que já robuſta no exercicio das virtudes, ſe ajunta com peſſoas contaminadas nos vicios, e de conducta eſtragada, que admiraçaõ póde cauſar, ſe ficar corrompida, e perdida nos coſtumes? Enſina a laſtimoſa experiencia, que naõ ha certamente contagio mais funeſto, nem mais efficaz para corromper, inficionar, e perder a mocidade, e innocencia, do que o exemplo das más companhias. He eſte capaz de mudar em hum momento Juſtos em peccadores: Anjos em demonios. Eſtá eſcripto na Divina Eſcriptura: « Com o Santo ſerás Santo, e innocente com o innocente: Serás puro com o puro; e te perverterás com o perverſo » *. E tambem eſtá eſcripto, que o modico fermento faz azedar toda a maſſa, a que ſe ajunta.

270 Vio-ſe eſta laſtimoſa deſgraça em Antonio d'Affonſeca. Achava-ſe elle por occaſiaõ dos eſtudos auſente das viſtas, e caſa de ſeus Pais na Cidade d'Evo-

* *Pſalm.* 17. ℣. 27.

d'Evora: ajuntou-se incauto com Companheiros libertinos, e de costumes estragados. Este fatal commercio, e tracto fez, que Antonio d'Affonseca facilmente se esquecesse de Deos, e que de honesto, virtuoso, e innocente passasse a vicioso, e libertino. Elle que no estudo da Filosofia, convidado do Mundo, e mundanos, principiava já a seguir a falsa Dialectica das vaidades, e a provar, ainda que em taças douradas, do veneno dos vicios, apenas teve noticia da morte de seu Pai, quando totalmente se entregou ao furor de suas paixoens, submergindo-se nos pélagos das maiores offensas de Deos. Para mais francamente correr, e despenhar-se pelo tenebroso caminho da perdiçaõ, assentou praça de Soldado, pondo de parte as sciencias, que lhe mostravaõ a verdade, e illuminavaõ o entendimento.

271 Era Antonio, como ha pouco se disse, adornado dos mais bellos dotes da natureza, de sublime engenho, discretissimo na prosa, e taõ suave, e mimoso no verso, que excedia a todos os engenhos do seu tempo. Por estas prendas voou bem depressa ao longe a fama de seu nome. Antonio assim accumulado de graças naturaes,

raes, e beneficios de Deos, em vez de ſe moſtrar por elles mais humilde, e mais agradecido a eſte Senhor; elle ingrato ſe valia dos meſmos dotes, e beneficios para com elles offender mais a Deos, e fazer mais guerra á virtude. Elle liſonjeado do Mundo, e mundanos, tinha huma politica, e graça taõ encantadora dos animos, que facilmente dominava os coraçoens, e inclinava as vontades das peſſoas, que tractava. Por eſte modo conſeguia quantos deſejos deſordenados lhe propunha o appetite licencioſo; e feito já peccador relaxado ſervia de pedra de eſcandalo aos bons, incentivo para peccar aos máos, e a todos fomento de vicios, e naufragio de acertos. Antonio em fim eſquecido do Céo, e preſo ao amor da terra, naõ tinha cuidado, nem formava penſamento, que naõ foſſe dirigido a ſepultar a ſua alma nos abyſmos da condemnaçaõ eterna.

272 Já Portugal lhe parecia pequeno Theatro para oſtentaçaõ de tantas maldades: paſſou-ſe ao Brazil, onde continuou peccador. Mudou de terra, naõ mudou de coſtumes vicioſos, antes os accumulava mais, e mais. Creſcendo na idade, creſcia nos vicios.

Pe-

Pela lição de hum livro de piedade, que Antonio lêo no mar, lhe deo Deos o primeiro aviso, e lhe fallou ao coração tão sensivelmente, que logo se resolveo converter-se ao Senhor, e cuidar seriamente no grande negocio da sua eterna salvação. Abrio os olhos da alma, mas logo os tornou a fechar. Esta lembrança do Céo, e aviso de Deos, que teve, pouco lhe durou: antes elle mais ingrato perseverou na sua cegueira, e desordenada vida, e o Senhor misericordioso a chama-lo com mais fortes inspiraçoens. Em casa de hum amigo de Antonio lhe poz segunda vez a Providencia diante dos olhos outro livro de piedade, que tractava do Juizo final. Abrio o livro, e lêo: sentio com esta lição o seu espirito grandemente tocado da graça, e namorado do Céo. Pedio ao amigo lhe emprestasse o livro. Recolhendo-se a casa, tornou a lêr, illustrou-se-lhe o entendimento, inflammou-se-lhe o coração com a luz do desengano. Cahio Saulo por terra derribado pelo impulso, e força do invisivel braço de Deos, e vehemencia da Divina graça. Cahio Antonio em si assombrado com a muda voz de Deos, que lhe fallou pela lição deste livro; e logo, como

Sau-

Saulo, propoz reformar a ſua deſordenada vida, e obedecer á voz da inſpiraçaõ Divina.

273 Fez logo voto de ſe conſagrar à Deos na Religiaõ de S. Franciſco, querendo goſtoſo trocar a farda pelo ſayal, a eſpada pelo cordaõ, a liberdade pela obediencia, os applauſos pelos deſprezos, os divertimentos pela penitencia, e os regalos pela mortificaçaõ. Deo princípio á nova reforma da ſua vida por meio de huma Confiſſaõ geral. Começou fervoroſo a fazer penitencia, a exercitar actos de piedade, e a ſeguir o caminho da virtude, e perfeiçaõ Evangelica. Continuou por algum tempo a viver Chriſtaõ reformado com paz do ſeu eſpirito, ſervindo de exemplo, e edificaçaõ aos meſmos, que eſcandaliſára. Voltou a Portugal com tençaõ de cumprir o ſeu voto: porém o mar, que naõ baſtou para extinguir os incendios do coraçaõ vicioſo de Antonio na ida para o Brazil, teve podêr para lhe apagar de todo as chammas do amor ſanto, e as faiſcas do Céo, deixando a Antonio inteiramente frio na deliberaçaõ, e promeſſa do voto, que fizera de ſer Religioſo.

274 Inconſtante, infiel, e ingrato, An-

Antonio recahio nos antigos vicios: nelles continuou peccador: multiplicou peccados a peccados: accelerou os passos da sua ruina, e eterna perdiçaõ. Rebelde á graça se precipitou em maiores abysmos de maldades. Ellas clamavaõ no Tribunal Divino justiça, e vingança contra Antonio. Porém Deos, que o tinha destinado para seu novo Apostolo em Portugal, e Ministro Evangelico da sua palavra, vendo, que elle se naõ movia com as efficacias da brandura, tractou de o chamar com os flagellos do castigo, e rigor. Mortificou-o com enfermidades, affligio-o com desconsolaçoens, atormentou-o com remorsos de consciencia; e vendo que ainda assim se naõ rendia á dureza do seu coraçaõ, poz mais força no açoute, permittindo, que em Setuval lhe disparassem hum bacamarte para lhe tirarem a vida. Vio-se Antonio ás portas do inferno nos braços da morte. Acordou do lethargo mortal, em que jazia adormecido. Conheceo com a luz da Graça excitante as densas trévas, em que se achava, e o lamentavel estado, em que vivia inimigo de Deos. Propoz arrependido sahir da Babylonia do Seculo, e dar cumprimento fiel ao voto, que fizera.

Que

275 Que inſcrutaveis saõ os Juizos de Deos! De meios, que ſe vale a ſua Providencia para ſalvar ao peccador! Que diligencias faz, para que elle ſe converta á ſua Graça, e amizade! Quando Antonio ficou ferido, e aſſombrado com o tiro, ſe reſolveo ſem demóra ſatisfazer, e cumprir com as promeſſas, que tantas vezes tinha feito a Deos, e tantas vezes ingrato, e infiel lhe tinha faltado. Conſulta logo Varoens veneraveis, e illuminados; eſtes lhe moſtraõ ſer do Divino beneplacito a ſatisfaçaõ do voto. Reſolve-ſe logo a po-lo em execuçaõ. Vai fervoroſo, e humilde pedir o Habito de S. Franciſco no Convento de Xabregas ao Prelado maior da Santa Provincia dos Algarves, que era Varaõ experimentado, e de eſpirito. O qual ſciente da vida irregular, e pouco Chriſtã de Antonio, lhe diſſe, que moſtrando exemplos de penitencia ao Mundo, a quem com ſeus vicios tinha eſcandalizado, e que achando-ſe elle de todo livre dos crimes, que lhe attribuiaõ, perſeverando conſtante na ſua vocaçaõ, ſería entaõ admittido ao ſanto Habito de Religioſo, que pertendia.

276 Era verdadeira a vocaçaõ de An-

Antonio; confervava ardentes defejos de fervir a Deos no eftado Religiofo, e cumprir o feu voto; queria feriamente deixar o Seculo, e defprezar aquellas prendas, que nelle faõ mais eftimadas, a fim de feguir a Chrifto pelos eftreitos, e fragofos, mas feguros caminhos da humildade, e penitencia. Tendo pofto em execuçaõ tudo, o que o R. P. Provincial lhe infinuára, livre já dos crimes, que lhe attribuiaõ, obtida por feus ferviços militares Patente de Capitaõ de Cavallos; vai fegunda vez humilde, e fervorofo fupplicar com novas inftancias ao R. P. Provincial, lhe conceda a graça de admitti-lo ao Habito do Seraphico P. S. Francifco. Foi finalmente Antonio acceito pelo mefmo R. P. Provincial; e admittido á Ordem de S. Francifco tomou fervorofo o Habito de Noviço no Convento d'Evora, achando-fe em idade de 31 annos ainda naõ completos, como fe dirá adiante número 77.

CA-

## CAPITULO XXVIII.

*Virtudes, que exercitou o V. P. Fr. Antonio das Chagas no tempo de Noviço, ſeus eſtudos, eſpirito de Oraçaõ, obediencia, e pobreza Evangelica.*

277 OBtida com goſto a Patente do P. Provincial para Noviço de S. Franciſco, e deixada ſem pena a Patente, que do Principe recebêra para Capitaõ de Cavallos Antonio de Affonſeca Soares por ſeus ſerviços militares; logo elle ſem mais demóra renunciando o Mundo corre, e como cervo ſequioſo vai buſcar as fontes da ſalvaçaõ, e as aguas da graça para nellas, e com ellas dentro do Noviciado d'Evora ſaciar, e refrigerar os ardores de ſeu eſpirito inflammado. He eſte Convento d'Evora por ſua ſingular regularidade, e obſervancia Religioſa, conſiderado ſegunda Caſa da Santa Provincia dos Algarves, no qual deſde ſua fundaçaõ ſempre florecêraõ Varoens illuſtres em letras, e virtudes; e por eſta razaõ em todo o tempo eſcolhido, como Eſcola de perfeiçoens, para nelle ſe prova-

varem, criarem, e educarem os Noviços nos costumes santos da Religiaõ. Já certo da sua acceitaçaõ para filho de S. Francisco, bem persuadido de que o segredo he alma do negocio, e que a carne, e sangue naõ saõ bons conselheiros de espirito; elle naõ consultou com seus parentes, e amigos do Seculo a sua resoluçaõ, mas sem lhes dar parte, nem despedir-se delles, conduzido pela graça, e vocaçaõ de Deos, foi fervoroso apresentar humilde a sua Patente ao Guardiaõ do Convento designado, onde foi recebido com as maiores demonstraçoens de ternura, e agrado de todos os Religiosos, que alli se achavaõ.

278 Vendo o Guardiaõ, e Religiosos seus Subditos, que Antonio com ancia, e santa impaciencia, pertendia ser admittido ao Noviciado, resolvêraõ, que Pertendente taõ qualificado, e de taõ provada vocaçaõ, que desenganado, fugindo do Mundo, vinha com tanto fervor buscar o sagrado da Religiaõ para fazer penitencia, e seguir a Christo, devia sem demóra ser admittido ao Noviciado. Com effeito se determinou dia, e hora para a recepçaõ do Habito. He indizivel o prazer, e jubilo, de que se sentio banhado,

do o eſpirito de Antonio, quando elle entre huma Communidade taõ numeroſa, e reſpeitavel, tendo por aſſiſtentes, e eſpectadores os maiores Prelados, e os Sujeitos da primeira, e mais diſtincta nobreza d'Evora, e de ſuas viſinhanças ſe vio veſtido com o Habito do Patriarcha dos pobres, e humildes S Franciſco. A noticia deſta eſtrondoſa mudança, e converſaõ de Antonio, que brevemente ſe eſpalhou em Evora, e ſuas viſinhanças, fez a mais ſenſivel impreſſaõ no eſpirito dos ſeus amigos, e conhecidos, naõ ſó d'Evora, onde em Eſtudante, e Soldado aſſiſtíra, mas em toda aquella Provincia, e em todo o Portugal. Encheraõ-ſe todos de admiraçaõ, muitos ſe compungíraõ, e alguns ſeguíraõ o ſeu exemplo.

279 Agora veremos a Antonio Noviço fervoroſo, veſtido com o Habito humilde, ou pobre mortalha de groſſeiro ſayal, cingido com huma aſpera corda, feito eſpectaculo á terra, e ao Céo, aos homens, e aos Anjos, prégando penitencia, e deſenganos com a maior eloquencia de ſeu exemplo, e modeſtia. Elle ancioſo da maior perfeiçaõ Evangelica, e ardendo em deſejos de ſeguir, e imitar a Chriſto,

Exem-

Exemplar, e Meſtre Divino, na conſideraçaõ, de que com a mudança de eſtado ſecular para Religioſo ſe deve mudar de coſtumes, poz ſeu principal eſtudo, em ſe reformar interior, e exteriormente, negando, e contrafazendo varonilmente a ſua propria vontade, domando os ſeus appetites, e paixoens deſordenadas, mortificando os ſeus ſentidos, caſtigando a ſua carne traidora, e inimiga, deſpindo deſta ſorte o homem velho peccador dos affectos terrenos, e habitos vicioſos; e veſtindo aſſim o eſpirito, e homem novo pela graça com a precioſa galla das virtudes. Sim, Antonio lembrado de que todo o que ſe reſolve aliſtar-ſe na Milicia de Chriſto, a fim de o ſervir no eſtado Religioſo, pouco lhe importa ter deixado com o corpo o Mundo, e deſpido trajes ſeculares, e profanos, ſe dentro dos clauſtros lhe tem affecto, lhe guarda lealdade, lhe rende vaſſallagem, e lhe tributa obſequios, conſervando coraçaõ profano debaixo de Habito penitente, e tendo conducta de coſtumes ſeculares em eſtado de perfeiçaõ Religioſa; longe Fr. Antonio de cahir neſte deteſtavel fingimento, allucinaçaõ, e hypocriſia, antes bem ſim elle punha todo o cuidado,

e desvélo, em afformosear, e adornar a sua alma com a veste nupcial da Graça, e com o habito de costumes santos, animando-se a segurar a Christo sempre fervoroso com a cruz da mortificaçaõ contínua de si mesmo.

280 Era Fr. Antonio ainda Noviço, e principiante na vida espiritual, e já por seu fervor parecia veterano no exercicio das virtudes. Tinha poucos mezes de Habito, e se lhe podiaõ contar muitos annos de perfeiçoens. Na disciplina Regular era admirado dos Companheiros, e do Mestre, como modélo, e vivo exemplo de acertos. Que gloria para o Convento d'Evora, onde Fr. Antonio tomou o Habito de Noviço! Foi este Convento, o que na Ordem lhe servio como de berço. Neste Convento recebeo elle o primeiro espirito de Religiaõ? Na casa dos ossos deste mesmo Convento fez elle total entrega, e holocausto de si mesmo, offerecendo-se a Deos sem reserva por meio dos tres votos essenciaes, e solemnes, que guardou em toda a sua vida com a maior perfeiçaõ. Aqui, como em aula Celeste, aprendeo a verdadeira sciencia de servir, e amar a Deos. Esta foi a Palestra, onde se ensaiou a pelejar contra o homem inimi-

mi-

migo, e forte armado, e a exercitar com perfeiçaõ tanto as obſervancias Regulares, e municipaes do eſtado Religioſo, como as virtudes Chriſtãs. Elle em todas ſahio taõ inſigne, e eminente, que já em ſeu Noviciado era olhado, e admirado, como exemplar de perfeiçoens, como ha pouco ſe diſſe.

281 Lembrado Fr. Antonio de que ninguem póde ſervir bem a dous ſenhores; elle depois que veſtio o Habito da Penitencia, e ſe aliſtou novo Soldado na Milicia de Chriſto, jámais ſe quiz implicar com negocios terrenos, nem commerciar com o Seculo. Elle naõ ſó no tempo de Noviço, mas em toda a vida de Religioſo reſplandeceo em virtudes, e perfeiçoens, como verdadeiro, e legitimo Filho de S. Franciſco, conduzindo-ſe pelo ſeu eſpirito, e ſeguindo fervoroſo as ſuas pizadas. Mudou de eſtado, mudou de habito, mudou de coſtumes, e até mudou de Sobrenome, elegendo em reverencia das Chagas de Chriſto, ás quaes tinha particular devoçaõ, appellidar-ſe Fr. Antonio das Chagas. Trazia eſtas na ſua viva lembrança, e a ellas recorria nos ſeus trabalhos, e tribulaçoens. Em reverencia dellas caſti-

gava a sua carne com frequentes cilicios, disciplinas, e jejuns. Efficazmente persuadia a todos, que fossem cordiaes Devôtos das Chagas de Christô. Pela contínua mortificaçaõ de si mesmo queria viver, e morrer crucificado com Christo. Com a Graça deste Senhor se conservou em toda a vida depois de Religioso sem mancha de culpa grave.

282 Tendo concluido o seu Noviciado, foi pela obediencia mandado morador para o Convento de Setuval, e pouco depois para o de Béja, levando sempre por Companheiro o espirito, e fervor de Noviço. Vio Setuval, e Béja a Antonio em outro tempo Secular vaidoso, e pouco Christaõ, agora o vêm, e admiraõ Religioso Penitente, e exemplar. Conhecendo os Prelados o seu talento, e aptidaõ para as Letras, lhe mandáraõ estudar Filosofia, e concluida esta, que se applicasse á sagrada Theologia, e que tambem se preparasse para ordenar-se de Ordens Menores, e Sacras. Representou a sua profunda humildade, que elle, como incapaz para as Sciencias, se julgava indigno de subir tanto ao Púlpito, como ao Altar; e que se na Religiaõ podia ter algum prestimo,

era

era ſó ſervir na cozinha, e n'outros officios proprios dos Noviços, e Irmaõs Leigos. Porém a poderoſa obediencia, que o introduzio nas Aulas, o introduzio no Sanctuario por meio do Sacerdocio, a fim de celebrar a Santa Miſſa. E pouco depois o elevou tambem a obediencia aos emprêgos do Púlpito, e Confeſſionario. Tanto no exercicio deſtes emprêgos, como no eſtudo das Sciencias jámais deixou o eſtudo da ſanta Oraçaõ, acompanhada com a mortificaçaõ, lembrado de que ſó aſſim ſe póde alcançar a verdadeira ſabedoria, e conſervar o eſpirito da vida Religioſa.

283 Neſta celeſtial Eſcola da Oraçaõ, tendo ſempre por Meſtre a Chriſto Crucificado, aprendeo Fr. Antonio aos pés deſte Senhor ainda mais a ſer virtuoſo, e ſanto, do que ſábio, vindo felizmente por eſte modo a alcançar huma, e outra couſa. Foi virtuoſo, ſanto, e ſábio. Foi eſta a officina, em que ſe lavráraõ os primores excellentes do ſeu eſpirito no pontual cumprimento dos ſeus votos, e no fervoroſo eſtudo, que pôs em ſujeitar a carne ao imperio da razaõ pelo rigor, com que tractava aquella, ſem dar tregoas á ſua rebeldia, ainda

quan-

quando ella se dava por vencida aos golpes da mortificaçaõ. Amava Fr. Antonio tanto a virtude da obediencia, que á imitaçaõ de Christo quiz ser perfeito obediente até á morte em tudo o que lhe mandavaõ seus Prelados, e Confessores. Para maior perfeiçaõ, e merecimento seu na execuçaõ da promptа obediencia, naõ reparava, nem discorria, se eraõ justas, ou injustas as determinaçoens dos que mandavaõ: se o mandavaõ por necessidade, ou para mortifica-lo: se era por odio, ou por amor: se elles eraõ bons, ou máos; prudentes, ou imprudentes. Obedecia a todos em tudo, o que naõ conhecia peccado, sem discursar nos porquês, sem attender aos fins, sem discernir os Sujeitos, sem ponderar as inclinaçoens. Era santamente cega a obediencia do Servo de Deos. Eis-aqui os proprios dogmas da sua prompta obediencia. « Obedecer, dizia elle, até aos despropositos he o meu destino. A hum *mando* naõ ha mais, que hum *obedeço.* » Naõ só exercitava a sua prompta obediencia com os Prelados, e Directores do seu espirito, mas com os mesmos Companheiros das Missoens, assim em materias espirituaes, como temporaes. Taõ namora-

do

do andava da obediencia, que tudo queria obrar por ella, e nada por impulso da inclinaçaõ, e vontade propria, para mais merecer. Estes desejos o acompanhavaõ desde quando prometteo a Deos obedecer por seu amor a todas as creaturas humanas em tudo aquillo, que se naõ oppusesse á perfeiçaõ Religiosa.

284 Naõ foi menor o desejo, que teve este servo de Deos, de alcançar a perfeiçaõ da pobreza Evangelica, que professára. Estimava esta virtude, como joia preciosissima. Viveo, e morreo pobre de espirito. Para prova da sua estremada pobreza bastará dizer, que o servo de Deos naõ tinha de seu uso outra cousa mais, que o pobre Habito que vestia, e huma corda, com que se cingia. A sua cama era huma esteira, e algumas vezes humas taboas. O candieiro, de que se servia de noite para seu estudo, era huma candêa velha de ferro, e outras vezes lhe servia de candieiro huma tigella de barro com azeite. Tal era o affecto, e amor que tinha á pobreza de espirito; tal o desejo da sua perfeiçaõ, e de viver, e morrer pobre com Christo, que dizia: « Se Deos me désse a escolher, ou ser Imperador do Mundo to-

todo com a certeza da minha ſalvaçaõ; ou ſer Frade pobre de S. Franciſco; antes eu com a graça do meſmo Senhor eſcolheria ſer Frade pobre, como o ſou, do que Imperador do Mundo.» Tambem dizia: « Nada ſou, nada quero, nada deſejo mais, que a meu Senhor Jeſu Chriſto, e eſſe Crucificado.» Taõ ſatisfeito eſtava do ſeu eſtado pobre, e taõ affeiçoado á pobreza de eſpirito, que por amor deſta virtude ſe ſentia mais enternecido, quando pela conſideraçaõ via a Chriſto nos paſſos, em que experimentou mais pobreza, e deſamparo. Naõ ſe achava taõ movido, quando conſiderava no Myſterio do Senhor Transfigurado, e Glorioſo no Thabor, como quando o via no Preſépio, no Deſerto, e na Cruz taõ pobre, e taõ deſamparado, que naõ tinha hum lançol de ſeu para ſe cobrir, nem outra almofada, ou reclinatorio para deſcançar a cabeça, que a Cruz.

CA-

## CAPITULO XXIX.

### *Da Castidade, Humildade, Penitencias, Mortificaçoens, e Conformidade do V. P. Fr. Antonio das Chagas.*

285 NA guarda do voto da Castidade foi o servo de Deos Fr. Antonio sempre acautelado, e vigilantissimo. Obrava taes excessos de rigor para conservar immaculada esta joia, que causaõ assombro. Apenas entendia, que a carne, ainda que levemente, pertendia sacudir o jugo, e rebellar-se contra o espirito, logo elle se enfurecia de tal sorte contra ella, que de rigoroso parecia declinar em cruel. Além do uso quasi assiduo de cilicios de arâme, ou de ferro, e de humá cadêa tambem de ferro, com que cingia seu corpo, o flagellava frequentemente com disciplinas, e o pingava algumas vezes nas partes mais sensiveis com lacre, applicando-lhe brazas, e velas accesas, picando-o, e pungindo-o com alfinêtes, fazendo nelle chagas numerosas. Assim martyrizava a sua carne para a trazer sempre rendida, e sujeita ao espirito,

E

E como poderia deixar de permanecer sempre candida, e immaculada a pureza deste servo de Deos, se ella morava em fortaleza, onde havia tanta cautéla, e vigilancia contra os inimigos de seu nome preclaro? Tal era o amor, que tinha á Castidade, taõ contente vivia de ter feito voto desta virtude, como tambem do voto, que fizera de obediencia, e pobreza, que dizia fervoroso: « Pela observancia destas tres joias dera eu, se tivera, mil vidas. »

286 Illustrado da Graça o V. P. Fr. Antonio, conhecendo, que a humildade he guarda da castidade, e base do edificio da perfeiçaõ Evangelica, fazia tanta estimaçaõ desta virtude, que em obsequio della se reputava pelo homem mais perverso, e pelo maior peccador do Mundo; e queria, que todos fizessem delle este conceito. Eis-aqui as suas palavras. « Em todo o ambito da terra naõ ha peór alma, que a minha, nem que mais mereça o inferno, e desamparo de Deos. Se naõ foraõ as Oraçoens de outros, já a minha alma estaria condemnada aos abysmos eternos! » E naõ podendo encobrir este sentimento de seu espirito, repetia: « Eu sou, e fui

o

o peór homem de todos, indigno de que o Céo me cubra, a terra me soffra, e o dia me amanheça." Tendo noticia, de que haviaõ muitas pessoas, que se lembravaõ delle, dizia admirado, e confuso: "Ha quem faça caso de mim? Bemdito seja hum Deos taõ bom, que assim deixa enganar a gente com a peór alma!" Este seu baixo conceito, e abatimento procedia da viva lembrança, que elle sempre trazia presente, das offensas, que fizera á Divina Magestade. Desta fonte, e manancial sahiaõ, como caudalosos rios, os desprezos, que sempre buscava, o aborrecimento, e odio santo, com que se tractava a si mesmo, os sentidos ais, e gemidos, que dava, as muitas lagrimas, que derramava, por se ter opposto ingrato a Deos, e offendido com enormes, e abominaveis vicios á Divina Magestade. Daqui lhe vinha aquelle profundo conhecimento de si mesmo, que o movia a querer ser reputado na estimaçaõ de todos, naõ como homem racional, mas como bruto, digno só de castigos, injurias, e vilipendios.

287 Donde sendo elle hum dos Sujeitos mais discretos, e judiciosos, e de engenho mais atilado, que teve

Por-

Portugal na ſua idade, como já ſe diſſe acima, elle confeſſava ingenuamente, que era o maior idióta, que exiſtia no Mundo. Tal era a ſua humildade. Serve de prova a eſcuſa, que elle deo a El-Rei D. PEDRO II., quando lhe offereceo a Mitra de Lamego, reſpondendo-lhe, que attendendo á ſua ignorancia, e incapacidade, que conhecia em ſi para aquelle emprêgo, em conſciencia o naõ podia acceitar. Tambem quizeraõ faze-lo, por ſeus relevantes, e conhecidos merecimentos, Miniſtro Provincial da Santa Provincia dos Algarves; porém elle, que queria viver ſempre dependente, e ſubdito de todos, e ſe julgava indigno deſte cargo, ſe eſcuſou acceita-lo, expondo as razoens, que ſoube engenhar, e deſcobrir a ſua profunda humildade. Bem podiamos de algum modo applicar ao V. P. Fr. Antonio das Chagas os Elogios, que hum Eſcriptor ſagrado fez a Moyſés, dizendo: « Foi amado de Deos, e dos homens, » e a ſua memoria he em bençaõ. O » Senhor lhe deo huma gloria ſimi- » lhante á dos Santos: fe-lo grande, » e formidavel a ſeus inimigos; elle » com as ſuas palavras aplacou os » monſtros. O Senhor o elevou em » hon-

„ honra diante dos Reis; elle lhe pref-
„ crevêo as ſuas ordenaçoens diante do
„ ſeu povo, e elle lhe fez vêr a ſua
„ Gloria. Elle o ſantificou na ſua Fé,
„ e o eſcolheo diante dos homens *. „

288 Sendo benigno, e ſuave com os outros, era ſempre auſtéro comſigo de tal ſorte, que parecia impiedade o rigor, com que ſe tractava. Elle, como ha pouco ſe diſſe, trazia ſempre por Companheira a mortificaçaõ das ſuas paixoens, dos ſeus ſentidos, do ſeu corpo, que tractava como inimigo, flagellando-o com frequentes diſciplinas de ferro, accreſcentando o terrivel tormento das cadêas tambem de ferro, que pezavaõ de ſeis arrateis para cima, e ſe terminavaõ em huma argola, que lhe prendia o peſcoço: com eſtas cadêas ſe ligava, e ſobre ellas veſtia o aſperrimo cilicio de ſedas, que lhe chegava dos hombros até á cinta; e quando ſe alliviava deſte tormento, ſubſtituia outro cilicio de arame de largura de hum palmo com pontas agudas, que, quando ſe quebravaõ, ficavaõ algumas vezes os pedaços enterrados na carne. Naõ ſó dentro do clauſtro de Varatojo

* *Eccleſ.* 45. ℣. 1.

jo praticava a penitencia, mas queria traze-la ſempre em toda a parte, como inſeparavel Companheira. Nas jornadas, que elle fazia tanto em occaſiaõ de intenſos calores do Sol na eſtaçaõ do Eſtio; como quando havia extraordinarios frios, ventos, chuvas, e neves no Inverno; jamais quiz uſar de outra cobertura, ou chapeo, do que de ſeu proprio capello; ſuccedendo-lhe naõ poucas vezes no exercicio de ſuas Apoſtolicas Miſſoens atraveſſar regatos, e ribeiros, pernoitar molhado, e repaſſado de chuva, e tiritando de frio em deſpovoado, naõ tendo outro abrigo, que os troncos das arvores, e as grutas das montanhas, e penedos; porque impedido elle do Inverno, e das neves naõ podia chegar a terras povoadas.

289 Entaõ meſmo quando via o ſeu corpo mais penalizado, e desfavorecido, ſentia o ſeu eſpirito mais conſolado, e robuſto. Inimigo ſempre declarado da ſua carne, e de ſi meſmo, dava frequentes bofetadas em ſeu roſto, e com tanta vehemencia, que huma vez ficou ſurdo do ouvido direito, e d'outra ſe lhe deſconjuntáraõ os oſſos do lagrimal. Sendo todavia as aſperezas, e penitencias do V. P. Fr.

An-

Antonio comſigo taõ paſmoſas, elle ainda ſe naõ dava por ſatisfeito com ellas; ainda ſe queixava, de que ſeu corpo era mais bem tractado, do que merecia, pois dizia: « Todo o meu eſcrupulo he o bom tracto, que dou a eſte miſeravel corpo. » Em fim Fr. Antonio das Chagas em ſua vida de Religioſo foi hum paſmo, hum aſſombro, e hum verdadeiro exemplar da mortificaçaõ, e penitencia! Naõ ſe podia dizer menos do ſeu fervor, nem eſperar mais de huma creatura humana; porque além dos referidos tormentos, e martyrios, com que o ſervo de Deos tractava ſeu corpo, lhe queria augmentar outros muitos caſtigos de vigilias, jejuns, e aſpereza de cama. Elle de ordinario, como ſe diſſe acima, naõ dormia mais, que tres até quatro horas. Tinha por cama o pavimento da cella, ou huma eſteira ſobre taboas, e para encoſto da cabeça a ſagrada Biblia. Era moderado na comida, privando-ſe muitas vezes ainda do neceſſario. E jamais admittio viandas, e comidas delicadas, tanto no exercicio das Miſſoens, como quando ſe achava no Seminario, poſto que eſtiveſſe enfermo, e debilitado de forças corporaes.

Os

290 Os jejuns do V. P. Fr. Antonio das Chagas eraõ pouco menos, que os dias. Além do jejum da Santa Quarentena de toda a Igreja, e do Advento da Ordem Seraphica, que começa a 2 de Novembro, e dura até o Nascimento do Senhor, jejuava por devoçaõ outra Quaresma, que aconselhou o Seraphico Patriarcha, e começa no dia da Epiphania do Senhor a 6 de Janeiro; e outra Quaresma desde o dia da Assumpçaõ da Santissima Virgem Mãi de Deos a 15 de Agosto até o dia do Archanjo S. Miguel a 29 de Setembro. Tambem jejuava nas Quartas feiras, Sextas, e Sabbados de todo o anno a paõ, e agua, lançando esta algumas vezes nas outras comidas, para lhe serem ingratas, e insipidas ao gosto. Queria sempre ser parco, e juntamente mortificado no sustento corporal. A pezar de ser a sua natureza de calor immoderado, e naõ se contentar com qualquer abundancia, elle fechando os ouvidos ás súpplicas do appetite, recorrendo ao tribunal do espirito, sem jamais se apartar das Leis da frugalidade, só permittia ao seu corpo o sustento parco, moderado, grosseiro, e unicamente necessario; e nem ainda este lhe concedia em algu-

mas

mas occaſioens em obſequio da mais rigoroſa temperança.

291 Tal era o eſpirito de mortificaçaõ, tal o ardente deſejo, que tinha de padecer por amor de Chriſto, que elle além das penitencias corporaes, com que continuamente atormentava, e crucificava a ſua carne, ſolicitava meios, e buſcava ſempre motivos, com que penalizaſſe o amor proprio, e mortificaſſe em tudo a ſua vontade, ainda nos actos politicos, em cujas regras era bem verſado. Elle por humildade, e mortificaçaõ ſepultando debaixo dos pés do deſprezo a ſua razaõ, e o ſeu parecer, queria antes ſeguir o alhêo. Iſto praticava, e iſto teſtificava com a palavra, e por carta, dizendo: « Eu para nada preſto, nem ha quem menos poſſa, e ſaiba diſcurſar nas materias. » Daqui ſe ſeguia huma admiravel paciencia, e manſidaõ, com que o ſervo de Deos tolerava as enfermidades, contradicçoens, e tudo o que era oppoſto á conſervaçaõ da ſua vida, e ſaude corporal. De tudo iſto daõ claro teſtemunho as ſuas meſmas palavras em huma carta a certa peſſoa, quando lhe dizia: « Nada lhe dêm cuidado os » meus males, que ſaõ tudo nada,

 » hum

» hum pouco de vento, e o mesmo
» he a vida. Vida, morte, e achaques
» tudo he o mesmo. E tudo he bello,
» doce, suave, e excellente, se assim
» se serve a Deos. »

292 Nem podia deixar de ser taõ heroico o soffrimento do V. P. Fr. Antonio; pois que elle o sustentava na fortissima columna de huma prodigiosa conformidade, e resignaçaõ com a vontade de Deos. Era tal, que proferia o seguinte: « Se Deos me
» tirasse o juizo de sorte, que eu an-
» dasse pelas ruas feito escarneo, lu-
» dibrio, e zombaria dos rapazes,
» recebendo delles pedradas, injurias,
» e muitas affrontas, eu havia de ter
» grande gosto com isto, por ser dis-
» posiçaõ da vontade Divina. » E fallando da Graça Divina, dizia cheio de espirito: « Naõ quero della mais,
» que aquella porçaõ, que Deos fôr
» servido dar-me. » Naõ foi inferior o seu amor a Deos, a sua caridade para com o Proximo, e a sua Fé, de que fallaremos no Capitulo seguinte.

## CAPITULO XXX.

*Amor de Deos; Caridade com o Proximo; viva Fé; podêr sobre os espiritos máos; dom de curar; preparaçaõ para as Missoens; attençaõ, com que era ouvido, e fructos, que nellas fazia o V. P. Fr. Antonio das Chagas.*

293 TAl era o amor de Deos do V. P. Fr. Antonio das Chagas pela consideraçaõ dos multiplicados beneficios, que recebêra da Maõ liberal do mesmo Senhor, que andava como transportado, e alienado dos sentidos, especialmente quando celebrava o incruento, e immaculado Sacrificio da Santa Missa. Confessou, que algumas vezes, quando acabava de celebrar este Santo Sacrificio, ficava de tal sorte, que nem via, nem ouvia, sendo-lhe necessario por essa causa apegar-se ás paredes, para naõ cahir. Se elle naõ declarou a causa destes transportes, ella pelos effeitos bem se dava a entender, que procedia do grande amor, que tinha a este Summo Bem.

294 Em todas as acçoens, e palavras era o V. P. Fr. Antonio modestissimo, benigno, religiosamente cortez, discreto, e profundamente judicioso. Foi na virtude da Fé muito raro; della vivia. Na Esperança era insigne. E na Caridade para com os Proximos viveo taõ abrazado, e sempre taõ zeloso, como o testemunháraõ os prodigiosos fructos, que fez com suas fervorosas Missoens, como abaixo se verá. Além do discernimento de espiritos, de que era dotado, teve tambem o dom de profecia, chegando algumas vezes a conhecer o interior das Creaturas, como se prova de muitos casos, que andaõ escriptos na sua vida, que corre impressa pelo R. P. Manoel Godinho, e que correcta, e accrescentada se espera sahirá á luz reimpressa, separada desta breve Historia. Tambem teve a graça, ou dom de curar milagrosamente os corpos enfermos: mandando em Nome de Deos aos accidentes, que affligiaõ pessoas enfermas, que se retirassem, e que naõ as molestassem mais, lhe obedeciaõ. O mesmo obrou com muitos moribundos, que estavaõ expirando sem esperanças de vida: com os entrevados; com os que padeciaõ in-

intenſas dôres das chagas vivas ; e com outros opprimidos de inflammaçoens perigoſas , e enfermidades taõ deſeſperadas , que parecia naõ haver já remedios humanos para ellas. Lançou a bençaõ a hum menino , que eſtava de todo ſem alèntos , e voltou logo á vida. A ſaude , a vida , o allivio , e refrigerio , que experimentavaõ os enfermos , que recorriaõ ao V. P. Fr. Antonio , effeito parece da ſua virtude , e ſantidade , e que aſſim queria Deos glorificar a ſeu fiel ſervo , ainda em ſua vida.

295 Além deſtas maravilhas ſe conſerva a viva memoria de outras naõ menos prodigioſas. Rebentou huma fonte em Benevente no lugar , onde tinha cahido ao ſervo de Deos huma conta benta , das que coſtumava diſtribuir aos Fieis por devoçaõ. Servio depois eſta fonte , como de Piſcina miraculoſa para os aleijados , que ſe banhavaõ em ſuas correntes , e para os que a buſcavaõ opprimidos de outras enfermidades. Tocada eſta meſma conta na garganta de hum menino , que nella tinha hum alfinete atraveſſado , logo o lançou fóra , ficando livre do evidente perigo , em que ſe achava. Na Villa de Peniche havia falta

ta de peixe, apenas lançou a bençaõ ſobre o mar, logo ſe enchêraõ as redes de tanta abundancia de peixes grandes, e pequenos, que os Peſcadores vieraõ para a praya com os barcos carregados alegres, e chêos de admiraçaõ, por conſiderarem ſerem taõ venturoſamente ſuccedidos na ſua peſcaría, como o tinhaõ ſido os Apoſtolos, quando mandados por Chriſto lançáraõ as ſuas redes para o lado direito da ſua barca.

296 Naõ menos admirado ficou o povo de Setuval, e Abrantes, quando vio, que o Céo em huma notavel ſecca, ſem haver indicio algum de chover, fizera de repente fecundar as terras com abundantes orvalhos, e copioſas chuvas pelas rogativas, que o V. P. Fr. Antonio, qual outro Elias, fizera a Deos. Todavia ao paſſo, que a Omnipotencia de Deos diſpenſava com eſte ſeu fiel ſervo, eſtes, e outros muitos prodigios, e favores, em teſtemunho de quanto elle era acceito em ſua preſença, o demonio invejoſo, e implacavel inimigo fazia toda a diligencia, e punha todo o esforço por vence-lo, e derriba-lo. Tal era a guerra, que lhe fazia o forte armado, e Principe das trévas com importunas,

e

e fêas ſuggeſtoens, tal o furor, com que o acomettia, que ſó de huma vez durou o combate vinte e dous dias. Mas ſempre ficou venturoſamente o ſervo de Deos com o triunfo, e o demonio vergonhoſamente vencido. Naõ deſiſtio todavia o eſpirito tentador, ainda que vencido, de tornar ao campo da peleja para novo combate. Reforçou furioſo o Anjo ſeductor as ſuas batarías, empenhando todas as forças para ſe vingar do ſervo de Deos, porém debalde.

297 Achava-ſe elle fazendo huma Prática no Convento da Madre de Deos de Lisboa, onde reſplandecem outras tantas eſtrellas, quantas ſaõ as Religioſas, quando o eſpirito ſeductor o lançou de coſtas com a cadeira, em que eſtava ſentado; fôra maior a quéda, ſe huns Religioſos o naõ ſuſpendeſſem nos braços, para naõ continuar a deſpenhar-ſe. Mas recuperando alentos, logo prometteo vingar-ſe, e tomar ſatisfaçaõ do Anjo das trévas, dizendo: « Muito bem ſentirá o demo» nio o atrevimento de me querer deſ» penhar com a quéda. » Promptamente cumprio com a ſua palavra lançando fóra com a força de ſeus preceitos a muitos deſtes eſpiritos infernaes, que

ve-

vexavaõ, e atormentavaõ obſtinados os corpos humanos alli preſentes, e fazendo ſahir a innumeraveis dos coraçoens dos peccadores, que converteo com a efficacia da ſua doutrina.

298 O ardente zêlo deſte novo Paulo no deſejo da ſalvaçaõ das almas foi bem patente em todo eſte Reino, e fóra delle pelas innumeraveis converſoens de almas, e prodigioſos fructos, que fez com ſuas fervoroſas, e Apoſtolicas Miſſoens em beneficio viſivel da Igreja, e do Eſtado. Sim, eſte novo homem, e Varaõ verdadeiramente Apoſtolico, depois de convertido á Graça apparecendo em Portugal feito eſpectaculo ao Mundo, aos Anjos, e aos homens, ſe propoz renovar na ſua Ordem o eſpirito do Seraphico Patriarcha, e o methodo de prégar Apoſtolicamente. Inſtituio para eſte fim o Seminario de Varatojo, e tambem deo princípio para o meſmo fim ao Seminario de Brancanes, como ſe diſſe acima.

299 Quando tinha de ſahir para Miſſaõ, ſe preparava primeiro com Oraçaõ fervente, com jejuns, diſciplinas, e outros generos de penitencia, e mortificaçaõ. Aſſim armado ſahia com ſeus Companheiros a pelejar nas cam-

pa-

panhas do Senhor. Todo o provimento para as jornadas do V. P. Fr. Antonio, quando hia para Miſſaõ, conſiſtia em levar hum Santo Chriſto crucificado, huma Biblia, hum Breviario, hum bordaõ na maõ, alguns Sermoens, e apontados de outros em huma pequena bolſa, onde tambem hiaõ cilicios, e diſciplinas. Todas as ſuas práticas, converſaçoens, e diſcurſos pelos caminhos, eraõ do Céo, e ſobre as Excellencias de Deos, e felicidade da Gloria, que no Céo gozaõ os Anjos, e Santos. Dos valles, que cruzava; das montanhas, que ſubia; dos rios, que atraveſſava, das fontes, lagos, arvores, plantas, flores, penhas, ſerras, Sol, Lua, e Eſtrellas, que via; dos calores, chuvas, e ventos, que ſentia; de tudo tirava motivos para ſantamente entreter os Companheiros em aſſumptos do eſpirito, e materia de contemplaçaõ Celeſtial, tendente ao bem das almas.

310 Algumas vezes ſentia com eſtas converſaçoens taõ inflammado o ſeu eſpirito em Deos, que nos meſmos caminhos ſe retirava dos Companheiros, e de joelhos offerecia ao meſmo Senhor o incenſo de ſuas oraçoens ferventes, á imitaçaõ do Seraphico P. S.

Fran-

Francifco. Outras vezes nas mefmas eftradas ouvia de Confiſſaõ a muitos penitentes, que compungidos lhe fahiaõ ao encontro, para fe reconciliarem com Deos pelo Sacramento da Penitencia. Antes de entrar nas Povoaçoens, a que fe dirigia a Miſſaõ, coftumava pôr-fe de joelhos, e fazer com os Companheiros Oraçaõ a Deos, invocando o feu auxilio, e juntamente o patrocinio da Santiſſima Virgem Maria, e o de S. Miguel, Principe da Milicia Celeftial, o qual elegeo para Protector das Miſſoens de Varatojo, fupplicando-lhes, o ajudaſſem na conquifta das almas contra o podêr das trévas, e forte armado: e efconjurava os demonios com o efconjuro, que fe diſſe nefta primeira Parte defta Hiftoria número 206. Beijando logo a terra, arvorava o Santo Chrifto, e cantando a Ladainha da Santiſſima Virgem Mãi de Deos, entrava no lugar deftinado para a Miſſaõ, achando-fe algumas vezes já neftas entradas aſſiftido de povo taõ numerofo, que naõ era neceſſario convocar Auditorio para ouvir a fanta palavra, nem mandar fe tocaſſem os finos; pois que eftes fe repicavaõ fempre, quando o fervo de Deos entrava, ou fahia de alguma Freguezia em fignal de alegria.

301 Estes devotos transportes, e festivaes applausos, com que, naõ sem grande mortificaçaõ da sua humildade, era recebido com palmas, e ramos nas maõs pelos Moradores das terras, onde elle hia fazer Missaõ, applaudindo o naõ só como Apostolo, mas como Anjo do Céo, tinhaõ muita similhança com as demonstraçoens de júbilo, que antigamente fizeraõ os Habitantes de Jerusalem, e de suas visinhanças, a Christo, Divino, e Celestial Missionario, quando entrou naquella ingrata Cidade, como em pomposo, e estrondoso triunfo. Tanto que chegava á Igreja, onde intentava fazer Missaõ, ainda que viesse fatigado da jornada, subia logo ao Púlpito a fim de annunciar, posto que brevemente, o dia, e hora, em que havia de abrir a sementeira Evangelica da Santa Missaõ, a que vinha destinado; e convidando para ella os Póvos daquelle districto, lhes ensinuava os grandes bens, e fructos, que facilmente podiaõ tirar em ouvir a santa palavra de Deos, especialmente os maiores peccadores, e mais inimigos do Senhor, que misericordiosamente vinha chamar em nome do mesmo Senhor, para que arrependidos se reconciliassem com Elle.

Aca-

302 Acabando-se em algumas Freguezias, onde se prégava, a Santa Missaõ, naõ se acabava com ella o fervor de seus Ouvintes, antes elles com santa impaciencia seguiaõ ao Prégador para outras terras, ainda que distantes, e por caminhos assás incommodos, para o tornarem a ouvir, sentindo nelle huma especial virtude, que socegava os animos, e serenava as consciencias de todos. Foi-lhe muitas vezes necessario sahir occultamente de noite, para fugir aos applausos, e acompanhamentos, que lhe queriaõ fazer, quando concluida a Missaõ se despedia para outra terra, ou para o seu Seminario. Teve Auditorios taõ numerosos, que passáraõ algumas vezes muito mais de doze mil Ouvintes, naõ fallando nas Missoens da Côrte, e outras Cidades, e Villas maiores do Reino. Naõ deixou de se notar, como grande prodigio, permittir Deos, que ouvissem a voz de seu servo, e percebessem sua doutrina igualmente, tanto os que se achavaõ longe do Prégador, como os que ficavaõ perto delle; e sempre taõ fervorosos, que naõ fazendo caso dos intensos calores do Estio, nem das chuvas, e rigores do Inverno, elles anciosos corriaõ de perto,

to, e de longe, pequenos, e grandes, Seculares, e Ecclesiasticos, a ouvir attentos a santa palavra, como se fosse annunciada por hum Anjo do Céo.

303 Prégava de ordinario nas praças, e campos o V. P. Fr. Antonio, porque em toda a parte, onde chegava com a Missaõ, as maiores Igrejas sempre eraõ pequenas para receber taõ numerosos concursos, compostos naõ só da plebe, e povo humilde, mas das Pessoas principaes, Prelados, Clero Secular, e Regular. Fazendo Missaõ na Côrte, por muitas vezes foi ouvido, e attendido, como Apostolo, naõ só da primeira Nobreza do Reino, e Pessoas da maior distincçaõ, mas dos mesmos Monarchas, e de toda a Familia Real. Apenas a Alva rompia as sombras da noite, quando aquelles, que queriaõ ser Ouvintes desta luz do Mundo, sahiaõ já de suas casas para a Igreja, a fim de tomarem lugar, onde elle prégava. Muitas vezes se buscou auxilio de soldados para conter o povo, e impedir alguma perturbaçaõ nos Auditorios, ainda que geralmente se viaõ, e admiravaõ attentos, e silenciosos os seus Ouvintes. No Capitulo seguinte se propoem o methodo de suas Missoens. CA-

## CAPITULO XXXI.

*Modo de prégar do V. P. Fr. Antonio das Chagas; prodigiosos fructos, e memoraveis casos, que lhe succedêraõ nas Missoens.*

304 BUscava sempre o V. P. Fr. Antonio propôr em suas Missoens as materias mais instructivas, e interessantes a todos. Prégava com zêlo, e espirito Apostolico, a fim de instruir a seus Ouvintes na inteira observancia das Leis Divinas, e Humanas, e no pontual cumprimento dos proprios devêres do estado em que poz a Providencia a cada hum. Elle com ar magestoso, forte, e vehemente, com zêlo Apostolico combatia abusos, arguia vicios, confutava erros, e prejuizos; mostrava a fealdade do peccado, os seus effeitos, e castigos temporaes, e eternos; a belleza da virtude, a nobreza da alma, a formosura da Graça, as delicias da Gloria eterna, a importancia do negocio da propria salvaçaõ, a necessidade, e facilidade da Confissaõ Sacramental. Descrevia os apertos da hora da morte, a difficul-

da-

dade da verdadeira converſaõ neſtes ultimos momentos, a differença da morte do Juſto, e do peccador; as eſtreitas contas, que pedirá Deos a cada hum no Juizo final, e o rigoroſo exame de toda a ſua vida. Propunha a terribilidade das penas eternas da outra vida. Perſuadia efficazmente com particular empenho a todos a devoçaõ da Santiſſima Virgem Mãi de Deos, e que para merecerem o patrocinio deſta Soberana Senhora lhe recitaſſem diariamente a ſua Corôa, ou Terço, tomando-lhe a bençaõ, e propondo imitar a meſma Senhora em ſuas virtudes. Recommendava a terniſſima devoçaõ da Paixaõ, e Chagas de Chriſto, plantando Via-Sacras por toda a parte em memoria dos Paſſos do meſmo Senhor.

305 Inſtituia, e promovia o exercicio público da Oraçaõ Mental. Recommendava ſempre o uſo frequente da Confiſſaõ, e Communhaõ Sacramental com devota preparaçaõ, como meios os mais efficazes, ſuaves, e conducentes para a reforma dos coſtumes, e para creſcer nas virtudes. Em fim elle no exercicio de ſuas Miſſoens, tanto no Púlpito, como no Confeſſionario moſtrava zêlo verdadeiramente

Apoſ-

Apoſtolico. A judicioſa diſcriçaõ, a indiſivel affabilidade, e outras bellas prendas naturaes, de que era dotado, adornadas todas com o eſmalte das ſuas virtudes, de tal ſorte faziaõ brilhar, e ſobreſahir o eſpirito, e zêlo deſte homem de Deos, que tanto que elle no exercicio dos ſagrados miniſterios apparecia no Púlpito, ou no Confeſſionario, vinha a ſer hum feitiço das vontades, e hum Iman, que com doce, e ſuave violencia attrahia para Deos os coraçoens de todos. Elle era no aſpecto gentil, de roſto claro, e comprido, e ſem calvice no cabello.

306 Acabava de ordinario ſeus Sermoens com hum terno Acto de Contriçaõ diante de huma imagem de Chiſto Crucificado, que tinha nas maõs. Depois deſcendo algumas vezes com a meſma imagem do púlpito, convidava aos que eſtavaõ convertidos, que lhe vieſſem outra vez pedir perdaõ, e receber a bençaõ do meſmo Senhor. Os ſignaes públicos, e demonſtraçoens de compuncçaõ, e arrependimento, que ſe víraõ, e admiráraõ neſtas occaſioens, foraõ prodigioſos. Confeſſavaõ os infamadores dos creditos em altas vozes as ſuas calumnias, e falſos teſtemunhos:

nhos: os eſcandaloſos os ſeus eſcandalos: as mulheres mundanas ſeus erros, e vaidades, chegando muitas na meſma Igreja publicamente, em ſignal de arrependimento, a cortar com a teſoura os cabellos, a depôr os enfeites exceſſivos, e a raſgar as galas profanas, enfurecendo-ſe já ſantamente contra eſtas pompas infernaes, por lhes terem ſervido de eſcandalo, e occaſiaõ de peccado. Cumpriaõ-ſe as promeſſas de caſamento, que com offenſa de Deos eſtavaõ, havia muito tempo, demoradas. Caſaraõ-ſe muitas concubinas, lançando-ſe fóra de caſa, e do coraçaõ as pedras do eſcandalo. Pediaõ-ſe perdoens mutuamente, faziaõ-ſe pazes, depunhaõ-ſe odios inveterados, tomando todos para teſtemunha da emenda o meſmo Senhor, que o V. P. tinha em ſuas maõs. Servem de prova os caſos ſeguintes.

307 Entrou com a ſua Miſſaõ em Viâna do Minho a tempo, que neſta Villa ſe achava hum homem nobre, e rico, taõ dominado do odio, e taõ vivamente ſentido contra outro homem, que cruel, e aleivoſamente lhe matára hum filho unico, que tinha, que proteſtava jámais, em quanto viveſſe, perdoaria, ou faria as pazes com

o homicida de ſeu filho. Ouvindo hum Sermaõ deſte V. P., ſe ſentio logo taõ movido, que eſcrevendo por ſua propria maõ o perdaõ em hum papel, lho foi entregar, para que o lêſſe no Púlpito, dizendo no papel o seguinte: « Eu N. puramente pelo amor de Deos perdôo ao matador da morte violenta de meu filho; e para que ſe veja com clareza, que ſó pelo amor de Deos ſou conſtrangido a dar eſte perdaõ, declaro, que pelo amor do meſmo Deos, e Senhor, naõ ſó perdôo a morte de meu filho, mas além diſſo offereço ao matador todo o dinheiro neceſſario para ſe livrar da Juſtiça, por ſaber, que elle naõ tem cabedaes para o ſeu livramento. » Fazendo Miſſaõ na Cidade de Faro do Reino do Algarve, onde ſe achava culpado innocentemente certo homem por huma morte: tanto que o verdadeiro homicida ouvio prégar a Fr. Antonio das Chagas, ſe levantou no Auditorio clamando publicamente, que elle fôra o matador, e que aſſim o confeſſava, para que foſſe livre das maõs da Juſtiça o que eſtava innocente culpado pelo homicidio, que naõ fizera.

308 Naõ ſe contentava ſeu infatigavel zêlo em ſolicitar eſtes perdoens nas Igre-

Igrejas, mas levando nas maõs a Christo Principe da paz, sahia ás praças, e ruas, e algumas vezes entrando nas casas, ahi mesmo propondo com Divina efficacia os motivos, e bens da caridade fraternal, e os damnos do odio, conciliava muitas pessoas discordes, deixando-as unidas em Deos com os sagrados laços da caridade fraternal. Se algumas pessoas dominadas do odio, advertidas, e admoestadas caritativamente por elle, lhe resistiaõ, naõ se querendo pacificar com seus inimigos, elle as ameaçava com sevéros castigos da pezada Maõ de Deos. Desempenhou o Céo os vaticinios do V. Padre com mortes desgraçadas, e repentinas, que experimentáraõ os que desprezavaõ as ameaças, e avisos de Deos, annunciados pela boca do seu servo, como lastimosamente se vio em muitos casos tragicos, que omittimos aqui referir pela brevidade da Historia.

309 Quando lhe constava, que os escandalosos temendo ficarem convencidos, fugiaõ de ouvir a Missaõ, elle lhes escrevia alguma vez, advertindo-lhes da parte de Deos, que tal dia sem falta se achassem presentes ao Sermaõ. Tal força, e moçaõ interior sentiaõ os notificados com as letras do

ſervo de Deos, que antes de chegar á ſua preſença, já pelo arrependimento pareciaõ na humildade manſos cordeiros os meſmos, que pouco antes por ſeus vicios, e eſcandalos pareciaõ lobos, e leoens furioſos. Verdadeiramente foraõ copioſiſſimos, admiraveis, e eſtupendos os fructos, que na ſeára do Senhor fez eſte ſeu ſervo fiel. Elle era abundante na prégaçaõ da ſanta palavra. Sabía quaſi de memoria a ſagrada Biblia. Penetrando os Divinos Oraculos, e Myſterios, que nella lia, os expunha com clareza taõ modeſta, e com tal ſuavidade, e doçura, que naõ parecia humana, mas toda Divina, e Celeſtial. Tinha o dom da palavra, e verdadeiro caracter de Declamador Evangelico; era dotado de graça, e facundia taõ natural para o Pulpito, que ſem artificio, nem adorno de palavras affectadas, nem geſtos pueris prégava ſempre com efficacia Apoſtolica, e com ſanta ſimplicidade, e liberdade Evangelica.

310 A aula, onde eſtudou o verdadeiro methodo de prégar, foi a Oraçaõ; o Meſtre, com quem aprendeo, foi Chriſto crucificado, que ſempre trazia por Companheiro, e Director nas ſuas Miſſoens. Nem podia dei-

xar

xar de ſer aſſim, porque os muitos Sermoens, que prégava, tranſcendiaõ as forças humanas. Em prova diſto referiremos, o que elle aſſeverou a certa Religioſa do Convento da Madre de Deos de Lisboa, dizendo lhe: « Tenho para prégar cem Sermoens na Côrte, e pelos caminhos os formei todos. »

311 Contribuia muito para os maravilhoſos fructos, que com ſuas Miſſoens fazia a fama dos prodigios, que a cada paſſo ſe dizia, ſuccederem nellas. Deixando eu de eſcrever muitos deſtes caſos ſuccedidos nas ſuas Miſſoens, ſó aqui mencionarei alguns poucos, pelos quaes parece, que o Céo, a terra, e as aguas com ſuas eloquentes, ainda que mudas bocas, fallára õ em abono deſte ſervo de Deos. Intentava elle paſſar o rio Douro, para ir fazer Miſſaõ ao Pezo da Regoa, e viſinhanças; o barqueiro que o naõ quiz paſſar, dentro de pouco tempo morreo affogado no meſmo rio. Obſervou-ſe, que achando-ſe no campo prégando em tempo de chuva, naõ ſe molhava, nem os Ouvintes, que cheios de admiraçaõ attribuiaõ eſtes prodigios á ſantidade do Prégador. Naõ menos ſe admiráraõ elles, quando viraõ abrir-

ſe

ſe a terra para tragar a dous homens taõ obſtinados no odio, que de nenhuma ſorte o queriaõ deixar, nem fazer as pazes entre ſi, e ſó depois que elles pelo arrependimento abríraõ os coraçoens para ſe pacificarem, e as bocas para confeſſarem o ſeu peccado no Tribunal da Penitencia, ſó entaõ fechou tambem a terra a ſua boca ameaçadora de taõ obſtinada vingança.

312 Tambem concorria grandemente para o fructo das Miſſoens o geral conceito de ſantidade, que todos formavaõ do ſervo de Deos, e de que eſte Senhor o illuminava para conhecer os interiores, e os peccados occultos. Depois de fazer huma Prática ás Religioſas da Conceiçaõ de Béja, conſtou ao ſervo de Deos, que algumas dellas falláraõ em deſabono da ſanta palavra. Voltou elle a fazer outra Prática, e antes de lhe dar princípio, levantou a voz, dizendo: « Aqui vim já outra vez, e me fui com tençaõ de naõ tornar mais a eſte lugar, porque naõ quero, que ſe zombe da palavra de Deos. Porém he taõ forçoſa a obediencia, que onde ella chega, a minha vontade pára. Das que eſtaõ preſentes, Madres, ha de morrer huma eſta noite de

» mor-

,, morte subita, e esta ha de ser o
,, Prégador, que mais as ha de con-
,, verter. ,, Finalizada a Prática, to-
das compungidas cuidárão com entra-
nhaveis suspiros em lavarem-se das cul-
pas nos caudalosos rios de lagrimas,
que vertião os chorosos olhos destas
Freiras compungidas, as quaes em al-
tas vozes pedião publicamente a Deos
perdão de seus peccados, e mutua-
mente humas ás outras de seus escan-
dalos, esperando cada huma, que so-
bre a sua cabeça cahisse o golpe mor-
tal da ameaça do servo de Deos. Não
cahio este sobre as subditas, mas á
maneira de raio buscou naquella Com-
munidade a maior eminencia da Pre-
lada: a qual tanto que chegou a noi-
te, lhe chegou tambem a morte repen-
tina, que lhe sobreveio. Verificando-
se o vaticinio de Fr. Antonio.

313 Não foi menos digno de se
notar, se bem que com circumstancias
mais agradaveis, o que lhe aconteceo
com o R. Doutor Jeronymo Ribeiro,
Lente de Escriptura na Universidade
de Coimbra, e insigne Prégador do seu
tempo. Estava este Mestre em sua ca-
sa disputando comsigo sobre hum pon-
to de Fé, ao qual dava huma solução
heretica. Entrou nesta occasião o V.
Pa-

Padre, e chamando á parte aquelle Meſtre, lhe diſſe: « Iſſo, em que » V. m. cuida, he hum erro manifeſ» to, lance V. m. fóra eſſe penſamen» to. » Aſſim o confeſſou depois o meſmo devoto Lente. Servio eſtes, e outros acontecimentos de doces attractivos aos coraçoens dos Fieis, e deſpertadores para innumeraveis peccadores adormecidos nas culpas acordarem do ſomno mortal, em que ſe achavaõ, e reſuſcitarem á vida da Graça.

314 No emprego Apoſtolico de ſuas fervoroſas Miſſoens gaſtou naõ menos, que doze annos. Vivia nellas ſempre ſolícito, e inflammado no zêlo da ſalvaçaõ das almas, e converſaõ dos peccadores, ſem jamais ſe eſquecer da Oraçaõ, e aproveitamento de ſeu eſpirito. Elle paſſando as noites com Deos, gaſtava prégando, e confeſſando a maior parte dos dias com os Proximos. Ainda que cheio de benignidade, e caridade com os outros, era ſempre taõ penitente, e auſtéro comſigo, que muitas vezes, poſto que enfermo, e debilitado de forças, naõ deixava o ſagrado miniſterio do Pulpito, e Confeſſionario. Donde ſe attribuia a milagre o vigor, com que prégava, e naõ menos o alento com que vi-

vivia. Desejando elle, que depois de sua morte se conservassem as Missoens Apostolicas em Portugal, e seus Dominios, inspirado por Deos escolheo o Convento de Varatojo, a fim que fosse Casa determinada, Seminario, e Collegio para criaçaõ de Missionarios Apostolicos, e tambem alguns mezes antes da sua preciosa morte deo principio á fundaçaõ do Seminario de Brancanes, como se disse acima, quando em particular se tractou da fundaçaõ de hum, e outro Seminario na primeira Parte desta Historia.

## CAPITULO XXXII.

*Ultima enfermidade do V. P. Fr. Antonio das Chagas, e sua preciosa morte, que teve no Seminario de Varatojo.*

315 QUerendo Deos, Justo Remunerador dar o premio adequado ás fadigas deste seu fiel servo, segundo a nossa pia crença, o chamou para a sua Gloria, mediante muitas conjecturas, e evidencias, que o publicáraõ bemaventurado nos olhos do Mundo. Além de muitas, e varias

mo-

molestias, que padecia nos ultimos annos de sua vida, de novo se sentio acomettido de huma terrivel enfermidade, a qual em sua intensaõ parecendo especie de martyrio, foi taõ prodigiosa, que lhe durou naõ menos, que dous mezes. Quem poderá exprimir o merecimento heroico, e os subidos gráos de gloria, que elle com esta gravissima enfermidade alcançou diante de Deos? Nella exercitou sempre aquelles actos de rarissima conformidade, e heroica paciencia, que se podiaõ esperar de hum fiel servo de Deos, que a cada momento se considerava ás portas da eternidade. Proximo já a sahir do desterro deste Mundo, proferia incessantemente amorosos, e doces Soliloquios a Christo crucificado, que jamais deixou de trazer em sua companhia dentro, e fóra de Varatojo.

316 Empenhou-se a Medicina para restaurar a saude perdida do V. P. Fr. Antonio das Chagas, que se achava gravemente enfermo no seu Seminario de Varatojo. Porém pouco importa, se solicitem allivios corporaes para os Justos, quando Deos quer, que elles padeçaõ trabalhos, e molestias. Seraõ, e ficaráõ entaõ certamente frustra-

tradas todas as fadigas da humana industria, quando o Senhor quizer vêr gostoso pelejar com fortaleza a misera debilidade da natureza, para maior Gloria do mesmo Senhor, e merecimento de seus fieis servos. Mandou o piedoso Rei D. PEDRO II. da Côrte a hum famoso Medico, que visse á Varatojo, para assistir ao V. P. Fr. Antonio enfermo. Ainda que este Sabio, e compassivo Medico applicou todos os esforços do seu estudo para o curar, de nada aproveitáraõ os muitos remedios da Medicina, e caritativa assistencia do mesmo Medico. Nenhum allivio experimentava o V. Padre, mas antes se lhe aggraváraõ tanto as dôres, que inteiramente desesperou a Medicina de seus remedios. Ausentou-se o Medico desconsolado: ficou o doente confórme, e resignado com a vontade de Deos. O Guardiaõ do Seminario, que na caridade, e carinho era o primeiro enfermeiro do V. Padre, ajudado da caritativa industria, e cuidado fraternal de outros Religiosos, que actualmente se achavaõ na assistencia, e companhia do enfermo, jamais o perdia de vista.

317 Corria a enfermidade por instantes com maior aperto. O V. Padre, que

que anciofo defejava vêr-fe com Deos; já de todo livre das prizoens da carne, querendo lucrar todo o tempo em occafiaõ taõ perigofa, cuidou folícito em fortalecer feu efpirito com os foccorros da Religiaõ, e ultimos Sacramentos, que pedio a tempo conveniente. Confeffou-fe no penultimo dia da fua vida varias vezes, naõ obftante ter-fe confeffado muitas em todos os mais dias, como efperando pela morte a cada inftante.

318 Tendo fortalecido o feu efpirito com o Sagrado Viatico, e Sacramento da Extrema-Unçaõ, já com o femblante quafi defunto, e o corpo frio, pedio ao Guardiaõ do Seminario, lhe déffe, como por efmola, hum pobre Habito, e hum lugar humilde no Capitulo para fua fepultura: e logo aproveitando-fe da voz quafi defunta pedio perdaõ á Communidade; e querendo confolar a feus irmaõs, e filhos, que magoados, e chorofos lhe pediaõ a bençaõ com clamores de repetidos fufpiros, elle enternecido de taõ affectuofas demonftraçoens, defejando deixar-lhes, como por herança, inteiro o abrazado efpirito do Seraphico P. S. Francifco, lhes fez efta breve, mas efficaz exhortaçaõ (na qual bem

bem podemos dizer, que cada clausula respira santidade, cada periodo expressa perfeiçaõ Evangelica, cada palavra he hum incentivo de espirito Seraphico, e cada Sentença hum Divino Oraculo.) « Padre Guardiaõ, dizia,
» Irmaõs, Companheiros, e Filhos,
» a Deos, fiquem-se na santa bençaõ,
» e graça do mesmo Senhor. Peço-
» lhes, que naõ chorem, nem sintaõ
» o apartar-me eu da sua companhia,
» porque he vontade de Deos. E por
» amor do mesmo Senhor tambem lhes
» peço, que façaõ muito por guardar
» em tudo a Regra de N. Padre S.
» Francisco, e quatro, ou cinco cou-
» sas mais, que lhes recommendo:
» 1.ª Muito amor de Deos, e do Pro-
» ximo, que he o principal fundamen-
» to de toda a virtude: 2.ª Fraterna
» caridade, que he a alma, e vida do
» estado Religioso, e faz dos claus-
» tros Paraisos terrenos: 3.ª Zêlo in-
» terior da salvaçaõ das almas, fazen-
» do por ellas toda a diligencia pos-
» sivel: 4.ª Muita humildade, humil-
» dade, humildade: 5.ª Muita pobre-
» za, castidade, obediencia, muita
» paz, e uniaõ entre si. »

319 O V. Padre, ainda que desfalecido, e moribundo, com sua rouca

ca voz, e já pegada á garganta, e quasi defunta, queria proseguir a sua ultima exhortaçaõ: porém o Guardiaõ lhe insinuou, que naõ continuasse, fazendo-lhe com mais lagrimas, que palavras, esta enternecida, e saudosa falla, dizendo-lhe na presença da Communidade alli congregada: « Irmaõ, » e Pai nosso, basta, naõ se moleste » mais, que nós esperamos em Deos, » que nos ha de ajudar a observar » pontualmente, quanto nos tem re- » recommendado por palavra, e nos » ensinou com o exemplo da vida. O » que lhe pedimos he, que se lem- » bre deste Seminario, e destes seus » Filhos em Christo, quando se vir em » melhor lugar, do que este em que » nos deixa. Esperamos em nosso Bom » Deos, que será sua Divina Mages- » tade sempre servido, louvado, e » glorificado neste Seminario, confór- » me a nossa profissaõ, e instituto » Apostolico do mesmo Seminario. »

320 Retirou-se parte da Communidade lastimosamente sentida. Achava-se o Seminario em silencio de vozes, mas em ruido de suspiros. Olhavaõ os Religiosos huns para os outros, e pelo rosto triste, e olhos chorosos communicavaõ os sentimentos.

Esta-

Eſtavaõ todos emmudecidos, nenhum tinha lingua para fallar, porque a todos abrangia a cauſa commum de tanta pena. Naõ cabe em ponderaçaõ humana a deſconſolaçaõ de Filhos taõ amantes com a perda de tal Pai. Cada hum banhado em lagrimas, envolta a voz em ſoluços, e ſuſpiros ſe recolhia á ſua cella, ſendo em todos geral o pranto. Se algum ſahia a ſaber, em que eſtado ſe achava o enfermo, encontrava novos motivos para o ſentimento. Augmentava-ſe mais, e mais a dôr com a lembrança, de que com a morte do ſervo de Deos perdiaõ Pai, Companheiro, Irmaõ, Meſtre, Amigo, Director, allivio, conſolaçaõ, fundador do Seminario, e todo o ſeu bem abaixo de Deos.

321 Quem poderá pois exprimir os gemidos, tranſportes, e enternecidos ais dos ſeus Companheiros, quando o viaõ ſem eſperanças de vida, já moribundo ás portas da eternidade? Que diriaõ elles em ſituaçaõ taõ triſte? Diriaõ enternecidos, e ſaudoſos: venturoſo, e ſanto Padre, vós, que ſahís deſte deſterro, ides gozar do premio de voſſos trabalhos, commutando a pena em gloria infinita: porém que ſerá de nós, que ficamos neſte deſampa-

pa-

paro ſem vós, como Filhos ſem Pai, como ovelhas ſem Paſtor, como diſcipulos ſem Meſtre, como pupillos ſem Tutor? Como acertaremos a dar paſſo no caminho da perfeiçaõ Evangelica, ſe nos falta a luz, que nos allumiava; conductor, que nos guiava; exemplo, que nos enſinava? Ai! Que ſerá deſta tenra Familia, que tanto no berço lhe falta o abrigo de tal Pai? Que faremos ſem ti, gloria do verdadeiro zêlo Evangelico: a quem recorreremos nós para allivio das noſſas fadigas, para conſolo em noſſas tribulaçoens, para conſelho em noſſas dúvidas, e para luz em noſſas ignorancias? Ai! Que ſerá de nós.

322 Pedio o V. Padre já moribundo, e agonizando a ſeu Confeſſor Fr. Luís de S. Ignacio, que lhe déſſe o Santo Chriſto, que ſempre nas Miſſoens lhe tinha ſervido de Companheiro. Abraçado logo com o Senhor gaſtou parte da noite repetindo de quando em quando fervoroſas Jaculatorias, amoroſos Actos de amor de Deos, e de Contriçaõ, como tambem de Fé, de Eſperança, e conformidade, dos quaes ainda em tempo de ſaude coſtumava uſar. Pelas onze horas da noite moſtrando-ſe mais alentado forcejou para

ra ſahir da cama, e lançar-ſe no chaõ, a fim de morrer nelle á imitaçaõ do Seraphico P. S. Franciſco. Porém acodindo o ſeu Confeſſor lhe embaraçou eſta reſoluçaõ, mandando-lhe, que ſe deixaſſe eſtar. Elle, que naõ ſoube dar paſſo ſem obediencia, obedecendo ſe privou do ſeu deſejo, mas naõ do merecimento deſte ſacrificio. Pouco depois levantando a voz diſſe alegre: « Deixem-me ir com eſtas almas, que » aqui eſtaõ, para onde ellas me que» rem levar. » Quaſi ſimilhante caſo refere o Cardeal Baronio em ſeus Annaes, de que eſtando os eſpiritos infernaes muito ufanos, quando ſe achava certo Abbade para expirar, dizendo: « O Abbade he noſſo, o Abbade he noſſo. » Logo vindo o Anjo Cuſtodio com oito mil almas, que eſte Abbade ajudára a ſalvar, as quaes mandadas por Deos depois de aſſiſtirem á precioſa morte de ſeu Bemfeitor, o acompanháraõ ao Céo *. Ora empregando-ſe o V. P. Fr. Antonio das Chagas com zêlo infatigavel depois de Miſſionario na converſaõ das almas, piamente podemos crêr, que Deos mandaſſe a muitas dellas, que



* *Bar. An.* 716.

viessem assistir na morte do seu fiel servo, e acompanha-lo em triunfo á Gloria. Eu nada disto duvído, mas duvído da piedade dos que o puserem em dúvida.

323 Abraçado o V. Padre com o seu Santo Christo, repetia fervoroso actos do seu amor, dizendo com S. Paulo: Desejo, Senhor, desatar-me das prizoens da carne, e estar comvosco. Entrou em fim na ultima batalha animoso o V. P. Fr. Antonio das Chagas, este Heróe, que hia trocar a vida pela victoria a 20 de Outubro do anno de 1682, em huma Sexta feira pelas seis horas da manhã, quando mesmo estavaõ os Religiosos no côro recitando o verso da hora de Prima, que diz: « He preciosa na vista de Deos a morte de seus Santos. » Entaõ foi que se fez signal á Communidade, de que elle entrava em artigo de morte. Acodindo todos os Religiosos em Communidade acharaõ-o já sem falla, mas com plena advertencia, olhando alegre de quando em quando para o Santo Christo. Naõ parecia que agonizava, senaõ que dormia, sem se estremecer a natureza com a vista da morte.

324 Puseraõ-lhe na maõ huma vela

la, ſignificativa da verdadeira Fé, em que tinha vivido, e morria. Tambem elle meſmo recommendára no dia antecedente, que, quando ſe achaſſe em artigo de morte, lhe recitaſſem o Symbolo da Fé de S. Athanazio. Nas primeiras palavras deſte Symbolo da Fé, que os Religioſos hiaõ dizendo, levantou elle os olhos alegre entre triſtes, riſonho entre choroſos; e deixando logo cahir os braços em cruz, entregou ſeu eſpirito placidamente ao Senhor em cheiro de ſantidade na idade de cincoenta e hum annos, tres mezes, e vinte dias. Viveo na Religiaõ vinte annos, cinco mezes, e dous dias. Entrou nella aos trinta annos, dez mezes, e dezoito dias de idade. Exercitou o emprêgo de Miſſionario os ultimos doze annos de ſua vida. A ſua robuſta conſtituiçaõ, antes de enfermar, promettia larga duraçaõ. Porém Deos por ſeus inexcrutaveis Juizos quiz levar neſta idade a ſeu fiel ſervo: aſſim como quaſi na meſma idade tinha levado aos Doutores Angelicos, e Seraphico, e ao grande S. Franciſco de Sales. Por tudo ſeja louvado o meſmo Senhor.

## CAPITULO XXXIII.

*Continúa a noticia da precioſa morte, enterro, e fama poſthuma da ſantidade, e milagres do V. P. Fr. Antonio das Chagas.*

325 MOrreo em fim o V. P. Fr. Antonio das Chagas, mas parece que naõ morreo, porque ſe naõ vio nelle geſto algum, que olhaſſe com deſagrado para a cruel Parca; pois na verdade elle eſtava bem com a morte, e ainda namorado della. Antes de ſe deſatar ſeu eſpirito parecia, que ſeu corpo tinha entrado em ſaboroſo ſomno. Ficou ſeu roſto ſem ſe lhe mudar a côr, e ſem aquella pallidez, que cauſa a morte, taõ formoſo, taõ alvo, e taõ bello, que parecia vivo. Aſſim como pelas auſencias do Sol fica a terra melancolica, e ſepultada nos horrores da noite; da meſma ſorte ficou a Communidade, e Seminario de Varatojo, quando em o occaſo da morte ſe lhe tranſpoz o Sol da ſua doutrina em ſeu glorioſo fundador, a cujas luzes devia toda a ſua formoſura, e de cujas influencias tinhaõ procedido os

ad-

admiraveis effeitos das Miſſoens do meſmo Seminario. Já o V. P. Fr. Antonio das Chagas terminou a carreira de ſeus dias, falleceo, pagou o tributo indiſpenſavel á morte. Oh! Quem pudéra exprimir o ſentimento, a ſaudade, e o enternecido pranto dos que ſe achavaõ preſentes ao ſeu tranſito? Que demonſtraçoens ſe naõ admiráraõ? Apenas elle expirou, logo todos dobráraõ os joelhos, buſcando reverentes aquelle veneravel cadaver, naõ tanto para rogarem a Deos por ſua alma, como para ſe encommendarem á interceſſaõ poderoſa do meſmo V. P. para com o meſmo Senhor, em cuja viſta o conſideravaõ; e ſem poderem reprimir aquelle culto anticipado, achando-ſe movidos de hum ſecreto impulſo, que quaſi os conſtrangia á veneraçaõ, e a banharem em copioſo pranto o cadaver venturoſo do V. Padre.

326 Em quanto de huma parte ſe eſcutava hum ai, hum gemido, e hum eloquente ſoluço, que paſſava entriſtecendo o ouvido; da outra parte ſe ouviria alguma voz conſoladora, capaz de alegrar naõ ſó todo o Seminario, e toda a terra, mas todo o Ceo, dizendo: Vai-te em paz, eſpirito ditoſo, que ſóbes por verêdas de luz ao

Em-

Empyreo, e bem te pódem ſaudar os aſtros hum a hum pelo caminho. Vai-te em paz, Heróe victorioſo, que deixas ſemeado de troféos o Mundo, e ainda has de encontrar com os ramos de teus laureis, porque tem creſcido muito. Vai-te em paz, alma grande, que já deixas immortal teu nome ſobre a terra; e ſe á fama lhe faltaſſe bronze, cada arvore em Portugal teria voz, cada arêa do Tejo grito, cada bairro, e monte de Lisboa écco para inceſſantemente o publicar. Vai-te em paz, que em teu meſmo cadaver fica baſtante arôma para embalſamar a tua fama. Vai-te em paz, venturoſo, e ſanto Padre Fr. Antonio das Chagas, vai-te em paz, que ainda que pudeſte arrancar teu eſpirito deſſe corpo terreno, jámais poderás arrancalo da noſſa memoria, nem ainda do noſſo peito.

327 Tendo os Religioſos do Seminario de Varatojo deſafogado em lagrimas ſeu juſto ſentimento na morte do V. P. Fr. Antonio, conduzíraõ o ſeu veneravel cadaver á Igreja para lhe fazerem o funeral. As demonſtraçoens pias, e commoçaõ terna dos póvos na morte precioſa dos Juſtos, tem ſido ſempre obſervadas como teſtemunho cer-

certo de ſua ſantidade, e como efficaz argumento da ſua gloria. As demonſtraçoens do mais vivo ſentimento, e a grande commoçaõ, que houve na Villa de Torres Vedras, no lugar do Trucifal, e viſinhanças de Varatojo, logo que ſe ſoube do fallecimento do V. P. Fr. Antonio das Chagas, foraõ iguaes ao creſcido credito, e glorioſa fama, que lhe negociáraõ em vida ſuas heroicas virtudes. Tanto que ſe ouvio a voz, de que fallecêra o V. P. Fr. Antonio, corrêraõ a Varatojo naõ ſó o povo plebêo das viſinhanças do Seminario, mas o Clero, Nobreza, e Miniſtros de Torres Vedras; e tambem as Communidades de S. Agoſtinho da meſma Villa, e dos Religioſos do Convento do Barro da Santa Provincia da Arrabida, e alguns Religioſos de S. Jeronymo, e do Moſteiro de S. Vicente de Fóra de Lisboa, que neſſa occaſiaõ ſe achavaõ em Torres Vedras.

328 Apenas falleceo o V. P. Fr. Antonio das Chagas, ſe eſpalhou por toda a parte a fama, e opiniaõ de ſua grande ſantidade; e começou logo a reſplandecer em milagres. Por elles quiz Deos moſtrar, que fôra precioſa na ſua preſença a morte deſte ſeu fiel ſer-

ſervo. Taõ numeroſo povo concorreo á Igreja de Varatojo, que foi neceſſario auxilio dos Miniſtros Regios para contêr alguma deſordem da indiſcreta devoçaõ, que ſe arrojava a venerar o cadaver do ſervo de Deos, e a deſpedaçar-lhe o Habito; por ordem dos Miniſtros, e a rogo do Guardiaõ do Seminario, ficáraõ Officiaes de Juſtiça na Igreja guardando o veneravel cadaver por todo o dia, e noite até o dia ſeguinte, em que ſe lhe deo ſepultura no Capitulo do meſmo Seminario. Nem ainda aſſim ſe pudéraõ impedir os piedoſos roubos, que ſe fizeraõ ao veneravel cadaver, que quaſi o deixáraõ nû, cortando-lhe o Habito até os joelhos. Neſtes retalhos, e outras prendas do ſervo de Deos deſcobrio a Fé, e devoçaõ de muitas Peſſoas huma univerſal Medicina, achando por experiencia nellas virtude para ſe curarem todas as enfermidades. Eſcreveremos aqui alguns deſtes caſos, que ſe reputaõ milagroſos. Naõ menos, que ſeis Peſſoas foraõ livres da morte eſtando já ameaçadas do ſeu cutélo. Hum aleijado alcançou ſaude perfeita. Huma mulher furioſa, e louca, immediatamente recobrou o ſeu juizo. Dous enfermos gotoſos: ſeis de incha-

ços

ços, e temores grandes: hum de dôr de pedra: outro de hum accidente: dous de febres agudas, dez de varias dôres, e outros muitos enfermos alcançáraõ ſaude, e allivio por interceſſaõ do V. P. Fr. Antonio das Chagas *. Eſtes caſos foraõ inceſſantes Pregoeiros da virtude, e ſantidade do meſmo ſervo de Deos, como conſta da ſua vida, eſcripta pelo R. P. Manoel Godinho.

329 Deixo de eſcrever outros muitos caſos prodigioſos, que a piedade de muitas peſſoas, a quem ſuccedêraõ, reputou milagres, que Deos obrou por interceſſaõ de ſeu ſervo V. P. Fr. Antonio, porque tenho para mim, que o maior milagre, que delle ſe póde dizer, he a ſua virtuoſa, e prodigioſa vida. Mas naõ devo deixar em ſilencio, o que me aſſeverou certo homem Official de Carpinteiro, que ainda vive nas viſinhanças do Seminario de Varatojo. Achando-ſe eſte homem quaſi tolhido do corpo, como ferido de eſpecie de eſtupôr, ſem podêr trabalhar, foi com viva Fé, quaſi de raſtos apegado a humas mulêtas á ſepul-

* *Godinho na vida do V. P., e Fr. Fernando da Soled. Chron. t. 3. n. 560.*

pultura do V. P. Fr. Antonio das Chagas, alli pedio a Deos ſaude por intercessaõ do ſeu ſervo Fr. Antonio, ficou totalmente ſaõ, depoz as mulêtas, e continuou a trabalhar ſem moleſtia, taõ vigoroſo, como ſe achava antes de ſer acomettido daquella terrivel moleſtia. Deo graças ao Senhor Deos das Miſericordias, o qual ſempre foi, e ſerá louvado em ſeus Santos.

330 As Exequias, e Officio do corpo preſente do V. P. Fr. Antonio das Chagas, ſe continuáraõ a ſolemnizar com a maior pompa, que permitte a Regra do Patriarcha dos pobres S. Franciſco. Os Religioſos do Seminario, como mais intereſſados, que eraõ na conſervaçaõ, e vida do V. P. Fr. Antonio, foraõ os que mais vivamente ſentíraõ a ſua morte. Elles na lembrança de que faltando-lhes o ſeu fundador, lhes faltava a alma do Seminario, a conſolaçaõ de ſuas triſtezas, o remedio de ſuas enfermidades eſpirituaes, o aſylo de ſuas tribulaçoens, o Meſtre de ſuas dúvidas, e exemplo de ſuas vidas, ſe achavaõ mais ſenſivelmente magoados, e traſpaſſados de dôr, a qual jamais podiaõ disfarçar. Cantavaõ, e choravaõ juntamente. Era o ſeu canto lúgubre, ſempre miſturado com lagrimas, e pranto.

331 Viaõ-ſe com tudo confundidos ao meſmo tempo contrarios affectos de ſentimento, e de gozo, ſegundo os motivos, que occorriaõ á conſideraçaõ, já de ſegurança da gloria do ſervo de Deos, já da falta de tanto bem. Em todos eraõ as lagrimas communs com indifferença, ou de dôr, ou de alegria. Entaõ viaõ, e admiravaõ os Eſpectadores deſta lúgubre ſcena, todos enternecidos, que de perto, e de longe naõ deixavaõ de correr a Varatojo devotas tropas de gente com ramos, e velas nas maõs, chorando ao V. P. Fr. Antonio das Chagas, como a defunto; e venerando-o, e invocando-o, como a Santo. Eſte geral conceito, e opiniaõ de ſantidade do ſervo de Deos, ſe fundava nas ſuas heroicas virtudes, de que foi teſtemunha todo o Portugal.

332 Concluido o funeral do V. Padre ſe meteo ſeu cadaver em hum caixaõ de madeira, e ſe depoſitou em huma ſepultura do Capitulo do Seminario de Varatojo, onde nunca ſe tinha enterrado corpo algum, nem ainda de Religioſo. Fica a ſepultura no meio do Capitulo, mas em pouca diſtancia do ſeu Altar. Tem por cima huma campa grande de marmore primoroſamente lavrado, na qual ſe mandou

a-

abrir ao buril huma eſtrella, que fica na parte da campa mais proxima ao Altar; e no meio da meſma campa ſe acha a inſcripçaõ ſeguinte: « Aqui deſ- » cançaõ as cinzas do V. P. Fr. Antonio » das Chagas, Miſſionario Apoſtolico, » Inſtituidor deſte Seminario. Falleceo » a 20 de Outubro de 1682. »

333 Tem-ſe conſervado com tanta veneraçaõ as cinzas do V. P. Fr. Antonio, e com tanto reſpeito, que jámais ſe permittio foſſe enterrado na ſua ſepultura outro algum corpo. Como tambem ſe naõ tem permittido, que Religioſo algum do Seminario, nem ainda Guardiaõ aſſiſta na cella, em que viveo o ſervo de Deos, que he pouco maior, que a ſua ſepultura, pois naõ tem de largo ſenaõ dez palmos, e he a que da parte do Norte fica mais proxima á enfermaria do Seminario. Apenas ſe paſſa dia, que os Religioſos ſe naõ vaõ proſtrar aos pés da campa, que cobre os oſſos do V. P., recitando ahi o Padre Noſſo, ou fazendo alguma ſúpplica a Deos por interceſſaõ do ſeu ſervo o P. Fr. Antonio. Nem eſta eſpecie de veneraçaõ, ou culto particular ſe oppcem aos Decretos Pontificios, ſegundo o que ſabiamente deixou eſcripto a Santidade de

de BENEDICTO XIV. na ſua Obra de Beatificaçaõ.

334 Sepultado o veneravel cadaver do P. Fr. Antonio, ſe recolheo o Guardiaõ, e Religioſos ás ſuas cellas, dando, feridos do mais vivo ſentimento em ſuſpiros, e pranto, juſta ſatisfaçaõ a ſeus nobres affectos. Suſpiravaõ magoados, choravaõ doridos, e ſe lamentavaõ ſaudoſos. Mitigavaõ porém a ſua dôr, e ſaudade com a lembrança, de que ſendo a morte tributo indiſpenſavel de toda a humanidade, e termo de trabalhos, quando ella he precioſa nos olhos do Senhor, qual tinha ſido a do V. P. Fr. Antonio, elle em premio de ſuas virtudes, já no Céo, diante de Deos, onde o conſideravaõ, lhes poderia ſervir de efficaz Protector, ainda mais do que em vida mortal.

335 Se conſerváraõ ſempre, e ainda ſe conſervaõ os oſſos do V. P. Fr. Antonio das Chagas no meſmo lugar, e ſepultura, em que ſe depoſitáraõ, á excepçaõ de hum queixo debaixo, que lhe falta, e ſe julga foi piedoſo roubo, que fizeraõ os Religioſos de Brancanes, que de Varatojo paſſáraõ para aquelle Convento, quando ſe inſtituio novo Seminario, ſeparando-ſe da depen-

pendencia, e ſujeiçaõ do Seminario de Varatojo no anno de 1711, elegendo-ſe em ſeu primeiro Guardiaõ neſte meſmo anno o P. Fr. Manoel de Maçaõ, como deixo eſcripto neſta primeira Parte deſta Hiſtoria.

336 Funda-ſe eſta conjectura do piedoſo roubo, ſó do queixo debaixo do V. Padre, no que achei eſcripto em hum livro de lembranças manuſcripto do memoravel Irmaõ Fr. Boaventura da Conceiçaõ, filho do meſmo Seminario de Varatojo, onde morreo em cheiro de ſantidade, do qual ſe fará honorífica memoria mais adiante. Neſte livro pois em quarto ſe diz o ſeguinte: « (*pag. mihi* 21.) Hoje Quar-
» ta feira 12 de Fevereiro de 1744
» ſe abrio a ſepultura do noſſo V. P.
» Fr. Antonio das Chagas, a que aſ-
» ſiſtio a Communidade, ſendo Guar-
» diaõ Fr. Manoel da Mãi de Deos,
» e o R. Prior de S. Pedro, Vigario
» da Vara, por ordem do Eminentiſſi-
» mo Senhor Cardeal Patriarcha, com
» o R. Prior da Graça, e Guardiaõ do
» Barro com parte de ſuas Communi-
» dades, e muita gente, e Nobreza de
» Torres Vedras, e ſeu termo. Acha-
» raõ-ſe no caixaõ, em que o dito
» V. Padre foi ſepultado havia ſeſſen-

» ta

„ ta e dous annos, os ſeus oſſos to-
„ dos organizados com bom cheiro:
„ excepto o queixo debaixo, cujo
„ roubo fizeraõ os noſſos Irmaõs, que
„ deſte ſanto Seminario foraõ muda-
„ dos para o Seminario de Brancanes,
„ antes da ſua partida . . . Eu Fr. Boa-
„ ventura da Conceiçaõ, Religioſo
„ deſte Seminario, fui o que tive a
„ dita de abrir a ſepultura, e tirar o
„ que nella ſe achou, com outro Re-
„ ligioſo chamado Fr. Joaõ da Cruz.
„ E aos 30 de Março do dito anno
„ ſe depoſitáraõ os oſſos do meſmo
„ V. Padre em hum caixaõ forrado de
„ ſeda roxa, fechado com huma cha-
„ ve; e ſellado ficou no meſmo ſitio
„ do Capitulo, onde eſtava ſepulta-
„ do. „

337 Naõ obſtante eſte teſtemunho a reſpeito do roubo do queixo do V. Padre attribuido aos Irmaõs do ſanto Seminario de Brancanes, ſe me offerece dúvida, de que taõ precioſo theſouro ſe conſerve ainda no meſmo ſanto Seminario. Pois eſcrevendo o R. P. Fr. Manoel das onze mil Virgens a Hiſtoria, ou noticia do meſmo exemplariſſimo Seminario, ſendo nelle Guardiaõ no anno de 1745, e ſuppondo na mencionada Hiſtoria como certo,

que

que o corpo, e Reliquias do V. P. Fr. Antonio ſe achaõ em Varatojo, naõ faz mençaõ alguma nella do dito queixo, nem de outra alguma Reliquia, que ſe trasladaſſe do Seminario de Varatojo para o de Brancanes *.

338 Bem poderia com tudo algum Religioſo particular conſervar em ſeu podêr eſta Reliquia, ſem della ſer ſciente o Prelado, quando eſcreveo a ſua Hiſtoria: ou ter-ſe já neſte tempo diſtribuido taõ precioſo theſouro (ſem conſideraçaõ de tamanha perda) com algum ſingular Bemfeitor do Seminario da Villa de Setuval, pois nella tinha aſſiſtido o V. Padre em Secular, Religioſo, e Miſſionario fazendo Miſſaõ, e por iſſo nella venerado como Santo. Pois como ſe diſſe acima, ainda que os Moradores de Setuval víraõ em ſuas praças a Antonio Soares pouco Chriſtaõ, dominado do eſpirito do Seculo, oſtentando vaidades, tambem ouvíraõ, e admiráraõ depois convertido á Graça, mudado, penitente, Religioſo, e Miſſionario prégando penitencia, e deſenganos com a voz, e com o exemplo. Víraõ que quando elle apparecia na Cadeira da ver-

* *Num.* 13. *p.* 15.

verdade, qual outro Paulo, longe de ſe buſcar a ſi, e louvores terrenos, elle ſó buſcava a Gloria de Deos, e o aproveitamento das almas em Jeſu Chriſto, ás quaes inculcando eſpirito, e virtude, inſtruia ſempre nas maximas do Céo, e verdades eternas. Viraõ finalmente, que elle ſe deliberou fundar tambem Seminario junto daquella devota Villa. Ora tudo iſto concorria, para que os Moradores da dita Villa, agradecidos a ſeu Bemfeitor taõ illuſtre, lhe tributaſſem veneraçoẽs, e ſolicitaſſem alguma couſa do ſeu uſo para a conſervarem, como precioſa Reliquia de hum grande Santo. Aſſim o julgavaõ elles ainda em ſua vida.

## CAPITULO XXXIV.

*Elegia, ou lamentaçaõ, com que no retiro de Varatojo chorava confuso o V. Chagas os deslizes de Secular, e os descuidos de Religioso. E noticia summaria, ou itinerario breve da vida, Missoens, e morte do mesmo V. Padre, que se achava em Varatojo, quando fez a Deos a seguinte*

### *ELEGIA.*

339 NEsta escondida, e muda soledade,
De cujas sombras a melhor pintura
Só consiste em huns longes da vaidade;
Aqui onde a Celeste Architectura
Mais quadros pôs da summa Omnipotencia,
Mais copias fez da immensa formosura;
Quero, meu Deos, levado da infl encia,
De cuja luz o resplandor me cresce,
Chorar a que amei sôbra em vossa ausencia.
Agora pois, que n'alma me amanhece,
Rompendo o Sol da Graça a noite escura,
Com que a morte da culpa me adormece:
Nesta de meus delictos espessura,
De quem espelho he vivo, e morto espanto,
Essa agoa, e lume que em meus olhos dura:

Sa-

Sahaõ a ser do coraçaõ quebranto,
Cada lagrima feita hum mar de penas,
Desfeito cada hum ai n'hum mar de pranto.
Ponhaõ-se a hum canto as loucas cantilenas,
Com que escolhendo sempre a peor parte,
Tantas fiz ao delicto Magdalenas.
Tambem deponha os timbres vaõs de Marte,
E as insignias de Amor, que tem mais gloria
Seguir eu vosso amor, vosso Estandarte.
Seja vosso trofeo minha victoria,
Pois só de Vós, meu Deos, hoje tomára
Trazer o amor, e as armas na memoria.
Oh! Se eu, para que em tudo vos amára,
Mais, que estrellas o Céo, almas tivera;
Mais, que arêas o mar, vidas lográra!
Se eu das hervinhas coraçoens fizera,
Olhos das luzes, e das flores braços;
Se as azas foraõ, como folhas d'hera!
Se foraõ para dar-vos sempre abraços
Destes bosques, meu Deos, onde me elevo;
Os ramos corpos, e as folhinhas laços!
Todos, e muito mais, que na alma escrevo;
Fora pouco; medindo o que me inflammo,
Nada fôra, contando o que vos devo.
Se annos foraõ as horas, que vos amo;
Se seculos os dias, que vos quero;
Se eternidade o tempo que vos clamo:

Se hum Céo fôra de amor meu peito fero;
Se mil mundos de fé meu gosto errante;
Se mil mares de dôr meu pranto austéro;
Inda assim, meu Senhor, meu doce Amante,
Julgára o ser eterno hum só minuto,
Os annos ponto, os seculos instante.
Sinta pois de meus olhos nunca enxuto
O mar, ter-vos negado á Magestade
Feudos a vista, as lagrimas tributo.
Sinta vêr, que tal foi minha maldade,
Que inda vos faz mais fino acatamento
O ar, o monte, o rio, a soledade.
As mais pobres hervinhas cento a cento
Louvando-vos, meu Deos, no altar do prado,
De esmeraldas vos poem rico ornamento:
Mostra-se o ar em Córos desatado,
Logo que o Sol madruga, agradecendo
Dares-lhe luz para o louvor sagrado.
Vem pelas serras o crystal descendo,
Como saltando de prazer, porque olha,
Que vos vai tudo festas mil fazendo:
E sem que á planta, ou pédra a voz se tolha,
Os tons do ar repete cada penha;
Ao som do vento baila cada folha.
Tudo parece, que em louvar se empenha
Esse Divino Amor, que nos deo tudo,
Bem q̃ este Bem por varias maõs nos venha.

Eu

Eu ſó com peito, mais que os montes, rudo,
Eu ſó com alma, mais que as feras, fera,
Eſtou dormindo no mortal deſcuido.
Ergue-ſe o Sol, acorda a Primavera,
E elevando-ſe em Vós cada qual delles
Flor a flor, raio a raio, vos venéra.
De côres mil pintando eſte, e aquelles
Quadros, ſe o Sol das nuvens he Timantes,
Abril dos campos ſe preſume Apelles.
Eu ſó em fim com paſſos ſempre errantes,
Mude, ou faça de côres o delicto,
Lhas dou muito peor, do que era d'antes;
Pois ſendo aos olhos cada viſta hum grito,
Nelles tudo he fugir da voſſa Gloria,
Tudo morrer pelo manjar do Egypto.
Oh liberdade cega! Oh vil memoria!
Que encarceradas neſtas vãs paredes,
Fugis de dar ao Céo huma victoria!
Oh miſeros mortaes, como naõ vêdes,
Que pertendem colhêr voſſas emprezas
N'huma ſó concha o mar, o vento em redes!
Se amais do Mundo as loucas gentilezas,
Como andais na razaõ tanto ás eſcuras,
Que a Deos naõ dais a origem das bellezas?
Reflexos ſaõ de ſuas luzes puras
As eſtrellas do Céo, do campo as flores,
A luz do Sol, do Mundo as formoſuras.

Naõ

Naõ tremóla no ar com varias côres
  Tanto penacho, esse esquadraõ volante,
  Só para que enfeiteis vossos furores.
Valles, naõ gosta a differença errante
  De tanto bruto, só para esse empenho
  De servir vosso escandalo arrogante.
Naõ piza as ondas tanto armado lenho
  Só para o fim de passear, da Aurora
  Até o occaso, o vosso vaõ desenho.
Mas sim para obrigar-nos, quem o ignora?
  Mandou Deos, que nos ama immensamente,
  Lavrar a Ceres, produzir a Flora.
Obedecendo ao braço Omnipotente,
  Prata, e ouro nos deo Monomotápa,
  Rubins Ceilaò, diamantes o Oriente.
Para este fim rasgando a negra capa
  Do cáos escuro, do embriaõ primeiro
  Sahio á luz de todo o Mundo o mappa.
E só para isto em fontes o ribeiro,
  Que em prata leva ao mar varios tributos,
  De entre os penhascos se soltou ligeiro;
E observando os eternos Estatutos,
  Para este fim nos deo o ar alentos,
  Prata o mar, ouro o fogo, a terra fructos:
Fez para nos servir os elementos,
  Para via, de hum Mundo o largo espaço,
  Para patria os luciferos assentos.

E

E o nosso error ingratamente escaço,
Até do recebido naõ se atreve
Satisfazer ao menos c'hum só passo.

Nasce nos montes o regato breve,
E a pezar da aspereza em que se cria,
Tributa ao Deos do mar a undosa neve.

Nasce feroz na tosca penedia
A Imperatriz das aves soberana,
E adora ao Sol, porque lhe trouxe o dia.

Nasce nas serras da espessura Hyrcana
O Tigre cruel, e a quantos o alimentaõ,
Agradecido mostra, que se humana.

Nestas finezas só, quando as ostentaõ,
Vemos, que a aguia, tigre, e ribeirinho
O leve, atroz, e despenhado augmentaõ.

Mostra aos filhos do Sol a aguia o caminho,
E áquelle que naõ ficta nelle os olhos,
Converte em tumba amarga o doce ninho.

Se de seu rude alvergue entre os pimpolhos
Offende o tigre as maõs da Providencia,
Sobre pizar espinhos, passe abrolhos.

Vejo tambem na liquida affluencia,
Com que chora esta fonte o vêr-se ingrata,
A quem lhe deo a crystalina essencia.

Parece, que no pranto se dilata
Em rasgando as entranhas de hum penedo,
De quem nascêra vibora de prata.

Eu

Eu ſó, meu Deos, nos cegos laços quêdo,
  Eu ſó, meu Deos, nos torpes vicios mudo,
  Quando ainda prezo eſtou, vivo taõ lêdo.
Raſgue-ſe pois, Senhor, de hum peito rudo
  O pedernal em lagrimas ferido,
  Acceſo em châmas de hum tormento agudo.
Solte-ſe dos nós cegos de Cupido
  Com mil nós na garganta eſte amor cego,
  Para Vós taõ vendado, e taõ vendido.
E ſendo Vós, meu Deos, meu doce emprêgo,
  Moſtre eu já no banquete deſſa Graça,
  Que os pés tambem com lagrimas vos rego.
Será tamanha dôr, que na alma naſça,
  Que em mim ſe veja, que em cada ſuſpiro,
  Quando voſſa naõ he, ſe deſpedaça.
Veja-ſe em cada hum ai, com que vos tiro,
  Que pois tirando eſtou morto na magoa,
  Que ás covas de meus olhos me retiro.
E conhecendo deſte amor a fragoa,
  Conheçaõ todos deſte ardente impulſo,
  Que eſtou desfeito em fogo aceſo em agoa,
  Sem vida o alento, o coraçaõ ſem pulſo.

340 Eſte Real Convento de Varatojo, que, como ſe diſſe acima, foi fundaçaõ do grande Rei D. AFFONSO V., contava mais de dous Seculos, quando nelle entrou o V. P. Fr. Anto-

tonio das Chagas. Porque teve ſeu princípio no anno de 1470, e o começárão a povoar no de 1474 os Religioſos da Santa Provincia de Portugal, debaixo de cuja juriſdicção ſe conſervou ſeſſenta e dous annos, contando-os deſde a ſua fundação até ô de 1532, em que ficou na Santa Provincia dos Algarves, quando eſta ſe dividio, ou naſceo daquella. Gozou-o a Provincia dos Algarves por tempo de cento e trinta e ſeis annos até o de 1680, em que largou eſte Convento ao V. P. Chagas, prezado filho da meſma Santa Provincia, para o inſtituir Seminario de Miſſionarios Apoſtolicos immediatamente ſujeito ao Geral de toda a Ordem dos Menores, com approvação, e conſentimento do meſmo Geral, que então era o V. P. Fr. Joſé Ximenes Samaniego, com Beneplacito Regio, e Breve do Santo Padre Innocencio XI. paſſado em Roma a 23 de Novembro de 1679, que ſe deo á execução no anno de 1680. Logo que o Veneravel Fundador tomou poſſe do Seminario com ſeus Companheiros, deo princípio á vida Evangelica, e Apoſtolica, que tinha ideado com tal fervor no exercicio das virtudes, e com tão ſingular zêlo da ſal-

ſalvaçaõ das almas, que com brevidade em todo o Reino, e fóra delle grangeáraõ univerſalmente ao V. Padre, e a ſeus Companheiros admiraveis créditos, e elogios, pelos prodigioſos fructos, que faziaõ com ſuas fervoroſas Miſſoens, naõ havendo terra neſte Reino, em que ſe naõ fizeſſe célebre o Seminario de Varatojo. Darei aqui huma breve noticia, ou itinerario do V. P. Chagas, e de ſuas Miſſoens.

341 Naſceo no anno de 1631, tomou o Habito de S. Franciſco em idade de trinta e hum annos naõ completos no Convento d'Evora em Maio de 1662. Concluidos na Religiaõ os eſtudos de Philoſophia, e Theologia, começou no emprêgo de Commiſſario da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia a prégar na Cidade d'Evora no anno de 1670. Paſſou a Caſtella a exercitar-ſe a prégar Apoſtolicamente. Voltando a Portugal já com licença, e Patente do Commiſſario Geral da Ordem, fez a ſua primeira Miſſaõ no Biſpado d'Elvas. Por outra Patente do Geral da Ordem Fr. Joſé Ximenes teve licença para prégar, naõ ſó em Portugal, e ſeus Dominios, mas nos Reinos de Heſpanha com os Companheiros,

ros, que lhe parecesse. No ultimo de Abril de 1672 foi chamado do seu Prelado á Côrte para negocio do serviço de Deos. Pedíraõ entaõ as Religiosas da Madre de Deos ao Provincial, que permittisse a Fr. Antonio das Chagas ir confessar aquella Communidade. O Provincial, ainda que desejava annuir á Petiçaõ taõ justa daquellas Religiosas, deixando com tudo no arbitrio, e vontade do servo de Deos confessa-las, elle se escusou, dizendo: « Parece-me ser mais do a» grado, e serviço de Deos ir tirar » almas prezas, metidas, e perdidas » nas occasioens dos peccados, do que » deter-me, onde he menos necessa» rio. » Passou a Setuval, onde prégou por espaço de hum mez. De Setuval foi acompanhar com a Missaõ do Illustrissimo D. Joaõ de Mello, Bispo d'Elvas na visita de todo o seu Bispado. Acabada esta visita, e Missaõ, passou a Monte-Mór o novo, onde acomettido de huma gravissima enfermidade, correo voz, que era morto. Convalescido, missionou todas as terras do Alemtejo, onde gastou o anno de 1672, e 1673. Aqui, supposto, que no princípio experimentou algumas contradicçoens, ellas depois se convertê-

têraõ todas em honras, elogios, e applausos do servo de Deos pelos maravilhosos fructos, que fazia em toda a parte com sua Missaõ Apostolica. Fortuna he esta da virtude, que posto tenha vesperas tristes, os dias sempre saõ alegres, e plausiveis. Como ella em si he amavel, sempre a vem a amar huns mais cedo, outros mais tarde.

342 No anno de 1674 prégou a Quaresma em Setuval, e na semana de Paschoa veio á Côrte chamado do seu Prelado. Fez algumas Práticas espirituaes no Convento da Madre de Deos, e persuadindo-lhe, que prégasse na Côrte, respondeo, que entendia naõ ser ainda vontade de Deos. Partio para Sacavem, onde fez alguns Sermoens. Dalli passou a Benavente, cujos Moradores enredados com facçoens, parcialidades, e grandes odios por muito tempo até alli, deixou, por meio de seus Sermoens, reconciliados, pacificados, e inteiramente unidos com os sagrados laços da fraternal caridade. Passou a prégar á Villa d'Almada, e lugares da outra banda do Tejo, onde tambem passava cada dia muita gente da Côrte, levada da fama do Prégador; o qual das tropas devotas, e levas desta gente fervorosa, que o hiaõ

ou-

ouvir, formava terços de virtude pelo indizivel fructo, que fazia com seus Sermoens. Voltou a Setuval levado do zêlo de erigir alli hum Recolhimento para mulheres convertidas. Desta Villa o trouxe á Côrte a obediencia do seu Prelado, a fim de assistir ao Capitulo intermedio. Detendo-se alguns dias no Convento de Xabregas, e outros no das Religiosas da Madre de Deos, se retirou para a serra d'Arrabida, onde na Ermida de S. Margarida determinava fazer huma quarentena de Oraçaõ, jejum, e disciplina. Mas visitado de humas sezoens malignas se foi curar ao Convento de S. Francisco de Setuval. Convalescido chegou ao Convento da Madre de Deos a 25 de Setembro de 1674. Da Madre de Deos foi para o Noviciado de Xabregas, onde esteve recolhido até o princípio de Novembro, em que abrio a primeira Missaõ da Côrte, na qual prégando, e confessando todos os dias, se demorou até Vespera de Natal. Na segunda Oitava desta Festa foi ouvir de Confissaõ as Religiosas da Madre de Deos, e fazer-lhes alguns Sermoens. Demorou-se com estas Confissoens, e Sermoens nesta Igreja, na de S. Engracia, e nas de outras Religiosas

ſas preſentes as Mageſtades, e Nobreza da Côrte até 20 de Janeiro de 1675.

343 Dia da Converſaõ de S. Paulo a 25 de Janeiro do meſmo anno repetio o ſervo de Deos ſeu retiro no Noviciado de Xabregas, donde roborado no eſpirito ſahio a prégar aquella Quareſma em Lisboa; e nas Oitavas de Paſchoa entrou com a Miſſaõ em Caſcaes, e viſinhanças deſta Villa, onde ſe deteve até Maio, e voltou á Côrte; aqui ſe demorou alguns dias a confeſſar as Religioſas da Madre de Deos, e pouco depois partio para Leiria a miſſionar grande parte deſte Biſpado. Concluida eſta Miſſaõ, voltou ao Convento da Madre de Deos em Lisboa no princípio d'Agoſto do dito anno de 1675. Prégou de S. Caetano na ſua Caſa, quando ſe feſtejava o Santo, e em muitos Conventos de Freiras. Depois de aſſiſtir ao Capitulo da ſua Provincia, conſtando ao ſervo de Deos, que queriaõ provêr nelle a Mitra de Lamego, fugio occultamente para hum retiro, onde eſteve até 25 de Novembro do referido anno, no qual na companhia de ſeu Provincial paſſou a Béja, prégando por todos os lugares por onde paſſava. De Béja entrou em Moura, onde foi viſitado de hu-

humas ſezoens, convaleſcido das quaes declinou para a Cidade d'Evora, de cujo Illuſtriſſimo Arcebiſpo recebeo o ſervo de Deos as maiores demonſtraçoens de honra.

344 Em Março de 1676 foi o V. Padre nomeado por Sua Mageſtade Biſpo de Lamego. Porém o ſervo de Deos ſe eſcuſou acceitar eſte emprêgo com as razoens, que lhe dictou a ſua profunda humildade. Nas Oitavas da Paſchoa do meſmo anno partio em Miſſaõ para Eſtremoz do Alemtejo, diſcorrendo com ella até Abrantes. No fim de Julho do meſmo anno ſe recolheo ao Convento de S. Bernardino, devoto retiro da Recoleiçaõ da Santa Provincia dos Algarves, junto á Villa de Peniche, perto do mar, onde ſe deteve até á Porciuncula. Em 11 de Agoſto do meſmo anno chegou occultamente ao Convento da Madre de Deos na Côrte, onde naõ queria ſe ſoubeſſe da ſua vinda, em quanto naõ eſtava provîda a Mitra de Lamego, a qual, poſto que elle rejeitára, temia lha puſeſſem por força na cabeça. Feitas algumas Práticas no Convento da Madre de Deos, paſſou logo o Tejo para o retiro da Quinta de Alfeite, que como Hoſpicio, lhe offe-

ferecêra o devoto Conde de Figueiró. Sempre que o V. Padre fugia para estes retiros, costumava dizer judicioso: Busco estes retiros para nelles remendar as redes do meu espirito. Pois que Deos me fez pescador das almas, he necessario tractar tambem da minha por algum tempo retirado das creaturas, para fallar só com Deos, a fim que as outras almas me naõ escapem pela malha. Em 18 de Setembro tornando ao Convento da Madre de Deos, depois de confessar esta Communidade, e feitos alguns Sermoens tambem em outros Mosteiros de Freiras, sahio no fim de Outubro em Missaõ para Coimbra, a cuja Cidade chegou no fim de Novembro, depois de prégar pelo caminho alguns Sermoens. Abrio a Missaõ da Cidade na Dominga proxima ao Advento, que continuou até o proximo Natal. Neste Bispado, no de Viseu, Guarda, Lamego, e Arcebispado de Braga Primaz, gastou o V. Padre dous annos. Nelles se retirou duas vezes a hum devoto, e solitario Hospicio chamado do *Sepulchro*, que o Illustrissimo, e zelosissimo Bispo de Viseu mandára fazer para retiro, e abstracçaõ do servo de Deos.

345 Em Novembro de 1678 fal-
lou

lou o V. Padre no Convento da Castanheira junto ao Tejo com o Reverendissimo Padre Geral da Ordem dos Menores, nesse tempo Fr. José Ximenes Samaniego sobre a instituiçaõ do Seminario separado da Provincia, unicamente determinado para criaçaõ, e conservaçaõ de Missionarios Apostolicos, para o qual já tinha escripto alguns Regulamentos, lembrando-lhe, que para este fim em toda a Provincia naõ havia Convento igual ao de Varatojo. O Reverendissimo Padre Geral cheio de prazer, naõ só approvou o designio do servo de Deos P. Fr. Antonio das Chagas, confirmando-lhe logo aquelles Regulamentos para novo Seminario, dando-lhe huma Patente roborativa, e confirmativa, do que intenta o V. Padre, designando-lhe juntamente o Convento de Varatojo para novo Seminario, e Collegio de Missoens, mas offereceo-se propicio pôr em Roma, para onde hia dalli logo em direitura, toda a sua efficacia a fim de se passar Breve Pontificio para instituiçaõ de casa, e obra taõ proficua. No dia seguinte tornando o V. Padre a buscar ao mesmo Reverendissimo Geral, pondo-lhe nas maõs os Estatutos para o Seminario, e tambem a Patente,

que tinha recebido do meſmo Reverendiſſimo, para que nenhum Superior da Ordem lhe pudeſſe impedir uſar dos meios neceſſarios para a inſtituiçaõ do Seminario, lhe fez eſta falla, e petiçaõ: « Conſidére Voſſa Reverendiſſi-
» ma ſeriamente, e muito devagar, ſe
» no ponto da ſeparaçaõ do Conven-
» to de Varatojo da Provincia póde
» haver alguma imperfeiçaõ; e ſe a
» conhecer, ou preſumir, ainda que
» levemente, peço-lhe, que raſgue eſ-
» tes papeis, dos quaes eu em tan-
» to buſcava o bom deſpacho, em
» quanto julgava, que deſta inſtituiçaõ
» ſe ſeguiria gloria a Deos, mas pó-
» de enganar-me o meu juizo, e ſó
» do de Voſſa Reverendiſſima, como
» Prelado taõ exemplar, douto, e ex-
» perimentado poſſo eſperar todo o
» acerto. » Tomou com muito goſto o Geral os papeis para os levar para Roma; e para moſtrar, quanto entendia ſer do agrado de Deos o novo Seminario, mandou ao V. P. Fr. Antonio por ſanta obediencia, que tambem procuraſſe o favor do Rei de Portugal com recommendaçoens a ſeu Embaixador em Roma o Illuſtriſſimo D. Luís de Souſa, Arcebiſpo de Braga, para que ſortiſſe mais prompto
ef-

effeito a diligencia, que elle pessoalmente faria naquella Curia.

346 Da Castanheira foi voando o V. Padre nas azas do seu zêlo inflammado á Villa de Curuche, a fim de pacificar com a Missaõ certas discordias, odios, e parcialidades inveteradas dos Habitantes da mesma Villa, que venturosamente deixou unidos com os laços da caridade, e amizade Christã. Passando depois com a Missaõ a Aviz, se demorou com ella neste sitio até 19 de Janeiro de 1679. Veio pouco depois ao Convento da Madre de Deos em Lisboa, onde por ordem dos Prelados Geraes, e Provincial fazia a primeira entrada, quando apparecia na Côrte. Da Madre de Deos partio logo para o Convento de Varatojo, que posto naõ estava ainda separado da Provincia, estava com tudo dedicado já pelo Capitulo para Seminario. Ajustadas algumas cousas com o Guardiaõ deste Convento, todas tendentes a maior perfeiçaõ, sahio em Missaõ pelas visinhanças de Varatojo, e Torres Vedras. Nesta occasiaõ recebeo cartas da Côrte, escriptas pelo Illustrissimo Arcebispo de Lisboa D. Luís de Sousa, e pelo Illustrissimo Marquez de Fron-

teira, entaõ Provedor da Santa Caſa da Miſericordia, pedindo hum, e outro ao V. Padre quizeſſe em ſerviço de Deos paſſar naquella Quareſma proxima a fazer Miſſaõ em Lisboa. Porém o V. Padre ſe eſcuſou a ambos, dizendo, que entendia fazer mais ſerviço a Deos naquella occaſiaõ prégando nas Aldêas de Torres Vedras, e ſeu termo, do que na Côrte. Com a meſma reſoluçaõ Apoſtolica, e liberdade Evangelica, reſpondeo ás Peſſoas Reaes em outras occaſioens. Teve aquelle anno a Semana Santa em Varatojo. Paſſada a Paſchoa prégando pelo caminho alguns Sermoens, chegou á Côrte em 17 d'Abril do meſmo anno. Confeſſada a Communidade da Madre de Deos, abrio a 3 de Maio dia de Santa Cruz a ſegunda Miſſaõ de Lisboa á porta da Igreja do meſmo Convento. Durou eſta Miſſaõ até o fim de Julho, aſſiſtindo neſſe tempo no Hoſpicio proximo, que para Religioſos tinha mandado fazer a piedade dos Illuſtriſſimos Duques em ſeu Palacio. Pela Porciuncula depois de gaſtar manhã, e tarde com Confiſſoens, ſe recolheo vinte dias em huma Ermida, que tem o Confeſſor da Madre de Deos na cerca de fóra. Acabados eſtes precio-

ciosos dias de retiro, partio com seu Provincial para Sacavem, onde exercitou o seu zêlo prégando alguns Sermoens.

347 A 7 de Setembro voltou para a Madre de Deos a confessar as Religiosas; e a 22 do mesmo mez, e anno foi tomar posse do Hospicio na Cordoaria Velha, Freguezia dos Martyres, junto ao Palacio Real, que então lhe deo El-Rei D. PEDRO II. Tornando para a Madre de Deos, erigio a 6 de Outubro a Via-Sacra, que começa na Igreja das Religiosas, e acaba na dos Religiosos de Xabregas. A 10 do mesmo Outubro acompahando a Rainha veio ao Convento da Madre de Deos, onde prégou em presença da mesma Rainha na entrada de huma Religiosa. Voltou ao Hospicio da Cordoaria, donde sahio em Missaõ para alguns lugares do Arcebispado. E poucos dias antes do Natal do mesmo anno se retirou a Varatojo, onde passou esta Festa visitado de humas sezoens. A 2 de Janeiro de 1680 partio o V. Padre de Varatojo para Santarem, onde se achava em visita o Illustrissimo Arcebispo de Lisboa. Fez o servo de Deos Missaõ nesta notavel Villa, erigindo nella huma Via-Sacra

pú-

pública, que ainda se conserva, precedendo huma Procissaõ solemne, na qual leváraõ Cruzes aos hombros, como devotos Cyrinêos, o mesmo Illustrissimo Arcebispo, e os Illustrissimos Condes de Unhaõ, e o de Villa Verde. Desta Villa passou o V. Padre a Benavente, e a Salvaterra, onde se encontrou com as Pessoas Reaes, que recebêraõ ao servo de Deos com as maiores demonstraçoens de affecto. Sciente de ter chegado de Roma o Breve da instituiçaõ do Seminario em Varatojo, veio logo com Beneplacito do Principe apresentar o Breve em Xabregas ao R. P. Provincial, e Padres da Ordem. Sem repugnancia, mas com approvaçaõ de todos estes, e pleno consentimento, foi o V. Padre com seus Companheiros, que o quizeraõ seguir, tomar posse do Convento de Varatojo. Fez-se-lhe entrega, e se lhe deo posse Juridica do Convento a 6 de Março de 1680, como se disse acima nesta primeira Parte desta Historia.

348 Demorou-se o V. Padre por algum tempo fomentando com efficacia a observancia dos novos Estatutos, e Regulamento do Seminario em Varatojo. Depois passando á Côrte, onde chegou na quarta Dominga da Quaresma,

ma, ſe deteve a confeſſar as Religioſas da Madre de Deos até veſpera de Ramos. Prégou em Segunda feira da Semana Santa na Capella Real, e em Quinta feira o Mandato na Sé; e depois de Paſchoa tambem em Xabregas, e em outras Igrejas alguns Sermoens. Reſtituio-ſe outra vez ao ſeu Seminario de Varatojo, donde depois de algum tempo de recolhimento em retiro ſahio em Miſſaõ até o fim de Julho. Recolhendo-ſe da Miſſaõ pela Porciuncula a Varatojo, eſteve no Seminario o mez d'Agoſto. No princípio de Setembro ſahio em Miſſaõ para o Algarve. Chegando a Setuval ſe deteve neſta Villa prégando alguns Sermoens até 4 de Outubro do meſmo anno. Voltando da Miſſaõ do Algarve, chegou ao Convento da Madre de Deos na Côrte a 14 de Maio de 1681, veſpera da Aſcenſaõ do Senhor, dia memoravel para o ſervo de Deos, por ſer o da ſua entrada na Religiaõ, que coſtuma ſempre gaſtar em acçaõ de graças ao Senhor, e aſſim foi paſſar tambem eſte dia em recolhimento no Noviciado de Xabregas. Paſſando depois ao Hoſpicio de Varatojo na Côrte, foi ahi fortemente atacado de vertigens, que trazia do Algarve. Entrando

do a 2 de Junho a confessar a Communidade da Madre de Deos, naõ pôde continuar as Confissoens por causa de hum grande accidente, que se julgou mortal, de que foi acomettido a 4 do mesmo mez. Levado para o Hospicio de Varatojo, achou já nelle o Guardiaõ do Seminario, que apenas teve noticia em Varatojo da molestia do V. Padre; logo officioso, e caritativo lhe foi assistir, e por conselho dos Medicos, que consultou, mandou abrir fontes, e applicar outros remedios ao paciente servo de Deos, que a Medicina julgava convenientes, ainda que naõ experimentou allivio com elles. Elle, posto que muito enfermo, foi a 16 do mesmo mez movido da caridade despedir-se das Religiosas da Madre de Deos, e a pezar da sua molestia capital, se deteve todo o dia a ouvi-las de Confissaõ, e a exhorta-las nos ápices da mais elevada perfeiçaõ.

349 A 17 do referido mez de Junho se recolheo o V. Padre enfermo a Varatojo, onde foi crescendo a molestia de sorte, que apenas tinha dia, ou hora de allivio. Em querendo elle fazer qualquer applicaçaõ de lêr, e escrever, ou outro exercicio, por leve que fosse, ficava morrendo. Naõ obs-

tan-

tante, a fim de consolar os Religiosos de S. Agostinho do Convento de Torres Vedras, se animou a prégar no dia da Festa do seu grande Patriarcha S. Agostinho; parecendo especie de prodigio prégar o servo de Deos taõ enfermo este Sermaõ. Elle querendo disfarçar a sua molestia, dizia judicioso com santa alegria: "Se me naõ curára prégando, estivera morrendo; porque o prégar he a minha melhor Medicina." Supposto, que o sitio de Varatojo se considéra de bellos ares, e excellentemente sadío, o Guardiaõ do Seminario por conselho, e ordem dos Medicos, e insinuaçaõ do piissimo Monarcha El-Rei D. PEDRO II., mandou ao V. Padre enfermo para o Hospicio da Côrte, para vêr se experimentava algum allivio com mudança de ares. Obedecendo o servo de Deos partio para a Côrte, ainda que com repugnancia de seu espirito por arranca-lo á obediencia do retiro de Varatojo, como de centro de suas espirituaes delicias. Chegou ao Hospicio a 2 de Fevereiro de 1682, do qual depois de tomar alguns remedios, que lhe aconselháraõ os Medicos, passou ao Convento da Madre de Deos, onde em dia de S. José, e alguns mais

mais esteve fazendo Práticas espirituaes, e ouvindo de Confissaõ as Religiosas. No fim de Março se poz a caminho para Varatojo, com designio de assistir ao P. Fr. Paulo de S. Catharina, primeiro Commissario Visitador do Seminario de Varatojo. Voltou ao Hospicio da Côrte, do qual, ainda que muito enfermo, sahio á Igreja do Loreto a ouvir no Confessionario a muitas almas, que buscavaõ a sua consolaçaõ de espirito, e acertada direcçaõ no caminho do Céo.

350 Nos ultimos de Maio de 1682 passou o V. P. a Setuval, a fim de dar principio ao Convento da fundaçaõ de Brancanes, em que se deitou a primeira pedra a 23 de Junho de 1682. Demorou-se alli o V. P. por alguns dias, dispondo o que mais convinha para aquella nova fundaçaõ, confessando, e prégando, como se naõ estivesse enfermo. A 17 de Julho do mesmo anno, voltando ao Hospicio da Côrte, foi no 1 de Agosto confessar as Religiosas da Madre de Deos, e quando se achava na grade do Côro, fazendo huma Prática espiritual ás Religiosas, foi de novo acomettido de huma grande vertigem. A 17 do mez de Agosto se recolheo a Vara-

ratojo, onde a 17 de Setembro foi mais fortemente atacado de hum grande accidente de cabeça, ou vertigaõ, que lhe chamou por outros achaques; e finalmente pela morte, que como se disse acima, foi a 20 de Outubro de 1682.

351 O espirito de paciencia, conformidade, e santa alegria, com que o V. P. se comportou durante as suas molestias, consta das suas mesmas palavras, e passagens de algumas cartas do mesmo V. P., que vaõ abaixo copiadas. Em huma dizia elle: « Era- » me necessario este mal, e outros, » assim como nas pinturas saõ neces- » sarias as sombras, e naõ só côres » alegres: nestas se alegra a natureza, » nas outras a graça; e ainda que es- » ta pintura seja monstro, faltavaõ » sombras á pintura. » Escrevendo a hum Religioso, lhe fallava assim: « Dê » Vossa Paternidade muitas graças a » Deos pelos meus males, porque nel- » les descubro maiores Misericordias » suas, que nos meus bens. » A outra pessoa Religiosa, dizia: « Quasi » todos estes dias tenho vertigens, e » em lendo, ou escrevendo, por pou- » co que seja, me faz grande damno; » e assim passo fazendo vida de esta-

» tua.

» tua. Seja Deos bemdito, que me
» soffre, e favorece, até quando pa-
» rece me castiga. Há muito tempo,
» que naõ digo Missa, e apenas me
» sinto capaz de a ouvir. Seja Deos
» bemdito por tudo: Elle nos dê a sua
» Graça, porque com esta, naõ só es-
» te mal, mas o Inferno he Paraiso.
» Peça V. M. ao Senhor me dê aquel-
» la alegre paciencia, e amorosa con-
» formidade, que hei mister. V. M.
» naõ se intristeça senaõ de minhas
» culpas. Louve a Deos por tudo:
» faça por se alegrar, considerando,
» que hei de morrer, e que os dias
» da vida de cada hum tem termo
» prescripto diante de Deos. Quizera
» eu viver bem, que viver muito a
» muitos roins foi concedido. » Para
hum amigo tambem lhe escreve de Va-
ratojo desta fórma. « Hontem tive hu-
» ma grande vertigem, e com os re-
» medios me achei peor; porque me
» crescêraõ os esvaicimentos, e tudo
» me he necessario para conhecer a mi-
» nha miseria, e a grande Misericor-
» dia, que Deos tem de mim, pois
» me dá tempo, e avisos bastantes
» para a minha emenda; e assim ca-
» da vertigem me parece hum auxi-
» lio, que naõ sei merecer, nem a-

» gra-

» gradecer a Deos. Faça-o V. M. por
» mim; e a todos os que vir efpiri-
» tuaes, peça que pelos meus males
» dêm graças a Deos, que nelles me
» enfina, que fó o eterno Bem deve-
» mos defejar.

352 Para hum Religiofo efcrevia o
V. P. de Varatojo enfermo, dizendo:
« Saõ tantas as dôres, que padeço,
» que as fente tambem a cabeça; ain-
» da affim melhor he dôres, que fla-
» tos (ou vertigens) da cabeça, mas
» faça-fe a vontade de Deos, que he
» o traveffeiro em que defcanço, e
» feja o mefmo Senhor bemdito. Já
» me definquieta pouco ter, ou naõ
» ter eftes males; viver mais, ou vi-
» ver menos; preftar, ou naõ preftar
» para fervir ao Altiffimo, e ao meu
» Proximo. Convêm, que eu naõ quei-
» ra mais de mim, que aquillo que
» de mim quer Sua Divina Mageftа-
» de. » Para hum amigo: « Eftes dias
» (dizia) paffei fem vertigens, e hoje
» me finto com grande defafogo, feja
» Deos bemdito. Daquella amorofa,
» e piedofa maõ de Deos igualmente
» haviamos de eftimar tudo o que nos
» vem; porque tudo he bem; e taõ
» doce he o bem, como o mal, fe
» pomos os olhos naquella eterna von-

» ta-

» tade, que já desde entaõ dispoz pa-
» ra nosso bem, e aproveitamento,
» até o que nos parece damno. Seja
» Deos por tudo bemdito; e assim se
» faça em nós todos, o que Elle tem
» ordenado desde a eternidade. » Para outro amigo responde: « Hoje ti-
» ve huma grande vertigem: seja o
» Senhor bemdito, que todos estes
» despertadores me manda, para que
» mais vezes me lembre delle, e pa-
» ra esta cinza vivente, que cada ho-
» ra póde cahir, naõ he esta Cruz pe-
» zada, a de meus peccados he só a
» que naõ póde ser leve. » Ainda que penalizado, e afflicto o V. P. com dôres na sua ultima enfermidade, lembrado da Paixaõ de Christo, costumava dizer: « Em quanto dura a vida,
» dure a paciencia. Se recebemos de
» Deos os bens, os males porque os
» naõ receberemos? Se houvera me-
» lhor cousa neste Mundo, que o pa-
» decer, Deos o dera a seu filho mais
» amado: mas como naõ havia cou-
» sa melhor, deo-lhe as Cruzes por
» morgado. » Nesta consideraçaõ disse pouco antes da sua morte: « Bemdi-
» to seja Deos, que por mais terri-
» veis, que me tem sido os acciden-
» tes em minha enfermidade, nunca
» me

„ me impedíraõ o orar. „ Serve finalmente de teſtemunho as palavras, que ſe lhe ouviaõ, fallando amoroſamente com o Senhor, dizendo-lhe: « Aqui me quero, meu Deos, e aſ„ ſim o quero, onde Vós quereis que „ eu eſteja, poſto que ſeja até o fim „ do Mundo; porque ſendo eſta a „ voſſa vontade, deſſa Cruz farei a „ minha, deſta paciencia uſo; deſtas „ dôres gôſto; e por tudo vos lou„ varei, meu Deos, que ſejais bem„ dito por me dardes ainda neſta vi„ da o prato dos eſcolhidos, a igua„ ria dos predeſtinados. Mas ſe eſta „ vida ha de acabar, quando ha de „ ſer, meu Deos? Quando ha de ſer „ iſto, o ficar-me na voſſa morada? „ Oh Deos meu, Amor meu, ſum„ mo, e eterno Bem, ultimo, e que„ rido Fim deſta miſeravel creatura, „ deſta deſterrada alma, vá eu para „ Vós, como a fonte para o rio, co„ mo o rio para o mar, como o fo„ go para o ſeu centro. Immenſo pé„ go de amor, abyſmo eterno de bel„ lezas, quando ſerá o dia, a hora, „ o momento, que intimamente en„ terrando-me dentro de Vós, me ve„ ja todo rodeado, transformado, sub„ mergido, alagado, abſorto, e en-

„ tra-

» tranhado neſſe Occeano de Divinda-
» de! Quando me derreterei neſſe ar-
» dente abyſmo de chammas! Quan-
» do desfeito todo em amor acabarei
» eu de entender de mim, que nada
» ſou, e que Vós, meu Deos, ſois
» tudo! Abri pois, abri, meu Jeſus,
» eſſe Reino de reſplandores, eſſe Céo
» de ſuavidades, eſſe naõ ſei de ad-
» miraçoens, eſſe além de tudo o que
» he bello, ſuperior a todo o creado,
» e fóra de todo o ſabido, para que
» em Vós já transformado, e conver-
» tido totalmente a Vós, vos ache ſó
» em tudo, e tudo veja cheio de Vós,
» o que em Vós ſe move, e ſuſten-
» ta. Oh! ſe eu pudéra, meu Se-
» nhor, amar-vos como mereceis, eſ-
» ſa fôra a minha gloria: naõ deſejo
» outro bem no Céo, nem na terra. »
Com eſtes amoroſos Collóquios, naſci-
dos das ſaudades do Céo, ſe entreti-
nha o V. P. Fr. Antonio das Chagas,
antes da ſua proxima partida para a
eternidade. Praticou comſigo o V. P. o
que enſinava aos outros. Pois dizia, que
hum *louvado ſeja Deos* no meio das
afflicçoens valia mais, que mil no meio
das conſolaçoens. Que era maior cou-
ſa acompanhar a Chriſto na Paixaõ,
que meditar nella. Que de tudo, o que
naõ

naõ era peccado, se podia fazer moêda para comprar o Céo. Que naõ havia outro verdadeiro mal, que offender a Deos, e perder a alma.

## CAPITULO XXXV.

*Elogios, que alguns Escriptores, e Censores, fizeraõ ás Virtudes, e Escriptos do V. P. Fr. Antonio das Chagas, extrahidos em grande parte do novo Diccionario Portuguez, publicado pela Academia Real das Sciencias, na Officina da mesma Academia, anno de 1793, os quaes vem no Prologo do mesmo Diccionario pag. 90. na palavra* Chagas.

353 O P. Fr. Manoel da Conceiçaõ, Editor de huma Obra do V. P. Fr. Antonio das Chagas, intitulada *Escola da Penitencia*, o denomína Varaõ digno de perpetua memoria, e das maiores veneraçoens. O Padre Manoel Godinho lhe chama Varaõ Santo, e Apostolico, e outro Cicero do nosso tempo, por sua natural eloquencia, com a qual igualmente deleitava, e aproveitava ao Auditorio. O P. Antonio de Carvalho na sua Chorografia o intitú-

la Varaõ de conhecida virtude. As Cartas Espirituaes do V. P. Fr. Antonio com notas de hum amigo, dedicadas ao Serenissimo Rei de Portugal D. PEDRO II., se imprimíraõ em Lisboa na Officina de Miguel Deslandes, anno de 1684, em 4.° Na segunda Parte destas Cartas, diz o seu Editor: « Cartas Espirituaes do V. P. Fr. Antonio das Chagas, primeiro Missionario Apostolico Franciscano neste » Reino, e Fundador do Seminario » de Varatojo: segunda Parte; consagra, e dedica á Magestade da » Serenissima MARIA SOFIA IZABEL, Rainha, e Senhora nossa, o » P. Manoel Godinho. . . Lisboa na » Officina de Miguel Deslandes, e á » sua custa impressas, anno de 1687, » em 4.° »

354 Os Censores dos sobreditos volumes fazem do Author, e das suas Cartas os mais distinctos, e bem merecidos elogios. Poremos aqui copiados os que no primeiro Tomo lhes dá o V. Padre Bartholomeu do Quental, Pessoa de taõ profunda intelligencia em materias de espirito, e de taõ notoria piedade, que o mesmo V. Padre Fr. Antonio das Chagas se lhe recommendava, e a toda a sua Santa Congre-

gregaçaõ; e em outra parte assevéra, que fallára com elle, como quem andava cheio de Deos. O grande conceito, e juizo, que o V. P. Quental fazia do V. P. Fr. Antonio das Chagas, e das suas virtudes, he o seguinte: "Foi (diz) este Apostolico Varaõ no zêlo das almas, e caridade
" do Proximo, e elevaçaõ do espirito muito imitador do Apostolo S.
" Paulo, e assim como a Providencia
" Divina dispoz, que nos ficasse a
" Doutrina do Santo Apostolo nas suas
" Epistolas: assim ordenou nos ficassem os documentos deste Apostolico
" Varaõ nas suas Cartas. Contém estas
" huma Doutrina espiritual, por huma parte taõ sólida, e por outra
" taõ remontada, que cada Carta he
" huma liçaõ de Loduvico Blosio, Joaõ
" Taulero, ou de outros Varoens illustrados nesta mystica sciencia. Em
" muitas dellas assim define a essencia
" das virtudes, assim lhe descobre os
" princípios, assim lhe distingue os
" gráos, que mostra bem, quanto alcançou desta Divina sabedoria. Em
" quasi todas assim toma as medidas
" á perfeiçaõ do espirito na altura;
" e na profundidade aos fundos da alma, (fraze, de que muitas vezes

 " usa)

„ uſa ) que me parece outro Anjo do
„ Apocalypſe, que com a regoa de
„ ouro media a Celeſtial Jeruſalem,
„ figura de huma alma perfeita, que
„ pela regoa de ouro da caridade,
„ ſe mede a ſua perfeiçaõ. „ E aſſim
vai continuando o V.ᵉ Quental com outros louvores deſte meſmo theôr; por iſſo tanto mais dignos de attençaõ, quanto mais ſe devem conſiderar livres de qualquer reſpeito humano, e ſó naſcidos da íntima perſuaſaõ de huma verdade conſtante, e indubitavel.

355 No Tractado *Eſcola de Penitencia, e flagello de vicioſos coſtumes*, que corre impreſſo, diz ſeu Editor: « Que conſta de Sermoens A-
„ poſtolicos do V. P. Fr. Antonio das
„ Chagas ... celeberrimo Prégador,
„ Miſſionario Apoſtolico, e Inſtitui-
„ dor do Seminario de Varatojo de
„ Miſſionarios Apoſtolicos, tirados á
„ luz por Fr. Manoel da Conceiçaõ ...
„ Miſſionario do dito Seminario: pri-
„ meira Parte offerecida ao muito al-
„ to, e poderoſo Rei, e Senhor noſ-
„ ſo D. PEDRO II. Lisboa na Offici-
„ na de Miguel Deslandes, anno de
„ 1687 em quarto. Ainda que eſtes
„ Sermoens naõ ſahíraõ á luz na vi-
„ da do Author, nem recebêraõ da
„ ſua

„ ſua maõ a ultima lima ; elles com
„ tudo pela alteza , e mageſtade dos
„ aſſumptos ; pela ſolidez , e força do
„ raciocinio ; e até meſmo pela cul-
„ tura da dicçaõ , gravidade de eſtî-
„ lo , e pureza da fraze , naõ ſaõ
„ menos doutrinaes , e recommenda-
„ veis , que os mais Eſcriptos , que
„ elle proprio chegou a publicar.

356 Admiraraõ-ſe ſempre em todos os Eſcriptos do V. Padre o animado de ſuas locuçoens , o brilhante das metaphoras , a cópia , e propriedade dos ſimiles , a clareza da dicçaõ , a gravidade das acçoens , o fogo dos affectos , que procedem naturalmente do ſeu eſpirito , inflammado no amor Divino , e zêlo da ſalvaçaõ do Proximo : aſſim como a vehemencia , e a efficacia da doutrina he tambem effeito da íntima convicçaõ , que reluz ſempre nos diſcurſos daquelles , que perſuadindo as verdades moraes , ou religioſas , as corrobóraõ com o ſeu exemplar procedimento , e ſantidade de vida. Aſſim o fazia o V. P. Fr. Antonio das Chagas. Donde aquelles genios , amigos ſó de leituras brilhantes , e pompoſas , que atacaõ com a mais ſevéra crítica os Eſcriptos do V. Padre por encontrarem nelles eſtîlo ,

que

que lhes parece mui ſimples, humilde, raſteiro, e claro, nada certamente fazem perder de conceito com a ſua crítica mordaz para com eſte grande Miſſionario, antes elle foi, e ſerá ſempre recommendavel por ter aprendido na Eſcola de Chriſto o ſeu eſtîlo de prégar Apoſtolicamente ſegundo o eſpirito do Evangelho.

357 A primeira Parte das obras eſpirituaes do V. P. Fr. Antonio das Chagas, offerecida, e conſagrada pelo Guardiaõ, e Religioſos Miſſionarios de Varatojo ao Eminentiſſimo D. Veriſſimo de Alencaſtre, Cardeal da Santa Igreja Romana, Inquiſidor Geral nos Reinos, e Dominios de Portugal, Arcebiſpo de Braga, Primaz das Heſpanhas, e Sumilher da Cortina d'El-Rei D. PEDRO II., ſe imprimio em Lisboa na Officina de Miguel Deslandes em 1684 em oitavo; e na Officina de Franciſco Borges em 1762 em quarto.

358 O R. P. Manoel Godinho, Protonotario Apoſtolico de Sua Santidade, Editor deſta obra, a recommenda com os mais ſubidos elogios, e louvores, dizendo no ſeu Prologo: « A-
» qui tem o util de miſtura com o
» doce; o honeſto de conſerva com o
» de-

„ deleitavel; o ſal no talher do açu-
„ car; o aguilhaõ da abelha meſtra no
„ mel da ſua doutrina. Aqui a Cicero
„ perſuadindo; a Demóſthenes con-
„ vencendo; a Plataõ explicando; a
„ Ariſtóteles arguindo; a Hortencio
„ floreando; a Baſilio reprehendendo;
„ a Jeronymo inſtruindo; a Lactancio
„ deſenganando; a Agoſtinho doutri-
„ nando; a Gregorio conſolando; pré-
„ gando, como Paulino; dizendo bo-
„ cados de ouro, como Cryſólogo;
„ ſempre ſentencioſo, como Ambró-
„ ſio.„ O P. M. Fr. Pedro da Incar-
naçaõ da Sagrada Ordem dos Préga-
dores em huma das cenſuras ás obras
do V. P. Fr. Antonio das Chagas in-
forma, e certifica, dizendo: « To-
„ das eſtas obras, ou cada huma, ou
„ cada parte dellas pelo ſublime, e
„ pelo diſcreto, e pelo devoto, ſaõ
„ outros tantos eccos valentes, e vi-
„ vos delativos da voz de Deos. „ A
utilidade, e proveito, que ſe póde ti-
rar com a leitura das obras do V. P.
Fr. Antonio, a força, e calor, com
que ellas foraõ eſcriptas, o moſtra na
cenſura ás meſmas obras o V. P. Dou-
tor Bartholomeu do Quental, Prepo-
ſito da Congregaçaõ do Oratorio, a
quem como Juiz taõ competente em
ma-

materia ſimilhante, bem ſe lhe póde dar crédito. A cenſura ſe poz acima n. 76.

359 A primeira, e ſegunda Parte das obras eſpirituaes do V. P. Fr. Antonio das Chagas, dedicadas a Chriſto crucificado, ſe imprimíraõ em Lisboa na Officina de Franciſco Borges de Souſa, anno de 1752 em quarto. Neſta ſegunda Parte ſe encorporáraõ muitos Opúſculos do V. P. Fr. Antonio, que ſeparadamente corriaõ impreſſos, entre os quaes entraõ *Eſpelho do eſpelho, em que ſe deve vêr, e compôr a alma; que quer chegar á uniaõ de Deos. Faiſcas do amor de Deos, e lagrimas da alma. O Padre noſſo commentado com o ſeguinte titulo: A admiravel Oraçaõ do Padre noſſo meditada, e illuſtrada. Semana Santa eſpiritual, ou Meditaçoens para qualquer dia della.* Eſtes Opúſculos vem no mencionado volume.

360 « *Ramalhete Eſpiritual*, com-
» poſto com as flores dos doze Ser-
» moens doutrinaes, que no Reino
» de Portugal prégou o inſigne Ora-
» dor Miſſionario Apoſtolico o V. P.
» Fr. Antonio das Chagas, fundador
» do Seminario de Varatojo, e de
» Brancanes. Tirou-os á luz o M. R.
» P. Fr. Joſé da Trindade da Provin-

» cia

„ cia dos Algarves, Ex-Commiſſario
„ Geral da Terra Santa no Reino de
„ Portugal, e ſuas Conquiſtas, cuja
„ obra eſcreveo de alguns fragmentos,
„ que muito depois da morte do dito
„ V. Padre apparecêraõ diſperſos por
„ varias maõs. Lisboa na Officina de
„ Joſé Maneſcal, Impreſſor da Sere-
„ niſſima Caſa de Bragança, anno de
„ 1722 em quarto. „

361 Todos os Cenſores deſta obra formaõ della, e de ſeu Author a recommendaçaõ mais relevante. Hum delles diz: « Sendo ſubtiliſſimas as idéas
„ dos aſſumptos deſtes Sermoens, on-
„ de reſplandece o ſubido, e levan-
„ tado dos conceitos, o Author ſem
„ ſe apartar do ſentido da Eſcriptu-
„ ra, formava em cada palavra del-
„ les huma aguda ſétta para cortar os
„ vicios dos peccadores, e huma cham-
„ ma de ardente fogo para inflammar
„ os coraçoens humanos no amor Di-
„ vino. „ Outro Cenſor diz aſſim:
« Maõs, que tractáraõ flores, ainda
„ depois de as largar, cheiraõ a el-
„ las: todas as da ſua mocidade, naõ
„ ſó largou, mas deſprezou, e ainda
„ aborreceo eſte excellentiſſimo Varaõ,
„ depois que deo volta á vida: po-
„ rém naõ ſe póde negar, que ainda
„ aſ-

„ assim, ou por habito, ou por descuido, a elegancia na fraze dos Sermoens lá respira a antiga fragrancia, mas com a diversidade, que todas estas flores trazem ao pé copioso fructo. „

362 No anno de 1737 na Officina Patriarchal de Miguel Rodrigues em Lisboa se imprimíraõ: « *Sermoens genuinos*, e *Práticas Espirituaes* do V. P. Fr. Antonio das Chagas, primeiro Missionario Apostolico Franciscano neste Reino, fundador do Seminario de Varatojo. „ em quarto, segunda impressaõ.

363 O Editor destes Sermoens diz: « Naõ pude haver á maõ mais, que estes Sermoens, e Práticas... e esses ainda huns tomados de ouvi-lo; outros truncados, e imperfeitos; fragmentos finalmente, que ajuntei dos papeis, e manuscriptos deste insigne Prégador. Se as suas prégaçoens se houvessem conservado, como elle as fazia, grande fructo espiritual se devêra dellas esperar, até mesmo na leitura (de suas obras.) O santo zêlo deste Varaõ verdadeiramente Apostolico naõ se atava a respeitos humanos, para, segundo elles, fazer restricçoens á Divina pala-

„ vra,

„ vra, nem ſabía particularizar a Mo-
„ ral Evangelica. Com igual fervor de
„ eſpirito, e puro intereſſe da ſalva-
„ çaõ das almas intimava o temor de
„ Deos, e perſuadia a obſervancia de
„ ſeus preceitos, ſem excepçaõ de Peſ-
„ ſoas em todos os lugares, e tem-
„ pos. „ Tanto, que aviſado por cer-
ta peſſoa, que naõ fallaſſe taõ claro,
e taõ acremente nos Sermoens da Côr-
te, porque ſe arriſcava a ſer deſterra-
do, reſpondeo o ſervo de Deos com
o ſeu natural ſocego, e mui ſegura-
mente com aquelle ſal de judicioſo de
diſcriçaõ, de que era dotado, dizen-
do: « Deſterrar-me? Para onde? Quem
„ naõ póde ter aqui patria, naõ pó-
„ de ter daqui deſterro *.

364 Naõ ſó o V. P. Fr. Antonio
das Chagas foi elogiado pela pennas
dos Eſcriptores nacionaes, mas tam-
bem pelas dos eſtranhos. No livro *Jar-
dim Seraphico* do V. P. Fr. Pedro An-
tonio de Veneza eſcripto na lingua
Italiana, impreſſo no anno de 1710,
ſe acha no Tomo I. pag. 190 o elo-
gio ſeguinte: « He fallecido o cele-
„ bradiſſimo, ou verdadeiramente A-
„ poſtolo, e Miſſionario Evangelico P.
„ Fr.

* *Bern. Flor.* 1.

» Fr. Antonio das Chagas, ou *de vul-*
» *neribus Christi*, Hespanhol, ho-
» mem em tudo admiravel, Religio-
» so de S. Francisco, o qual prégan-
» do por todos os Reinos de Portu-
» gal, obrou taes effeitos, e milagres,
» que de commum parecer se diz, e
» se crê, que nem S. Antonio de Pa-
» dua em Italia, nem S. Vicente Fer-
» reira na Hespanha os hajaõ feito
» maiores na conversaõ das almas.
» Maravilhosas saõ as testemunhas des-
» ta causa: andava com Companhei-
» ros pela terra ensinando a todos o
» caminho da verdade. »

*Conclusaõ.*

365 Do que deixo escripto do meu V. P. Fr. Antonio das Chagas, bem se mostra, que elle em sua vida depois de convertido á Graça foi hum puro, e claro espelho de virtudes exemplares, e Evangelicas perfeiçoens; Agricultor Apostolico no Campo, e Vinha da Igreja Catholica por meio da prégaçaõ da santa palavra de Deos, fazendo felizmente, que desta Celestial semente se viesse a colher em abundancia pingues fructos de salvaçaõ, que enriquecêraõ os celleiros da mes-

ma

ma Santa Igreja. Foi por ſeus precioſos Eſcriptos aſceticos Doutor Myſtico; vaſo eſcolhido por Deos; incendio, e fornalha de caridade; barreira da Fé; columna da paciencia; vinculo da paz; doçura de agrado, e benignidade Chriſtã; de familiaridade toda eſpiritual, e ſantamente encantadora no humano commercio, e tracto civil; religioſamente agradavel em ſuas palavras; modeſtamente comedido em ſuas acçoens; grave em ſuas obras, e geſtos; e em todas as couſas amavel. Efficaz Pregoeiro da Gloria, e Cultos de Deos; Meſtre de Miſſionarios Apoſtolicos; Trombeta do Evangelho; Clarim animado da honra de Deos; baſe fundamentavel, e primeira pedra, em que ſe eſtabeleceo a eminente Fabrica do Collegio, e Real Seminario de Varatojo Primaz, naõ ſó em Portugal, mas em todo o Orbe Seraphico com immediata ſujeiçaõ ao Miniſtro Geral de toda a Ordem Seraphica: Seminario, digo, que por eſpecial beneficio do Céo, qual frondoſa arvore dilatada em pompoſos ramos, tem venturoſamente ſervido para ſe abrigarem á ſua ſaudavel ſombra, e colherem nelle os admiraveis fructos de ſua doutrina aquelles, que movidos de Deos deixaõ

o Seculo, para viverem Apostolicamente neste sagrado retiro: Seminario, em fim, qual farol luzente, luminosa tocha, e candieiro resplandecente, que collocado no Templo de Deos illumina com resplandores de virtudes a Casa deste mesmo Senhor.

366 Destes, e de outros ainda maiores elogios, e louvores se fez merecedor por suas heroicas virtudes, com que em sua admiravel vida floreceo, e pela preciosa morte, com que morreo no Senhor o illustre, memoravel, e santo Padre Fr. Antonio das Chagas. Em cuja virtude, e santidade se fez Deos admiravel, rompendo os fôros á natureza, para que sobresahissem os primores da Graça, e valentias de seu podêr infinito. Muitos milagres se achaõ escriptos na vida deste illustre Varaõ, e grande servo de Deos, que escrevêraõ o R. P. Manoel Godinho, e o illustre Chronista P. Mestre Fr. Fernando da Soledade. Muitos outros factos, e casos memoraveis aliás interessantes a esta Historia se escreveriaõ aqui, se elles por infelicidade dos tempos, e por lamentavel descuido dos discipulos do V. Padre, naõ ficassem enterrados no sepulchro do eterno esquecimento com desconsolaçaõ irremediavel

dos

dos vindouros. Tambem por infelicidade, e descuido ainda maior se perdêraõ alguns papeis relativos ao processo do V. Padre. Naõ obstante com tudo esta sensivel perda, se depois della naõ tivesse havido tanto descuido em promover, e adiantar a causa do processo do mesmo V. Padre, nada duvidaría eu, que elle já em nossos dias tivesse aquelle culto público relativo, que a Santa Madre Igreja Catholica Romana costuma conceder a seus Filhos, verdadeiros servos de Deos, que ella beatifica, e canoniza, depois de examinada, e julgada a santidade, em que elles vivêraõ, e morrêraõ, e os milagres, que Deos obrou por elles.

367 Devo com tudo aqui advertir, que se quando tenho falado do servo de Deos P. Fr. Antonio das Chagas, lhe dei algumas vezes nesta Historia o nome de Veneravel, e Santo, naõ he em sentido estricto, e rigoroso; mas na latidaõ, em que S. Paulo chamava Santos aos primeiros Christaõs, que ardiaõ em caridade, e naquelle mesmo sentido, em que os Escriptores Orthodoxos chamavaõ Veneraveis, e Santos aos servos de Deos, que tendo resplandecido em virtudes, morrêraõ piamente. Isto mesmo deixou

sa-

ſabiamente eſcripto, e advertido o Santiſſimo Padre BENEDICTO XIV. na ſua grande Obra da Beatificaçaõ, e Santificaçaõ. Longe pois, e ſempre bem longe de mim, que eu me queira apartar dos Veneraveis Decretos Pontificios, e das illuminadas intençoens da Santa Madre Igreja Catholica Romana, eſtando certo, como eſtou, que ſó a ella, como depoſitária da verdadeira Fé, e como columna, que he da verdade, pertence julgar deciſivamente da ſantidade de ſeus Filhos, permittir, e determinar a veneraçaõ, e cultos, que convém dar-lhes. Proteſto pois, que nada quero eſcrever, nem ſentir, contrario ás Veneraveis determinaçoens, e intençaõ da meſma Santa Igreja Catholica Romana.

368 Ora eis-aqui o reſumo da vida do meu V. P. Fr. Antonio das Chagas, onde, como em claro eſpelho, e Mappa abbreviado, ſe moſtraõ ao público as heroicas acçoens, e virtudes eminentes, em que reſplandeceo eſte illuſtre Varaõ, e grande ſervo de Deos, e os repetidos triunfos, que elle com a Graça do meſmo Senhor alcançou venturoſamente de ſi meſmo, do Mundo, e do demonio, e as idéas mais altas, e primoroſas da perfeiçaõ

E-

Evangelica, a que elle aſpirou, e ſubio. E tambem neſta vida abbreviada ſe me moſtraõ bem claramente os muitos, e grandes defeitos do meu eſpirito fraco, mas ella ao meſmo tempo me ſerve por alento da minha fraqueza, incendio da minha tibieza, de confuſaõ para minha preſumpçaõ, e vaidade; e juntamente de exemplo, e eſtimulo, para que perſeverando eu fiel em minha vocaçaõ, vivendo fervoroſo, e Apoſtolicamente, deſprezando, e pizando bens caducos, e terrenos, buſcando, e eſtimando os eternos, verdadeiros, e permanentes, mereça receber de Deos a recompenſa da eterna Gloria no Céo, onde conſidéro já bemaventurado, e glorioſo ao V. P. Fr. Antonio das Chagas, de quem, ainda que toſcamente, acabo de eſcrever.

369 Poſto com tudo que foſſe taõ inculpavel a vida do V. P. Fr. Antonio das Chagas, depois de convertido á Graça, e taõ precioſos os ſeus Eſcriptos, como ſe tem moſtrado neſta Hiſtoria, naõ deixou todavia de cauſar admiraçaõ, que tenhaõ havido Sujeitos, que com ſua adiantada crítica, e modo livre de penſar ſobre os Eſcriptos, e algumas paſſagens da vid

do meſmo V. P. , déſſem occaſiaõ a que alguem vacilaſſe de algum modo na boa opiniaõ do ſervo de Deos. Porém he razaõ , que ſaibamos , quaes foraõ eſtes críticos , aſſim penſadores ; qual a ſua conducta , e caracter ; e quaes os motivos , que tiveraõ para penſarem , e fallarem com deſabono do ſervo de Deos ; e tambem aquillo , de que o notáraõ. Naõ os nomearemos aqui por ſeus nomes , mas parece juſto dá-los a conhecer por ſuas obras. Elles por coſtumes , e genio extravagante foraõ homens libertinos , mais politicos , que Chriſtaõs ; mais amigos de lêr por novellas , fabulas , e aſſumptos profanos , e amatorios , do que por livros , que contém Doutrina ſolida , sã , e verdadeira. Homens dominados de eſpirito livre , e vertiginoſo , diſpoſtos ſempre a abraçarem toda a novidade. Homens entregues a depravada Filoſofia do ſeculo , inimigos ſempre da piedade , e de ſeus Profeſſores , e ainda da Religiaõ. Homens , que com a mais ſevéra critica quizeraõ duvidar de tudo , diſputar de tudo , zombar , e mofar de tudo , o que naõ era confórme ás ſuas paixoens , e opinioens. Homens em fim de taõ peſſima , e eſtragada conducta ,

que

que ſem perdoar ao mais ſanto, e ſagrado, elles com atrevida ſátyra ſe arrojáraõ ſem reſerva a ſentir, e a penſar mal de tudo, e a fallar mal de tudo em tom deciſivo, e arrogante.

370 Deſta claſſe foraõ os que notáraõ como inuteis, e de nada intereſſantes, as Obras do V. P. Fr. Antonio das Chagas, por ſerem eſcriptas em eſtylo nimiamente raſteiro, ſimples, e inculto, e menos elegante. A eſta claſſe pertencem tambem aquelles, que, como Juizes incompetentes, criimináraõ alguns lances do ſervo de Deos, ainda que dignos de louvor, e algumas acçoens ſuas innocentes, julgando com temeridade Fariſaica huma, e outra couſa mais effeitos de demaſiada credulidade, hypocriſia, e fanatiſmo, do que fructos do verdadeiro zêlo de Deos. A quanto ſe arrója a céga, e atrevida Filoſofia dos eſpiritos fortes (ſe bem que eſtes verdadeiramente eſtaõ fracos, e enfermos na piedade, e na Fé!) Mas naõ he para admirar, que dos Eſcriptos, e ainda do zêlo, e de algumas acçoens do memoravel P. Fr. Antonio das Chagas, verdadeiro imitador de Chriſto, houveſſe quem naõ penſaſſe bem, quando naõ faltou, quem muitas vezes ſentiſſe, e fallaſſe

 mal

mal da Doutrina, e tambem da Santissima Pessoa do mesmo Senhor, sendo por essencia, e natureza a mesma Santidade? Estou certo porém, que a pezar das injustas censuras, que contra os Escriptos, e Pessoa do V. P. Fr. Antonio das Chagas possa vomitar a emulaçaõ, ou malicia, jámais estas imposturas poderáõ deslustrar, e fazer escurecer o augusto nome da virtude, em que resplandeceo este servo de Deos, nem jámais bastardas nuvens da maliciosa emulaçaõ podéraõ alcançar a eminencia do heroico zêlo, da piedade solida, da virtude, e santidade, com que em opiniaõ commum, e geral dos Povos venturosamente viveo, e terminou seus dias em osculo do Senhor este seu fiel servo. Elle (em minha pia crença) estaria já venerado em nossos Altares, se naõ se perdessem os papeis relativos ao seu processo. Que lamentavel perda?

371 Chamou Deos ao V. P. Fr. Antonio das Chagas á soledade de Varatojo, para lhe fallar ao coraçaõ mais sensivelmente, a fim de santificar-se a si mesmo, e tambem para neste retiro abrir a seus discipulos escola de perfeiçoens Evangelicas. Huma, e outra cousa alcançou venturosamente. Por-

que

que ſuppoſto, que no Real Convento de Varatojo, deſde a ſua primeira fundaçaõ, por eſpecial beneficio do Céo jamais deixou de ſe guardar a Regra de S. Franciſco, nunca os Moradores deſte Convènto foraõ notados de pouco obſervantes na ſua Regra. Antes bem ſim, como aſſevéra hum Eſcriptor grave, ſempre neſte Convento houveraõ Religioſos de Oraçaõ, e d'eſpirito *. Com tudo depois que eſte Convento, ſeparando-ſe da Santa Provincia dos Algarves, ſe erigio em Seminario para criaçaõ de Miſſionarios Apoſtolicos, bem ſe póde dizer, que elle he officina, onde ſe lavraõ, e pulem diamantes para brilharem no Sanctuario da Igreja, e que he Collegio ſagrado, onde ſe aprende a verdadeira ſciencia para no Pulpito Chriſtaõ annunciar Apoſtolicamente a ſanta palavra de Deos. Acabo de eſcrever do illuſtre fundador do Seminario de Varatojo o V. P. Fr. Antonio das Chagas, ainda que compendioſamente. Fallei neſta primeira Parte deſta Hiſtoria de alguns eſclarecidos Varoens, que florecêraõ neſta Caſa, antes de elevada a Seminario. Continuarei a hiſto-
riar

* *God. Vid. do V. Ch. c.* 17.

riar tambem ſuccintamente as vidas de alguns inſignes Prelados, que para governo de Biſpados, e Arcebiſpados, e para Reformadores de Religioens, arrancou a obediencia dos Monarchas, e do Santo Padre Vigario de Chriſto, do Seminario de Varatojo; e de alguns, que por humildes ſe eſcuſáraõ acceitar emprêgos honorificos: como tambem de alguns outros benemeritos Filhos do meſmo Seminario de Varatojo, que tendo com ſeus Eſcriptos, e ainda mais com ſuas virtudes, e fervoroſas Miſſoens illuſtrado os póvos em utilidade da Santa Igreja, e do Eſtado, acabáraõ piamente no Senhor com ſuave cheiro de virtude, e ſantidade, ſegundo a pia credulidade dos póvos.

# CAPITULO XXXVI.

*Vida, e virtudes do V. P. Fr. Antonio de S. Diogo, Missionario de Varatojo, depois de ser Commissario dos Terceiros na Santa Provincia de Portugal.*

372 NO anno de 1683 a 16 de Junho falleceo no Senhor em cheiro de santidade no Convento da Figueira da Santa Provincia de Portugal, na Beira, Bispado de Coimbra, o V. P. Fr. Antonio de S. Diogo, filho do Seminario de Varatojo, onde se encorporou depois de ter professado na mesma Santa Provincia de Portugal. Nasceo em Aveiro, entaõ Villa do Bispado de Coimbra, e hoje Cidade Episcopal: depois que entrou na Ordem Seraphica, tanto no tempo de Noviço, como de Corista por seu espirito de mortificaçaõ, fervorosa, e contínua Oraçaõ, Meditaçaõ, e conversaçaõ nas cousas Celestes, mais parecia Anjo, do que homem.

373 Teve por Mestre nos estudos a Fr. Antonio de S. Thomás, ornamento egregio da mesma Santa Provincia.

cia. Debaixo da disciplina deste virtuoso, e sabio Mestre, ajuntou Fr. Antonio ás letras o aproveitamento das virtudes. Instituido Pregador, e Confessor, exercitou zeloso estes emprêgos, e tambem o de Commissario Visitador da Ordem Terceira da Penitencia na mesma Villa da Figueira. Restaurou a Ordem Terceira da Penitencia descahida ao seu primitivo espirito, e observancia, fazendo com suas fervorosas, e efficazes instrucçoens muitos serviços a Deos em utilidade das almas. Cuidou solícito, que os Irmaős Terceiros edificassem nova Igreja naquella Villa, para nella mais commodamente fazerem seus exercicios, e serem nella sepultados. Era o zeloso Commissario efficaz na palavra, e na obra. Elle a fim de adiantar, e fazer crescer o edificio, trazia com suas maős, e a seus hombros pedras, e outros materiaes, attrahindo deste modo com seu exemplo nos Terceiros, que fizessem o mesmo. Com effeito assim succedeo. Concluio-se dentro de pouco tempo huma bella Igreja. Ainda nesta Villa, e suas visinhanças se conserva viva a memoria deste servo de Deos, e se conservará para sempre.

No

374 No anno de 1663 paſſou o ſervo de Deos Fr. Antonio de S. Diogo para a Villa de Santarem a exercitar tambem neſta notavel Villa o emprêgo de Commiſſario da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia. Trazia Fr. Antonio ſempre por inſeparavel Companheiro o zêlo da honra de Deos, e utilidade das almas. Portou-ſe com tal circumſpecçaõ, prudencia, e inteireza no regimen, e direcçaõ da Ordem, que fazendo-a dilatar maravilhoſamente, ſoube ganhar muitos Filhos para Chriſto, que fervoroſos abraçáraõ o Inſtituto da Penitencia. Abrio o fervoroſo Commiſſario no meſmo Convento com beneplacito do ſeu Padre Guardiaõ, huma eſcola pública de Oraçaõ Mental para os Seculares. Aos quaes exhortava á contemplaçaõ das couſas Celeſtiaes, e com taõ maravilhoſo fructo, e goſto dos meſmos, que já antes de começar a Oraçaõ eſtava a Igreja cheia de povo. Naõ permittia o zêlo, e fervor de Fr. Antonio, que jamais ſe paſſaſſe dia, que elle naõ fizeſſe Oraçaõ pública com o povo na Igreja.

375 Tres dias na ſemana tomava diſciplina com os Irmaõs Terceiros. Na Quareſma todos os dias, excepto os

os Domingos, concluida a Oraçaõ, fazia Prática efpiritual a feus Terceiros para os affervorar no cumprimento dos Divinos Preceitos, e no feu proprio Inftituto. Convertia efte zelofiffimo Commiffario em Cafas de Oraçaõ as cafas de feus Terceiros, que elle vifitava em razaõ do feu Officio. Sempre em feus Sermoens perfuadia efficazmente a todos o exercicio da Oraçaõ Mental. Em todo o termo de Santarem. feminando a fanta palavra de Deos, propagou o Inftituto da Ordem Terceira da Penitencia. Reduzio a muitos peccadores perdidos ao caminho da falvaçaõ, fazendo, que elles imitaffem aos bons no aproveitamento das virtudes. Dirigia almas devotas, e fantas nos atalhos rectos do efpirito, conduzindo-as á uniaõ com Deos, e ápices da perfeiçaõ Chriftá. Succedendo, que muitas deftas almas juftas depois da Sagrada Communhaõ ficavaõ por muitas horas amorofamente tranfportadas em Deos, gozando de feus favores com Colloquios interiores. Ainda que o fervo de Deos, como taõ experimentado em materias de efpirito, defenganava a eftas almas, que a fumma da perfeiçaõ confifte mais em padecer, e obrar por amor de Deos,

do

do que em gozar dos favores, e doçuras de Deos nos gabinetes da contemplaçaõ.

376 Na mesma Villa de Santarem fez, que se fundasse hum Collegio, ou Conservatorio da Igreja da Senhora dos Innocentes, a fim de que algumas honestas donzellas, e virtuosas matronas, abstrahidas do Seculo, se desposassem com Christo neste Recolhimento: deo a dita Igreja ao servo de Deos a Serenissima Rainha de Portugal D. MARIA FRANCISCA IZABEL de Saboya. Em quanto esta pia obra se naõ concluia, escolheo elle virtuosas Terceiras da Penitencia, e as fez ajuntar em huma casa, que lhes servisse de domicilio, onde ellas congregadas, e unidas com os sagrados laços da caridade fraternal, faziaõ já vida taõ exemplar, e praticavaõ as virtudes com tanto espirito, e fervor, como se na profissaõ, e vida fossem Religiosas perfeitas. Em traje de Terceiras da Penitencia á maneira de Mantelatas sahiaõ todos os dias deste devoto domicilio, e hiaõ ouvir Missa, e Commungar ao Convento de S. Francisco, quando o seu Commissario, e Director espiritual lhe parecia conveniente.

De

377 De maneira, que tendo eſtas fervoroſas mulheres veſtido com o Habito de Terceiras a humildade de S. Franciſco, ellas ſem ter feito voto, nem profeſſado a vida Religioſa por obrigaçaõ, a queriaõ ſeguir por vontade, e coſtume, praticando as auſteridades das Freiras Franciſcanas Deſcalças Reformadas, além de outros exercicios inſinuados pela prudencia do zeloſo, e ſabio Commiſſario. Concluido o Recolhimento corrêraõ para elle as devotas donzellas, e veneraveis matronas chêas de ſanta alegria, ſahindo do Convento de S. Franciſco veſtidas todas com o Habito da Penitencia da Veneravel Ordem Terceira em dia do Protomartyr S. Eſtevaõ, em huma ſolemne Prociſſaõ, acompanhando os Religioſos, e grande concurſo de todos os eſtados de Peſſoas, e nobreza daquella devota Villa. Apenas entráraõ no novo Conſervatorio, logo chêas de fervor, e deſejos de maior perfeiçaõ propuſêraõ, ainda que debaixo da Regra, Eſtatuto, e direcçaõ da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, guardar a mais rigida obſervancia, e diſciplina da primeira Regra de S. Clara com eſtreitiſſima clauſura, ſem fallar alli a peſſoa alguma Secular, que

naõ

naõ fosse pai, ou mãi da Recolhida. Ardiaõ todas no amor, e serviço de Deos. Entráraõ outras, crescia o número, e o zêlo da maior perfeiçaõ. Muitas dellas, insignes em piedade, cheias de virtudes, merecimentos, e favores Celestiaes, acabáraõ com morte preciosa no Senhor. Naõ só cuidava o Veneravel Commissario em alimentar estas almas fervorosas com o paõ dos Sacramentos, e palavra de Deos, mas tambem lhes solicitava esmolas, e o que lhes era necessario para subsistencia temporal de suas Pessoas.

378 Vendo o Inferno, que se levantava contra elle este novo baluarte, cuidou em lança-lo por terra, e fazer implacavel guerra ao servo de Deos Fr. Antonio, para que desistisse desta obra, ou ao menos perdesse a paz do seu espirito. E de que meios, e instrumentos se valeo o demonio para este seu depravado fim? Valeo-se de homens malevolos, e estragados na consciencia, os quaes começáraõ a publicar calumnias contra o piissimo, e zelosissimo Commissario, criminando o seu zêlo, e intençaõ, julgando com temeridade Farisaica, que tudo o que elle obrava, naõ era effeito da sua virtude, e zêlo, mas ambiçaõ, hypocrisia,

ſia, e fanatiſmo. E como ſe portava o ſervo de Deos cercado injuſtamente de injurias, e calumnias? Imitando a Chriſto Divino Meſtre, portava-ſe com manſidaõ de cordeiro, e com invicta paciencia, naõ tendo boca ſenaõ para pedir a Deos por ſeus calumniadores. Jamais elle diſſe palavra para ſe juſtificar, e accuſar a ſeus contrarios, e infamadores. Ainda que acudindo Deos pela innocencia de ſeu ſervo permittio, que acabaſſem miſeravelmente todos, os que o tinhaõ calumniado.

379 Reviveo a fama, e opiniaõ de ſantidade outra vez em Santarem a favor do zeloſo Commiſſario Fr. Antonio de S. Diego, porque taõ viſivelmente tinha advogado o Céo nos repentinos, e formidaveis caſtigos, que experimentáraõ os ſeus calumniadores. Ainda continuou o demonio a combater de novo a paciencia do ſervo de Deos, mas ſempre elle com a Graça deſte Senhor alcançou triunfo do eſpirito das trévas; ainda que vencido o Anjo das trévas naõ deſiſtia todavia de reforçar novos, e violentos ataques contra a paciencia do ſervo do Senhor. Elle com effeito vivia afflicto, e conſternado.

380 Chegando por eſte tempo a San-

Santarem o V. P. Fr. Antonio das Chagas, foi ter logo com elle o afflicto Commissario, e expondo-lhe os trabalhos, que tinha tido, e ainda a perseguiçaõ, que lhe fazia o demonio, dizia, que estava de animo seguir ao mesmo V. Padre, se elle o quizesse para Companheiro nas Missoens, e deixar o emprêgo de Commissario. O V. P. Fr. Antonio das Chagas consolando ao Padre Commissario, o animou a continuar no regimen da Ordem Terceira, e das Recolhidas, porque se naquella occasiaõ desistisse da empreza, e obra taõ proficua, cantaria o Inferno a victoria; porém, que instituindo-se Seminario para Missoens, lhe dava já para esse tempo boas esperanças de ser acceito nelle.

381 Instituido com effeito o Seminario de Varatojo para Missoens no anno de 1680, veio o servo de Deos a Varatojo pedir ao V. P. Chagas se dignasse admitti-lo neste novo Seminario. A 23 d'Agosto deste mesmo anno foi encorporado Fr. Antonio no Seminario de Varatojo, onde florecendo por algum tempo em virtudes heroicas, em fructos de boas obras, e santidade, vendo os Prelados, que elle ardia no desejo, e zêlo da conversaõ

das

das almas, e Gloria de Deos, o mandáraõ para Missaõ. Missionou no Arcebispado de Lisboa, e no Bispado da Guarda, fazendo prodigiosos fructos de conversoens, tirando almas sem número da garganta do Inferno. Trabalhou com zêlo infatigavel até morrer.

382 Achava-se Fr. Antonio de S. Diogo no exercicio actual das Missoens, quando foi atacado de molestia grave. O Guardiaõ de Varatojo sciente, de que a molestia continuava ao servo de Deos sem allivio, nem esperanças de melhóras, lhe mandou, que deixasse a Missaõ, e que sem perda de tempo se recolhesse a Varatojo, para cuidar na sua saude: obedeceo o servo de Deos, e vindo de caminho para o Seminario augmentando-se-lhe a enfermidade, para baixo de Coimbra, se vio obrigado a recolher-se ao Convento da Figueira, onde fôra morador, e Commissario dos Terceiros, antes de ir para Varatojo, como se disse acima. Tomando aqui mais forças a molestia, e sobrevindo acerbissimas dôres com ella ao servo de Deos, elle se portou com a maior tolerancia, e invicta paciencia neste prolongado martyrio. Tendo elle palavras, que pareciaõ séttas de fogo para amoro-

rosamente fallar com Christo crucificado, e para instruir aos Religiosos assistentes, illuminando, e edificando a todos com a voz do seu exemplo, e de suas virtudes, só naõ tinha boca, nem palavras para se queixar do muito, que padecia.

383 Finalmente recebidos com ternura, e devoçaõ os ultimos Sacramentos, que pedio, vencidas as ciladas, e vehementissimas tentaçoens do demonio, abraçado com o Santo Christo, que trazia nas Missoens, depois de lhe fazer ternissimos Colloquios, expirou placidamente Fr. Antonio de S. Diogo com morte de Santo, a tempo que alguns Religiosos assistentes cantavaõ as palavras do Symbolo Niceno: *Et Incarnatus est*, e no mesmo tempo, que outros no côro cantavaõ: *Te ergo quæsumus, tuis famulis súbveni*. Morreo na primeira hora da noite. Foi sepultado no dia seguinte, em que se celebrava a Festa do Santissimo Corpo de Christo. Deixou este servo de Deos a todos veneravel a opiniaõ de sua santidade. Escreveo a vida deste illustre Varaõ, e Veneravel Missionario, o R. P. Chronista Fr. Fernando da Soledade na Historia Seraphica *t.* 5. *l.* 5. *Cap.* 10.

## CAPITULO XXXVII.

*Vida, e virtudes do V. P. Fr. Manoel de Coimbra, Missionario de Varatojo.*

384 A 27 de Outubro de 1684 passou para o Senhor no Convento dos Olivaes, junto á Cidade de Coimbra, da Santa Provincia da Soledade o V. P. Fr. Manoel de Coimbra, filho do Seminario de Varatojo. Foi insigne Prégador, e Missionario verdadeiramente de espirito Apostolico, e acclamado por seu ardente zêlo da salvaçaõ das almas, como hum dos mais fervorosos Operarios Evangelicos de Portugal no seu tempo. O nome deste egregio Missionario jamais esquecerá em Varatojo. Torres, Aldêa pouco distante da Cidade de Coimbra, foi a que deo o berço a este servo de Deos. Nesta florentissima Universidade se achava Manoel applicado ao estudo das artes, e letras humanas, quando se sentio movido de Deos para nos claustros de S. Francisco aprender a verdadeira sciencia da salvaçaõ. Fiel á Graça da vocaçaõ, foi logo Manoel pe-

pedir o ſanto Habito da Penitencia ao Convento dos Olivaes. Sendo acceito entrou no Noviciado do meſmo Convento a 23 de Março de 1640. No anno ſeguinte neſta meſma Santa Caſa ſe conſagrou à Deos pela profiſſaõ, que fez dos votos ſolemnes. Propoz fervoroſo conduzir-ſe toda a ſua vida pelo eſpirito do Seraphico Padre S. Franciſco na inteira obſervancia dos votos da Religiaõ, e na pontual obſervancia da Regra Evangelica do meſmo Seraphico Padre S. Franciſco, que profeſſára.

385 Naõ ſó dentro dos clauſtros, e em tempo de Noviço, e Coriſta, ſenaõ tambem no dos eſtudos de Philoſophia, e Theologia, em todo o lugar, em quanto viveo conſervou Fr. Manoel o eſpirito de mortificaçaõ, e de Oraçaõ. Neſta aula aprendeo o ſanto temor de Deos, a prática das virtudes, e a verdadeira ſciencia do Pulpito, e Confeſſionario. Exercitou eſtes emprêgos na ſua Provincia por eſpaço de vinte annos com plena ſatisfaçaõ dos Prelados, crédito da Ordem, Gloria de Deos, e indizivel fructo das almas, cujo ardente zêlo devorava as entranhas ao ſervo de Deos. Eſte zêlo, e deſejo de trabalhar na

Vinha do Senhor, moveo a Fr. Manoel a acompanhar ao V. P. Fr. Antonio das Chagas no exercicio de ſuas Apoſtolicas Miſſoens, tanto que o ouvio prégar. Elle entrou em Varatojo em companhia do V. P. Fr. Antonio das Chagas no meſmo dia, em que ſe deo á execuçaõ o Breve da nova inſtituiçaõ do Seminario das Miſſoens, que fundou o meſmo V. P. Fr. Antonio das Chagas.

386 Ordenadas algumas couſas tendentes ao bom regimen do novo Real Seminario das Miſſoens, acompanhou Fr. Manoel ao V. P. Fr. Antonio das Chagas na Miſſaõ do Reino do Algarve; onde foi Deos viſivelmente magnificado pelas maravilhas, e prodigioſos fructos, que obrou o meſmo Senhor na converſaõ das almas por meio deſta Miſſaõ memoravel. Hum, e outro Miſſionario prégava egregiamente com eſpirito Apoſtolico; hum, e outro reſplandecia em virtudes; hum, e outro fazia prodigios; hum, e outro era eſcutado, e attendido, como oraculo; contendiaõ os Ouvintes, qual dos Miſſionarios era maior Prégador, e fazia mais fructo nas almas. No fervor de eſpirito pareciaõ dous Apoſtolos.

387 Acabada aquella Miſſaõ, ſendo

do o V. P. Fr. Antonio das Chagas acomettido de vertigens, e finalmente adoecendo de modo, que se impossibilitou para subir ao Púlpito, ficou Fr Manoel fazendo as vezes do mesmo V. Padre no exercicio das Missoens; em que com zêlo ardente, e infatigavel trabalhou até á morte. Discorreo por varios Bispados do Reino, seminando fervoroso com espirito Apostolico a santa palavra de Deos, colhendo sempre della maravilhosos fructos de conversoens das almas para Deos; missionou o Bispado da Guarda com grande fructo das almas, como por carta o testificou o Illustrissimo Prelado daquella Diocese D. Martinho Affonso de Mello, ao Guardiaõ do Seminario de Varatojo, fazendo grandes, e distinctos elogios a Fr. Manoel de Coimbra, tractando-o de eximio Prégador Evangelico, e insigne Missionario Apostolico.

388 Passou Fr. Manoel com a Missaõ sempre fervoroso ao Bispado de Leiria, e depois ao de Coimbra. Finalmente tendo discorrido missionando grande parte deste Bispado com trabalhos indiziveis, a tempo que se achava já dentro da Cidade no exercicio actual da Missaõ, enfermou gravemen-

te,

te, por causa de huma agudissima dôr, de que foi acomettido em hum lado, a qual sem allivio lhe durou pelo espaço de seis dias. Conheceo Fr. Manoel, que esta enfermidade era mortal, e que estava terminada a carreira da sua vida: preparou-se para a morte, que esperou com a maior resignaçaõ, supportando com indizivel paciencia aquella intensissima dôr, que como penetrante, e agudo cutélo, cada vez o affligia, e atormentava mais, e mais. Todo este tempo gastou o servo de Deos em Colloquios, e amorosos affectos com o mesmo Senhor. Desejava desatar-se das prizoens da carne para estar com Christo na Gloria.

389 Querendo o servo de Deos, que seu corpo se enterrasse onde recebêra o primeiro espirito de Religiaõ, e tivera o seu Noviciado, pedio o conduzissem da Cidade para o Convento dos Olivaes. Já dentro deste Convento, ou Sanctuario, se achava o servo de Deos Fr. Manoel de Coimbra, quando se sentio inteiramente falto das forças corporaes. Pedio logo os soccorros da Religiaõ, e ultimos Sacramentos da Igreja, que recebeo com ternura, e devoçaõ. Animou a seus Companheiros no zêlo da salvaçaõ das almas,

mas,

mas, e lhes pedio orassem ao Senhor por elle. Morreo Fr. Manoel de Coimbra santamente abraçado com Christo no mesmo Convento dos Olivaes. Ainda que este servo de Deos em vida tinha o rosto tirante a trigueiro, pouco agradavel, e sem belleza alguma natural; elle depois de sua morte ficou taõ claro, taõ formoso, e taõ bello, que a todos causava admiraçaõ.

390 O Illustrissimo D. Fr. José de Alencastre, Bispo de Leiria, que amava cordeal, e ternamente a Fr. Manoel por suas virtudes, e ardente zêlo da salvaçaõ das almas, como o testemunhavaõ os prodigiosos fructos, que com a Missaõ fizera na sua Diocese, sentio vivamente a morte deste insigne Missionario. E quando ouvio referir os maravilhosos, e prodigiosos casos, que Deos obrava, e patenteava depois da morte preciosa deste seu fiel servo, dando louvores ao mesmo Senhor se conformava com o seu Divino Beneplacito. Escreveo o mesmo piissimo Prelado cartas a Varatojo chêas de sentimento pela morte do seu amigo Fr. Manoel de Coimbra, nas quaes dava claro testemunho do muito, que amava a este servo de Deos, a quem chamava zelosissimo Pregoeiro Aposto-

li-

lico da ſanta palavra de Deos, grande Miſſionario, e verdadeiro Declamador do Evangelho. Viveo quarenta annos em ſua Provincia, e pouco mais de quatro em Varatojo.

391 O aſſento, que ſe acha no livro dos Óbitos dos Religioſos, que fallecêraõ no dito Convento dos Olivaes, fallando do V. P. Fr. Manoel de Coimbra, diz aſſim: « Em 15 de
» Abril começando a dar a meia noi-
» te para os 16 da era de 1684, que
» era Domingo de *Paſtor bonus*, en-
» tregou ſua alma ao Paſtor Divino o
» Irmaõ Fr. Manoel de Coimbra, Pré-
» gador, filho deſta noſſa Provincia
» da Soledade, dando muito grande
» exemplo com ſua vida, e Prédica,
» em que foi conſummado, e dos me-
» lhores deſtes tempos. Com deſejos
» de agradar mais a Deos, e fazer-
» lhe maiores ſerviços, intentou ir-
» ſe para Cabo-Verde prégar aos Gen-
» tios, o que naõ teve effeito por juſ-
» tos Juizos de Deos. Paſſado eſte tem-
» po com licença do Reverendiſſimo
» Padre Geral, ſe foi para a companhia
» do P. Fr. Antonio das Chagas, e
» com elle aſſiſtio quatro para cinco
» annos Miſſionario Apoſtolico, fa-
» zendo diverſas Miſſoens, como foi

„ ao Algarve, Alemtejo, e Beira; e
„ agora actualmente andava havia ſeis
„ mezes neſte ſanto exercicio. Chegou
„ a eſta Cidade ſua patria, fez nella
„ Miſſaõ quaſi toda a Quareſma com
„ grande aproveitamento das almas;
„ acabada ella, veio entregar ſua al-
„ ma a Deos neſte Convento de S. An-
„ tonio dos Olivaes, e piamente creio
„ eſtará gozando da Bemaventurança
„ pelo deſapêgo, que tinha a eſta vi-
„ da, e conformidade, que moſtrou
„ com a Divina vontade ſempre, e
„ muito principalmente neſta enfermi-
„ dade. Morreo com todos os Sacra-
„ mentos, que pedio. „

## CAPITULO XXXVIII.

*Vida, e virtudes do Illuſtriſſimo D. Fr. Manoel da Reſurreiçaõ, Miſſionario de Varatojo, e Arcebiſpo da Bahia.*

392 CORria o dia 16 do mez de Janeiro do anno 1691 do Naſcimento de Chriſto Salvador do Mundo, quando com precioſa morte terminou a carreira de ſua vida no Seminario de Belém em o lugar da Cachoeira do Arce-

cebiſpado da Bahia, o V. D. Fr. Manoel da Reſurreiçaõ, Arcebiſpo da meſma Dioceſe, e filho do Seminario de Varatojo. Eſte illuſtre Prelado, e inſigne Miſſionario era natural da Villa de Gouvêa, Biſpado de Coimbra de familia illuſtre. Foi criado nos primeiros annos de ſua idade em honeſtos coſtumes por ſeus virtuoſos, e nobres Pais, que ſolícitos com palavras, e exemplos faziaõ por inſpirar a ſeu filho o ſanto temor de Deos, a obſervancia da ſua Lei, o amor á virtude, odio ao vicio, reverencia ás couſas ſagradas, e aos Miniſtros do Senhor. Paſſou Manoel Pinheiro a Coimbra, onde com tençaõ de ſeguir a vida Eccleſiaſtica ſe applicou aos Sagrados Canones. Creſcia nos annos, nas virtudes, e na ſciencia Canonica. Fazendo ſeus Actos, e ſendo laureado com o gráo de Doutor á ſatisfaçaõ, e maiores louvores dos Meſtres, ſubio dentro de pouco tempo pelos degráos de ſeus merecimentos a huma Cadeira de direito Canonico na meſma Univerſidade de Coimbra.

393 Reſplandecia nas letras, e nas virtudes, diſtinguindo-ſe por eſtas, e por ſeus talentos de ſeus Companheiros. Foi eſta a razaõ, porque a 3 de

Ju-

Julho de 1673 mereceo ser admittido no Collegio Maior de S. Pedro da mesma Universidade, e promovido a 26 de Junho do anno seguinte a Deputado da Santa Inquisição no Tribunal de Coimbra. Já neste tempo o Doutor Manoel Pinheiro Furtado (era este o seu nome no Seculo) se achava ordenado de Presbytero, e sendo pelo contínuo exercicio de suas virtudes proveitoso a si, elle era com suas efficazes exhortaçoens, e exemplo santo, util aos outros no Púlpito, e Confessionario.

394 Tambem honrou o Doutor Manoel Pinheiro a Sé de Lamego. Foi elle, o que obteve a Cadeira de Conego Doutoral daquella Cathedral no concurso de muitos Doutores, que se fez para ella no anno de 1676.

395 Estas Dignidades porém, que com suas letras tinha alcançado Manoel Pinheiro, as Cadeiras, que na mesma Universidade o estavaõ proximamente esperando por seus relevantes talentos, as honras, e maiores emprêgos, com que o Mundo o lisonjeava; tudo isto deixou pelo pobre sayal de S. Francisco, com que intentou vestir-se, logo que se sentio movido para sahir do Mundo a fim de cuidar

se-

feriamente na fua propria falvaçaõ, e na dos outros fazendo vida Apoftolica. Chegou por efte tempo a Coimbra o V. P. Fr. Antonio das Chagas. Foi ouvido, como clarim animado, e trombeta do Evangelho, pelo Doutor Manoel Pinheiro. O qual vendo, e admirando os prodigiofos fructos, que com fuas Miffoens fazia o V. Padre, foi ter com elle expondo-lhe os ardentes defejos, que tinha de imita-lo na feára Evangelica, e vida Apoftolica. O V. Padre declarando ao fervorofo Doutor as intençoens, e idéas, em que andava de fundar Seminario para exercicio das Miffoens, firmando a Manoel Pinheiro em feus defejos, lhe prometteo, que fería elle o primeiro Noviço, que recebeffe logo, que o Seminario eftiveffe fundado.

396 Affim fuccedeo, cumprindo-fe os defejos tanto do V. P. Fr. Antonio, como do Doutor Manoel Pinheiro. Sendo o Real Convento de Varatojo erecto em Seminario, e novo Collegio de Miffoens com Authoridade Apoftolica, e Beneplacito Regio, no dia 11 de Março de 1680, logo o mefmo V. P. Fr. Antonio avifou ao pertendente Doutor Manoel Pinheiro Furtado de Sotto Maior, que de Coimbra

bra

bra podia logo partir para Varatojo. Naõ consultando Manoel Pinheiro a sua vocaçaõ senaõ com Deos, veio logo, e sem demóra pedir o santo Habito do Seraphico Patriarcha dos pobres, e humildes S. Francisco no Seminario de Varatojo, onde com o maior prazer da Communidade, e do V. P. Fr. Antonio das Chagas foi acceito este insigne Doutor a 28 de Junho do mesmo anno, merecendo a honra de ser o primeiro pertendente Secular a quem honrou, e santificou o Noviciado do Seminario de Varatojo.

397 Tendo Manoel Pinheiro deixado o Seculo pelo retiro de Varatojo, trocado as riquezas pela pobreza, a liberdade pela obediencia, as honras pelos desprezos, os regalos, e divertimentos do Mundo pelas mortificaçoens da vida Religiosa, e Apostolica, cuidou com todo o desvélo, e animo generoso na disciplina do Noviciado em se vencer a si mesmo, mortificando fervoroso suas paixoens, e praticando diligente os exercicios mais humildes do Noviciado. Com admiraçaõ do Mestre, e da Communidade crescia cada dia mais, e mais, o fervoroso Noviço na prática das virtudes, e desejos de maior perfeiçaõ Evan-

Evangelica. Na Oraçaõ fervente difpunha o feu efpirito, e preparava as armas para vencer o forte armado, quando fahiffe do Seminario a dar-lhe batalha no emprêgo Apoftolico das Miffoens. Pela devoçaõ, que tinha ao Myfterio do Senhor Refufcitado, pedio o fervorofo Noviço a feu Meftre, e Guardiaõ do Seminario, que lhe mandaffem mudar o fobrenome, e que defejava lhe chamaffem depois de fua profiffaõ folemne dos tres votos (que fez cheio de prazer de feu efpirito, e plena fatisfaçaõ da Communidade) o Irmaõ Fr. Manoel da Refurreiçaõ.

398 Naõ fe enganáraõ os Prelados, e todos os Religiofos de Varatojo no conceito, que tinhaõ formado dos grandes talentos, e cabedaes de virtudes, de que era adornado efte Noviço para o minifterio da fanta palavra. Correfpondêraõ os effeitos ás bem fundadas efperanças de vir a fer hum egregio Operario Evangelico na feára do Senhor. Pouco depois, que Fr. Manoel fez de fi inteiro facrificio a Deos por meio dos votos folemnes, foi mandado para Miffaõ. Lisboa, Coimbra, Leiria, e outras muitas Cidades, e terras fervíraõ de devoto theatro, onde Fr. Manoel da Refurreiçaõ cheio

de

de zêlo da honra de Deos annunciou a sua santa palavra com indiziveis, e maravilhosos fructos, que fez na conversaõ das almas.

399 Elle no ministerio da santa palavra se propoz combater, e arrancar vicios, plantar, e suavizar virtudes; insinuar os meios, para seus Ouvintes cumprirem com as Leis Divinas, e Humanas, e satisfazerem os proprios devêres. Seus Sermoens eraõ efficazes, suas palavras pareciaõ ardentes séttas, que penetrando os coraçoens de seus Ouvintes, os inflammavaõ no amor de Deos, e desprezo do Mundo. Deraõ claras provas do zêlo, e fervor de Fr. Manonel em suas Missoens, os Illustrissimos, e Veneraveis Prelados D. Joaõ de Mello, Bispo de Coimbra, e D. Fr. José de Alencastre, Bispo de Leiria, nas cartas, que escrevêraõ a Varatojo, em que louvaõ grandemente as virtudes, e fervorosas fadigas deste insigne Operario Evangelico, mostrando-se cheios de satisfaçaõ, e prazer pelo grande fructo, que pelo meio da Missaõ fizera o servo de Deos nas ovelhas das suas Dioceses.

400 Naõ continuou o fervoroso Missionario Fr. Manoel no exercicio de suas Apostolicas Missoens, porque o Se-

Senhor Rei D. PEDRO II. o elegeo no anno de 1686 para Bispo de Pernambuco. Escusou-se o humilde servo de Deos, fazendo quanto lhe foi possivel para naõ acceitar aquelle emprêgo, expondo a sua insufficiencia, e o bem de que se privavaõ os póvos, se elle deixasse o exercicio da santa palavra, em que se achava, resultando deste exercicio beneficio conhecido á Igreja, e ao Estado. Mandou com tudo o piedosissimo Principe por mediaçaõ de Varoens sabios, e illuminados certificar a Fr. Manoel, que achando-se a America Lusitana sobre maneira em grande parte perdida pelos vicios, que alli grassavaõ, desagradaria elle muito a Deos, se naõ acceitasse aquelle Bispado; e que em fim para almas taõ perdidas, e taõ esquecidas de Deos, era necessario hum Bispo Missionario. Annuio o servo de Deos á vontade do Soberano, julgando, que tambem era esta a vontade de Deos. Dentro de pouco tempo foi Fr. Manoel da Resurreiçaõ promovido em Arcebispo da Bahia por nomeaçaõ do mesmo Monarcha. Depois de sagrado Arcebispo em Lisboa, e embarcado para o Brazil, aportou na Bahia a 13 de Maio de 1688.

Com

401 Com ſua peſſoa, e familiares reformados introduzio felizmente, e com ſuavidade o zeloſo Prelado a reforma, que intentava na ſua Dioceſe. Que excellente modo de reformar os outros, quando o Reformador começando por ſua caſa aníma com a voz do ſeu exemplo a reforma, que perſuade com a palavra! Tal era a conducta do Arcebiſpo D. Fr. Manoel, tal o ſeu comportamento, tal a frugalidade na ſua meſa, tal o recato, e diſciplina, que fazia guardar a ſeus Domeſticos, que todos elles pela exemplar conducta de ſeus coſtumes, e virtudes pareciaõ perfeitos Religioſos. E o Palacio Archiepiſcopal parecia Seminario de bons coſtumes, e eſcola de perfeiçoens, tanto aos Domeſticos, como aos eſtranhos. Naõ ſe eſqueceo eſte grande Prelado no emprêgo do ſeu Arcebiſpado do exercicio de Miſſionario. Sabendo, que huma das primeiras obrigaçoens do Biſpo he prégar, elle frequentemente prégava ás ſuas ovelhas.

402 Viſitou peſſoalmente as Igrejas mais remotas do ſeu Arcebiſpado, reduzio ao apriſco, e rebanho do Senhor ovelhas infinitas diſperſas, e deſgarradas, as quaes ouviaõ, e attendiaõ

com o maior gosto á voz do seu Pastor. Elle naõ só prégava frequentemente com fervente espirito, mas tambem com grande utilidade das almas as ouvia de Confissaõ no Tribunal da Penitencia. Continuando o Veneravel Prelado a laboriosa visita de suas ovelhas com summa consolaçaõ de seu espirito esperava por meio de seu zêlo, e cuidado Pastoral restituir todas as cousas á boa ordem. Ainda que por entaõ o naõ pôde effeituar de todo, porque se vio obrigado a desistir da visita, em que se achava, sendo chamado pela voz de todas as Ordens para o Governo politico do Estado do Brazil, logo depois do fallecimento do Governador, que mandára o Rei para aquelles Estados. Foi o bem do público o que obrigou ao zeloso Arcebispo a naõ resistir á eleiçaõ, que delle tinhaõ feito para governar tambem as armas, ainda que vivamente se sentio vêr-se arrancado do exercicio das Missoens, e governo Pastoral de suas ovelhas para tractar de negocios Seculares, e reger Soldados. Chegou a dizer sentido, que isto lhe servia de cruel martyrio, que elle offerecia ao Senhor em satisfaçaõ de seus peccados.

403 Por este tempo sacudíraõ os

Sol-

Soldados o jugo da obediencia a ſeus Maiores por ſe lhes naõ pagar o eſtipendio coſtumado, dando-ſe inſolentes a rapinas, e a outros inſultos com perturbaçaõ do Eſtado. Naõ podendo de modo algum os Capitaens contêr em ordem a eſtes rebeldes, deraõ parte ao Arcebiſpo Governador novamente eleito. Eſte portando-ſe, como Arcebiſpo, Miſſionario, e juntamente Governador, mandando chamar os diſcordes, tanto que lhes fez huma paternal, e efficacaz exhortaçaõ, logo os reduzio a boa ordem, e firmou na obediencia, e ſujeiçaõ de ſeus Chefes. De ſorte, que baſtou huma breve falla, que o Arcebiſpo, como Prelado, e Governador, fez áquelles Soldados ſublevados com a promeſſa de ſe lhes ſatisfazer o que ſe lhes devia, para elles ficarem naõ ſó obedientes, mas amigos, e promptos para a expediçaõ dos negocios tendentes ao bem do Eſtado. Deraõ claras provas deſta rendida obediencia pelo eſpaço de dous annos, que o Arcebiſpo governou tambem as armas venturoſamente com aplauſo de todos em utilidade, e felicidade da Igreja, e do Eſtado.

404 As riquiſſimas náos, que da Bahia ſe víraõ aportar em Lisboa, e

a prosperidade dos negocios do Estado do Brazil, e America Lusitana, se attribuiaõ á bençaõ, virtudes, e zêlo do Arcebispo Governador. Elle com o pezo do Governo Politico a seus hombros jamais se esquecia do regimen Pastoral de suas ovelhas, mandando frequentemente Visitadores escolhidos por todas as Parochias da sua Diocese. Lembrado elle, de que naõ póde a Igreja ser bem servida sem bons Ministros; nem o Estado subsistir, e conservar-se sem vassallos de bons costumes, e tementes a Deos, poz o principal estudo em criar Ordenandos, e Ecclesiasticos, de cohecida, e provada vocaçaõ; e Soldados tementes a Deos, e bons Christaõs. Para este fim destinou Missionarios zelosos, que por meio da prégaçaõ da Divina palavra instruissem a seus subditos no cumprimento das Leis Divinas, e Humanas, e na humilde sujeiçaõ aos Ministros da Igreja, e do Estado.

405 Chegando novo Governador á Bahia no anno de 1690, vendo-se o Arcebispo ja livre do Governo Civil, e Politico, partio logo pessoalmente em visita para as Parochias mais distantes da sua Diocese. Visitou os lu-

ga-

gares de *Camamâ*, *Cayrû*, e *Baypeba*, onde chrismando, e prégando frequentemente a santa palavra de Deos, se víraõ, e admiráraõ muitas vezes prodigios, e maravilhas, que por meio deste zelosissimo Prelado obrou o Senhor nas innumeraveis conversoens de almas, que elle fez. Era o Veneravel Arcebispo Prelado Visitador, e juntamente Missionario no exercicio. Mas naõ era o Mundo digno de taõ grande Prelado; pois enfermou gravemente no anno seguinte de 1691; e conhecendo que estava proxima a sua morte, pedio o conduzissem sem demóra ao grande Seminario de *Belém*, na povoaçaõ da Cachoeira dos Religiosos da Companhia de Jesus exemplarissimos n'aquelle tempo, que dista da Cidade da Bahia quatorze legoas com pouca differença.

406 Distribuio o Veneravel Arcebispo antes da sua morte, quanto tinha de seu uso, com os pobres, dando tambem demonstraçaõ de agradecido ao mesmo Seminario, onde elegeo sepultura para seu corpo. Pedidos, e recebidos com a maior devoçaõ, e ternura os ultimos Sacramentos, e confórme com a Divina vontade, repetindo fervorosissimos Actos de Amor de Deos,

Deos, expirou ſantamente o Veneravel Arcebiſpo, e ſanto Prelado nos braços do ſervo de Deos, Padre de Guſmaõ, fundador do meſmo Seminario.

407 Foi o corpo do Veneravel Arcebiſpo ſepultado no Cemiterio commum do meſmo Seminario com ſolemne pompa. E depois de alguns annos ſe achou incorrupto, reſplandecente ſempre com muitos milagres. Os fieis daquellas partes, que em ſuas neceſſidades invocaõ ao ſervo de Deos, lhe chamaõ o Arcebiſpo ſanto. Com eſte nome ſe conſerva, e conſervará na America Portugueza, viva ſempre a memoria das virtudes do inſigne Arcebiſpo da Bahia D. Fr. Manoel da Reſurreiçaõ, filho do Real Seminario de Varatojo, onde viveo ſeis annos, e alguns mezes. Foi aſſumpto á Dignidade Archiepiſcopal quaſi na idade de cincoenta annos. Eſcreveo deſte illuſtre, e Veneravel Prelado, D. Antonio Caetano de Souſa, e outros Eſcriptores.

## CAPITULO XXXIX.

*Vida, e virtudes do V. P. Fr. Manoel das Entradas, Missionario de Varatojo, e Arcebispo eleito de Gôa, e da Bahia, cujas Mitras por humilde naõ acceitou.*

408 A 8 do mez de Dezembro de 1695 falleceo no Senhor na Cidade de Ponte-Delgada da Ilha de S. Miguel com geral acclamaçaõ de santo o V. P. Fr. Manoel das Entradas, filho do Seminario de Varatojo, achando-se em actual exercicio de Missaõ. Este servo de Deos, e insigne Missionario, por seu ardente zêlo da salvaçaõ das almas, pelas fadigas verdadeiramente Apostolicas de suas fervorosas Missoens, pelos prodigiosos fructos, que com ellas fez, pelas virtudes heroicas, que exercitou, pelo fervor, que sempre mostrou depois que abraçou a vida de Varatojo em aspirar á perfeiçaõ Evangelica do estado, que professou, foi, e será em todo o tempo memoravel. Era natural da Provincia do Alemtejo. Nasceo no Monte da Côrte dos Cavalleiros junto ao lugar das

das Entradas no campo de Ourique do Arcebiſpado d'Evora a 8 de Setembro de 1633 de pais honeſtos, e abaſtados em bens temporaes. A excellente educaçaõ, que elles déraõ a ſeu filho, contribuio grandemente, para que elle já deſde ſua infancia déſſe naõ poucos preludios, e indicios da ſua virtude, e ſantidade.

409 Com inclinaçaõ, e vocaçaõ ao eſtado Eccleſiaſtico ſe applicou Manoel logo em ſeus primeiros annos ás letras, em que fez vantajoſos progreſſos. Ainda elle ſe achava na flor da ſua idade, quando já laureado em Philoſophia, e Theologia pela Univerſidade d'Evora, foi admittido ao Collegio da Purificaçaõ daquella Cidade com applauſo de ſeus Collegas. Ordenado de Presbytero exerceo com ſatisfaçaõ dos Prelados, e utilidade dos póvos o emprêgo de Parocho na Freguezia de S. Joaõ Baptiſta do meſmo campo de Ourique. Elle nutria com o paſto da doutrina sã, e com a Celeſtial comida do Senhor Sacramentado, as ſuas ovelhas, ouvindo-as prompto, e caritativo no Santo Tribunal da Penitencia, enſinando-lhes com efficaçia da Cadeira, e do Pulpito a preparaçaõ da alma, e do corpo, que deviaõ

viaõ ter para dignamente chegarem á Santa Meſa.

410 Fallecendo os pais de Manoel, ficou elle Tutor de ſeus irmaõs, em cujo enſino, e virtuoſa educaçaõ ſupportou, como ſe foſſe pai. Naõ impedio, nem esfriou a ſeus irmaõs nos deſejos, e vocaçaõ, que tinhaõ de deixarem o Seculo, e recolherem-ſe aos clauſtros Religioſos para melhor ſervirem a Deos; antes firmando-os, e affervorando-os na ſanta reſoluçaõ de renunciarem o Mûndo, elle meſmo depois de concorrer, para que todos entraſſem em Religiaõ, lhes ſeguio tambem o exemplo, deixando o emprêgo de Parocho. Eraõ cinco irmaõs, e huma irmã, os quaes todos ſe offerecêraõ a Deos nas aras da Religiaõ. Profeſſou a irmã no Moſteiro do bom Jeſus d'Evora, tres irmaõs na Provincia da Piedade, e outro na Provincia da Ordem Terceira.

411 Sentindo-ſe Manoel chamado por Deos para ſeguir a vida Apoſtolica debaixo das bandeiras, e inſtituto do Seraphico Padre S. Franciſco, foi pedir humildemente o Habito ao Provincial da Santa Provincia da Piedade. Na qual recebeo o Habito de Noviço chêo de prazer, e fervor a 23 de

Ju-

Junho de 1672. Foi o tempo da provaçaõ para este fervoroso Noviço annúncio da sua grande santidade; porque com admiraçaõ de seu Mestre, Communidade, e de todos os Religiosos, crescia mais, e mais no fervor, e desejos de maior perfeiçaõ. Naõ parecia Noviço, mas veterano no exercicio das virtudes. Na prática dellas começou bem, continuou melhor, e acabou optimamente, como se verá adiante.

412 Elle alegre, e fervoroso com santa ambiçaõ queria sempre entre seus Companheiros ser o primeiro nos exercicios mais humildes. Era activo, officioso, mortificado, e em tudo exemplar na disciplina regular com plena satisfaçaõ de seu Mestre, e de toda a Communidade. Concluido o Noviciado, fez profissaõ solemne dos votos da Religiaõ, que diligentissimo, e zelosissimo fez por observar, e propugnar com o maior fervor em toda a sua vida na sua inteira observancia.

413 Além das asperezas, com que o servo de Deos castigava o seu corpo, usando frequentemente de cilicios, e disciplinas, elle para maior mortificaçaõ da gula lançava algumas vezes cinza nas hervas, e legumes, que comia.

mia. Jejuava quatro vezes na ſemana. Naõ admittia em ſuas jornadas outro viatico, que a Divina Providencia. Era taõ aſſiduo na Oraçaõ, que algumas vezes paſſava nella noites inteiras. Foi remunerado pelo Pai das luzes em abundancia eſte fervor de ſeu ſervo com favores, e dons Celeſtiaes, que lhe communicou na Oraçaõ com grande conſolaçaõ de ſeu eſpirito. Qual arvore, que quanto mais carregada de fructos, mais ſe abate em ſeus ramos, aſſim Fr. Manoel, quanto mais ſe ſentia accumulado dos dons, e beneficios de Deos; elle mais ſe humilhava, e confundia, naõ ſó na preſença do Creador, ſenaõ tambem diante das creaturas. O proprio conhecimento, que elle tinha de ſi, e de Deos, o fazia verdadeiramente humilde, e deſprezador de ſi meſmo. Elle a fim de ſer tido em pouco, ainda que era dotado de juizo claro, de entendimento perſpicaz, e de maravilhoſa ſabedoria, ſe reputava ignorante, e pouco aſiſado. Exercitava frequentemente o emprêgo de Prégador, e Confeſſor com grande utilidade pública.

414 Ardendo o ſervo de Deos nó zêlo de ſalvaçaõ das almas, deſejava com

com grande ancia empregar-se no exercicio Apostolico de insinuar as verdades do Evangelho, naõ só aos filhos da Igreja, que pelo peccado se achavaõ inimigos de Deos, privados da sua Graça, e amizade, mas áquellas almas infelizes, que em terras de idólatras vivem nas densas trévas da infidelidade. Dispoz a Providencia de Deos, que se cumprissem os desejos do seu servo. Chegou noticia aos ouvidos de Fr. Manoel no anno de 1680, de que o V. P. Fr. Antonio das Chagas tinha instituido o novo Seminario de Varatojo para Collegio de Missoens. Deixou o servo de Deos a sua Provincia, e veio cheio de fervor pedir ao V. P. Fr. Antonio das Chagas o quizesse admittir no seu novo Seminario, e companhia.

415 A 6 d'Agosto de 1680 se encorporou o V. P. Fr. Manoel das Entradas no Real Seminario de Varatojo para Missionario Apostolico do mesmo Seminario, sujeitando-se gostoso ás Leis, e Actas municipaes da estreitissima observancia estabelecidas havia pouco tempo no mesmo Seminario para seu bom regimen. Tanto que o V. P. Fr. Antonio das Chagas sondou o elevado espirito, virtudes, e fervor do

do P. Fr. Manoel das Entradas, naõ querendo, que elle tiveſſe ocioſo o ſeu talento, o elegeo para ſeu Companheiro na Miſſaõ do Algarve, para onde partíraõ no meſmo mez. Porém os Reinos de Portugal, e Algarve eraõ ſem dúvida pequena esféra para o zêlo de Fr. Manoel, pois o ſeu abrazado eſpirito, e fervor o moveo a paſſar em Miſſaõ ás remotiſſimas Regioens da Aſia, e America.

416 Alcançou o ſervo de Deos, o que taõ anciosamente deſejava. Pois achando-ſe eleito para Arcebiſpo de Gôa o Illuſtriſſimo D. Manoel de Souſa e Menezes, pedio logo eſte zeloſo Prelado ao V. P. Fr. Antonio das Chagas Miſſionarios para a ſua Dioceſe. Fr. Manoel das Entradas foi o primeiro, que com ſummo goſto ſe offereceo para eſta laborioſa Miſſaõ. Obteve para ella faculdade, e bençaõ do Reverendiſſimo Padre Geral de toda a Ordem dos Menores por carta de 21 de Setembro do meſmo anno, cuja cópia he a ſeguinte: « Fr. Joſé Xi- » menes Samaniego, Miniſtro Geral » de toda a Ordem dos Menores... » Aos noſſos amados Irmaõs em Chriſ- » to, P. Fr. Manoel das Entradas, Pré- » gador, e Confeſſor, Alumno do

» Se-

„ Seminario de S. Antonio de Vara-
„ tojo na Lusitania, concedemos nossa
„ bençaõ para passar á Missaõ ultra-
„ marina dos Dominios, e Conquistas
„ dos Reis de Portugal . . . „ Entre-
gou o V. P. Fr. Antonio das Chagas
esta carta junta com a sua bençaõ, e
lagrimas a Fr. Manoel das Entradas
naõ sem santa inveja de o naõ podêr
acompanhar, por se achar quebranta-
do de forças, e opprimido de traba-
lhos, além dos negocios tendentes ao
novo Seminario de Varatojo, que ne-
cessitavaõ da assistencia pessoal do mes-
mo V. P. Fr. Antonio. Porém se naõ
acompanhou o V. P. Fr. Manoel, lhe
substituio em seu lugar Missionarios
do mesmo Seminario, que o acompa-
nhassem, e ajudassem naquella Missaõ.

417 Acompanháraõ a Fr. Manoel
das Entradas tres Irmaõs seus segun-
do o sangue, que tinhaõ professado na
Santa Provincia da Piedade, e o insi-
gne Missionario P. Fr. Manoel Carrei-
ro, filho do mesmo Seminario, que
antes de chegar á India morreo no mar
com signaes de predestinado. He indi-
zivel, e digno da maior admiraçaõ,
o quanto padeceo, trabalhou, e suou
Fr. Manoel das Entradas por mar, e
por terra, pela conversaõ, e salvaçaõ
da-

daquellas gentes. Elle pizou com ſeus pés diverſos Reinos das Indias Orientaes para plantar nelles a verdadeira Religiaõ, e o conhecimento do verdadeiro Deos, derrubou innumeraveis idolos, levantou Altares, fundou Igrejas para ſe adorar o Senhor dos Exercitos, illuminou, como farol da Fé, e tocha da doutrina Evangelica, naõ ſó póvos, Aldêas, e Caſtellos, mas grandes Cidades, e Provincias inteiras.

418 Reveſtido ſempre Fr. Manoel com eſpirito, e qualidades de Apoſtolo, elle incanſavel com palavras, e exemplos tirou a innumeraveis peccadores do lôdo dos vicios, pacificou grandes diſcordias, deixando venturoſamente unidos os animos com os ſagrados laços da caridade, e amizade. Terniſſimo devoto da Paixaõ de Chriſto em todos os lugares, a que elle chegava com a ſanta Miſſaõ eſtabelecia, e promovia logo o exercicio da Via-Sacra com grande proveito das almas. Depois de paſſado quaſi hum Seculo, ainda ſe conſerva naquellas Regioens viva a memoria deſte inſigne Miſſionario alli reputado, como novo Apoſtolo pelo ſeu grande zêlo da ſalvaçaõ das almas. Ainda alli ſoaõ os éccos dos prodigioſos fructos, que fez

com

com a ſementeira Evangelica da ſanta palavra. Paſſa naquellas partes de pais para filhos a fama deſte Varaõ Apoſtolico, ſeus ditos, ſuas palavras, ſuas obras, ſeu zêlo ſe referem frequentemente pelos Habitantes das Regioens, que pizáraõ ſuas plantas. As Cruzes de pedra, que levantou, e outras piedoſas inſtituiçoens, que fundou, ſervem de outros tantos monumentos, e padroens para memoria honorífica deſte grande Miſſionario, a quem juſtamente chamáraõ Apoſtolo de ultramar, e ſegundo S. Franciſco Xavier.

419 Das Indias Orientaes paſſou o V. P. Fr. Manoel das Entradas para America Portugueza, andando, e cruzando na eſtaçaõ do Inverno, e Eſtio ſempre a pé deſcalço innumeraveis terras do Maranhaõ, e outras muitas do Brazil, onde obrou maravilhoſos fructos de converſoens nas almas, trazendo innumeraveis idólatras á Fé, e reduzindo milhares de peccadores ao caminho da ſalvaçaõ. Paſſou finalmente o ſervo de Deos com a ſua Miſſaõ ás Ilhas do mar Atlântico, que ſe chamaõ dos Açores, e na Ilha de S. Miguel conſumou venturoſamente o curſo da ſua Miſſaõ ultramarina de quatorze annos, e tambem a carreira da

ſua

ſua vida com precioſa morte na idade de ſeſſenta e dous annos, dos quaes oito viveo na Santa Provincia da Piedade, onde profeiſſou, e quinze de Miſſionario na obediencia do Seminario de Varatojo, e todos empregados no ſerviço de Deos.

420 Muitos foraõ os prodigios, que ſuccedêraõ naõ ſó depois da morte, mas ainda vivendo eſte ſervo de Deos. Eſcreveremos alguns deſtes mais memoraveis, deixando outros muitos, por naõ fazer mais volumoſa eſta compendioſa Hiſtoria. Parece, que Deos quiz moſtrar, que eſte ſeu ſervo era tocha ardente, mas inextinguivel pelo zêlo, de que ſempre andou acompanhado, como ſe colhe, do que lhe ſuccedeo na Ilha de S. Miguel. Levando-ſe o Sagrado Viatico a hum enfermo ſoprou hum pé de vento, que fez apagar as velas, dos que acompanhávaõ ao Sacerdote, excepto a tocha, que levava o ſervo de Deos na maõ, a qual nem ſe apagou, nem ainda com o ímpeto do vento tremêraõ os raios da ſua luz, com admiraçaõ, e paſmo dos aſſiſtentes, que attribuíraõ eſte caſo a milagre, e aſſim o depuſêraõ no proceſſo, que ſe mandou fazer deſte ſervo de Deos.

421 Nem causava menos admiraçaõ fazer elle sciente ao povo de cousas succedidas em lugares distantes, de que humanamente se naõ podia saber. Achava-se em certa occasiaõ fazendo Missaõ, quando no meio do Sermaõ pedio mui solícito Oraçoens por humas náos, que naquelle momento perigavaõ no mar. O que tudo se soube, e se verificou depois pelo dito dos Capitaens, e Marinheiros daquellas náos, quando chegando a salvamento desembarcáraõ no porto daquella Ilha. Prégava todos os dias, e em alguns mais de huma vez. As suas palavras pareciaõ séttas ardentes, que abrazavaõ, feriaõ, e juntamente curavaõ as almas enfermas pela culpa, porque sahiaõ de coraçaõ ardente.

422 Tambem se observou, que do servo de Deos sahia virtude para curar, e alliviar os corpos. Isto experimentou na mesma Ilha de S. Miguel D. Thereza de Medeiros, que achando-se atormentada com gravissimas dôres de dentes, tanto que beijou, e tocou com a boca no manto do servo de Deos, logo de todo desapparecêraõ as dôres.

423 As maravilhas, e prodigios, que se dizia ter obrado o V. P. Fr. Ma-

Manoel das Entradas na Asia, America, e Ilhas, lhe merecêraõ acclamaçaõ geral de novo Apostolo, e a veneraçaõ de Santo, como ha pouco se disse. Chegou a Portugal a fama do inflammado zêlo, e santidade deste servo de Deos. Bem certificado El-Rei D. PEDRO II. dos grandes fructos, que este memoravel Missionario, e Varaõ Apostolico, tinha feito em ultramar com as suas fervorosas Missoens, tanto em beneficio da Igreja, como do Estado pela conversaõ de infinitos peccadores, e reducçaõ á Fé de innumeraveis infieis, o elegeo o mesmo piissimo Monarcha primeiramente para Arcebispo de Gôa, e depois da Bahia, em consideraçaõ de dar a seus vassallos por Prelado hum Missionario reputado por seu inflammado zêlo, e santidade, Apostolo de ultramar. Porém o humilde servo de Deos constantemente rejeitou acceitar huma, e outra Mitra.

424 Finalmente depois de ter passado o V. P. Fr. Manoel das Entradas no Oriente, e America tantas fadigas Apostolicas, tantos trabalhos, tantos suores, tantas vigilias, e tantos perigos pela honra de Deos, e salvaçaõ das almas, depois de pizar com

ſuas proprias plantas as Ilhas dos Açores, e evangelizar tambem nellas a ſanta palavra de Deos, ſuccumbio ás ſuas Apoſtolicas fadigas, enfermando de morte, que elle meſmo prevenio, tendo annunciado muito antes o dia, em que havia de morrer. Pedio logo, que o conduziſſem para o Convento da Immaculada Conceiçaõ da Regular obſervancia da Cidade de Ponte Delgada para morrer entre Religioſos ſeus Irmaõs. Aſſim ſuccedeo, como conſta do Capitulo ſeguinte.

## CAPITULO XL.

*Morte do V. P. Fr. Manoel das Entradas, ſeu enterro, prodigios, que obrou depois de morto, proceſſo, e fama de ſua ſantidade.*

425 CReſcia a enfermidade mais, e mais ſem eſperança de allivio. Naõ ſe aſſuſtava todavia com ella o ſervo de Deos, mas repetindo ternos, e heroicos actos de conformidade com a vontade deſte Senhor, eſperava alegre a morte, como tributo indiſpenſavel a toda a natureza humana. Achava-ſe com tudo ſentidiſſimo de naõ podêr re-

receber o Senhor Sacramentado por modo de Viatico por cauſa dos repetidos vomitos, que padecia. Naõ permittio Deos, que o ſeu fiel ſervo ficaſſe ſó com os deſejos de o receber, e que terminaſſe ſeus dias ſem ir roborado ſeu eſpirito com o Celeſtial Paõ do Senhor Sacramentado. Pois, ainda que o ſervo de Deos ſe achava debilitado de forças, e aſſás opprimido com os vomitos, ſe animou pedir ao Guardiaõ com inſtantes ſúpplicas, que lhe mandaſſe adminiſtrar por Viatico a Sagrada Euchariſtia. Caſo prodigioſo! Logo que Fr. Manoel recebeo o Senhor Sacramentado achou com eſta Celeſtial Medicina ſeu eſpirito, e corpo tal allivio, que paráraõ de todo os vomitos, com admiraçaõ do Guardiaõ, e de toda a Communidade preſente.

426 Finalmente tendo o V. P. Fr. Manoel das Entradas recebido com viva Fé o Senhor Sacramentado, depois de ſe demorar por algum tempo na conſideraçaõ de tamanho beneficio, pedio a Imagem de Chriſto crucificado, e abraçado com eſte Senhor, beijando-lhe reverente os pés, e a chaga do lado, repetindo ternos, e amoroſos Colloquios a Chriſto crucificado, e á Santiſſima Virgem, dizendo-lhe cheio de

de confiança as palavras do Hymno da mesma Soberana Senhora: Maria Mãi da Graça, doce Mãi da Clemencia defendei-nos do inimigo, e recebei-nos na hora da morte; e outras, de que usa a Santa Igreja, quando sauda a Senhora, dizendo: Maria Mãi de Misericordia, esperança nossa, a Vós clamamos, e por Vós suspiramos, gemendo, e chorando neste valle de lagrimas; eia Advogada nossa, convertei para nós esses vossos olhos misericordiosos, e depois deste desterro nos mostrai a Jesus, bento fructo do vosso ventre. Acabando em fim de pronunciar *Jesus Maria*, deo placidamente a alma ao Creador em huma Quinta feira pelas quatro horas da manhã a 8 de Dezembro dia da Immaculada Conceição da Purissima Virgem Mãi de Deos, de cujo Mysterio foi devotissimo o V. P. Fr. Manoel das Entradas.

427 Logo depois da morte deste servo de Deos, quiz o mesmo Senhor mostrar com prodigios, e milagres, quanto Elle lhe fosse agradavel na sua vida. Achava-se no féretro o cadaver do V. Padre, e se observou, que elle pouco a pouco abria os olhos banhados de alegria, e claridade, como

se

ſe eſtiveſſe vivo. Naõ ficou ſeu roſto pallido, e horroroſo, mas taõ roſado, formoſo, bello, candido, e gracioſo, que maravilhoſamente recreava aos aſſiſtentes. Nem ſeu corpo repreſentava fealdade de morto, mas conſervava apparencias de vivo, flexivel em todos os membros, ſem infecçaõ alguma. Mas antes exhalava ſuave cheiro a pezar dos vomitos da enfermidade maligna, que lhe tinha tirado a vida.

428 Muito de manhã concorreõ ſem ſer chamada, nem eſperada grande multidaõ, naõ ſó da plebe, mas Nobreza, e Clero Secular, e Regular, á Igreja a venerar o cadaver do ſervo de Deos, que eſteve tres dias patente, e expoſto á pia devoçaõ dos fieis. Elle morto no féretro ainda prégava com vozes mudas, mas efficazes, como ſe vivo eſtiveſſe no Pulpito. Muitos peccadores á viſta do Veneravel cadaver, movidos de huma força Celeſtial, choráraõ os ſeus peccados, perdoáraõ aggravos, fizeraõ pazes com ſeus inimigos, pedíraõ em altas vozes perdaõ a Deos, propondo banhados em lagrimas emendar a vida, e buſcar logo arrependidos o remedio de ſeus males no Sacramento da Confiſſaõ.

Con-

Conſervando-ſe o corpo do ſervo de Deos, quaſi como vivo ainda depois de trinta e oito horas, que expirára, foi por ordem dos Medicos ſangrado no braço fóra da vêa. Sahio do cadaver com admiraçaõ, e paſmo de todos os aſſiſtentes ſangue copioſo taõ recente, e freſco, como ſe ſahiſſe de corpo vivo. Nelle enſopáraõ ſeus lenços algumas peſſoas, e com o tacto, e applicaçaõ delle experimentáraõ ſaude muitos enfermos, que attribuíraõ a milagre.

429 Naõ deve ficar em ſilencio a notavel circumſtancia, que ſe admirou pelo Medico, e aſſiſtentes na enfermidade do V. Padre. A ſaber: ſangrando-ſe, e abrindo-ſe-lhe a vêa em vida naõ quiz lançar ſangue, e o lançou depois de morto. Parece, que foi para dar-nos a entender, que elle vivendo eſtava morto, e depois de morto eſtava vivo. A piedade, e devoçaõ dos que aſſiſtíraõ á morte, e enterro do ſervo de Deos os moveo a retalhar-lhe o Habito em bocadinhos, a tirar-lhe os cabellos da cabeça, e ſolicitar couſas do ſeu uſo, eſtimando tudo iſto, como precioſas Reliquias de homem de Deos, e Miſſionario ſanto. Com o contacto deſtas couſas, e

do

do Veneravel cadaver ſuccedêraõ caſos prodigioſos.

430 Achava-ſe hum Religioſo Menor opprimido com huma agudiſſima dôr de dentes, chegou hum dedo do Veneravel cadaver do ſervo de Deos aos dentes, e logo ſe extinguio a dôr. Hum menino de trinta mezes tinha huns tumores nos braços, que cauſavaõ grande ſentimento ao innocente, e triſteza aoş pais, leváraõ eſtes com Fé o menino a tocar o corpo do ſervo de Deos, deſapparecêraõ de todo os tumores, e voltando-ſe logo o menino alegre, e riſonho para a Ama, lhe diſſe: « Já naõ tenho tumores, » porque m'os tirou o Fradinho Santo. » Outros muitos prodigios tem Deos obrado por interceſſaõ deſte ſeu ſervo nas Ilhas Terceiras, que eſtaõ comprovados com o fideliſſimo, e authentico teſtemunho de cento e dez teſtemunhas, intervindo a authoridade do Illuſtriſſimo D. Antonio Vieira Leitaõ, Biſpo de Angra por inſinuaçaõ do Senhor Rei D. PEDRO II.

431 Do mencionado proceſſo ſe numéraõ muitos febricentes curados; hum tiſico ſarado; hum côxo, e aleijado, ſaõ; hum louco reſtituido ao entendimento; nove livres de dôres vehementes;

tes; dous de dôr de pedra; dous de dôr de cólica; dez de tumores, que causavaõ deformidade; seis de intensissimas dôres de estomago; sete de dôres de cabeça; quatro de dôres de pernas; sete de dôres de dentes; hum de dôr do peito; dous de dôres de todo o corpo; dez mulheres de parto perigoso; duas pessoas de tremores de membros; huma tirada da garganta da morte, em que se achava; hum de desintéria mortal; outro de deliquios mortaes; hum, que tinha na face huma deformidade, lhe desappareceo por intercessaõ do servo de Deos; huma mulher proxima á morte recuperou a falla perdida para se confessar, e dar as providencias, de que necessitava a sua alma.

432 Estes, e outros muitos favores, e beneficios recebiaõ por intercessaõ do servo de Deos mediante o contacto, e applicaçaõ das suas Reliquias. Naõ só estas serviaõ para curar enfermidades dos corpos, mas tambem as do espirito. Quatro mulheres piedosas achavaõ-se sobremaneira vexadas do demonio com torpissimas suggestoens; logo que ellas chegáraõ a seu corpo as Reliquias do servo de Deos, se acháraõ inteiramente livres daquella horrivel suggestaõ.

433 Tambem para outras necessidades acháraõ algumas pessoas prompto remedio na maravilhosa virtude do servo de Deos. Em certo Convento de Freiras daquella Ilha lamentavaõ ellas, e sua Prelada verem o celleiro da Communidade, que constava de cincoenta moyos de trigo, coberto de gorgulho, já em perigo evidente de se perder todo. Que remedio para esta praga? Foi muito facil. Apenas espalháraõ alguma terra da sepultura do servo de Deos sobre o trigo, logo aquella multidaõ de insectos morrêraõ, e se consumíraõ, ficando o celleiro do trigo inteiramente livre, e as Religiosas admiradas, e agradecidas, louvando a Deos pelo singular beneficio, que delle recebêraõ por intercessaõ do seu servo. Vendo huma Freira, que tractava, e cuidava da horta, que as lagartas lhe roíaõ as couves, pégou de hum bocado de Habito do servo de Deos, e o poz em huma cana na horta, lançou agua benta nas couves, invocando o servo de Deos, e logo no dia seguinte apparecêraõ submergidas, e affogadas as lagartas todas em huma pia de agua, que se achava na mesma horta.

434 Naõ faltou tambem milagre pa-

para caſtigo, de quem ſe atreveo a fazer irriſaõ dos prodigios do ſervo de Deos; tambem os Santos alguma vez tem ſuas juſtas vinganças. Achava-ſe em certo Moſteiro huma Freira opprimida de huma dôr em huma perna, applicando-lhe huma Reliquia do meſmo ſervo de Deos Fr. Manoel, naõ melhorou, ou por falta da ſua Fé, ou porque lhe naõ convinha a ſaude, que pedia. Ouvindo eſta Freira, que os milagres do ſervo de Deos ſe examinavaõ com teſtemunhas, abrazada em ira, por naõ ter alcançado a ſaude, que deſejava, pela intercesſaõ do V. P. Fr. Manoel, clamou enfurecida no Côro, ouvindo as outras Freiras em deſabono do ſervo de Deos, dizendo: « Que milagres fez o Padre Entradas? » Reſuſcitou elle algum morto, ou » deo já viſta a algum cégo? Mila- » gres de piolhos talvez faz Fr. Pio- » lhoſo. Naõ creio em ſeus milagres. »

435 Inſtantaneamente eſta Freira eſcandaloſa, e virgem louca experimentou o caſtigo da ſua temeridade, vendo-ſe logo acomettida, e mordida em todo o corpo por eſtes bichos, e naõ podendo ſupportar as mordeduras delles, foi irada correndo para a ſua cella. Onde para ſe vêr livre daquella

co-

comichaõ, deſpindo os Habitos veſtio outros. Porém debalde, porque cada vez ſe achava mais gafa deſtes inſectos, de cuja multidaõ, que ella via creſcer, ſe achava cada vez mais atormentada. Deſpio tambem o outro Habito a fim de ſe deitar no leito, porém nelle meſmo, e no lançol vio apparecer de repente grande multidaõ de piolhos, que vinhaõ ter com ella para affligi-la. Entaõ confuſa, e envergonhada da ſua blasfemia, foi chorando ao Côro pedir perdaõ ao Senhor. Diminuiraõ-ſe os piolhos, mas naõ ſe extinguiaõ. Referindo o ſeu trabalho a huma Freira de virtude, eſta lhe aconſelhou, que publicamente no Côro ſe retractaſſe pedindo perdaõ ás Freiras do eſcandalo, e a Deos miſericordia. Aſſim o fez.

436 Tanto que ella chorou a ſua culpa, dando arrependida ſatisfaçaõ a Deos, e a quem eſcandalizára, e pedindo tambem perdaõ ao ſervo de Deos Fr. Manoel, ficou inteiramente alliviada, e livre das mordeduras dos piolhos, que logo ſe extinguíraõ, e ſe augmentou nella mais, e mais a devoçaõ ao ſervo de Deos.

437 O Veneravel cadaver do ſervo de Deos P. Fr. Manoel das Entra-

trradas, que como ſe diſſe acima exhalou a ſua venturoſa alma a 8 de Dezembro, foi com a mais ſolemne pompa, e numeroſo concurſo de todas as Ordens, e Nobreza da Cidade ſepultado no Cemiterio commum dos Religioſos. Nunca morrerá a fama da ſua ſantidade, nem jamais o ſeu nome deixará de ſer célebre naquellas Regioens. O piiſſimo Senhor Rei D. PEDRO II., que amava cordeal, e ternamente ao ſervo de Deos pelo eſplendor das ſuas virtudes, reſervou para ſi o cordaõ, de que uſava o meſmo ſervo de Deos; e o Altar das Miſſoens, onde elle celebrava em ultramar, o mandou collocar no ſeu Real cofre das Reliquias.

438 As duas Imagens de S. Joaõ Baptiſta, e S. Antonio, que ſe veneravaõ no Altar do ſervo de Deos P. Fr. Manoel das Entradas, as deo como precioſas prendas o meſmo piiſſimo Monarcha D. PEDRO II. a ſeus Filhos o Principe D. JOAÕ, que lhe ſuccedeo na Corôa, e ao Infante D. ANTONIO, para que as collocaſſem em ſeus Oratorios. Tambem ſe dignou o meſmo piedoſo Monarcha eſcrever ao Guardiaõ do Seminario de Varatojo, a fim de ſe formalizar o inſtrumento das virtudes, e milagres do V. P. Fr.

Ma-

Manoel das Entradas. Ficáraõ porém fruſtrados neſta parte os deſejos do Monarcha por omiſſaõ, de quem podéra, e devêra dar calor a eſte proceſſo. Naõ ſe póde negar, que tem havido algum lamentavel deſcuido de promover, e adiantar tanto o proceſſo deſte ſervo de Deos, e memoravel Miſſionario, como o de ſeu Meſtre o V. P. Fr. Antonio das Chagas, e de outros muitos ſeguidores, e diſcipulos ſeus, Filhos do meſmo Seminario, que vivêraõ, e morrêraõ em cheiro de ſantidade, tendo bebido na fonte originaria as aguas puriſſimas da mais rígida obſervancia da Regra Evangelica.

## CAPITULO XLI.

*Vida, e virtudes do V. P. Fr. Luís de S. Franciſco, Companheiro do V. P. Fr. Antonio das Chagas, e Miſſionario Apoſtolico do Seminario de Varatojo.*

439 NO anno de 1697 em o 1. dia do mez de Dezembro acabou o prazo de ſua vida com morte de Juſto no Seminario de Varatojo o V. P. Fr.

Fr. Luís de S. Francifco, Miffionario do mefmo Seminario, e Companheiro por algum tempo do V. P. Fr. Antonio das Chagas, illuftre pelo fangue, e ainda mais illuftre por fuas heroicas virtudes, e pelo ardente defejo, e zêlo da falvaçaõ das almas. Seus pais, Senhores da Villa de Aguas Bellas na Comarca de Thomar, eraõ illuftres tanto pela parte paterna, como pela materna. Achava-fe Luís na flor de fua idade no regaço das delicias do Seculo, affás lifonjeado por feus amigos da Nobreza, e opulencia de feus pais, das commodidades terrenas, das honras, e conveniencias do Mundo, que elle ahi podia facilmente alcançar. Tanto porém, que Luís fe fentio movido para feguir vida perfeita, logo fervorofo fe deliberou deixar tudo para fazer facrificio de fi mefmo nas aras da Religiaõ pela folemne profiffaõ de Frade pobre de S. Francifco na Santa Provincia dos Algarves. Onde pelos degráos das virtudes depois de Frade fe empenhou folícito fubir ao cume da perfeiçaõ Evangelica, na qual aproveitou, e fe adiantou muito, principalmente na pobreza de efpirito, abftracçaõ de creaturas, defprezo, e abdicaçaõ das coufas terrenas, e tranfitorias.

440 Concluidos na Religiaõ os eſtudos de Philoſophia, e Theologia, á ſatisfaçaõ dos Meſtres, e Prelados, e ordenado de Presbytero, foi Fr. Luís inſtituido Prégador. Seguiraõ-ſe maravilhoſos fructos da ſemente Celeſte da Divina palavra, que o fervoroſo ſervo de Deos, ainda naquella Provincia, já cheio de eſpirito Apoſtolico, e já zeloſiſſimo Declamador Evangelico, ſeminava nos coraçoens de ſeus Ouvintes. Prégava fervoroſo com exemplo, e palavras. Foi elle o primeiro, ainda antes do V. P. Fr. Antonio das Chagas, que deſcobrio, ou renovou a arte de prégar em Portugal Apoſtolicamente, ſegundo a recommendaçaõ do Seraphico Patriarcha aos Prégadores ſeus Filhos, dizendo-lhes, que prégaſſem aos Ouvintes os vicios, e as virtudes, a pena, e a Gloria em utilidade dos meſmos Ouvintes com palavras puras, claras, e examinadas, naõ ſe deixando arraſtar da vã eloquencia da ſabedoria humana, a qual com penſamentos, e conceitos de palavras ſó póde agradar, e lilonjear os ouvidos, e naõ mover os coraçoens.

441 Fr. Luís longe de abuſar do miniſterio da ſanta palavra, elle ſeguindo as pizadas do Apoſtolo buſca-

va ſempre inſtruir a ſeus Ouvintes, e fallar-lhes ao coraçaõ. Da colheita Evangelica de ſeus Sermoens ſe víraõ, e admiráraõ grandes fructos de penitencia dos muitos peccadores, que ſe convertêraõ á Graça. Era ouvido, e attendido com geral acceitaçaõ, e ſempre buſcado com preferencia, como mais zeloſo do ſeu tempo, para prégar os Sermoens Feſtivos, e Moraes. Bem ſe podia elle liſonjear ſantamente com o Apoſtolo, que no miniſterio da ſanta palavra trabalhára mais, que todos os de ſeu tempo. Ouvia com entranhas de caridade aos Penitentes no Confeſſionario. Zeloſiſſimo da pobreza Evangelica, que profeſſára, era ſempre parco, e moderado nas couſas do ſeu uſo. Contentava-ſe naõ ſó com o pouco, mas ainda com menos do neceſſario.

442 A reſpeito das eſmólas, ou eſtas lhe foſſem offerecidas para remediar as ſuas neceſſidades Religioſas, ou foſſem dos Sermoens, que prégava, e da ſanta Miſſaõ, que celebrava; jamais o ſervo de Deos, verdadeiro pobre do eſpirito, ſolicitava eſtas eſmólas para couſas do ſeu uſo, mas queria, que todas ellas a arbitrio de ſeus Prelados ſe empregaſſem

em

em utilidade da Communidade. Ora isto, que devia conciliar amor, produzio inveja. Muitas vezes se empenhou malquistá-lo a cruel emulaçaõ na presença dos Provinciaes. Fr. Luís accusado innocente, soffreo as injurias, sem se queixar á imitaçaõ de Christo com invicta paciencia. Rogava na Oraçaõ a Deos por seus Emulos por lhe darem exercicio para mais merecer. Este bom Senhor, que he Protector, e Pai dos innocentes, fez, que conhecida a verdade se convertessem em louvores do seu servo as calumnias, e injurias dos impostores, ficando elle applaudido, e os Emulos impostores vergonhosamente confundidos. Foi o servo de Deos muito estimado dos Prelados Maiores da Ordem, que pelos relevantes merecimentos de Fr. Luís lhe offerecêraõ nella Dignidades, e emprêgos honrosos, os quaes rejeitou todos o humilde servo do Senhor, â excepçaõ do cargo de Commissario Visitador da Ordem Terceira da Penitencia, que acceitou a fim de mais livremente podêr continuar no exercicio da seára Evangelica.

443 Empenhou-se Fr. Luís com a maior efficacia no seu emprêgo de Commissario accender o sagrado fogo do

amor de Deos nos coraçoens humanos, inflammando aos tibios no serviço deste Senhor, alcançando venturosamente com suavidade, que muitos peccadores endurecidos, e escandalosos convertendo-se á Graça, fazendo cessar seus escandalos, se vestissem compungidos do Habito humilde da Penitencia na Veneravel Ordem Terceira. Seus Sermoens, ainda que eruditos, eraõ claros, e adornados de Doutrina Celeste, e suas palavras eraõ sempre cheias d'espirito. Deo testemunho do ardente zêlo, e espirito de Fr. Luís o V. P. Fr. Antonio das Chagas, o qual certo, de que a causa se conhece bem pelos effeitos, e a arvore pelos fructos, affirmou, que elle por muitas experiencias tinha conhecido, que Fr. Luís era de ardentissimo zêlo, e de singularissimo espirito, e que naõ conhecia outro, de quem fizesse melhor opiniaõ. Pela qual razaõ pedio com intensas súpplicas, e repetidas instancias ao R. P. Provincial, lhe destinasse a Fr. Luís para Companheiro no exercicio das Missoens.

444 Annuindo o Provincial da Santa Provincia dos Algarves ás súpplicas do V. P. Fr. Antonio das Chagas, levou este por Companheiro a Fr. Luís de

de S. Francifco na Miſſaõ de Viſeu, Guarda, Lamêgo, Braga, e em outras muitas partes. E confeſſou ingenuamente o meſmo V. P. Fr. Antonio, que com a companhia de Fr. Luís ſe fazia dobrado fructo nas almas, e que elle o ajudava muito na ſeára da Miſſaõ.

445 Era Fr. Luís Varaõ de conſelho, e de sã deſtreza, e prudencia no manejo dos negocios do eſpirito; pela qual razaõ o eſcolheo o V. P. Fr. Antonio das Chagas naõ ſó para Companheiro nas fadigas Apoſtolicas da Miſſaõ, mas para ſeu Confeſſor, e Meſtre do ſeu eſpirito. Conhecia muito bem o V. Padre as qualidades relevantes de Fr. Luís, o ſeu magiſterio na direcçaõ de reger almas, a ſua ſciencia, prudencia, bondade, e experiencia de que era adornado para eſte emprêgo. Na direcçaõ do V. P. Fr. Antonio ſuccedeo Fr. Luís ao P. Meſtre Fr. Joaõ dos Prazeres, que depois de Miniſtro Provincial foi eleito Biſpo de Angra.

446 Tanto que Fr. Luís ſe encarregou da direcçaõ do eſpirito do V. P. Fr. Antonio das Chagas, lhe fez depôr as cadêas de ferro, com que elle andava cingido, e lhe diſpoz as ma-

maceraçoens do corpo com mais moderaçaõ, e ordem, attendendo aos trabalhos, e moleſtias, que de novo vieraõ ao V. P. Fr. Antonio, a quem efficazmente animava, que inſiſtiſſe no ſanto projecto de fundar Seminario para Miſſoens, deſcobrindo-lhe arbitrios, e meios faceis para eſte fim. Mandou-lhe, que peſſoalmente foſſe á preſença do Miniſtro Geral da Ordem communicar-lhe os deſejos de obra taõ proficua, pedindo-lhe licença, e auxilio para ella. Obedecendo o V. P. Fr. Antonio a ſeu Confeſſor P. Fr. Luís, foi á preſença do Reverendiſſimo Padre Geral, que achou benigno, e muito propicio a auxiliar inſtituiçaõ taõ intereſſante á Ordem, á Igreja, e ao Eſtado.

447 Inſtituido o novo Seminario de Miſſoens no Convento de Varatojo por authoridade Apoſtolica, Beneplacito Regio, e licença do Geral da Ordem, logo Fr. Luís ſendo acceito pelo V. P. Fr. Antonio das Chagas ſe encorporou no meſmo Seminario. Onde cheio de zêlo continuou a inſpirar, e aconſelhar ao V. P. Fr. Antonio das Chagas, e aos primeiros Companheiros de ſeu eſpirito alli congregados no Senhor tudo o que julgava conveniente para ſubſiſtencia do novo Seminario.

De-

Determinaraõ-ſe Actas, e Regulamentos tendentes á eſtreitiſſima obſervancia da Regra Seraphica, que ſempre ſe devia com maior fervor guardar nó Seminario, o qual por eſpecial bençaõ, e beneficio de Deos ſe tem regido até agora por eſtas Apoſtolicas direcçoens, como ſe foſſem Leis fundamentaes do meſmo Seminario.

448 Morrendo o V. P. Fr. Antonio das Chagas, ficou Fr. Luís de S. Franciſco, como outro Eliſeu, herdeiro legitimo do eſpirito do meſmo V. Padre, fazendo de alguma ſorte as ſuas vezes. Elle cuidou ſolícito, e com a maior efficacia em ſuſtentar, e promover todas as obſervancias, e Leis municipaes do meſmo Seminario, e que ſempre nelle ſe conſervaſſe o eſpirito de ſeu ſanto fundador ſem a minima relaxaçaõ da Regra Seraphica, e diſciplina primitiva do Seminario. Foi eſte em grande parte fomentado, criado, nutrido, augmentado, e roborado pelos conſelhos, e exemplos de Fr. Luís. Bem podemos dizer, que elle ſervio em ſua vida de principal columna ao Seminario. Pela qual razaõ ſe diz no livro dos óbitos dos Filhos do Seminario, quando ſe falla de Fr. Luís, que elle fôra por ſeu

zê-

zêlo, como principal fundador do mesmo Seminario.

449 Vivendo o servo de Deos P. Fr. Luís no Seminario, fez algumas Missoens. Porém quebrantado por sua velhice, e impedido com molestias, depoz as armas da santa palavra, que subministrou a seus Companheiros, e discipulos, excitando-os, e exhortando-os, que sahissem a pelejar ás campanhas do Senhor, ganhando zelosos almas para Deos, e elle mesmo orando em Varatojo, qual outro Moysés levantando suas maős a Deos, ajudava a seus irmaős a vencer, quando no exercicio das Missoens se achavaő no Mundo pelejando contra os vicios, e contra o forte armado. Era Fr. Luís o primeiro nos exercicios da Communidade a pezar de sua ancianidade, e molestias. Elle encostado a hum bordaő frequentava de dia, e de noite o Côro. Assistia sempre á Oraçaő, Missa, e conferencia. Inflammado nos ardores Seraphicos, fazia continuamente Actos de amor de Deos, desejando intimamente unir-se com Elle. Incessantemente na Oraçaő pedia a Deos pelo Proximo, e conversaő dos peccadores, confessando, que deixaria tudo para os ajudar a salvar, se lhe fosse possivel.

450 Finalmente cheio Fr. Luís de trabalhos, de dias, de virtudes, e merecimentos, vôou a ſua alma para Deos, ardendo em ſeu amor na idade de oitenta annos, roborado com os ultimos Sacramentos, e ſoccorros da Religiaõ. Pedio ſer ſepultado aos pés do V. P. Fr. Antonio das Chagas, e ſe aſſevéra, que lhe apparecêra na morte a alma do meſmo V. P. Fr. Antonio, como lhe tinha promettido em vida. Tem-ſe conſervado ſempre viva em Varatojo a memoria deſte V. Padre.

## CAPITULO XLII.

*Vida, e virtudes do V. P. Fr. Antonio de Coimbra, primeiro Guardiaõ do Real Seminario de Varatojo, que por humilde rejeitou a Mitra de Biſpo.*

451 A 20 de Outubro de 1700 coroou a ſua vida cheia de virtudes, e merecimentos, com precioſa morte na avançada idade de oitenta annos o V. P. Fr. Antonio de Coimbra no Seminario de Varatojo, onde por voto, e eleiçaõ do V. P. Fr. Antonio das Chagas

gas foi o primeiro Guardiaõ, e tambem o primeiro Prefidente do Convento de Brancanes junto a Setuval, quando eftava fujeito a Varatojo. Era natural efte infigne Miffionario, e grande fervo de Deos, da Cidade de Coimbra, em cuja Univerfidade aprendeo as primeiras letras. Cortando elle na flor da fua idade a efperança das honras, e conveniencias do Seculo, fe refolveo abraçar as afperezas da Ordem dos Menores no Convento dos Olivaes, pouco diftante da mefma Cidade de Coimbra da Santa Provincia da Piedade, ainda antes da fua divifaõ. Fez goftofo Profiffaõ folemne dos votos da Religiaõ no 1. de Março de 1647.

452 Eftando Fr. Antonio fufficientemente inftruido nas letras humanas, e Divinas, e adornado de virtudes, os Prelados Maiores da fua Provincia, que conheciaõ os grandes talentos do fervo de Deos, e aptidaõ para os emprêgos do Pulpito, e Confeffionario, o elegêraõ Confeffor, e Prégador. Emprêgos, que Fr. Antonio fatisfez dignamente com muito fructo das almas, crédito da Provincia, Gloria de Deos, e fama do feu proprio nome. E ainda que por humilde fempre fugia deftes applaufos, elles em toda a parte o feguiaõ.

guiaõ. A prudencia, ſabedoria, e madureza, e outros dotes, de que era adornado Fr. Antonio, o fizeraõ apto, e capaz para os negocios de maior ponderaçaõ na Ordem. Pela qual razaõ foi eleito repetidas vezes pelos Prelados Guardiaõ em alguns Conventos; onde governou com Celeſtial prudencia, e acceitaçaõ commum de ſeus ſubditos, os quaes vendo, e admirando nelle as qualidades depois unidas ás obrigaçoens de Prelado, e que zelando com palavras, e exemplos a obſervancia da Regra, eſtava no eſpiritual ſempre prompto para o conſelho; e doutrina, e no temporal para ſoccorro, allivio, e conſolaçaõ de ſeus ſubditos; amavaõ, e obedeciaõ ao ſervo de Deos com amor de filhos.

453 Foi tambem Fr. Antonio por ſeus relevantes merecimentos eleito Cuſtodio da ſua Provincia. Tendo concluido com ſatisfaçaõ da Ordem eſte emprêgo, quando eſtava morador no Convento d'Elvas, chegando-lhe a noticia, que ſe achava naquellas viſinhanças o V. P. Fr. Antonio das Chagas em Miſſaõ, foi logo ouvi-lo. Conhecendo, e admirando Fr. Antonio de Coimbra os prodigioſos fructos de converſoens das almas, que fazia o V.

Pa-

Padre por meio do exercicio Apoſtolico da ſanta Miſſaõ, ſe accendeo em ardentes deſejos de acompanhar naquelle ſanto exercicio ao meſmo V. Padre. Tambem algumas vezes as virtudes, á maneira de contagio ſanto, ſe apegaõ. Verificou-ſe com Fr. Antonio de Coimbra. Fez elle o piedoſo furto da cadêa de ferro, com que o V. Padre Chagas ſe cingia a fim de macerar a ſua carne. Fez-ſe ſciente do furto ao V. Padre Chagas, ſem lhe deſcobrir o Author delle. Entaõ diſſe o meſmo V. Padre: « Certamente a minha ca-
» dêa prendeo alguem. »

454 Aſſim ſe verificou, porque o contacto da cadêa teve virtude efficaz para ligar o piedoſo ladraõ della ao eſpirito de ſeu dono, communicando-lhe grande fervor, e zêlo Apoſtolico para vir a ſer hum inſigne Miſſionario, e egregio Operario na ſeára Evangelica. Logo deſde entaõ começou Fr. Antonio de Coimbra a fazer o officio de Miſſionario Evangelico, enſinando aos póvos a obſervancia da Divina Lei, o deſprezo do Mundo, e a prática das virtudes. Exhortava com efficacia Apoſtolica aos peccadores, que ſahiſſem da eſtrada da perdiçaõ da culpa, e ſe voltaſſem para Deos pelo cami-

minho da penitencia, ſem a qual elles ſe naõ podiaõ ſalvar. Era Fr. Antonio de Coimbra pequeno no corpo, e de pouca voz; mas da alma grande. Foi Zaquêo na eſtatura, mas no eſpirito Apoſtolo, e gigante, ſempre apto para couſas grandes, que obrou em toda a ſua vida.

455 Inſtituido o Seminario de Varatojo, deixando Fr. Antonio de Coimbra a ſua Provincia, e acompanhando ao V. P. Fr. Antonio das Chagas para o novo Seminario, nelle foi acceito pelo meſmo V. Padre. Fazendo-ſe logo Capitulo em Varatojo para novo, e primeiro Guardiaõ do Seminario, nelle por votos unanimes de todos os Vogaes alli congregados juntamente com o V. P. Fr. Antonio das Chagas, fundador do Seminario, ſahio eleito Fr. Antonio de Coimbra em Guardiaõ, que foi depois confirmado pelo Reverendiſſimo Padre Geral da Ordem Fr. Joſé Ximenes Samaniego.

456 Os Capitulares da primeira Congregaçaõ do Seminario de Varatojo divinamente inſpirados, elegêraõ para ſeu primeiro Prelado a Fr. Antonio de Coimbra em conſideraçaõ, de que elle entre todos os membros do Capitulo era o mais habil, e mais ca-

capaz de fomentar, e roborar o novo Seminario confórme a intençaõ de seu santo fundador, e sustentar nelle com todo o vigor a estreitissima observancia, e espirito primitivo da Regra de S. Francisco. Servem de prova, e testemunho assás authentico as palavras do V. P. Fr. Antonio das Chagas, que fallando do servo de Deos já eleito Prelado do Seminario, diz assim: « O Guardiaõ ha pouco eleito
» he hum dos grandes Varoens, que
» conheço na nossa Ordem, adornado
» de intelligencia, discriçaõ, pruden-
» cia, virtude, e espirito com suffi-
» ciente sciencia, capacidade, e apti-
» daõ, ainda para maiores emprêgos.
» E sem offensa de outros nenhum
» temos mais digno, que elle, para
» Guardiaõ, nem podia eu achar ou-
» tro, que mais me agradasse; naõ te-
» nho conhecido Frade mais observan-
» te da nossa Regra, nem que ardesse
» mais em zêlo santo, que elle. »

457 Concebêraõ todos em Varatojo a mesma opiniaõ de Fr. Antonio de Coimbra, e naõ se enganáraõ, porque elle com admiravel suavidade, e prudencia, governou sempre o Seminario nos dous triennios, em que nelle foi Guardiaõ, fazendo amaveis as as-

asperezas da Regra, e a disciplina do Seminario. Com faustos auspicios do mesmo, fez que nelle desde o berço se criassem novos Missionarios Apostolicos, e Varoens verdadeiramente Evangelicos, aos quaes fomentou, alimentou, e aperfeiçoou o servo de Deos no instituto Apostolico. Donde bem podemos dizer, que este servo de Deos P. Fr. Antonio de Coimbra foi naõ só a principal columna do Seminario, mas tambem de algum modo seu fundador, depois do V. P. Fr. Antonio das Chagas. Pois fallecendo o V. Padre fundador no segundo anno da Guardianía de Fr. Antonio de Coimbra, testificou o Reverendissimo Fr. Marcos Zarçosa, Commissario Geral da Ordem, que o V. P. Fr. Antonio das Chagas deixára em Fr. Antonio de Coimbra similhante Substituto do seu espirito.

458 Terminada a primeira Guardianía do V. P. Fr. Antonio de Coimbra, o elegeo o Reverendissimo Padre Geral da Ordem para Visitador da Santa Provincia de Portugal, emprêgo de que o servo de Deos humildemente se escusou acceitar, mas naõ pôde desistir á forçosa obediencia, que lhe intimou seu Prelado Superior, o qual

qual jamais quiz acceitar a escusa, nem annuir ás razoens do servo de Deos, o qual pelo sacrificio, que fez de si, teve o merecimento da obediencia, e da sua profunda humildade. Presidindo no Capitulo do Seminario no anno de 1686 o mesmo Reverendissimo Commissario Geral da Ordem na Familia Cismontana Fr. Juliaõ Chumillas, foi segunda vez eleito Guardiaõ do Seminario, como se disse acima, o V. P. Fr. Antonio de Coimbra.

Chegando a fama deste grande Varaõ ao Thrôno, o mandou muitas vezes chamar a Palacio o piissimo Monarcha D. PEDRO II., o qual conhecendo as relevantes virtudes, sciencia, madureza, e grande talento, de que era adornado Fr. Antonio, o consultou em negocios de muita ponderaçaõ, e pezo; e naõ duvidava, mas antes gostava seguir o parecer de Fr. Antonio, como de Varaõ illuminado. Offereceo a dignidade de Bispo ao servo de Deos, que elle humilde, e constante recusou acceitar: fazia igual estimaçaõ do servo de Deos a Rainha D. MARIA SOFIA, que se alegrava por extremo, quando elle chegava a Palacio. Gostava muito de conversar com elle, e consultá-lo nas materias do seu es-

efpirito, recebia feus confelhos confervando-os no feu coraçaõ, e eftimando-os, como de homem fanto.

459 Foraõ coroadas as eximias virtudes defte infigne Miffionario, e memoravel Varaõ no mefmo dia, e mez, em que tinha fallecido feu intimo amigo o V. P. Fr. Antonio das Chagas a 20 de Outubro. Teve o V. P. Fr. Antonio de Coimbra o mefmo nome, teve a mefma Profiffaõ, e inftituto, quafi que teve o mefmo efpirito, e inflammado zêlo da falvaçaõ das almas, e fe naõ morreo no mefmo anno, morreo no mefmo dia. Defcançaõ fuas veneraveis cinzas no mefmo Capitulo de Varatojo, onde ferá eternamente memoravel efte illuftre Varaõ. Morreo com feffenta annos de Habito, dos quaes viveo quarenta na Provincia, onde profeffou, e vinte em Varatojo.

## CAPITULO XLIII.

*Vida do V. P. Fr. José de Santa Maria, Missionario de Varatojo, e do V. P. Fr. Manoel de Jesus Maria, tambem Filho do mesmo Seminario, depois de Vigario Geral de Setuval, o qual por humilde rejeitou a Mitra, que lhe offereceo El-Rei D. Pedro II.*

460 No anno de 1702 passou do desterro desta vida mortal para a patria da eternidade o V. P. Fr. José de Santa Maria, Missionario Apostolico, e Filho do Seminario de Varatojo. Viâna do Minho foi a patria deste piissimo Varaõ, e zelosissimo Operario Evangelico da vinha do Senhor. A excellente educaçaõ, que lhe deraõ seus honestos Pais, concorreo grandemente para que fosse prevenido com bençaõs Celestiaes, e conservasse immaculada no tempo da mocidade a sua innocencia. Ainda no Seculo, ao exemplo de S. Luís Gonzaga, fazia vida inculpavel. Era Religioso nos costumes antes de entrar nos claustros Regulares. Seguia na cautéla dos peri-

rigos contra a castidade o exemplo dos Santos, que he fugir. Lembrava-se, que os gloriosos triunfos, com que se coroára venturosamente o outro José do Egypto contra a prostituida Tentadôra, foi fugindo-lhe. E que destas armas se valêra S. Luís Gonzaga, S. Bernardino, S. Luís, Bispo de Tolósa, e todas aquellas Almas venturosas, que conserváraõ immaculada a preciosa joia da castidade. Que vencêraõ sempre, porque sempre fugíraõ, e temêraõ sempre os perigos de arriscar, e perder a castidade. Foraõ castos, porque foraõ acautelados. Assim o nosso José, porque na sua puericia, e adolescencia, no estado de Secular, e de Religioso, na sua mocidade, e em sua velhice sempre fugio das Dálilas, sempre aborreceo affagos, e caricias mulherís, sempre viveo, e morreo casto.

461 Elle aborrecendo viver no Seculo, á imitaçaõ de S. Luís de Tolósa, fugio na flor de sua idade para os claustros de S. Francisco. Tomou o Habito na Provincia de S. Antonio de Portugal da mais estreita observancia. Já Noviço parecia exemplar de perfeiçoens. O fervor de espirito, com que viveo em todo o tempo do seu Noviciado, o guardou até a ultima

velhice. Todo o decurso da vida deste servo de Deos foi hum perenne, e contínuo exercicio das virtudes, e de Oraçaõ nunca interrompida. Segundo o testemunho dos Confessores do mesmo servo de Deos, nunca perdeo a Graça baptismal em toda a sua vida. Jamais se lhe conheceo o mais leve vicio da lingua, nem jamais se lhe ouvio da sua boca palavra ociosa. Quem buscasse a este servo de Deos, depois de Religioso, o acharia sempre santamente occupado, e nunca ocioso. Elle era o primeiro no Côro, e quando por enfermo, ou occupado pela obediencia, naõ podia rezar no Côro, satisfazia de joelhos a Divina pensaõ das Horas Canonicas. Ainda em sua decrepita ancianidade, e opprimido de enfermidades, se levantava do leito, e rezava de joelhos o Officio Divino, e outras Preces. Tal era o fervor de Fr. José, que da cella, e do leito fazia Côro, quando por enfermo naõ podia ir a elle.

462 Sempre este fervoroso servo de Deos se achava prompto na Religiaõ para os exercicios mais humildes, e abjectos, os quaes elle gostoso, e com espiritual alegria queria exercitar, ainda na sua ancianidade, sem jamais abrir a

sua

ſua boca para a eſcuſa. De maneira que tendo ſido acommettido de huma eſpecie de torpôr, naõ ſe eſcuſou de ſer Porteiro, antes exercitou eſte officio com admiravel exemplo dos domeſticos, e eſtranhos. Elle pondo guarda a ſeus labios, jamais quebrantou o ſilencio ſanto, menos que foſſe obrigado da obebiencia, ou das leis da caridade, bem lembrado de que o ſilencio he a chave da Religiaõ, e que Caſa Regular, onde falta o ſilencio, naõ ſe diſtingue de caſa Secular. Tambem ſantamente faltava ao ſilencio o ſervo de Deos pela terniſſima devoçaõ, que tinha ao Menino Jeſus, quando ſe celebrava a Feſta de ſeu Santiſſimo Naſcimento; pois neſtes dias, e Oitavario dos Reis elle tranſportado, e como fóra de ſi, cheio de jubilo eſpiritual, e admiraçaõ, cantando, e ſaltando, convidava a todos fizeſſem o meſmo com demonſtraçoens de alegria, e prazer, em occaſiaõ da ſolemnidade de taõ grandes Myſterios.

463 Querendo conſervar-ſe ſempre eſte ſervo de Deos no centro da ſua humildade, naõ aſpirou ſubir ao Púlpito no emprêgo de Prégador, ainda que era bem inſtruido na Theologia Chriſtã, e Moral, e na verdadeira ſcien-

ſciencia myſtica; promovido ao cargo de Confeſſor ſatisfez dignamente eſte grande emprêgo, dirigindo com acerto as almas na prática das virtudes Chriſtãs, e ápices da perfeiçaõ Evangelica. Só a Gloria de Deos, e o zêlo da ſalvaçaõ das almas, trouxeraõ ao P. Fr. Joſé de Santa Maria ao Seminario de Varatojo, onde foi incorporado, e acceito pelo V. P. Fr. Antonio das Chagas, no meſmo dia, em que por authoridade Pontificia ſe tomou poſſe deſte Convento, ſeparado já da Provincia, e erecto em Seminario.

464 Foi o V. P. Fr. Joſé de Santa Maria, já no Seminario no exercicio Apoſtolico das Miſſoens, tambem Companheiro no Algarve do V. P. Fr. Antonio das Chagas, e de outros Miſſionarios em diverſos Biſpados; ſe elle naõ prégava do Púlpito, prégava no Confeſſionario, em que era aſsíduo, e ainda mais efficazmente prégou ſempre com as vozes do ſeu exemplo, da ſua modeſtia, do ſeu comportamento mortificado, e vida irreprehenſivel. Finalmente depois de paſſar eſte illuſtre Varaõ no Seminario 22 annos de vida innocente, e inculpavel, ſervindo por ſeu fervor, e conducta Angelica de exemplo, e eſpelho de perfei-

feiçoens a domeſticos, e a eſtranhos, onde chegava, vôou ſua alma para Deos na idade de 70 annos, roborado com os ſoccorros da Religiaõ, com Morte de Santo correſpondente á ſua vida juſtificada, que ſempre ſe lhe admirou.

465 A 22 de Fevereiro de 1705 ſahio deſta vida mortal, que terminou placidamente com geral opiniaõ de ſantidade o illuſtre Varaõ V. P. Fr. Manoel de Jeſus Maria, Miſſionario Apoſtolico, e Filho do Real Seminario de Varatojo. Naſceo na Villa do Sardoal, entaõ Biſpado da Guarda, e hoje de Caſtello-Branco, de Familia nobre. Foi criado Chriſtãmente. Inclinando-ſe á vida Eccleſiaſtica, ſe applicou aos eſtudos relativos a eſte elevado eſtado, nelle entrou pela porta da devoçaõ, ſubio á ſua alteza pelos degráos das virtudes, e fructo da Oraçaõ, de que ſempre andou acompanhado. Ordenado de Presbytero foi por ſuas relevantes virtudes, e merecimentos, eſcolhido pelo Illuſtriſſimo Arcebiſpo de Lisboa para Vigario Geral da Villa de Setuval.

466 Prégando na meſma Villa de Setuval o V. P. Fr. Antonio das Chagas, hum dos fructos, que nella fez, foi

foi converter ao ſeu Vigario Geral. Pois tanto que eſte ouvio prégar ao V. Padre, logo com deſejo de maior perfeiçaõ ſe reſolveo abandonar o Mundo, e as ſuas eſperanças, e trocar o emprêgo de Vigario Geral pelo Habito de S. Franciſco, que tomou goſtoſo na Santa Provincia dos Algarves. Feitos os votos ſolemnes da Religiaõ, e inſtituido Confeſſor, ardendo no zêlo da ſalvaçaõ das almas acompanhou fervoroſo ao V. P. Fr. Antonio das Chagas nas Miſſoens de Viſeu, Guarda, Lamêgo, Braga, e outras muitas Cidades, e Lugares, ſempre com copioſo fructo das almas, que elle fazia no Confeſſionario, em que era contínuo, e infatigavel, aproveitando, e illuminando a todos os que chegavaõ a ſeus pés com a luz da doutrina sã, e dictames ſólidos.

467 Era Fr. Manoel de Jeſus Maria dotado de particular talento para caſos de ponderaçaõ, e de maior pezo, reſpondendo promptamente, e ſem demóra a queſtoens aſſás difficeis. Pela qual razaõ era frequentemente conſultado naõ ſó dos Seculares, mas dos Eccleſiaſticos, e ainda do meſmo V. P. Fr. Antonio das Chagas, que ſeguia as reſoluçoens ſólidas do ſervo de

Deos

Deos Fr. Manoel, como mais provaveis, e mais bem fundadas, e se alegrava muito de trazer comsigo taõ judicioso Companheiro.

468 Tanto que se instituio o Seminario de Varatojo, deixando a Provincia veio fervoroso encorporar-se nelle, sendo acceito pelo V. P. Fr. Antonio seu antigo Companheiro nas Missoens, e Filho do seu espirito. Passou Fr. Manoel no Seminario vinte e cinco annos, como tocha luminosa, vida cheia de virtudes, e merecimentos. Elle inimigo sempre da ociosidade gastava todo o tempo, que lhe restava dos exercicios da Communidade, ou em lêr, ou em orar, ou em confessar, ou em servir, e ajudar a seus irmaõs nas occupaçoens humildes da mesma Communidade. Doente de gôta no leito, ahi mesmo estava cercado de livros. Tal cautéla tinha com a sua lingua, e tal horror ao vicio da murmuraçaõ, que evitava solícito com a maior diligencia palavras, com que se pudesse offender a caridade ainda levissimamente.

469 Em obsequio da humildade aborreceo sempre o servo de Deos os emprêgos, e honras, que jamais quiz acceitar. Sendo Fr. Manoel por suas re-

relevantes virtudes, erudiçaõ, e merecimentos muito acceito, e eſtimado dos Prelados, e Principes, elle, quanto lhe era poſſivel, fugia de lhes apparecer, e communicar com elles. Certificado El-Rei D. PEDRO II. das ſingulares qualidades de Fr. Manoel de Jeſus Maria, para o emprêgo Epiſcopal lhe offereceo huma Mitra, a qual recuſou fortemente acceitar o ſervo de Deos, ainda depois de eleito. As razoens, que lhe dictou a ſua humildade, foraõ poderoſas, para que o piiſſimo Monarcha alliviaſſe ao humilde ſervo do Senhor do pezo do Epiſcopado, e o puſeſſe em outros hombros.

470 Fr. Manoel, ainda que em ſua avançada idade, e opprimido de moleſtias, jamais ſe queria iſentar dos actos da Communidade, era aſſiduo no Côro, e hia para elle ſempre ſantamente alegre, diligente, e fervoroſo, naõ ſó em tempo de ſaude, mas ainda encoſtado a duas mulêtas, quando ſe achava penalizado da gôta. Aprendeo na eſcola da Oraçaõ a alta ſciencia de andar ſempre na preſença de Deos, unido em eſpirito com eſte Senhor, meditando nas couſas Celeſtes, tirando por fructo da ſua contínua, e fervoroſa meditaçaõ, a heroica, e admira-

ra-

ravel paciencia, e conformidade na terrivel moleſtia da gôta, de que ſe ſentia atormentado. Em lugar de queixas pelas dôres inſupportaveis, que com taõ terrivel enfermidade padecia eſte ſervo de Deos, ſó ſe ouviaõ da ſua boca louvores ao Senhor, e Hymnos devotos, que alegre lhe cantava. Elle padeceo muito por eſta diuturna, e dilatada enfermidade, mas com ella accumulou para ſeu eſpirito immenſos gráos de merecimento pela ſua inalteravel tolerancia, reſignaçaõ, e conformidade, que a todos admirava, e edificava, e a ninguem eſcandalizava.

471 Era o V. P. Fr. Manoel de Jeſus Maria devotiſſimo das Almas do Purgatorio. Para allivio dellas recitava frequentemente Eſtaçoens, viſitava Via-Sacras, offerecia Sacrificios da Santa Miſſa, e ainda enfermo no leito lhes applicava, e offerecia em ſuffragio dellas Oraçoens contínuas, e as meſmas dôres intenſas, que elle padecia. O mal da gôta, que poz termo ás Miſſoens deſte Varaõ Apoſtolico, lhe poz tambem fim á ſua vida, que concluio no Seminario de Varatojo com ſignaes de Predeſtinado. Morreo fortalecido com todos os ſoccorros da Religiaõ na idade de ſeſſenta e dous annos, pedin-

dindo o ſepultaſſem aos pés do V. P. Fr. Antonio das Chagas, querendo ſer Companheiro na ſepultura, de quem em vida o tinha ſido na Miſſaõ, no Habito, no eſpirito, e no Seminario.

## CAPITULO XLIV.

*Vida, e virtudes do V. P. Fr. Luís de S. Ignacio, Miſſionario Apoſtolico, e Filho do Seminario de Varatojo.*

472 CORria o dia 6 de Janeiro do anno do Senhor 1707, quando no Seminario de Varatojo acabou ſantamente a carreira da vida mortal o V. P. Fr. Luís de S. Ignacio, Miſſionario Apoſtolico, e Filho do meſmo Seminario. Foi Fr. Luís Varaõ verdadeiramente Apoſtolico, e de elevado eſpirito. Os progreſſos, que elle fez na dilatada carreira da ſua vida, correſpondêraõ aos ardentes deſejos, que ſempre teve de amar, e ſervir, e agradar á Divina Mageſtade com a maior perfeiçaõ. Naſceo na Villa de Pinhel da nobre Familia dos Ozorios. Movido da vocaçaõ de Deos, ſe reſolveo deixar o Mundo, e abraçar-ſe com

com a Cruz de Christo na Religiaõ do Seraphico Patriarcha S. Francisco na Santa Provincia de Portugal; onde sendo acceito mostrou logo as grandes ancias, com que pertendia o Céo, e por amor de Deos mortificar o seu corpo. Pois pedio com humildes, e repetidas instancias ao Guardiaõ, que o professou no Convento de S. Francisco do Porto, lhe permittisse fazer quarto voto de nunca comer carne estando saõ.

473 Naõ deo o prudente Prelado licença a Fr. Luís para fazer este novo sacrificio, julgando, que assás ficava elle compensado com outros maiores, offerecendo a Deos sua alma, e corpo, sem reserva na profissaõ da Regra Seraphica, e Evangelica. Abraçou esta Fr. Luís com tal fervor, que nunca se diminuio na sua inteira, e pontual observancia. Era nelle a obediencia sempre prompta, e sem réplica, a pobreza singular, a castidade candidissima, e immaculada. Deo agigantados passos pelo caminho da caridade, e perfeiçaõ Evangelica, e dilatados vôos pela esféra da contemplaçaõ nas cousas Celestes.

474 Trabalhou Fr. Luís muito, e fielmente na seára Evangelica, ainda

da que a ſua profunda humildade lhe encobria eſtas operaçoens, e de tal ſorte, que ſempre ſe julgava ſervo inutil, dizendo, que para nada preſtava, e que nada tinha obrado. Aos Officios, e emprêgos, em que foi poſto pelos Prelados, ſempre deo plena ſatisfaçaõ. Foi Commiſſario da Ordem Terceira da Penitencia nos Conventos de Guimaraens, Leiria, e Santarem, onde no Púlpito, e Confeſſionario com doutrina, e conſelhos, e ainda mais com o exemplo da ſua vida, fez muito fructo nas almas em beneficio, e augmento daquelles Ordens.

475 A vida exemplar, e edificante de Fr. Luís acompanhada de ſanta ſimplicidade Evangelica, e os ſeus conſelhos attrahiaõ os coraçoens, naõ ſó dos irmaõs Terceiros, e Seculares, mas tambem dos Frades, que moravaõ com elle, e muito mais nas occaſioens, em que era ſeu Prelado, achando elles neſte ſervo de Deos todas as condiçoens, e qualidades neceſſarias, que o faziaõ recommendavel para o bom governo de huma Communidade Regular.

Na Congregaçaõ da Provincia de 1655 foi eſcolhido para Guardiaõ do Convento de Santa Cruz da Ilha da Ma-

Madeira, onde tendo efte emprêgo; hum triennio pareceo tempo limitado aos fubditos, e Seculares daquella Ilha, que vendo hum verdadeiro imitador de S. Francifco em Fr. Luís, foccorriaõ liberaes as neceffidades da fua Communidade. O mefmo lhe fuccedeo em Guimaraens nos annos, em que ahi foi Guardiaõ. Elle fe empenhava fempre fervorofo com ardente zêlo nas obras de caridade, que juntas com o bom exemplo do fervo de Deos, e com efpecial agrado, de que o Céo o dotou, captivavaõ mais os coraçoens dos domefticos, e eftranhos.

476 Miffionou o V. P. Fr. Antonio das Chagas em Guimaraens. Ouvio-o Fr. Luís, e ficou cheio de admiraçaõ pelos grandes fructos, que com a fementeira Evangelica fazia efte Operario Apoftolico. Concebeo defejos de o feguir, e tributar ao Celeftial Pai de familias efte obfequio, que em beneficio das almas lhe queria fazer na companhia do V. P. Fr. Antonio. O qual naõ acceitou logo a Fr. Luís, por naõ privar as fuas ovelhas de taõ vigilante Paftor. Certificou-o com tudo, que depois de celebrado Capitulo de 1678, indo ter com elle o receberia com grande prazer de efpirito para feu Companheiro.

477 Affim fuccedeo ; paffado o Capitulo , foi logo Fr. Luís bufcar o V. Padre , que na cultura Evangelica da Miffaõ fe achava entaõ no Alemtejo. Tanto que Fr. Luís chegou á prefença do V. P. , o acceitou por Companheiro no exercicio Apoftolico da Miffaõ. Tinha Fr. Luís graça efpecial do Céo para o minifterio da fanta palavra. Perfeverava em jejum até ás duas horas depois de meio dia , e algumas vezes até noite , quando era maior o concurfo de penitentes , que corriaõ á Confiffaõ , os quaes bufcavaõ ao fervo de Deos fempre em grande número , pela muita caridade , e affabilidade , com que os ouvia , inftruia , e tractava no Tribunal da Penitencia.

478 Era Fr. Luís mui foffrido , e paciente , ainda em grandes moleftias , que o mortificavaõ. Nafcendo-lhe huma poftema , ou inchaço grande nas coftas , andou muito tempo fem fe queixar , nem communicar efte mal a peffoa alguma , diffimulando a moleftia , que elle lhe caufava. Fr. Luís da Eftrella entaõ enfermeiro , de quem tambem adiante faremos honorífica memoria , vendo , e reparando , que o paciente P. Fr. Luís de S. Ignacio fe magoava daquella parte , lhe perguntou ,

tou, porque motivo encobria a ſua enfermidade? Reſpondeo-lhe o ſervo de Deos, que naõ fizeſſe caſo della, nem diſſeſſe couſa alguma aos Religioſos, mas que o deixaſſe padecer por amor de Deos, que ſe algum obſequio lhe tinha feito em ſua vida, era acompanhado de muita imperfeiçaõ. E que naõ o ter Deos lançado no Inferno, era effeito da grande Miſericordia do meſmo Senhor.

479 A inflammada caridade, que ardia no coraçaõ de Fr. Luís de S. Ignacio, o movia aos extrêmos, que obrava em utilidade do Proximo, que ſuppunha em neceſſidade. Era taõ compadecido das miſerias dos pobres, que pedia licença aos Prelados para ſoccorrer com eſmólas as neceſſidades das peſſoas recolhidas, honeſtas, e honradas, cuſtando ao ſervo de Deos rios de lagrimas, quando naõ podia remediar eſtas neceſſidades. Sendo Guardiaõ no Seminario, dizia ao Porteiro que tiraſſe da Communidade tudo quanto pudeſſe para ſoccorrer a pobreza. Se havia nas officinas algum provimento, mandava, que ſe repartiſſe pelas neceſſidades das peſſoas, que naõ tinhaõ, com que ſuſtentar-ſe, dizendo, que naõ era bem, que no Seminario hou-

vesse abundancia, padecendo os pobres penuria.

480 Se constava ao servo de Deos, quando era Guardiaõ, que havia algum descuido na caridade com os pobres, elle mesmo hia pessoalmente distribuir por elles quanto achava, dizendo-lhes alegre: « Tomai, irmaõs, „ tomai, e encommendai a Deos os „ Bemfeitores, que tem cuidado de „ nós, e de vós. „ E quando morria algum pobre, lhe mandava Habito para se amortalhar. Porém tendo tanta compaixaõ das necessidades alheias, nenhuma tinha de si para remediar as suas proprias. Era preciso, que o Prelado o obrigasse a acceitar Habito, ou tunica nova; porque sempre queria usar de roupas velhas, que ficavaõ dos outros Religiosos, accrescentando, que nem isso merecia a Deos. Ainda do que lhe era precisamente necessario para seu uso, se privava muitas vezes em obsequio da santa pobreza de espirito, que temia offender, posto que levissimamente.

481 Sendo Fr. Luís naturalmente de coraçaõ sincéro, candido, e ingenuo, despido inteiramente da mais leve apparencia de dissimulaçaõ, artificio, dobrez, ou malicia, admirava-se-lhe sem-

ſempre no ſeu comportamento prudencia rara, gravidade mageſtoſa, modeſtia, e madureza ſingular. Nunca da boca deſte ſervo de Deos ſe ouvio palavra menos decente, mas todas graves, puras, edificantes, e ſantas. Elle por ſeu fervor já no tempo de Noviço, e Coriſta parecia nas virtudes, e perfeiçoens veterano. Porque nunca ſe lhe notou acçaõ, palavra, ou geſto, que indicaſſe leviandade, ou verdura da mocidade a mais minima. Na obediencia foi admiravel. Tal era a veneraçaõ, que tinha a eſta virtude, que baſtava ouvir na Regra proferir o ſeu nome pelo Seraphico P. S. Franciſco, para logo ſe deſcobrir, e inclinar com reverencia a cabeça. De Fr. Luís exemplar da obediencia naſceo tirarem os Religioſos de Varatojo o capello, quando na liçaõ do Refeitorio ſe diz, que ſe manda alguma couſa aos Frades por obediencia. Coſtumava dizer, que pela obediencia moſtrava Deos a ſua vontade aos Frades, e que elles ſem obediencia naõ podiaõ no caminho da perfeiçaõ dar paſſo com acerto.

482. Comſigo foi ſempre Fr. Luís muito auſtéro, mortificado, penitente, e parco na comida. Coſtumava paſſar

na mesa com huma tigéla de sopas; ou caldo, e se comia alguns bocados de carne, ou peixe, era sempre com moderaçaõ, e quasi por ceremonia. Quando nos ultimos annos de sua velhice lhe offereciaõ alguma cousa fóra das horas ordinarias, respondia sempre com graciosidade religiosa, dizendo: « Naõ me acostumem mal. » Jamais, ainda em seus ultimos annos, se quiz dispensar da disciplina quotidiana, de que usava. Costumava dizer, que o demonio fugia, quando os Religiosos se occupavaõ nos exercicios de mortificaçaõ, e penitencia.

483 Foi Fr. Luís sempre pontualissimo nos actos da Communidade; elle fervoroso queria ser dos primeiros no Côro, onde assistia de dia, e de noite, gastando a maior parte do tempo em contemplaçaõ, e louvores Divinos. Taõ empregados trazia seus pensamentos em Deos, e na eternidade, que vivia entre Religiosos, como se estivera em hum deserto apartado totalmente da sociedade humana. Sahindo os Religiosos do Seminario, e demorando-se em ausencias consideraveis, ou de Missoens, ou de peditorios, quando voltavaõ perguntando ao servo de Deos, como tinha passa-

do,

do, elle respondia, que naõ tinha sido sabedor, que elles estivessem fóra do Seminario. A presença de Deos contínua trazia taõ absorto a este seu servo, que muitas vezes o víraõ, como alienado dos sentidos, e inteiramente transportado.

484 Em algumas occasioens víraõ os Religiosos, que, quando elle comia, ficava suspenso com o bocado na boca; e em outros dizia batendo no peito: "Bemdito seja o Senhor, que me „ dá o sustento sem eu o merecer, „ vivendo em penuria outros, que o „ servem melhor, e lhe saõ mais a- „ gradecidos." Falto de vista, e debilitado de forças, passou o V. P. Fr. Luís na enfermaria seis, ou sete annos com grande desconsolaçaõ por se achar inhabilitado para os exercicios da Communidade. Pedia com tudo ancioso, que o levassem ao Côro, onde na presença do Augusto, e adoravel Sacramento achava sua alma allivio, e seu espirito vigor.

485 Quando este servo de Deos naõ tinha prompto Frade conductor, que o encaminhasse para o Côro, elle iantamente impaciente sahindo da enfermaria encostado a hum bordaõ, e arrimado ás paredes, hia caminhando pa-

para o ſeu amado Côro, donde naõ ſahia, ſenaõ conſtrangido da neceſſidade. E querendo fazer do leito, e da enfermaria Côro, muitas vezes de noite deſcendo-ſe da cama ſe punha de joelhos em Oraçaõ, na qual, e na recitaçaõ de varias devoçoens, perſeverava, até que o enfermeiro o obrigava a deitar. Ao meſmo enfermeiro pedia o ſervo de Deos, que pois por falta de viſta eſtava privado de recitar o Officio Divino, lhe enſinaſſe a rezar o dos Irmaõs Leigos.

486 Quando os Frades viſitavaõ a eſte ſervo de Deos, longe de lhes perguntar novidades do Seculo, encaminhava logo a converſaçaõ ás couſas de Deos, diſcorrendo alegre por ſeus attributos. Pedia aos Religioſos lhe leſſem por algum livro devoto, e lhe fallaſſem nas couſas do Céo, e ouvindo-os com attençaõ coſtumava dizer: « Louvado ſeja Deos, que ſaõ » noſſas almas ſacrarios da Santiſſima » Trindade. » Eſtes eraõ os divertimentos, com que o P. Fr. Luís de S. Ignacio entretinha as ſuas ancias de ſe vêr com Chriſto. As quaes ſuaviſava muito nas repetidas vezes, que devoto recebia eſte Senhor Sacramentado. Porém como eſte remedio Celeſtial

tial lhe inflammava mais o amor, cresciaõ com elle os desejos, ancias, e saudades de vêr ao mesmo Senhor na Gloria.

487 Nos tres dias antes da morte deste servo de Deos se ateou de tal sorte a chamma Celestial em seu coraçaõ, que ficava extatico, e taõ esquecido de si mesmo, que naõ era possivel despertar do transporte, por mais industriosas, que fossem as diligencias dos enfermeiros. Tinha os pulsos naturaes, porém quem o via, o imaginava defunto. Muitas vezes o visitou o Céo desta sorte, e quando o servo de Deos tornava em si, mostrava no rosto o regosijo do coraçaõ, e nas palavras os louvores de Deos. Perguntando, que sentia, respondia com socego, que naõ era cousa de cuidado, nem de perigo. Com a repetiçaõ destes amorosos excessos, com que a alma deste grande servo de Deos gostava as delicias do Céo, foi perdendo de todo o sabôr ás iguarías da terra, e fortalecido com o Sagrado Viatico, Santa Unçaõ, Oraçoens, e outros soccorros espirituaes, que a Santa Igreja applica na ultima hora de vida a seus Filhos, poz termo com muita paz, e socêgo a seus dias o V. P.

Fr.

Fr. Luís de S. Ignacio, Varaõ em todo o tempo memoravel por ſuas heroicas virtudes.

488 O corpo deſte ſervo de Deos com apparencias de vivo foi ſepultado junto ao do V. P. Fr. Antonio das Chagas, querendo, que depois da ſua morte ficaſſem juntos os corpos, cujas almas em vida andáraõ unidas. Ficáraõ vivamente ſentidos os Moradores da Villa de Torres Vedras, Trucifal, e viſinhanças do Seminario, naõ ſerem ſcientes do tranſito deſte ſervo de Deos, a quem já em vida veneravaõ, como a grande Santo. Elle morreo no dia, e mez de Janeiro, que acima ſe diſſe. E ſe deve aqui advertir, que hum Sobrinho deſte ſervo de Deos tambem com o ſeu nome, e ſobrenome, e tambem Miſſionario Filho de Varatojo, ainda que ſó Confeſſor, tendo qualidades de Prégador, morreo no meſmo dia, e no meſmo mez, mas em diverſo anno, pois foi no de 1744, tendo fallecido ſeu ſanto Tio trinta e ſeis annos antes, ſe bem que parece ſe communicou o eſpirito, e zêlo do Tio ao Sobrinho.

CA-

## CAPITULO XLV.

*Vida do V. P. Fr. Joaõ de Jesus Maria, Missionario de Varatojo, que com morte santa falleceo na Cidade do Porto andando em Missaõ.*

489 NO anno de Christo Salvador do Mundo de 1708, a 21 de Abril no Convento de S. Francisco da Santa Provincia de Portugal da Cidade do Porto, se enterrou com acclamaçoens de Santo o V. P. Fr. Joaõ de Jesus Maria, observantissimo Filho, e Missionario do Seminario de Varatojo, tendo fallecido no Paço Episcopal da mesma Cidade. Na vida deste preclaro Heróe, e insigne Operario Evangelico se admiraõ os portentos da Providencia Divina, vendo que a Graça vencedora, a pezar de ter elle natureza, e inclinaçaõ assás rebelde, e ser destituido de sciencias humanas, o fez Santo, e banhado com a luz Celeste o formou, e erigio Missionario egregio. Nasceo no pequeno lugar de Parada da Freguezia de Ester, Bispado de Lamêgo. A natureza lhe deo genio propenso á fereza, mas a Graça o abran-

brandou. Toda a ſua vida foi huma contínua batalha comſigo meſmo, contendendo logo deſde ſua adoleſcencia contra as proprias inclinaçoens, e paixoens, com tal valor, que mediante a Graça de Deos, cheio de triunfos de ſi meſmo, paſſou venturoſamente toda a ſua vida ſem mancha de culpa grave a juizo de ſeus Confeſſores.

490 Eſtudou Grammatica em Lamêgo. Depois ſem paſſar á Univerſidade, nem frequentar as Aulas, ſe applicou ao eſtudo de Theologia Moral, e á liçaõ dos Livros Santos, e de piedade, nos quaes, ainda ſem adjutorio de Meſtres, fez vantajoſos progreſſos pelo ſeu raró talento, e grande penetraçaõ de juizo, mediante o contínuo exercicio da Oraçaõ Mental, que ſempre lhe ſervio de companheira. Ordenado de Presbytero, pelas virtudes, em que já reſplandecia, foi eſcolhido, e eleito pelo Biſpo de Lamêgo para Reitor do Seminario daquelle Biſpado, fundado ſegundo a determinaçaõ do Sagrado Concilio Tridentino para criaçaõ, e educaçaõ do Clero.

491 Joaõ, conſtituido Reitor do Seminario, cuidou ſolícito em criar os Seminariſtas, que tinha a ſeu cargo,

com

com o leite da Santa Oraçaõ, prática de virtudes, e coſtumes ſantos, na conſideraçaõ, que elles ſem eſtes preparativos naõ deviaõ entrar no Santuario, nem ſerem admittidos ao eſtado Eccleſiaſtico. Ardendo no coraçaõ deſte Veneravel Sacerdote o zêlo da ſalvaçaõ das almas, e a utilidade da Igreja, e do meſmo Eſtado, em ter eſte vaſſallos tementes a Deos, e aquella bons Miniſtros Sagrados, o que com difficuldade ſe alcança, ſe elles logo deſde meninos naõ ſaõ criados com Oraçaõ, em virtude, e piedade, ſe deliberou abrir tambem aula pública de Oraçaõ, e Doutrina para o povo.

492 Todos os dias, depois de ſatisfazer ás obrigaçoens de Reitor no Seminario, ſahia a fazer Oraçaõ Mental pública, e juntamente práticas, e exhortaçoens doutrinaes breves, mas com palavras taõ efficazes, e penetrantes, que attrahindo, e ferindo com ellas os coraçoens de peccadores diſſolutos, os fazia penitentes, e reformados. Caſualmente ouvindo a Oraçaõ, e huma exhortaçaõ do ſervo de Deos o Illuſtriſſimo D. Fr. Luís da Silva, Biſpo de Lamêgo, ficou taõ admirado do fervor de eſpirito, pro-

prie-

priedade das palavras, acerto, e efficacia, com que as dizia, que julgou fallava o Efpirito Santo pela fua boca, e lhe ordenou, que todas as vezes, que houveffe de fazer aquellas Práticas, e Oraçaõ, lhe mandaffe avifo ao Palacio Epifcopal, para elle vir tambem affiftir á Oraçaõ, e ouvir as Práticas, que elle coftumava fazer, naõ do Púlpito, mas affentado em huma cadeira.

493 Foi tambem muito eftimado pelo V. P. Fr. Antonio das Chagas, defde que efteve nefte Bifpado miffionando. O qual admittio á fua amizade ao fervo de Deos, e depois de provar o feu bom efpirito, e achar, que era zelofiffimo pela falvaçaõ das almas, o admittio ainda Secular á fua companhia naquella Miffaõ, na qual foi delle grandemente ajudado, naõ fó no minifterio do Confeffionario, em que era contínuo, mas tambem nas Práticas efpirituaes, e Oraçaõ, que com muito fructo fazia o fervo de Deos ao povo.

494 Conheceo o V. P. Fr. Antonio das Chagas nefte exemplar Sacerdote qualidades de Miffionario, fondou, e approvou o feu zêlo, e bom efpirito, e o julgou digniffimo de fer

ad-

admittido no Seminario, tanto que elle fosse instituido. Assim succedeo. Logo que o servo de Deos teve noticia da nova erecçaõ do Seminario de Varatojo, partio sem demóra para elle a pedir o santo Habito. Foi admittido, e acceito para Missionario de Profissaõ, o que já o era por devoçaõ no exercicio. Entrando no Noviciado pôz o seu principal cuidado, e estudo em instruir-se com perfeiçaõ na disciplina Regular, nas ceremonias, e observancias municipaes do Seminario, no vencimento das paixoens, no rendimento da propria vontade, na mortificaçaõ dos sentidos, e em castigar com odio santo seu corpo com flagellaçoens de disciplinas frequentes, e cilicios, de que usava, segundo a direcçaõ de seu Mestre. Foi este servo de Deos, depois que entrou em Varatojo, taõ mortificado, taõ penitente, taõ austéro comsigo, e taõ abstrahido de cousas do Seculo, que fóra dos actos da Communidade, e da obediencia, só o achavaõ, ou na sua cella, ou no Côro. Este fervor de vida, e de espirito naõ se lhe extinguia, nem diminuia com os annos. Crescia na idade, e tambem crescia no fervor das virtudes, e na perfeiçaõ dellas. Den-

495 Dentro, ou fóra do Seminario naõ concedia Fr. Joaõ a ſeu corpo ſenaõ tres, até quatro horas de deſcanço. Depois deſte ſe punha em Oraçaõ, e examinando a ſua conſciencia, ſe achava nella alguma falta, ou imperfeiçaõ, ſe reprehendia, e arguîa acremente, propondo vencer o ſeu genio com a Graça do Senhor. Para ſua confuſaõ chamava a ſi meſmo nomes injurioſos. Taõ tenaz, e taõ firme foi eſte ſervo de Deos em ſuas reſoluçoens, que jamais em toda a ſua vida deixou de praticar, o que aprendeo no Noviciado. Sempre ſe portou como Noviço, ainda quando ſe achava entre Seculares, no laborioſo exercicio da Miſſaõ.

496 Tomou em ſua Profiſſaõ ſolemne, que fez dos tres votos de Religiaõ, o ſobrenome de Jeſus, e Maria pela cordial, e terna devoçaõ, que deſde menino ſempre tivera a eſtes dulciſſimos Nomes. Paſſados poucos annos de Profeſſo, foi inſtituido Confeſſor, e ainda que por naõ ter eſtudos maiores da Sagrada Theologia, e Sciencia Canonica no exercicio das Aulas, e tempo lectivo, naõ foi promovido a Prégador; foi-lhe com tudo concedido pelo Reverendiſſimo Padre

Ge-

Geral, que elle aſſentado de cadeira pudeſſe fazer algumas práticas doutrinaes ao povo. Aſſim o praticava o ſervo de Deos, e com poucas palavras deſtas práticas fazia elle muitas vezes mais fructo, que outros Prégadores com eruditiſſimos, e prolongados Sermoens.

497 Eraõ ouvidas as Práticas de Fr. Joaõ de Jeſus Maria com grande attençaõ, e goſto dos Seculares, e ficavaõ com ellas taõ movidos, e fervoroſos, que o ſeguiaõ legoas para ouvi-lo, e confeſſar-ſe com elle, e em tanta multidaõ, que quaſi o naõ deixavaõ deſcançar. Em todas as terras, onde chegou eſte zeloſo Miſſionario, fez prodigios na converſaõ das almas innumeraveis, que converteo á Graça do Senhor naõ ſó em Portugal, mas tambem fóra do Reino.

498 Achavaõ-ſe os Habitantes das Ilhas dos Açores deſobedientes ao ſeu Biſpo, deſprezando rebeldes as ſuas paternaes, e canonicas admoeſtaçoens, chegando contumazes a perder o reſpeito ás cenſuras da Igreja. O zeloſo Prelado magoado da perdiçaõ das ſuas ovelhas, deſejoſo do ſeu bem, expondo a ſua afflicçaõ ao piedoſo Rei D. PEDRO II., lhe pedio mandaſſe Miſſio-

ſionarios áquellas Ilhas, a fim de reduzir á obediencia do ſeu Paſtor as ovelhas allucinadas, desgarradas, e perdidas, que com eſcandalo continuavaõ na ſua deſobediencia, e contumacia. Manifeſtou o piiſſimo Monarcha a ſua vontade por carta ao Guardiaõ do Seminario de Varatojo. Logo o Guardiaõ deſtinou a Fr. Joaõ com tres Companheiros para aquella Miſſaõ. Levou Fr. Joaõ com a Miſſaõ a paz áquellas Ilhas. Movidos os diſcordes, e deſobedientes, das palavras do ſervo de Deos, vieraõ logo choroſos, e arrependidos lançar-ſe humildes aos pés de ſeu Prelado, pedindo perdaõ do paſſado, e proteſtando emenda para o futuro.

499 Achavaõ-ſe as Freiras de certo Moſteiro, ſujeito ao Provincial da Santa Provincia de Portugal, com temeraria, e eſcandaloſa deſobediencia aos preceitos de ſeus Prelados, naõ havendo modo para ſerenar a tormenta, que cauſavaõ eſtas Virgens loucas. Implorou o Miniſtro Provincial ſoccorro de Varatojo, e com feliz ſucceſſo. Pois deſignando o Guardiaõ do Seminario a Fr. Joaõ de Jeſus Maria para eſta crítica, e difficillima empreza, foi elle nella felizmente ſuccedido:

do: porque poz Deos tal virtude nas palavras do ſeu Miniſtro, que logo na primeira prática, e exhortaçaõ, que fez ás Freiras, todas as rebeldes ficáraõ taõ movidas, taõ confuſas, e taõ envergonhadas, que choroſas em alaridos, e altas vozes clamavaõ, pedindo a Deos perdaõ, e proteſtando, que eſtavaõ promptas para obedecer a ſeu Prelado, como a quem fazia as vezes do meſmo Deos.

500 Certificado o Miniſtro Provincial deſte grande triunfo, que alcançou o ſervo de Deos naquelle Moſteiro com humas práticas familiares, naõ do Púlpito, mas de cadeira, contra o eſpirito da diſcordia, e ſediçaõ, deixando venturoſamente toda aquella Communidade em paz, e ſocego, ſe moſtrou agradecido, tanto ao Miſſionario medianeiro da paz, como ao Guardiaõ, que o mandou. E julgando que de alguma ſorte era injuſtiça negar a eſte Varaõ Apoſtolico o emprêgo de prégar do Púlpito, pois que por experiencia ſe conhecia, que elle, enſinado pelo Eſpirito Santo, fazia mais fructo com ſuas práticas, que muitos Meſtres no Púlpito com ſuas ſciencias adquiridas, deo parte diſto ao Reverendiſſimo P. Geral da Ordem. Eſte

louvando o zêlo do ſervo de Deos, o inſtituîo Prégador, dando-lhe a benção, e exhortando-o a continuar no louvavel exercicio Apoſtolico da Santa Miſſaõ.

501 Varios Prelados Maiores do Reino agradecêraõ por carta ao Guardiaõ do Seminario de Varatojo, por lhe ter mandado a Fr. Joaõ para ſeus Biſpados, nomeando-o por inſigne, e fervoroſo Miſſionario, e fazendo grandes elogios ao ſeu ardente zêlo, como de egregio Operario Evangelico. Foraõ eſtas cartas, e elogios do Illuſtriſſimo D. Fr. Joſé de Saldanha, Biſpo do Porto, e do Illuſtriſſimo D. Rodrigo de Moura Telles, Biſpo da Guarda, e depois Arcebiſpo Primaz. Eſte fazendo os maiores encómios ao zêlo Apoſtolico do ſervo de Deos, confeſſava, que pelas obras de Fr. Joaõ, e por ſuas efficazes inſtrucçoens entre outros grandes fructos, que fizera no ſeu Arcebiſpado, fôra reduzir nelle hum Moſteiro de Freiras á paz, e humilde ſujeiçaõ de ſeu Prelado, ao qual por muito tempo contumazes negavaõ a devida obediencia. Foraõ verdadeiramente muitos, e prodigioſos os fructos, que fez eſte zeloſiſſimo, e infatigavel Operario Evangelico na vi-

nha

nha do Senhor. Naõ tem número os peccadores, que calando em toda a ſua vida os peccados, acháraõ remedio delles aos pés do ſervo de Deos. Reſtituîa-ſe o alheio, pacificavaõ-ſe os diſcordes, que por muitos annos tinhaõ andado em odio com eſcandalo, pedindo-ſe perdaõ mutuamente.

502 Convidava ſempre do Pulpito o ſervo de Deos com o perdaõ aos maiores, e mais obſtinados peccadores, ſe elles arrependidos o pediſſem a Deos. Facilitava-lhes os meios de ſe reconciliarem com eſte Senhor. Fallava com clareza Evangelica; dava avisos ſaudaveis da ſalvaçaõ; prégava Apoſtolicamente. Naõ baſtou com tudo eſta clareza, zêlo, e efficacia do ſervo de Deos para reduzir a hum obſtinado peccador avarento, o qual depois de ſer aviſado pelo meſmo ſervo de Deos, que reſtituiſſe logo o que retinha injuſtamente, naõ lhe quiz obedecer. Tirou com tudo por fructo da ſua obſtinaçaõ ſer punido com o mais ſevéro, e tremendo caſtigo. Pois cahindo repentinamente aos pés do meſmo V. Padre começou a fazer viſagens eſpantoſas, e aſſim ſem Confiſſaõ, nem ſignaes de arrependimento acabou com morte deſgraçada. Tambem aſſim coſ-

tuma Deos prégar. Tal impressaõ fez este caso nos Moradores da Provincia do Minho, onde succedeo, que aterrados com elle os máos, e escandalosos, temendo, que viesse sobre elles similhante castigo, buscáraõ logo arrependidos aos pés do Confessor no Tribunal da Penitencia o remedio de seus males por meio da Confissaõ dolorosa reconciliando-se com Deos, e com seu Proximo.

503 Finalmente dispoz Deos, que o seu fiel servo depois de indiziveis fadigas, e trabalhos, que tinha passado no exercicio de muitas Missoens, fosse no Bispado do Porto acomettido de humas agudissimas dôres precursores da sua morte. Tolerou por tres mezes estas dôres com invicta paciencia, inteira conformidade, e alegre resignaçaõ com a Divina vontade. Foi mandado conduzir pelo Illustrissimo D. Fr. José de Saldanha para o seu Palacio Episcopal. Adiantou-se a molestia mais, e mais; recebeo o servo de Deos o Santissimo Sacramento por Viatico, e repetindo, e invocando devoto, e fervoroso, os dulcissimos Nomes de Jesus, e Maria, consummou o curso da sua vida com preciosa morte aos sessenta e tres annos de sua ida-

de

de, dos quaes paſſou vinte e oito em Varatojo.

504 Foi levado o veneravel cadaver do ſervo de Deos P. Fr. Joaõ de Jeſus Maria com a mais ſolemne pompa, e immenſo concurſo naõ ſó do povo, mas de todas as Confrarias, Sagradas Familias Regulares, Clero, Cabido, e Illuſtriſſimo Prelado, para o Convento de S. Franciſco, como tinha pedido, e ſe lhe deo ſepultura no Cemiterio commum dos Religioſos. Todos os aſſiſtentes da morte deſte ſervo de Deos com devota ambiçaõ faziaõ os maiores esforços para lhe beijarem os pés, e ſolicitarem algumas couſas do ſeu uſo, ou algum bocadinho do ſeu Habito, que inteiramente lho retalhàraõ, para lhes ſervirem, como de precioſas reliquias, e memoria de hum Miſſionario ſanto. Tal era o conceito, que geralmente ſe fazia deſte grande Operario Evangelico da vinha do Senhor.

CA-

## CAPITULO XLVI.

*Vida, e virtudes do V. P. Fr. José da Madre de Deos, que rejeitou humilde a Mitra de Bispo; e do V. P. Fr. Francisco das Chagas ambos Missionarios, e Filhos do Seminario de Varatojo.*

505 A 7 do mez de Março do anno do Senhor 1710 trocou a vida temporal pela eterna em cheiro de santidade no Seminario de Varatojo o V. P. Fr. José da Madre de Deos, benemerito Filho do mesmo Seminario. Viâna do Minho foi a patria deste insigne Operario Evangelico, e Varaõ verdadeiramente de espirito, e zêlo Apostolico. Chamava-se no Seculo Gaspar Barboza, descendente de nobre Familia. Depois de graduado em Direito Pontificio, e Sagrados Cánones, pela Universidade de Coimbra, se ordenou de Presbytero. Pouco depois subio pelos degráos de seus merecimentos ao emprêgo de Prior da Parochial Igreja de Casal Comba, Bispado de Coimbra, onde por suas recommendaveis qualidades foi eleito Visitador

pe-

pelo Illuſtriſſimo Prelado do meſmo Biſpado em grande parte da ſua Dioceſe.

506 Achava-ſe eſte Veneravel Ecclesiaſtico, e zeloſiſſimo Paſtor apaſcentando ſolícito com o paſto da doutrina sã, e Sacramentos, e ainda mais com a ſua vida exemplar as ovelhas do ſeu rebanho, quando alli chegou em Miſſaõ o V. P. Fr. Antonio das Chagas. Communicou Gaſpar Barboza ao V. P. Fr. Antonio os ardentes deſejos, que tinha de imitá-lo, e ſeguí-lo na converſaõ das almas. O V. Padre, que approvou a vocaçaõ, e zêlo de taõ inſigne pertendente, o certificou, que tanto que ſe inſtituiſſe o novo Seminario para Miſſoens, o acceitaria nelle com o maior prazer do ſeu eſpirito. Aſſim ſuccedeo.

507 Tendo noticia Gaſpar Barboza, que o Convento de Varatojo eſtava erecto em Seminario, partio logo para elle deixando a ſua Igreja, e diſtribuindo quanto tinha pelos pobres. Tomou o Habito em Varatojo no mez de Setembro de 1680, e profeſſou a vida do Seminario o anno ſeguinte de 1681. Toda a vida deſte illuſtre Varaõ, e inſigne Miſſionario foi idéa, e eſpelho de perfeiçoens tanto

den-

dentro, como fóra do Seminario. Tinha o dom de conſelho, e era no ſeu tempo buſcado, e conſultado em materias de eſpirito, e queſtoens Theologicas, como oraculo de acertos. Foi ſempre muito acceito, e attendido do Senhor Rei D. PEDRO II., que em conſideraçaõ das virtudes, letras, e prudencia do ſervo de Deos por duas vezes lhe offereceo a Mitra de Biſpo; porém huma, e outra Mitra conſtantemente recuſou acceitar o humilde Padre Fr. Joſé, dando por eſcuſa, que naõ tinha hombros para taõ alto emprêgo. Taes foraõ as razoens, que expoz de ſua inſufficiencia ao Monarcha, que o movêraõ deſiſtir de ſeu intento para naõ mortificar com aquellas honras ao ſervo de Deos, que ſe julgava indigno dellas, e ſó merecedor de deſprezos.

508 Foi o V. P. Fr. Joſé da Madre de Deos em todo o tempo, que viveo, e ſe conſervou no Seminario de Varatojo, a ſua principal columna. Exercitou-ſe ſempre com zêlo Apoſtolico no exercicio das Miſſoens, em quanto as forças corporaes lho permittíraõ. Paſſou vida inculpavel aos olhos de todos. Tal foi o eſpirito deſte ſervo de Deos, tal a ſanta tenacidade em

ſe

ſe mortificar, e ſuſtentar a obſervancia regular do Seminario, que a pezar de ſuas moleſtias, e avançada idade de ſetenta e oito annos, jamais ſe quiz iſentar do Confeſſionario, nem faltar até ás veſperas de ſua venturoſa morte aos muitos jejuns, abſtinencias, diſciplinas, Côro, Oraçaõ, e mais actos da Communidade. He muito para ſentir o deſcuido, que houve de apontar as memoraveis acçoens deſte inſigne Varaõ tanto dentro, como fóra do Seminario, porém ſe naõ foraõ notadas para noſſa inſtrucçaõ, todas ellas eſtaõ eſcriptas nos Annaes de Deos para Gloria do meſmo Senhor, e premio do ſeu fiel ſervo. O qual com as diſpoſiçoens de perfeitiſſimo Religioſo, fortalecido com os ultimos Sacramentos, que pedio, e recebeo com inteiro conhecimento, e cordial devoçaõ, aſſiſtido da Communidade, morreo placidamente em cheiro de grande ſantidade a 7 de Março, como ſe diſſe acima.

509 No anno de 1717 a 8 de Setembro deo o eſpirito ao Creador o V. P. Fr. Franciſco das Chagas, conhecido, e admirado em ſeu tempo por ſeu eſpirito, e ardente zêlo da ſalvaçaõ das almas, e bem público,

co-

como Varaõ verdadeiramente Apostolico, e famoso Operario Evangelico. Foi filho do Seminario de Varatojo. A Cidade d'Evora foi a patria deste illustre Varaõ. Seus nobres pais o criáraõ desde menino em temor de Deos, e exercicios de piedade. Ainda em seus primeiros, e tenros annos, era taõ inclinado á virtude da misericordia para com os miseraveis, e prezos nos carceres, que compadecido pedia esmólas para os soccorrer, e libertar das prizoens.

510 Com inclinaçaõ ao estado Ecclesiastico se applicou ás Letras Divinas, e humanas, sendo sempre em seu comportamento, e costumes irreprehensivel, sem jamais se esquecer dos saudaveis avisos paternos, e da Santa Oraçaõ Mental, que quasi desde o berço trouxe por companheira. Crescia nas virtudes, nos annos, e na sabedoria. Graduado com louvor em Philosofia, e Theologia pela Universidade d'Evora, e ordenado de Presbytero, com desejo de fazer vida Apostolica, e cooperar para a salvaçaõ das almas, veio fervoroso, e humilde pedir o Habito de S. Francisco no Seminario de Varatojo. Onde sendo aceito professou depois do anno de pro-

va-

vaçaõ aos 25 de Abril de 1692. Desejando imitar a seu Compatricio o V. P. Fr. Antonio das Chagas, cujos écos em suas Missoens lhe soáraõ aos ouvidos, e ainda mais os clamores de suas virtudes; elegeo na Profissaõ o sobrenome do mesmo V. P., querendo chamar-se Fr. Francisco das Chagas.

511 Os Prelados do Seminario de Varatojo, que por experiencia conheciaõ o espirito de Fr. Francisco, as suas virtudes, literatura, e bellas qualidades, para Operario Evangelico, naõ permittindo, que elle tivesse o talento escondido, o instituíraõ Confessor, e Prégador, habilitando-o para o exercicio Apostolico das Missoens, passados poucos annos, depois que fez a sua solemne Profissaõ. Portugal na maior parte de suas Cidades, e povoaçoens, illustrado com a doutrina deste egregio Operario, vio, e admirou as suas virtudes, e os prodigiosos fructos de almas innumeraveis, que converteo á Graça de Deos. Elle com seus Sermoens cheios de espirito, e ornados de sagrada erudiçaõ, illuminando o intendimento, e inflammando a vontade de seus Ouvintes, ajuntou grande colheita nos celleiros de Jesu Christo.

Tal

512 Tal era o fervor, e zêlo defte fervo de Deos, tal o defejo, em que ardia pela falvaçaõ das almas, que compadecido da perdiçaõ dos peccadores efcandalofos, e obftinados, e das mulheres públicas, e de vida errante, naõ fó nas Igrejas, e praças afeava os feus vicios, quando prégava; mas fe lhe conftava, que naõ vinhaõ á Miffaõ, elle hia ás fuas proprias cafas fallar-lhes da parte de Deos. Defte modo reduzio a muitos, e a muitas, que fahindo do fepulchro das occafioens viciofas, refufcitados á vida da Graça por meio de nova vida, fazendo fructos dignos de penitencia, fervíraõ de exemplo, e edificaçaõ, a quem tinhaõ até alli fervido de tropeço, e pedra de efcandalo.

513 Em hum monumento do Seminario, fallando defte fervo de Deos, acho efte elogio. « O P. Fr. Francif- » co das Chagas, fendo eruditiffimo, » era Religiofiffimo; e com a fua » grande fabedoria foube ajuntar hu- » ma fimplicidade columbina; refplan- » decia nelle huma admiravel brandu- » ra, fuavidade, e caridade para com » o Proximo. » Conhecêraõ por experiencia os Religiofos do Seminario de Varatojo os effeitos da ardente caridade

do

do ſervo de Deos, no tempo principalmente, em que foi Guardiaõ do meſmo Seminario, cuidando vigilante em ſuſtentar a ſua vida Regular na maior obſervancia, ſoccorrendo com promptidaõ, naõ ſó os enfermos em ſuas neceſſidades, mas aſſiſtindo ſempre com amor paternal a todos os Religioſos ſeus ſubditos, deſvelando-ſe ſolícito, que ſem detrimento da ſanta pobreza, nada neceſſario lhes faltaſſe, tanto no ſuſtento, como no veſtido, e outras preciſoens Religioſas. A todos conſolava, a todos aſſiſtia, a todos edificava com palavras, e obras, e a nenhum eſcandalizava. A meſma caridade, que moſtrava aos domeſticos, e ſubditos, praticava com os eſtranhos, e Bemfeitores do Seminario.

514 Conhecendo eſtes o grande zêlo do ſervo de Deos em recommendar efficazmente aos Religioſos Confeſſores ſeus ſubditos, que com a maior caridade, e promptidaõ ouviſſem de Confiſſaõ os penitentes, e que ſendo chamados para os moribundos os foſſem conſolar, e aſſiſtir-lhes, concorriaõ liberaes com eſmólas para a Communidade, agradecidos ao zêlo de ſeu Prelado. Tendo concluido o triennio da ſua Guardianía o V. P. Fr. Franciſ-

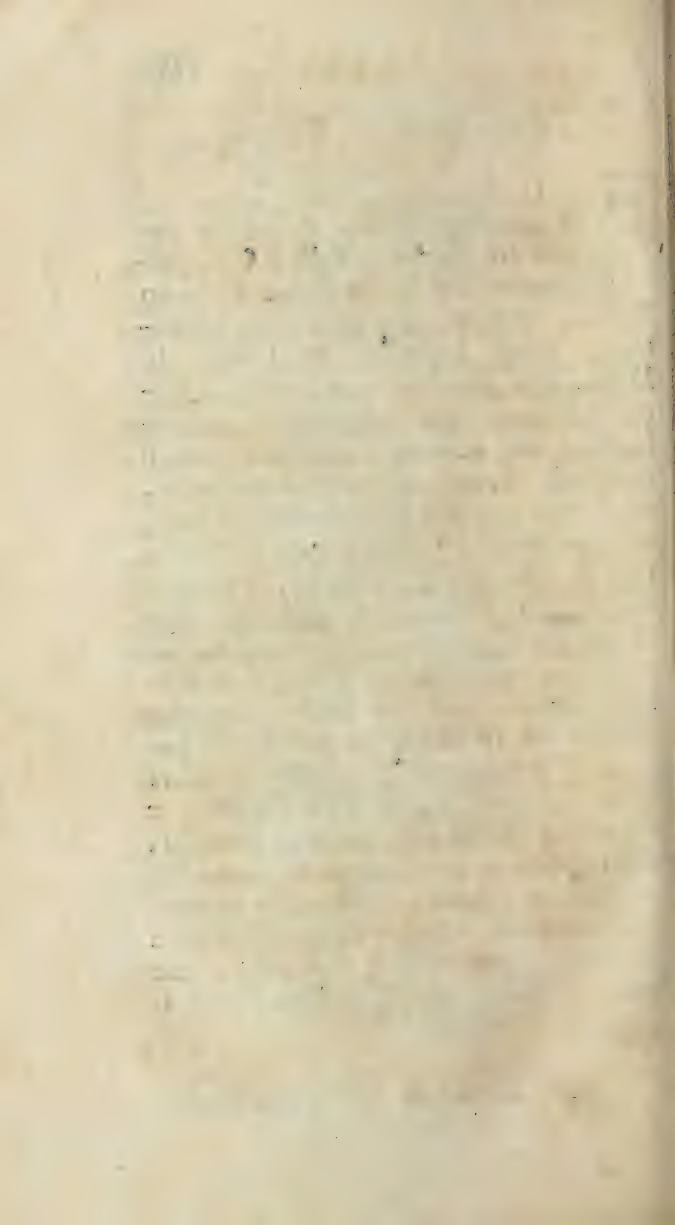
cisco das Chagas com geral satisfaçaõ de domesticos, e estranhos, achando-se vigoroso na idade de cincoenta e hum annos, foi acomettido de huma fatal hydropesia, que lhe chamou pela morte. A qual para o servo de Deos naõ foi repentina, pois já muito antes elle vivia morto ao Mundo, e ás suas paixoens, e se preparava para morrer por meio da vida virtuosa, exemplar, edificante, penitente, e inculpavel, que sempre se lhe conheceo. Pedio que o sepultassem aos pés do V. P. Fr. Antonio das Chagas. Foi geral o sentimento, que causou a morte deste servo de Deos tanto entre os Religiosos seus Irmaõs, como entre os Seculares, que por suas virtudes o estimavaõ, e respeitavaõ como a Santo.

*Fim do I. Tomo.*

Pro-

## *Proteſtaçaõ do Author.*

EM conformidade, e inteira obſervancia dos Decretos Pontificios, particularmente do Santo Padre URBANO VIII., declaro, que quando neſta Hiſtoria refiro façanhas de ſervos de Deos, que parecem tranſcender as forças humanas com apparencias de milagres; ou quando appellído com o nome de Veneravel, bemaventurado, ou Santo a algum dos ſervos de Deos, de que tenho eſcripto; naõ he minha tençaõ uſar deſtas palavras, e nomes em ſentido eſtricto, e rigoroſo, mas ſó na pia latidaõ, com que o tem tomado, e recebido os Eſcriptores Orthodoxos, e que ſó póde caber nos limites da fé Hiſtorica puramente humana, e infallivel, e naõ de outra ſorte. O que com o mais ſincéro, e reverente affecto publicamente proteſto, ſujeitando-me com todos os meus Eſcriptos ao exame, cenſura, e correcçaõ da Santa Madre Igreja Catholica Romana, como filho obediente, que ſou, e deſejo ſer da meſma Santa Igreja até á morte.

*Fr. Manoel de Maria Santiſſima.*

# INDEX

DAS

## COUSAS MAIS ESPECIAES;
que se contém neste I. Tomo.

### A.

*Na*

B.



*Ca-*

## C.

*Foi*

F.

G.

I.



E

## L.

cer-

*Or-*

Ra-

## R.



## S.



me-

*So-*

## T.

V.



*Vi-*

FIM.

# ERRATAS.

| Pag. | Lin. | Erros. | Emendas. |
|---|---|---|---|
| 5 | 27 | decendentes. | deſcendentes. |
| 10 | 18 | thaumaturgo. | Thaumaturgo. |
| 15 | 28 | Clauſtros grandes. | Clauſtros, grandes. |
| 26 | 9 | concertos. | concentos. |
| 40 | 16 | á ſua filha. | a ſua filha. |
| 80 | 8 | de eſcandalizar. | de ſe eſcandalizar. |
| ibid. | 30 | delles. | deſtes. |
| 83 | 22 | para o novo,. | para novo. |
| 89 | 29 | e a colheita. | e para colheita. |
| 99 | 17 | porque ſurte. | para que ſurta. |
| 104 | 17 | naõ parece. | naõ pareça. |
| 109 | 18 | por recompenſa. | recompenſa. |
| 121 | 28 | Seminario. | Seminarios. |
| 137 | 30 | ao Guardiaõ. | do Guardiaõ. |
| 182 | 26 | a certa peſſoa. | certa peſſoa. |
| 210 | 1 | do Reino. | de Reino. |
| 214 | 15 | Villa de Torres. | da Villa de Torres. |
| 217 | 24 | muito pouco, | muito, pouco, |
| 220 | 2 | até da Ladainha. | com a Ladainha. |
| ibid. | 3 | e da Eſtaçaõ. | e com a Eſtaçaõ. |
| 233 | 14 | cozinha. | e cozinha. |
| ibid. | 26 | da Communidade. | que a Communidade. |
| 274 | 2 | Guardioens. | Guardiaens. |
| 332 | 2 | De meios que ſe vale. | De que meios ſe vale. |
| 338 | 4 | ſegurar a Chriſto. | ſeguir a Chriſto. |
| 370 | 28 | innocente culpado. | innocentemente culpado. |
| 376 | 6 | ſervio eſtes. | ſerviraõ eſtes. |
| 400 | 24 | ouviraõ. | o viraõ. |
| 456 | 24 | nos Terceiros. | aos Terceiros. |
| 473 | 1 | ao Algarve. | no Algarve. |
| 489 | 6 | ſupportou. | ſe portou. |
| 514 | 26 | da ſanta Miſſaõ. | da Santa Miſſa. |
| 542 | 15 | daquelles. | daquellas. |
| 575 | 19 | e infallivel. | e fallivel. |